ELEGIADA
de Luys Pereyra.

DIRIGIDA AO SE-
renissimo Senhor Cardeal Alberto, Archi
duque de Austria, & Gouernador
dos Reynos de Portugal.



EX BIBLIOTECA

Impressa por Manoel de Lyra. Anno 1598.
A requerimento de Francisco de Miranda.
Com licença & priuilegio Real.

Licença.

POr mandado de S. A. vi este Liuro, que trata do sucesso da armada del Rey dom Sebastião, & assi emmendado como vae, nada ha nelle contra nossa sagrada religião & bons costumes, nem cousa porque se não deua imprimir.

Fr. Bertholameu Ferreyra.

VIsta a informação que o Padre Frey Bertholameu deu deste liuro, & como não tem cousas contra nossa sancta fee & bons costumes, podese imprimir, com as emmẽdas do dito Padre, & depois de impresso tornará a esta mesa, pera se conferir com o original emmendado, & se lhe dar licença pera correr. Em Lisboa a cinco dias do mes de Nouembro, de 1587.

Paulo Afonso. Iorge Sarrão.
Antonio Mendoça.

SONETO DE PEDRO D'andrade de Caminha.

PEreyra que na mòr altura mora
Das Muſas, cujos nomes mais leuanta,
Cantando a vida que chorando canta,
Chorando a morte que cantando chora:
Co amor ao morto Rey o Ceo namora,
Co eſtilo, co artificio, o mundo eſpanta,
E em memoria immortal ſeu nome pláta
Com mil nomes ornado mais cad'ora.
Neſtas lagrimas ſuas, neſtes cantos,
Que mortes chorão, que celebrão vidas,
Que a vida & morte de ſeu Rey ſeguirão:
Se vem de ſeu engenho mil eſpantos,
Maraúilhas do Rey, ſò delle ouuidas,
Dos ſeus lealdade & amor cõ q̃ o ſeruirão.

Do meſmo Pedro D'andrade.

Quem canta Sebaſtião? Canta Pereyra.
Que canta do ſeu Rey? A vida & morte.
Da vida que? Sua onra verdadeyra.
Da morte? Que a venceo com animo forte.
Na terra que ganhou? Memoria enteyra.
E que no ceo? Glorioſa & alta ſorte.
E de Pereyra quem? Quantos o lerem.
Quantos o lerem? Si, ſe o entenderem.

Epi-

EPIGRAMA DE HIE-
ronymo Corte Real.

Costume antiguo he da natureza,
(De dar yguaes engenhos ja cansada,
Mostrar de tẽpo em tẽpo hũa estranheza,
Em qualquer faculdade desusada:
A sabia experta mãe tanto se preza
Fazer hũa perfeyção auentajada,
Que nos ficão por guya, & por espanto
Aquelles que antre tantos onrou tanto.

Em ti Pereyra illustre nos tem dado
Rarissima & famosa abilidade,
Deute engenho antre todos leuantado,
E fezte onra, & valor da nossa idade:
De quantos a Castalia tem chegado
Te deu a ti do verso a suauidade,
E ficas com razão tu só no mundo
Por vnico, perfeyto, sem segundo.

Soneto

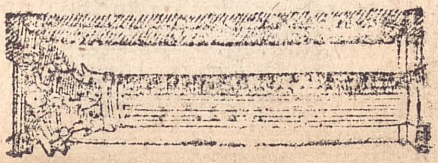
SONETO DE FRANciſco D'andrada.

De lagrimas, de mortes, de crueza,
De ſangue inda oje freſco em Barbaria,
Brandos verſos fazer, doce armonia,
Que dé goſto a peſar da mòr triſteza,
Mayor eſpanto foy, môr eſtranheza,
Que o que fingio d'Orpheo a Poeſia:
Que peſte as couſas naturaes mouia,
Eſtoutro moue a meſma natureza.
Eſta eſtranheza tal que em mòr eſpanto
O que melhor a entende oje tem poſto,
A ti Pereyra ſò foy concedida:
Ditoſo aquelle a quem chegar teu canto,
Que pois de ſua dor fezeſte goſto,
Tambem de ſua morte farás vida.

Soneto

SONETO DE DIOgo Bernardez.

Cantas Luys, & choras juntamente
O gram Sebastião Rey sem ventura,
Banhando com tal pranto a sepultura
Que nunca secará sua corrente:
Não direy soò a Lusitana gente,
Mas qual no mundo pòde ser tão dura,
Que negue sentimento com brandura,
A dor sentida mais de quẽ mais sente?
Os verdes & altos louros de Parnaso
A tua Portuguesa & triste Lyra
Em funebres Cipreстes conuerteo:
Apolo antrelles chora, amor suspira,
E Marte duro autor do duro caso
Mil vezes do que fez se arrepende.



ERRATAS DA Impressão.

Folio 17. Estancia 4. Rima 3. caualga,dig
caualgaua. fol. 23. est. 4. ri. 5. lease assi,
Onde do sulferino & vaporoso
Pò, o curuo escuro centro enchendo,
fol. 25. est. 6. ri. 2. austtamente,astutamente
fol. 21. est. 4. ri. 4. que agraue,que lhe o grau
fol. 33. est. 4. ri. 2. & correndo,& orrendo.
ri. 7. Polophemo,Polyphemo. fol. 46. est.
ri. 5. senhor mundo, senhor do mundo. fo
56. est. 1. ri. 7. asmada, armada. fol. 59. est. 1.
3. diga,Cõmũméte seus bẽs são bẽs sẽ don
fo. 66. est. 1. ri. 4. Vulcaco,Vulcano. f. 77. e
6. ri. 4. resumindo,resumirão. fol. 78. est. 3.
6. dura,crua. fol. 113. est. 4. ri. 8. que delle
mas,q̃ delle as armas. fol. 114. est. 4. que e
meça Ordem &c. nã se lea. fol. 118. est. 2. ri.
Tibuilo,Tibulo. fol. 128. est. 1. ri. 5. tomor
mor. fol. 130. est. 4. ri. 3. a ca, & ca. fol. 138. e
3. ri. vlt. & arte,a arte. fo. 142. est. 2. ri. 5. pre
parecia. fol. 145. est. 1. ri. 6. Zoroantes, Z
roastes. fol. 146. est. ri. 4. a Auerno,o Auer
fol. 147. est. 4. ri. 3. agalalhado, o galalhad
fol. 182. est. 5. ri. 6. Cucha,Cunha. fol. 186. e
5. estão trocadas a 4. & 5. rimas. fol 247. est
ri. 6. armado imigo,armado imbigo. & ri
a vida de Mafoma, ajuda de Mafoma.

ELEGIADA
de Luis Pereyra.

CANTO PRIMEIRO.

Sae a caça Sebastião, & perdido vay seguindo hũa fera. Emboscase, & não se sabe sayr. Despois he agasalhado de hum velho, que lhe conta os principios & antiguedades de Portugal, & seu nacimento.



MORTES, DANOS, castigos, magoas canto,
Males que todo mundo chora & sente,
Hum nunca visto estrago, & o rouco pranto
Nunca enxuto em Portuguesa gente:
Armas, furor, & temeroso espanto,
Em que se abrasa toda a Lybia ardente,
Quando Sebastião passar queria
A restaurar o Rey de Barbaria.

Deste Sebastião o peito forte
Cantarei,& alegre nacimento,
Com toda a curta vida,& triste morte
A que o trouxe seu feroz intento:
A sua condição,& dura sorte,
O seu subido & alto pensamento,
E como foi dos seus temido,& amado,
Com rouca tromba aqui sera cantado,

Más sem fauor diuino quem tão rudo
Será, que humana lingoa atreua ousada
Sem ficar a seu erro atado & mudo,
De pois de qualquer cousa começada,
Donde tudo nos vem que so he tudo,
E sem o que,não he tudo mais nada,
Nos conuem ter o estilo sonoroso,
E não do antigo rito fabuloso.

Por onde,áquelle peito de amor cheo,
Fonte de perenal sabedoria,
Que em todo cego engano,& errado en[illegible]
He clara luz,& verdadeira guia,
Peço fauor,co qual roto o receo,
A minha Musa tereis vos Maria:
Que jaque tal fauor alingoa a braça,
Darlhea graça quem tudo enche de gra[illegible]

Verdades canto dinas de memoria,
Castigos justamente merecidos,
Não fabulosa, ou sonhada estoria
Que engana peitos, & embaraça ouuidos:
Não de Alcides a fingida gloria,
Nem casos que não fossem acontecidos:
Nam de Busiris altares indinos,
Nem Iasião, & Teseo peregrinos.

Cante Omero o que chorou Dardania,
Cante de pois Virgilio o amor de Dido:
Inuentem danos da fatal insania,
Por ser seu nome mais engrandecido:
Que eu choro o Rey da triste Lusitania
Sentido, ate das pedras sem sentido,
Cuja estoria certa & dolorosa
Excede toda aoutra fabulosa.

Bem vejo a quantos votos auenturo
O fructo do trabalho começado,
Mas a dor de ficar o nome escuro
Da patria minha, me faz ser ousado:
Quero que saiba o tempo la futuro
Quando quiser culpar este passado,
As razões que mouerão o Lusitano
Para principio ser de tanto dano:

Empresa onde com grosseira & rudá
Lingoa ja me vejo, como aquelle
Que ousado vay ao perigo, & não se mud
Depois que se ve perto & junto delle:
Antes olhando se acha quem lhe acuda
Arrependido ja de se ver nelle
O rosto muda de hũa & deoutra cor
Cereando hora vergonha, ora temor.

Não sendo de espantar est receo
Pois se louuar os meus como me pede
A verdade & razão, entendo & creo
Que nisto a tosca pena o modo excede:
E se os não louuar, ingrato & alheo
Me deue de chamar a patria, vede
Se a tanta obrigação contraira atado
Se deuo com razão ser desculpado?

Engrandecer seu ser verdade escreuo,
E louuar gente minha o nome nosso
He polo grande gosto que inda leuo
De ser com minha culpa o louuor vosso
Onde se eu não disser tudo o que deuo
Desculpame fazer tudo o que posso,
Que tudo he bem pouco, eu bem o vejo
Mas pode mais que tudo este desejo.

Que forçado me leua a seu intento,
Por este escuro vale tenebroso,
Cercado de tristeza & sentimento,
Esteril, duro, esquiuo, & pedregoso:
Por onde antes que moua o passo lento
Por terreno tão seco & escabroso,
A ti Senhor dirijo o rudo canto
A quem da Lusa perda coube tanto.

A ti benigno Alberto, espelho claro
De virtudes, de exemplo nunca ouuido,
Em tal poder & idade nouo emparo
Do Luso, com tal dita engrandecido:
A ti, a quem não pode o tempo auaro
Negar as esperanças do florido
Ramo, do tronco de Austria tão famoso,
A ti dirijo o canto doloroso.

Não olhando do rudo & toseo engenho,
O aspero sogeito com que a lira
Que atreuidamente à boca tenho
Tristezas soa, & lastimas espira:
Senão ao puro amor em que sostenho
A grande confiança, que respira
No que deuidamente te mereço
E confiando agora te mereço.

Ia Baſtião dos verdes annos tinha
Paſſado o principio deleitoſo,
Pendendo o gouerno da Rainha,
Que tão canſado acha & trabalhoſo:
E o ſol por antre nuues de ouro vinha
A entrar no ſeu ocaſo tenebroſo,
Quando perdendo atras huã fera o dia
O moço Rey, num boſque ſe perdia.

Atras do fugitiuo animal leue
Torçendo vai o curſo preſuroſo,
Parecelhe o fim do intento breue,
A breue efeito tão de ficultoſo:
E como q̃ o ſeguir mais lhe releue
Que o deſenganarſe, no eſpinhoſo
Boſque, de tal maneira ja ſe embrenha
Que nem ſabe onde vay, nem donde venha.

Cos braços vãi a rama diuidindo,
E cos pés do caualo ja canſado
Nouos caminhos ſem caminho abrindo,
A cada paſſo indeterminado:
Hũa vereda eſtreita em fim ſeguindo,
Lugar de humanos pés jamais piſado:
Torcida guia, que ſuſpenſo o leua
Onde não cuyda, & muito lhe releua.

Conſu

Confuſo aſsi, vay dar num prado âmeno
Cheo de claras fontes criſtalinas,
Onde pendendo eſtão do verde feno
Roſas, ç ucenas, lyrios, crauelinas:
Eſtà o ceo ali ſempre ſereno,
Melificando polas matutinas
Flores, a aſtuta abelha ſuſurrante
No rocio que pende ſcintillante.

Oculto & brando vento murmurando
Por antre as leues folhas do aruoredo,
Co rouco ſom das agoas concertando.
Parece que praticão algum ſegredo:
Onde as verdes rãs andão eſcutando
Saltãdo de hum penedo em outro penedo,
Tambem cantando queyxas amoroſas
Por cima das correntes vagaroſas.

O negro melro la de quando em quando
Com amoroſo canto, & vá porfia,
Pola ſabroſa eſpoſa ſuſpirando,
A voltas de ſuſpiros aſſouia:
E Filomena, & Progne lamentando
Em vez de pranto, fazem melodia:
Som que tão docemente ſe diriua
Que faz firmar a Limpha fogitiua.

Bem no meo do prado deleytoſo
Hũa ruina rodeada eſtaua
De verde Era, teito ſumptuoſo,
Que antigua perfeição inda moſtraua:
Onde de abrigo o moço deſejoſo
Polo edificio derribado entraua
Ouuindo voz ſuaue, & doce lira
Som que enternece, perfeição que admira.

Com duuidoſo paſſo, & prompto ouuido,
No deſejo afiando a ouſadia,
De cauerna em cauerna entra atreuido,
Poronde o baxo & o doce ſom ſahia:
Hum velho ve alegre encanecido,
Que de ondada barba ſe cubria,
Brancas eſtrigas pendem à ceruiz cumba,
Retumba doce ſom na eſcura tumba.

Suſpenſo fica o moço & eſpantado,
Do decrepito vendo o ledo aſpeito,
Que curuo ja ſobre hum torto cajado
Taes palauras tirou do ſabio peito:
Quem he o que aſsi comete ouſado
Entrar no defendido antigo teito,
Quem ſem repouſo meu repouſo turba,
Quem do Letheo ſitio as leys perturba?

Segur

Seguro a reposta graue & breue
O moço Rey a lingoa desenlea
Dizendo, que culpar com razão deue
Quem sem ella comete o que recea:
Moue outra vez o velho a lingoa leue,
Depois que quatro vezes cabecea,
Dizendo suspirando, O tenros annos
Apos que fim correis, apos que enganos!

Que esperança vos leua, lhe replica
E depois brandamente o persuadia
Que em pobre casa, de vontade rica
Não engeitasse o pouco que podia:
Hũa & outra reposta purifica
Nouo amor, que ali o nouo dia
Faz esperar ao Rey, onde sentados
São varios casos de ambos recontados.

Depois de largo espaço, preguntando
O Rey ao enrugado, que ventura
O trouxe a lugar que do passado
Tempo lhe parecia sepultura:
Leuanta o velho a voz, & do cajado
(Onde pegando as palmas se segura)
Erguendo a barba, & tremula cabeça,
Mudo primeiro hum pouco, assi começa.

Priuádo fuy dum Rey que a terra cobre
Na idade dos Luſos mais doura da,
Que ja de prata foy, oje he de cobre,
Tão differente em tudo da paſſada:
Mas o tempo que tudo em fim deſcobre,
A malicia do cárrego, embuçada
Com capa de ambição, me foi moſtrando,
O tranquilo repouſo me enſinando.

Fui rico, muito rico então de amigos,
Fui poderoſo, & com poder bem quiſto,
Agora rodeado de enemigos,
De todo mundo então ſeruido & viſto:
Por antre eſtes marmores antigos
De eſquecimento a memoria viſto:
Da preſente malicia eſtou ſeguro,
Viuendo ſem temor do mal futuro.

Tudo o que paſſa eſcreuo na memoria,
Materia às vezes fou de vãs lembranças,
Paſſada magoa repreſento gloria,
Paſſada gloria tirolhe eſperanças.
Contáme (diz o Rey) algũa eſtoria,
E ſe quiſeres, ſeja das mudanças
E principio do Reyno que lamentas,
Por ver ſe teue os bẽs que repreſentas.

Con

Contar o alto valor do Luſo peito
(Reſponde o velho)não me ſera dado,
Que me terá o mundo por ſoſpeito,
Em louuar a quem eſtou tão obrigado:
Ficame delle o caminho eſtreito,
Mas com tudo,ſeguindo teu mandado
Contar quero o que pedes(lhe dezia)
E deſte modo auante proſeguia.

Deshabitada eſta prouincia eſteue
Depois ja do diluuio muitos annos,
(Se auemos de ſeguir o que ſe eſcreue)
Ate virem a ter nome os Luſitanos:
Fenicios,que o breado lenho leue
No mar puſerão para tantos danos,
O mundo diſcurrendo aqui chegarão,
E muitas partes della pouoarão.

Traces dizem tambem,que deſgarrados
Polo Oceano aqui deſembarcando,
Da deleitoſa terra namorados,
A forão pouco & pouco pouoando:
Do tormentoſo mar aqui lançados
Outros de outras nações, jamais tornando
Aa patria,fazem crer que era o ſombrio
Rio de Leça,o Letheo Rio,

Aqui

Aqui pois figurauão os Poetas
Boſques opacos, Satyros, Syluanos,
Deidades vaãs, que as gentes indiſcretas
Tinhão por altos Deoſes ſoberanos:
Aqui vinhão ſaber couſas ſecretas
De longes partes ruſticos ſerranos,
Dos Sybilos, que neſtes aruoredos
Morauão por aſperrimos rochedos.

E Luſitania nome diriuado
De Lyſa, ou Luſo foy, que em tẽpo antigo
Aqui neſta prouincia agaſalhado
Dizem de Bacco ſer interno amigo:
O qual como às armas era vſado,
E de todo repouſo & paz imigo,
Vendo robuſta a gente deſta terra,
A fez ſabia na paz, dura na guerra.

Depois, ſendo os Troyanos abraſados
Polos ſagaces Gregos, & querendo
Tornar à patria muitos deſgarrados,
Andárão varias terras diſcurrendo:
Dos quaes dizem que hum dos celebrados
Que o nome Grego foy engrandecendo,
(Chamado Vlyſſes) no Tejo ancorou,
E que Vlyſſipo aqui edificou.

Crece

Creceo a Monarchia dos Romanos
O mundo a seu jugo sometendo,
Quis tambem pôr o freo aos Lusitanos
Do que se foy depois arrependendo:
Que hum pastor arreceando os danos
Que tal jugo estaua prometendo,
(Viriato chamado) a lança toma,
E a soberba quebrantou de Roma.

Em catorze batalhas vitorioso
Foy o forte & rustico varão,
Ate que num banquete fraudulosó
O matão os Romanos à treição:
Depois vem hum Sertorio belicoso
Que em lugar de reparo, armada mão
Leuanta contra a patria ousadamente,
Vendose com tão forte & dura gente.

Emfim que sempre forão valerosos
Em todo tempo os Lusos, resistindo
Não so aos no mundo mais famosos,
Mas sempre os abatendo & oprimindo:
Com poder desigual vitoriosos
Perpetua & alta fama conseguindo,
Fazendo o seu nome alto & preclaro,
A pesar da enueja, & tempo auaro.

Depois o infelice Rey Rodrigo
Abrindo a prophecia, onde theſouro
Cuidou achar, vencido do enemigo,
De Eſpanha fez ſenhor o Lybio Mouro:
Qual o de Babylonia em tempo antigo,
Que querendo abrir o cofre de ouro,
Hum corrupto vapor ſo dentro achou,
Que toda Babilonia inficionou.

Pois por Caba entregue toda Eſpanha,
Como Troya, pola malua da Helena,
(Tendo como he razão culpa tamanha,
Para exemplo de maos, tamanha pena:)
Fezſe ſenhora della gente eſtranha,
Como a diuina permiſſam ordena,
Mas nunca podem tanto Mauritanos
Que acabem de domar os Luſitanos.

Empreſa ſobre a qual hum Rey andaua,
(Chamado Alboazar) junto do Douro,
Onde dali as terras procurana
Someter ao eſquiuo jugo Mouro:
Mas Ramiro (outro Rey) que prõto andau
Por alcançar ſeu bem & ſeu theſouro,
(Que era a molher q̃ o Mouro lhe furtara
Secretamenre pôlo rio entrara.

Por baxo do aruoredo entrando veo
Co a frota Ramiro mansamente,
Por ser o rio então cuberto & cheo
De bosque, se a antigua voz não mente:
Alheo vay de perigos, como alheo
Que era, porque amor lhe não consente
Temor de auenturar a liberdade
Nas mãos que lhe roubárão a vontade.

E deixando a ficar ali secreta,
Dá por final, que quando ja tiuessem
Ouuido algũa canora trombeta,
Que sem temor a terra cometessem:
E porque mais seguro se entremeta,
Vay de modo que não no conhecessem,
Onde la nũa fonte se sentaua,
Em quanto o Mouro Rey à caça andaua.

Logo vem hũa Moura a tomar della,
Cum vaso, que de sua esposa era,
Onde hum anel lançou porque a cautela
Lhe diga como ali seu bem a espera:
Fica a esposa muda & amarela,
Depois que tanto amor & se pondera,
Mandando sem tardar logo chamalo
Depois de com promessas seguralo.

Vai o coitado sem sospeita ledo,
Que por chegar a ver a por quem chora
Não ley se perigo algum baſtara ou med
Pera que a tal chamado assi não fora:
Manda a esposa então polo em segredo
Que muyto mays do Mouro se namora,
O qual vindo da caça lhe dezia
A quem lhe de Ramiro que daria.

Nestas,& noutras graças descontente
Sendo trazido o brando namorado
Ante o Rey,& adultera presente,
A ser a dura morte ali julgado:
Preguntandolhe o Mouro grauemente
Se delle fora preso & condenado,
Que maneira de morte lhe ordenara,
Em que mais cruamente o atormentara.

A o que lhe respondeo sabea & discreta
Mente o Ramiro, O mayor tormento
Que o odio que te tenho te decreta,
Era fazerte dar alma co aleuto:
Tangendo tanto espaço hũa trombeta
Que se te desfizesse o corpo em vento,
E se inda outro mayor tormento ouue
Nelle perpetuamente te tiuera.

Hora(diz o Rey Mouro)a mesma pena
Que executar em mi cruel querias,
Essa mesma te dou,que inda he pequena
Para o que so por isso merecias:
Logo Suplicio a cruagente ordena,
Ia se destroncam aruores sombrias,
Ia denuncia alto cadafalso,
Da má,& falsa esposa o peito falso.

Sobe Ramiro nelle,& a rir prouoca
A ruda plebe, vay com confiança,
Põe grossa tromba retorcida à boca,
O meo de pena lhe he meo de vingança:
Oo quam de pressa o poder se troca!
Quem se pode jactar de segurança?
Estão os seus no mar com pronto ouuido,
Soa ja rouco & tremulo ruido.

Ouue a gente da frota, que aduertida
Estaua ja,& dà na descuidada,
Que estaua vendo como acaba a vida
Quem a Morte lhe assi tinha ordenada:
Ferro omecido passa ao Rey omecida,
O peito cru: furor de aguda espada
Deixa pendendo em ombros corpulentos
Barbudos rostos,ja sanguinolentos.

Aſpeta corda ja as mãos rodea
(Preſas atras)da perfida Rainha.
Fermoſa de feições, de culpas fea,
Co roſto a terra murmurando vinha:
O Mouro eſpoſo rabida nomea,
O paſſo a força de ombros encaminha,
Roga, promete, auiſa, & amoeſta,
A viſta torce turbida & moleſta.

Tantos eſtremos faz de ſentimento,
Tantos proteſtos vãos deſatinados,
Que já rompendo a ira o ſufrimento,
Limite põe àdulterinos brados:
Com modo aſperiſsimo violento
No niueo colo lhe atão os ſoldados
Pendente corda, preſa a pedra graue,
Que a morte aſſegure, & a viſta agraue.

Fazendolhe(enojãdos)com que deſſe
Nome ao pego Dancora profundo,
(Que aſsi ſe chama agora)onde puſeſſe
Coa lembrança delle exemplo ao mundo.
Algũs dizem que o nome âquí tiueſſe
De Leixois o começo, & a ſegundo
Deixadà foi aſsi, bem lho puſerão,
Se os tẽpos outro algum não corroperão.

Onde

Onde Gaya de então dizem que teue
Este nome, porque a fonte fria
Em que Ramiro assentado esteue,
Sacaya em Maura lingoa se dezia:
Donde o nome corrupto tomar deue
Inda que a fama nisto desuaria:
Tudo faz esquecer tempo comprido,
Mas Mourisco parece este apelido.

Outros dizem que hum capitão Romano,
(Chamado Gayo Seruio) aqui chegou,
Que vencido do braço Lusitano
Em hum castelo ali se restaurou:
Ficando a tal lugar se não me engano
Gaya por nome, como se chamou,
E chama inda agora este alto monte,
Que do Porto está cási defronte.

Pois de Porto & de Gaya, o nome veo
A Portugal, segundo se publica,
Ou do porto dos Galos, como creo,
Que porto dos Franceses sinifica:
Que como sempre estaua de naos cheo,
Segundo se inda ãgora verifica,
Dos Albiones Galos, este rio,
Não he porlhe este nome desuario.

Emfim que Portugal oje he chamada
Esta prouincia deleitosa & amena:
Que por Condado foi a Anrique dada,
Onra naquelle tempo não pequena:
Não era então tamanha, que tomada
A mayor parte della à Agarena
Gente foy polos Lusos, quando empunha
Pelayo a lança, & a fama he testemunha.

E qual o Baldouino industrioso
Que de Carlos Caluo ousado leua
A filha, roubo assaz alto & ditoso,
Culpa que por amor se lhe releua:
Que nos Belgicos bosques astucioso,
Onde não ha contrelle quem seatreua,
Incultos aruoredos desbastando,
Vilas, cidades, foy edificando.

Assi o Conde Anrique á esposa bela
Trouxe a Portugal, mas não roubada,
Felo seu genro o Rey que hedé Castela,
Deuia origem ter assaz onrada:
Dalgũs Iffante Vngaro se apela,
Outros lhe dão por patria a celebrada
Austria, ou Lothoringia (nouo nome)
Que de Lothario he bem que depois tome
A fo

Aa força aqui de lança & de segura,
O estado dilata,& casi isenta,
Tropheos glorioſos dependura,
A ousadia Barbara afugenta:
O filho Afonſo proua outra ventura,
Leuar auante quer tudo o que intenta,
Cinco Africanas,coroas vence & piſa,
Quanto deſpojo achou,quanta diuiſa.

Este nome de Reyno principiá
Aa terra que primeiro era condado,
Com forte braço & contumaz porfia
Se melhorou de titulo & de estado:
Onde a rezão, que às vezes deſconfia
Do tempo, então contrella de aço armado,
Faz que depois ſe ordene hum caſamento
Em que ſe aſſolua o Luſo juramento.

Baldouino rompendo à inculta terra
Que oje de Frandes he tão opulenta,
Ora a fouce,ora a exada aferra,
E aſsi a renda & pouos acrecenta:
Mas o fezoz Afonſo a pura guerra
Com Luſitania ſo ſe não contenta:
Ambos a jurdição tem dilatada,
Mas hum a eſtende a ſerra, outro a eſpada.

Os descendentes deste dilatando
Portugal sempre forão ferozmente,
Reinos no Oriente edificando,
E insignes cidades no Occidente:
Varios Reys & terras sojuzgando,
Tambem domando a Barbarisca gente,
Em toda parte emfim sempre temidos,
Nunca medrosos, nunca ja vencidos.

Ioão melhor que Numa, & que Antonino,
O pai gerou de Bastião que canto,
Que por decreto do saber diuino
As esperanças lhe conuerte em pranto:
Mostraua vir a ser justo & benino,
Alegria dos seus, do imigo espanto:
E não deuia o saber aos anos,
Que sem elles regéra os Lusitanos.

Cortoulhe a crua morte a doce vida,
Bem na florida adolecente idade,
E amor cuido que foi nisto omecida,
Mais que ardente & graue infirmidade:
Que partido tirou desta partida
Morte cruel? senão deixar saudade
A quem nella descansa a dor que sente:
Se pode descansar amor ausente.

Prenhe

Prenhe lhe fica a doce & amada espoſa,
Magoa que mór não pode ſer parella,
Que era de alto valor, moça & fermoſa,
Filha do Emperador Rey de Caſtella:
Põeſe logo em cuſtodia a deſditoſa,
Porque dependem as eſperanças della
Da gente Portugueſa, que pendia
Do que eſta ſenhora pariria.

Anda turbada, eſpera, & deſconfia,
Murmura deſcontente graues danos,
O juuenil furor ja então porfia
Co a prudencia de maduros anos:
Eſcura tempeſtade parecia
Que ſe hia armando contra os Luſitanos,
Acodem os prudentes ao gouerno,
Temendo o furor do brauo inuerno.

Olhos no ceo ja regão a terra dura,
Pedindo Rei a Deos, conueniente
A ſeu deſejo, que lhes afegura
Domarem a Lapia fria, & a Lybia ardente:
Ia a penitente branca veſtidura
Banha en ſangue peccadora gente:
Ia he rezão que o ceo o rogo ouuiſſe,
E a princeſa grauida pariſſe.

Sendo o termo do esperado fructo
Chegado ja, quando se desconjunta
A fermosa Princesa, ao estatuto
Da natureza sendo a monção junta:
Que de lagrimas viuas pouco enxuto
Tendo o rosto, dentro em si pregunta
A amor, polla passada primauera,
Queixa q afrõta amor, no amor que espera.

Noua que polas sombras descorrendo
Do nocturno silencio, assi murmura,
Que esperta a alegre gente, parecendo
Que ¡ór o jugo a todo mundo jura:
A hum famoso templo concorrendo
Com fe, que a esperança lhe segura;
Donde sahia ja o longo fio
Na costumada ordem o clero pio.

Auante proseguindo, diuidida
A claustra, & obseruancia differente
No trajo, pola ordem possuida,
Hũa fieira a outra precedente;
Insignias do que morto nos deu vida,
Da aruore da vida ali pendente,
Do murado caminho enchem o meo
Com vagaroso & igual passeo.

Lumes

Lumes de viua fe lhe reſplandecem
Nas mãos, q̃ rõpem o veo da noite eſcura,
Lagrimoſas palauras reuerdecem
O temor, que curar cadahum procura:
E atras ſeguem muitos que enternecem
O ceo à que ſo foi perfeita & pura:
Na eſtrelada terra, & ceo eſtrelado,
Se ouue hum canto ſonoro & concertado.

Dous dos religioſos leuantando
A orriſſona voz, doce, acordada,
O comum ſacerdocio replicando
O rogo, à petição principiada:
Tres peſſoas hum ſo Deos inuocando,
E a virgem, filha, mai, & eſpoſa amada,
Com tudo o mais, que a ſanta Ladainha
No glorioſo verſo em ſi continha.

Não com ſangue de Touro derramado
Em crepitante chama, ou de Briceo
Licor feruido, não com degolado
Iouenco, abre Deos agora o ſeo:
Com obras coração ſacrificado
De contrição, de dor, de culpas cheo,
He o por onde todo bem ſe alcança,
E o q̃ ſegura aos Luſos a eſperança

Entrando ja o sol no sino Aquario,
Vinte do mesmo mes, tendo passados
Mil cursos polo seu curso ordinario,
Com mais quinhentos, sendo numerados
Iuntos cincoenta & quatro, do Cesario
Numero pera ca continoados:
Quando a princesa pare o filho amado,
No dia de Bastião, Bastião chamado.

Mas el Rei dom Ioão da magoa interna
Que polo morto filho lhe ficou,
Como quis a bondade alta & superna,
Aa Libitina o tributo entregou:
Posse tomou da vida sempiterna
O que sempre nestoutra procurou.
Tornase a renouar de nouo o pranto
Da perda atras, que a gente chorou tanto.

Vestindose de dò & de tristeza,
A que dantes de gala & de alegria
Anda vestida, & chora o que despreza,
Que os bõs sempre se chorão toda via:
O mundo de seus bẽs mostra a auareza,
E vesse de seu modo a zombaria,
Que atras o dia alegre, o triste ordena,
E apos hum breue bem, comprida pena.

O mi

O mal que está por vir não presumindo,
Que mal se ere,& sempre he arreceado,
O tempo, pouco & pouco descubrindo
Indo ja então o bom que era passado:
A varias queixas o caminho abrindo,
Andar tão differente & tão mudado
Tudo, que mostraua bem que os meos
Seguraũo o fim dos arreceos.

Temores em que o triste Reyno estaua,
Quando por Rei os Lusos leuantarão
O tenro Bastião, que ja mostraua
O que delle depois pronosticárão:
Que a presença parece que isentaua
No colo dà ama, aos q̃ lhe a mão beijarão,
Como se conheceſſe a dinidade
Que teue antes de ter no mundo idade.

Ordenandose logo as alegrias,
Quaes não virão no Reino antigos ãnos,
Em varias questões, varias porfias
Renouando louuores Lusitanos:
Glorias se cantão, de futuros dias
Figurando triumphos soberanos,
Tropheos cuidão ja que dependurão,
Senhores do vniuerso se afegurão.

Passa

Passa o Rey algũs annos na doutrina
Co mestre, a quem em tudo foi sogeito,
Da Belica & Minerua diciplina
Aa militar inclina mais o peito:
E como o que ao moço o mestre ensina
Lhe fique por justissimo preceito,
Casto ficou, de mil virtudes cheo,
Sogeito em tudo ao parecer alheo.

Em estorias antigas se recrea,
Todos os feitos grandes pouco estima,
E fica lhe seruindo a fama alhea
De interno vèrme, & riguroſa lima:
Nota o que tem a sua estatua, chea
De tropheos, & outro a quem sublima
A leue fama, fazlhe tudo enueja,
Mal o pode alegrar nada que veja.

Qual nouo cirne, que de branca pruma
Ia casi reuestido, nas ribeiras
De Meandro, pisando a branca escuma,
Bate as asas, por ver se as tem ligeiras:
Olhando o largo bando, que custuma
Vir fazendo no ar tortas fieiras,
Que de enuejoso o bico às penas vira,
E correndoas por elle ao ceo suspira.

Assi o tenro moço belicoso,
Vendo tantos nas asas leuantados
Da fama, de imitalos desejoso,
Confuso, se rodea de cuidados:
Acha o ligeiro tempo vagaroso,
E dias que tão breues & apressados
Parecem aos de idades ja maduras:
Que sempre esperão ver cousas futuras.

Por escuros & espessos aruoredos,
(Na adolecente idade ja entrando)
Por cauernosos & asperos rochedos
As forças anda sempre exercitando:
Feras crueis, perigos, graues medos,
Com animo inuenciuel desprezando:
Qual o que vence o animal Nemeo,
A Idra, o Touro, & derriba Anteo.

Contar as estranhezas espantosas,
Os perigos, & esforços nunca ouuidos
Deste moço, as cousas venturosas,
E os cometimentos atreuidos:
Seria imitar as fabulosas
Escrituras, & sonhos prohibidos,
A quem contar verdades so procura,
Que em casos de admirar não está segura.

Não

Não lhe faltão os termos de auisado,
Nem para moço Rey pronto sentido,
Era dos seus temido & muito amado,
Em tudo para Rey varão cumprido:
O valeroso delle era enuejado,
E o couarde & fraco aborrecido,
Passar por toda sorte irreparauel
Queria, como o pobre, & miserauel.

Não sofre bem q̃ algum dos seus lhe acuda
Quando se vê de perigos rodeado,
Que sem temor despreza toda ajuda,
Como de tal socorro enuergonhado:
Nunca cãso nenhum a cor lhe muda,
Sempre nas mores cousas confiado:
Medo nunca se vio neste sem medo,
A que não tenha o graue aspeito ledo.

As ondas do soberbo mar furioso,
Quando as aues maritimas medrosas
Voando fogem ao ronco tormentoso,
De que no ceo inda andão temerosas:
Contrasta aquelle peito belicoso,
Em roto & fraco barco, & as valerosas
Palauras aos seu sempre trazia,
Que Iulio a Amiclas timido dezia,

Isto contaua o velho ao Rey, que ouuindo
As suas mesmas cousas, pronto estaua,
Ser o Rey mesmo nunca descubrindo,
Que o descuidado velho malcuidaua:
Mas antes muitas vezes se sorrindo,
Que dizem as gentes delle preguntaua:
Notando o de que o mũdo o mais repręda,
Cõ pronto ouuido pronto à noua emẽda.

Em vario praticar a noite escura
Passando vão, depois de agreste cea,
Em quanto o sono os olhos não pendura,
Em quãto a lingoa não se turba & enlea:
Pena que cansa ja, falar que dura,
Temor de ser prolixo, que refrea,
Interrompendo aqui a estoria breue
Pois mais que ao desejo à razão deue.



CANTO

¶CANTO SEGVNDO

*Gouerna a Rainha, & chegalhe hum correo
Mazagão, que conta como fica cercado. V
Aluaro de Carualho de socorro. El Rei sede
de do velho, & dalhe o Cetro ó Cardeal dõ
Anrique, que tomára da Rainha.
Eno ase Lucifer, & manda ten
tar o Rei, & os maiores
do Reino.*



A NO GOVE
no trabalhoso & gra
Tinha o doce repouso
perturbado
A alta Rainha, no ri
suaue,
Franca no galardão cedo esperado:
Palaura que molesте, olhar que agraue
Não vsando jamais: quando hum cansa
Correo a seus pès o rosto inclina,
Que da Africana terra peregrina.

Tur

Turbado o meſſageiro ſe apreſenta,
Palida a cor, a voz rouca & tremante,
A noua a que he mandado repreſenta,
Propõe em certo mal terror que eſpante:
A perigos ſuſpiros acrecenta,
E a furia denuncia de Trudante,
Dizendo, Acode, acode ja ſenhora,
Que muito mal fara pouca demora.

Cercados tem os pouco leuantados
Muros de Mazagam, os Africanos,
Soberbos andão ſem temor ouſados,
Fazendo em pouco tempo grandes danos:
E ſegundo por dous forão auiſados,
(Que dos Mouros fugirão) os Luſitanos:
Grande poder conuoca o Mouro brauo,
Que lhe ſera no fim dobrado agrauo.

Confuſa fica, & na vingança pronta
A Rainha prudente & valeroſa,
Pouco reſolue em ſi, muito ſe afronta,
Irada, muda, inteira, & duuidoſa:
Contame logo (diſſe) o que ſe conta
Deſſa lornada occulta & preſuroſa,
As cauſas, o principio, & modo della,
Que nouo me he o acharme noua nella.

Sabe(reſponde o rouco meſſageiro)
Que ſe conuoca toda Barbaria,
Se o que publica a Fama,he verdadeiro,
Se o principio q̃ vi não he zombaria:
E porque ſaibas,a razão primeiro
Do cerco que grã dano denuncia,
Dos que fugidos do arrayal vierão
Nada me eſquecerá do que diſſerão.

Diz q̃ dormindo o Mouro hũa noite eſta
Quando de roupa Arabia,& cor terrena
Hum fraco Cacis ve,que caualgaua,
Nũ quadrupe animal da eterna pena:
As cartiligas aſas meneaua
A triſauce Chimera, & qual ſe ordena
Ó que triumpha a glorioſa entrada,
Aſsi firme ſoltou a voz canſada.

Dizendo: ô de meu ſangue excelça pro
De minha ley coluna,& ſegurança,
Coroa exemplar de ocio mole,
Intenſa corrupçam da Maura lança:
Como conſentes que teu Reyno aſſole
O fero Portugues? de que eſperança
Penduras o remedio de cobrale?
Se ſem o defender deyxas tomalo?

Não ves como te oprime & te rodea,
Os maritimos portos ocupando?
(Oo vergonhoso caso?) q̃ te enlea,
Que estàs (diz) couarde receando?
Acorda, acorda Hamete, & remedea
O que o valor corruto esta bradando,
Abrasa, abrasa ja os edificios
Que a teu furor o tempo tem propicios.

Isto dizendo, a sombra triste & escura,
Cum funesto sospiro doloroso
Cobre de pranto apalida figura,
Mouendo o passo froxo, & vagaroso:
Onde o Xarife que soltar procura
A encarcerada voz, de temeroso
Orror cercado, perturbado & lento,
O nò rompeo do laço sonorento.

Não tendo a menhã mostrada à fronte,
Que se coroa de nuues prateadas,
Quando à luz confusa do Orizonte
São confusões do Rey ja declaradas:
Mal se pode sofrer que não reconte
Aas pessoas q̃ sam delle chamadas
O nouo caso, logo se consulta
Donde breue, & cruel guerra resulta.

Ocultamente gram poder conuoca:
Iuſtamente pregoa premio & pena:
Fortes incita, timidos prouoca:
Aparatos de guerra aſtuto ordena:
Murmura a Fama ja de boca em boca,
A noua empreſa polá Sarracena
Gente: já das ribeiras caudelosas
De Inauem, vem as gentes valeroſas.

E das terras que banha o claro & fundo
Tenſift, a ruda plebe a lança aperta,
Vindo tambem o pouo furibundo
Que a fonte do Mirabi ſabe mais certa:
De Deime não fica o Alarbe imundo,
Nem de Oder a gente dura & experta:
Dos que as agoas de Eſuerga & Lucus be
Tambem ja grande dano os teus receben

De Mazagam a fertil terra piſam,
Por toda a parte imigos a rodeão,
Polo que toca a ti os teus te auiſam;
E não polos perigos que receão:
Do muro as varias cores ſe deuiſão;
Muro que como podem remedeão:
E temo que ja agora o imigo ouſado
Se chegue à baxa caua atrincheirado.

O que a Rainha pronta o fero intento
Do Barbaro Xarife, onde enojada
Castigue (diz) o vam cometimento
Logo sem mais tardar a Lusa espada:
Exemplo faça cru, sanguinolento,
De que fique oprimida, & amedrontada
A idade futura, & na presente
Espanto ponha à mais remota gente.

Não tendo a Fama inda publicado
Aquella noua, quando ja murmura
Rumor de armas, furor acelerado,
Que a vingança não vista se conjura:
A todo o caualeiro que esforçado
A vida por ganhar onra aventura,
Por hũa parte & outra se desterra
Passando todos a Africana terra.

Mas ja por altos cumes estendia
O rutilante sol seus rayos de ouro,
Quando o Xarife o combate vrdia,
O credito entregando a hum falso agouro:
No arrayal o Barbaro trazia
Hum Nigromante feiticeiro Mouro,
E hũa afamada encantadora,
Nas cauernas de Dedes moradora.

Esta pois vendo quanto ali conuinha
Para vencer varões tão valerosos,
O lento passo palida encaminha,
Por negra noite a montes cauernosos:
E quando ja riscada enterra tinha
Oblica defensam, com temerosos
Apupos inuocãdo almas auernas,
Fazia tremer as Tartaras cauernas.

Não tendo quatro vezes replicãdo
O potente falar escuro, & breue,
Quando o ar ja grauido rasgado,
Vibra com rouco estrõdo fogo, & neue:
Hũ negro animal mal asombrado
Cõ temeroso aspeito, & passo leue,
Da tormentosa nuue em pè caindo,
A cornuda cabeça sacodindo.

A rasto traz a barba, & o cabelo,
Fulgurantes os olhos & molestos,
Muito para temelos, cõ temelo,
Muito para fogir de seus incestos,
A orrisona voz, torna amarelo
O rosto, da q̃ com brados funestos
As cousas lhe pergunta que deseja
Saber, que està temendo que não veja.

Dizẽdo

Dizendo em rouco som orribelmente,
O maldita cruel que me perguntas?
Que nada do por vir se me consente,
Que saiba, onde a hũa dor outra me juntas?
Vejo queimada a Lusitana gente,
Vejo companhas Barbaras defuntas,
O fim deste sucesso em mim não cabe,
Que só quem tudo ordena, tudo sabe.

Mas por te comprazer, & porque sejão
Vencedores os meus, eu te prometo
Que meus ministros sempre àlerta estejão
Em modo vtilissimo & secreto:
E para mais temor dos que pelejão
Por Christo, cumpre em tudo meu decreto,
Fazendo q̃ se a caua & muro mine,
Que eu terei prestes la quem tudo enfine.

Faras mais que as trincheiras comaçadas
Sejão por tal maneira repartidas,
Que fiquem muito faceis as entradas,
E muito impossiueis as saidas:
Isto dizendo, as grificas pègadas
No leuodo terreno ali imprimidas
Deixando, na escura nuuẽ fea
Pola leuar trez vezes a rodea.

Mas a Moura preuersa ali tremendo,
Seus conjuros replica, que espantarão
O negro capricornio monstro orrendo,
A quem outros quinhentos rodearão:
Todos supitamente desfazendo
Cedros, Cipreftes, Palmas, que arrancarão,
Se recolhendo la ao centro auerno
De larga porta, & tormento eterno.

Indose logo a velha feiticeira
Proftrar aos pes do Rei, que receoso
Estaua, de lhe fair verdadeira
A promessa do agouro fabuloso:
Onde com feo rosto prazenteira,
O peito lhe segura duuidoso:
Dizendolhe o que ja sabido tinha
A ordem dando a tudo o que conuinha.

Mandando logo o Rei que breuemente
Se ordene o que a Moura ali traçaua:
A real mando, turba diligente
Os braços ao trabalho logo daua:
Com vagaroso obrar, poder de gente
Serras erguia, montes arrasaua:
Donde com ferreas canas, vás, compridas,
Fazem a robustos corpos breues vidas.

Não

Não tendo inda o sol bem trasmontado
Os Albiones montes, de douradas
E de rosadas nuues rodeado,
Variamente distinctas & pintadas:
Quando aquelle capitão, chamado
Aluaro de Carualho, às ja cercadas
Muralhas, co socorro se chegaua,
Que o Mouro riguroso rodeaua.



Rui de Sousa, que a terra então regia,
Caualeiro animoso, ousado, & forte,
Às portas manda abrir, que não temia
Carranca algua de medonha morte:
Igual do capitão he a companhia,
Igual o esforço, & diferente a sorte:
Aa se fazem alegrias, & os temores
Conuertem em furor os defensores.

E porque Cidamuça principal
Executor da furia Mauritana,
Como casi supremo general
Aflige & cansa a gente Lusitana,
Soando ja o concauo metal
A turba espedaça Tingitana:
Onde hum Portugues nouo Arquimedes
Era Nestor, & às vezes Palamedes.

Isidoro de Almeida se chamaua
Este sabio varam artificioso,
O qual belicas fabricas traçaua
Ocultas minas, fogo temeroso:
Com nouo modo os Mouros abrasaua,
Com duro braço o corte riguroso
Dà larga espada, membros disipando,
Se foy da ley do tempo libertando.

Este pois duuidoso, & acautelado
Do que dos enemigos imagina,
Pronto no dano, delle arreceado,
Sente fazer o imigo oculta mina:
Logo por terra aqui & ali prostrado,
O rumor rouco oculto determina,
A escura gruta ali contraminando,
Pouco & pouco sentindo, & trabalhando.

Vinhão (cuido) os demonios conuocados
Abrindo a dura terra ousadamente,
Sentennos vir ja perto tres ousados
Não dos melhores da cercada gente:
Estão ja de furor aparelhados
Contra os q̃ vem de la do Reyno ardente,
Rompese o veo terreno, & braua gerra
Iuntamente debaixo la da terra.

Orrisono

Orriſſonos bramidos ſe ouuem fora,
Eſpadanas de fogo tremolando
Em negro fumo enuoltas, ja vapora
A fea gruta, os Luſos eſpantando:
A voz q̃ grita ouſada, voz que chora,
Piedade parece eſtar clamando:
Pola boca infernal caliginoſa
Sae no rumor vitoria glorioſa.

Não ſe detendo muito os temerarios
Mancebos, que afumados, vencedores
Não tornem, cos deſpojos aduerſarios,
Dos brutos & infernais trabalhadores:
Quem vio de guerra tão extraordinarios
Combates? quem tão fortes defenſores,
Que debaixo da terra batalhando
Eſtejão o nome ſeu perpetuando?

Pois vendo iſto a Moura feiticeira,
A nouo intento dando nouo efeito
Qual famelica Loba carniceira
Reuolue irada o voraceáſpeito:
Correndo logo auida, & ligeira,
A hũ eſpeſſo bosque, opaco teito
De verde ſitio ameno, onde cortando
Antigos troncos, tralos arraſtrando.

Seguenna

Seguemna ali miniſtros corpulentos,
Ia ſe ve raſa a cãua de faxina,
Ia com ferreos pelouros corpulentos
Romper o muro o Mouro determina:
Fremendo eſtão os Luſos ſofrimentos,
Onde hum remedio Iſidoro imagina
De ſetas, que de fogo ſe lançarão
Na mal ſeca materia que queimarão.

Sobem ao Ceo as chamas crepitantes,
De tremulas faulas rodeadas,
E apos ellas as vozes ſibilantes
Das Luſas gentes ja aluoraçadas:
Crece o rumor nos feros militantes,
Coas vidas ao ferro aparelhadas:
Mas por então dilatão o combate,
Em quanto o bronzeo vão os muros bàte

Ia no cercado ſitio a ſede ardente
Os valeroſos corpos conſumia,
Quando a juſta bondade prouidente
Com larga mão os ſeus fauorecia:
Dũa ciſterna ſó bebia a gente,
Mas quanto mais gaſtaua, & mais bebia,
Mais ſe acrecenta a agoa milagroſa,
Couſa (ſe foi aſsi) marauilhoſa.

Quiet

Quieto estando o campo Mauritano,
Indicio a nossa gente de sospeita,
Onde temendo algum secreto engano
O nosso capitão, astuto o espreita:
Manda hum Pero Paulo, que Otomano
Por nossa lei deixou à Arabia feita,
O qual de noite parte à graue empresa,
Com prudencia igual da fortaleza.

Armado so se embarca o valeroso
Christão, & costeando a larga praya,
La desembarca, onde hum lagrimoso
Mouro estaua, ao pè dũa grossa faya:
Chega Paulo, & prendelhe orgulhoso
Com mão neruosa o braço da azagaya,
E o colo na outra lhe apertando
O traz por varios matos arrastrando.

Meteo no barco leue, & logo rema
La para onde o Sousa o esperaua,
Que em não saber do imigo a stratagema,
Em conselho nenhum se asseguraua:
Chega Paulo co Mouro, que na extrema
Ora da vida já de medo estaua,
O qual da escura morte ali seguro
Não deixa ao capitão segredo escuro.

Dizlhe

Dizlhe, senhor a caua q̃ entulhada
Ia outra vez està de lenta terra,
Por que não possa vir a ser queimada,
Oculta & larga mina dentro encerra:
E a duro combate aparelhada
Està com pertinaz & esquiua guerra
A Mauritana gente, quando esteja
A tua mais segura de peleja.

Isto dizendo, logo o industrioso
Isidoro a minar começa o muro,
Chegando ao entulho pedregoso,
A Mouros firme, a nos pouco seguro:
Onde de sulferino pò, o escuro
E curuo centro enchendo vaporoso,
Sospiros deixa, & medulante vea,
Por onde se depois o fogo atea.

Mas neste tempo hum cauale iro forte
Que Pedro & Lourẽço era chamado,
A fama rouba (a pesar da morte)
Do glorioso tempo ja passado:
E pondo o rosto a toda aduersa sorte,
Não podendo sofrer verse cercado,
Da vila sae com sòs seis caualeiros,
A incerto fim seguros companheiros.

Entra polas tranqueiras de ſecreta
Maneira aſtutamente fabricadas,
Ali trincheiras, Labirinto en Crèta
De arcabuzeiros todas ocupadas:
Paſman todos ver que hũ ſo cometa
Tantas gentes aſsi em campo armadas:
Prontos eſtão a ver q̃ determina
Vendo de ſeu furor logo a roina.

Que curuo a groſſa lança ſobraçando,
Largando a redea ao belico caualo,
O campo todo vai desbaratando,
Não ouſando nenhũ ja de eſperalo:
Os ſeis atras por terra derribando
O fero pouo, fazem retiralo,
Mas infinita gente que crecia
Certiſsima priſaõ lhes prometia.

Onde voltando aqui, & ali ferindo
Co duro corte da luzente eſpada,
Rompendo o enemigo, vinha abrindo
A forte, & largo braço, larga eſtrada:
Ven os atras os Mouros perſeguindo,
Qual de ſa bujos timida manada,
Que atras de Ibernio alam q̃ vai ſeguro:
Vai cada hum batendo o queixo duro.

Pouco montando a lei poderosa & certa,
De muitos contra poucos, que corrupta
Do valor Lusitano, fica incerta
Nesta gente sem medo braua & astuta:
Onde entrando na cidade aberta
Tintos de sangue, & fereza bruta,
São do rustico dedo ali amostrados,
E dos fortes amigos abraçados.

Não durando o silencio da serena
Conuersação, espaço prolongado,
Que interroto da gente Sarracena
Ocasiona hum milagre desusado:
Auia hũa igreja ali pequena
Do valeroso santo assenteado,
Na qual (segundo então se verifica)
Hum so sino que tem por si repica.

Da com celeste mão claro rebate,
Acode a gente que segura estaua,
Vendo ordenarle o orrido combate,
Que tão secreto mal se imaginaua:
Com pelouros durissimos se bate
O grosso muro ja, que titubaua,
Ia do seu bastião que tem de terra
Fazem aos nossos fulgurante guerra.

Com fero assalto, & orrissonos gritos,
Chouendo agudas lanças & pelouros,
Seguindo vem os escaadrões malditos
A ordem de seus perfidos agouros:
Caem ja sem almas corpos infinitos,
Com panelas de fogo abrasam Mouros
Os fortes Lusos, com agudos cortes,
Varias portas abrem a varias mortes.

Aqui Carualho, Sousa, & o forte Melo,
Martiafonso de Sousa, & o valeroso
Irmão, passam a fio de cutelo
De Africa toda o sangue generoso:
Fazem arriçar aos Mouros o cabelo,
Iuntamente co brauo & animoso
Antonio, que Monis Barreto ha nome,
De quẽ não se ha temor que temor tome.

Pois os dous caualeiros (fortes Cunhas)
De São Ioão, & os outros que não digo,
Suas obras que sam as testemunhas,
Bem sei que afrontão agora o siglo antigo:
Ferrando vinha ja no muro as vnhas
Do baluarte (o Barbaro enemigo)
De dom Diego, estancia combatida,
Quando apertando a espada, arrisca a vida.

Remete o Manoel esquiuo & duro,
Fere, derriba, & o perigo ali mais crece,
A tam seguro pe, lugar seguro
A tal furor, louuor que se escurece,
Ia se desdenta o coroado muro,
Ameas dam na gente que perece,
Hum executa a ferro & a sangue a ira,
Outro vasos de fogo ardente atira.

Vitoria & defensam que vendo a fea
Encantadora, ja sem sofrimento
Os seus anima, & o perigo remedea
Cum que chamou do Reyno do torméto
Vai(lhe diz,) & nos vasos fogo atea
Denossa perdiçam duro estromento
E queimense os q̃ tantos tem queimado
Senam os teus sam ja desbaratados.

Nam tarda pera males o maluado
Espiritu infernal, que austtamente
Nas alcanzias poem o fogo ousado,
Como quem sempre viue em fogo ardente
Arrebenta o furor acelerado,
Asas da ja o fogo à Lusa gente,
Ficam os Mouros quedos & pasmados
Do espantoso caso descuidados.

Oq

O que vendo Isidoro, que ja estaua
Pronto na ocasião do imigo dano,
Ao que lhe dà esperança, o fogo daua:
(Triste deti, ô pouo Mauritano,)
Ateasse o furor que medulaua
No poluerino centro, & o Africano
Intento desordena, & desbarata,
E infinita gente abrasa, & mata.

Conuerteſe hum em outro Elemento,
Nam cabe o fogo onde cabe a terra,
Com orribel estrondo torbulento
Do improprio lugar se desencerra:
Leua ao Ceo o impetu violento
No mobil solio, agente ali de guerra:
Dentro no negro fumo gritos soão.
Ardidos corpos variamente voam.

Vai polo ar ardendo a feiticeira
Que sempre a gente animando andaua,
A pouo iniquo & mao, peor conselheira,
De senhor infernal, preicita eseraua:
Nam sendo parte a nunca verdadeira
Promessa que ella a Muça seguraua,
Pera deixar a empresa belicosa
Tam fera, cruel, tão duuidosa.

Mas mais endurecido, apalpa & intenta
Outra noua maneira de combate,
Artificios de fogo ordena & inuenta,
Com que os Portugueses desbarate:
E outra vez solicito esperimenta
(Depois que cum trabuco rompe & aba
As fracas casas) cauernosa guerra
Debaixo la do intimo da terra.

Vinhão com ferreos picos ja rompendo
A caua os imigos, quando ouuindo
Isidoro o som que vem fazendo,
A foi tambem de cà depressa abrindo:
Hũs & outros se vão apercebendo
Pera quando se fosse descubrindo
A interna espelunca, & larga mina,
Que ali descobre supita ruina.

Vense supitamente os militantes,
Não metem tempo antre a vista & efeit
Ia de sulfereas chamas crepitantes
Se tolda o curuo & terreno teito:
Pelouros de arcabuzes sibilantes
De rosto a rosto ali, de peito a peito
Se esperão: sam os nossos quatro ousa
E os seus os mais feroces & esforçados.

Se das espadas os agudos fios
Se escondem polos membros sanguinosos,
Ia caem na fria gruta corpos frios,
Ia soão extremos gritos dolorosos:
Correndo vão sanguinolentos rios,
Tecidos andão ja braços neruosos,
Ventres apertão, alentos afadigão,
A duras mãos os colos se sogigão.

Como Olimpicos rudes esperimentão
Herculeas forças, testas vmedecem,
Curuos, dereitos a vitoria intentão,
Torcidos, pernas, braços ali tecem:
Quaes os ramos da parra que se aumentão,
Que no olmo sombrio se entretecem,
Cortado ja do rustico machado,
A terra vem, da vide acompanhado.

Assi os Mouros caem, co ja perdido
Sangue, do Luso ferro atassalhados,
O vencedor despoja ali o vencido,
Vencidos ficam em vida sepultados:
Tapase o lugar curuo omecido,
A disto os Agarenos enojados
Desenrolão o Barbaro estandarte.
E outra vez cometem o baluarte.

Vem com tanto furor, com tanta ira,
Que os animos dos Luſos aquebrantam,
Hũ dardo, outro fogo ardente atira
Apos de vozes altas que leuantam
A code Ruy de Souſa, & o roſto virã
Aos que ſo de velo ali ſe eſpantãm,
Os ouſados imigos derribando
Que brauamente vinham ja trepando.

Corta as robuſtas mãos, que depẽdurão
Hum corpulento Mouro valeroſo
Dũa roina: abate os que fulgutam
Com ferro agudo, & modo, & riguroſo:
Os ſem ventura Mouros ſe auenturam,
Vendo ſeu Rey diante ja furioſo
Aquebrantar as leis que medo ordena,
Apura força entam de premio & pena.

Tornãm com fero impetu ãnimados
Tragando ouſadamente ferro & morte
Precipitando logo eſuicerados
No meſmo intento, dũa meſma ſorte:
São os mais delles ja eſpedaçados,
Bem ſe ve nelles ſe era agudo o corte
Da Luſa eſpada: ameas ſe peſauam,
Arrebentados corpos o moſtrauam.

Ardi

Ardido andaua o Sousa pelejando,
O Carualho tambem de furia ardia
Vanse ja os imigos retirando,
Vendo quanto os engana a vã porfia:
Os Portugueses guerra inda bradando
Guerra, que espãto, & larga paz fazia
Nam tornar os Mouros não, mas leuãtárão
O campo, & as tarincheiras abrasarão.

Leuãta o Rey o arrayal vencido,
E deixa o campo de tropheos cheo,
Leuanta as mãos o Luso, agradecido
Aquem lhe he sempre de vitorias meo:
Chega anoua do caso acontecido
Ao Reyno que esta cheo de receo,
Fazense nelle ja pola vitoria
Prazeres de importuna, & longa estoria.

Mas nam muito depois a alta Rainha:
Auò do moço Rey, que gouernaua
Como quem sabe que lhe nam conuinha
Tam graue peso, o carrego deixaua:
Prudencia, & saber, virtude tinha,
Mas a repouso aidade a obrigaua,
Porisso quer largar opeso delle
Aquem nam era antam menos parelle.

Larga o cetro pesado, porque entende
A grande obrigação do bom gouerno,
Do qual a paz & a justiça pende,
Onde o descuido causa pranto eterno,
Secretamente nisto se contende
Que Caterina do desgosto interno
So seu morto Sicheo, so qüeria
O fim de Egeria ter que pretendia.

E nisto resoluta, os grandes chama,
Que pera casos taes chamar deuia,
E antre lagrimas tristes que derrama
As palauras seguintes lhes dezia:
Pois conheceis tão bem quanto vos ama
Esta Rainha chea de agonia,
Não queirais co gouerno diuertila
De sua magoa, & lagrimas que estila.

Buscai quem vos milhor gouerne & reja,
Mas guardaiuos de quem mandar procura,
Porque nunca ninguem mandar deseja,
Que a consciencia tenha limpa & pura:
E desagora antre vos se eleja
Outrem, que minha idade ja mãdura
Não he pera o grauissimo & perigoso
Cetro, que a tantos he tão deleitoso.

Isto

Isto dizendo, logo desistio
Do gouerno, q̃ a Anrique os grandes derão,
Licença que a razão lhes permitio,
Pola muita sobeja que tiuerão:
O que cási por força consentio,
Que as causas justãs que lhe propuserão
A mayores perigos o leuárão,
Inda que mais temores o cercárão.

Tomã a balança do gouerno Anrique,
Despõe a vida ao proueito alheo,
Mão que perdoe, amor que justifique
Mostra por justo & benino meo:
Gloria que tenha, fama que ca fique,
Faz moderar o riguroso freo:
Tudo gouerna em paz, todos contenta
Segurança que adquire, amor que aumenta.

Trono, em que deixalo me he forçado,
Porque no sitio la do esquecimento
Sebastião não fique sepultado,
Enuolto em seu turbado pensamento:
Se bem vos lembra, la no derrubado
Edificio, passando o sonorento
Noturno espaço, ja quando amanhece,
O verde intento nelle reuerdece.

Tornarſe quer aos ſeus, tornar procura
Ao caminho que perdido tinha,
Eſtrada lhe enſinou larga & ſegura
O branco velho que co elle vinha:
Deos te de filho (diz) milhor ventura
Do que foi ſempre a ventura minha,
Deos te encaminhe, & aqui mudo ſoſpira,
Como que a alma do corpo lhe ſaira.

Não ſem igual amor, não ſem reposta
Prenhe de galardões, delle ſe parte
O ſaudoſo Rei, alta traſposta
Negando à viſta a deleitoſa parte:
A varias ſerras o caminho o encoſta,
Varias eſtradas, eſta ſò reparte,
Doces & varios pomos ſe pendurão
Por cima das agoas claras que murmurã

Mas nada baſta para que interrompa
O tranquilo caminho começado,
Não quer deſcanſo que o deſcanſo rom
Que cuidados lhe dè não quer cuidado:
E não renunciando a Regia pompa,
Cuida que viuer pode deſcanſado:
Oo manifeſto erro! ô grande engano!
De que fugir não ſabe o Luſitano.

Em varios diſcurſos caminhaua,
Quãdo dos ſeus, que andauão derramados,
Ora hũ, ora outro, achando o que buſcaua,
De ſe canſarem mais vão deſcanſados:
Por diferentes couſas preguntaua,
São diferentes caſos recontados,
E a importuna via aſsi paſſando,
Foi pouco & pouco em Vliſſea entrando.

Onde ja de varões da Tranſpadana
Se enche a caſa Real, nouos louuores
Cantando ã ruda plebe Luſitana,
Nouas queixas de amor, doces amores:
Quando da Luſa origem ſoberana
Ia cobiçoſos, mandão embaxadores
Principes, que de lingoas diferentes
Senhores ſam de belicoſas gentes.

A Fama, que a Maria oneſta & bela,
Quanto merecẽ inda não leuãta,
Faz de remotas gentes pretendela,
Depois q̃ o nouo eſpanto o mundo eſpãta:
Que merecer podia merecela,
Que louuor chegara a louuar quãta
Graça não viſta tem, quanta beleza,
Pois tão mimoſa foi da natureza?

Nouo

Nouo Sol resplandece, nouo dia,
Noua pureza, & alta marauilha,
Da Infante Isabel naceo Maria,
De tão fermosa mai tão bela filha:
Estranho embaixador q̃ a recebia
Com Regia pompa o Real solio trilha,
Ditosa fostes Parma em tal senhora,
Quem com tamanho bem o assi não fora?

Nouos prazeres fazem os Lusitanos,
Que Amor conuerte em lagrimas saudosas,
Ia polo mar a leuam os Parmezanos,
Magoas em terra se ouuem dolorosas:
Peitos sospiram de maduros anos
Cabeças se meneão lagrimosas,
Não sofre amor futuras esperanças
De bem futuro, em tão frescas lembranças.

Mais do que alegra o bem, cansa a tristeza,
Deixa breue prazer, longa saudade,
Corta polo amor da natureza
A grande obrigação da calidade:
Em nenhum peito ha tanta aspereza,
Que não fique saudoso de verdade,
Sente tambem o Rey irse Maria,
Porque a razam do sangue o requeria.

Corre

Corre depois o tempo, tudo esquece,
A mais firme lembrança se consume,
Largo esperimentar tudo conhece,
E tudo admite enfim longo costume:
No Rey co entendimento o corpo cresce,
Ia em tomar o Cetro se resume:
Liure poder em tão moderna idade
Conuem q̃ tenha grão capacidade.

A catorze annos ja chegado tinha,
Com noua luz de claro entendimen to
Quando Anrique o peso q̃ sostinha
Do Reyno, lhe deixou & o regimento:
Ou por q̃ assi parece q̃ conuinha,
Ou por ventura a requerimento
Do pouo, elle enfim do peso graue
Quer dar ao nouo Rey o cetro, & chaue.

E pera isto ser em tempo breue
Num Recio q̃ bem no meo estaua
Da Cidade, de madeira leue
Fazer hum tabernaculo mandaua:
Onde o q̃ cada hum ao outro deue
Em breues cerimonias se mostraua,
Entrando no teatro acompanhados
De Condes, de Senhores, de priuados.

Dizendo

Dizendo ali ao Rey o velho Anrique,
(Banhado todo em choro de alegria,
Como que amor alilhe certifique
O que lhe agraue aſpeito prometia:)
Ia agora à morte a vida ſacrifique,
Que ja cheguei ao deſejado dia
Pera todos os voſſos tam ditoſo,
Como para mi he doce,& ſabroſo.

Graças dou a meu Deos, que me chegou
A ver o ledo fim de meu deſejo,
Que ſe para bens grandes me guardou
Nam me pode goardar mor do que vejo:
Tomai o cetro que a tanto chegou
Que tributario fez o Indo,ao Tejo.
E ſe nelle nam fiz oque deuia,
Deſculpame fazer o que ſabia.

Vmilhandoſe entam,o moço erguido
Alegremente o abraça,& rindo diſſe,
Que o pouo ficaria mui ſentido
Se do gouerno ſe elle deſpediſſe,
Que tão juſto louuor,& tam deuido,
Como lhe todos dam, nam permitiſſe
(Com nam no aconſelhar.) eſcurecelo
Pois determina em tudo obedecelo.

Logo ali os mais lhe a mão beijando
Sam recebidos delle afabelmente,
A todos recebendo, & agasalhando
Como tal Rey,& emfin como a tal gente,
Foramse os prazeres renouando
Esquecido o passado co presente,
Reformanse alegrias,& esperanças,
Que tão sogeitas sam sempre a mudanças.

Pois o Rey,que o gouerno tem tomado
Depois de cerimonias ja passadas,
Co viuer para si renunciado
Aas cousas ordem dà mal ordenadas:
Eas que cuidauam ter seguro estado,
Denouo sam por elle reformadas.
Do Reyno perguntando,& vendo tudo,
Como nouo no carrego,& sesudo.

Sogeito Bastiam em tudo estaua
A hum prudente proteitor que tinha,
Como da verde idade se esperaua
Como parece entam que mais conuinha:
Coelle hum seu irmão se acomodaua
Que do gouerno o'mor peso sostinha,
Saber,virtude delle se presume
Tendo de Pedro o abito,& costume.

Que

Que como erão sabios virtuosos
De profissam q̃ estaua prometendo
Hum nouo exemplo, emendão crimino
Casos, em todo o licito prouendo,
Onde la nos abismos cauernosos
Deste principio Lucifer orrendo
Ia enoiado, pisa a ardente coroa,
Noua q̃ polo Reyno escuro soa.

Soa o rumor, qual Boreas enojado
Vai por espessos & altos aruoredos,
Ou qual do fero Noto o mar inchado
Do fundo mostra os intimos segredos,
Que formãdo o medonho, & rouco br
Por cauernas de concauos rochedos,
Arroinarse o mundo representa,
Sinal dalgũa orrida tormenta.

Assi vai o mormurio discorrendo
Polo ospicio triste, escuro, & inorme.
Onde hum blasfema, outro esta gemen
Em pena desigoal, pranto conforme:
Vaise ja de Plutao a gruta enchendo,
Dos espiritos maos (turba disforme)
Acodem os Penates, & os maiores
Do inferno, Iuizes, Regedores.

Está là num sulfureo acento posto
Lucifero, lançando fogo ardente
Da negra boca, & serpentino rosto,
Desenroscándo o rabo de serpente:
Con fera vista mostra o prosuposto
Danado, contra a fraca vmana gente,
De aguia sam os pes & braços delle,
De lixa tem a verdenegra pele.

Os outros que o rodeam diferentes
Figuras tem, a qual peor figura
De dragos, Onças, Tigres, de serpentes,
Todos com negra cor asombra escura
Os que lugares tem mais preminentes
Nesta casa de pena eterna, & dura,
Mais perto de Plutam estam sentados,
E os outros por cauernas encostados.

Todos esperam ver o que queria
Neste caso Plutam ordenar delles,
Que ja com voz medonha, lhes dezia
Que toda sua esperança tinha nelles:
E contra a vangloria prosleguia
(De pois que se acontelha contra aquelles
Portugueses) dizendo, ô vã senhora
De meu primeiro erro executora.

Vai, vai vencer aquelle Lusitano
Noua esperança do valor passado,
E tu cobiça com sedento engano
Todos os grandes traze a teu mandado:
Tecei no Luso Reyno hum nouo dano
Qual nunca foi no mundo imaginado,
E vosoutros ministros do tormento
Chegai a breue fim meu fero intento.

Isto dizendo, ja pegada à coma,
(A vãgloria) dũ Drago esquiuo & corrẽ
A figura que vio Nabuco toma,
Qual o grande Coloſſo parecendo:
Leua de Cetros infinita ſoma
O leue vento, inchada vem bebendo,
Hũ olho ſó qual Polophemo tinha
De cabos de pauões cuberta vinha.

Eſta chegando a Baſtião que dorme,
(Por que a ſeus conſelhos ſe diſponha)
Começando de abrir a boca inorme,
A voz aleuantou rouca & medonha:
E pera que co zelo ſe conforme
Do moço, que ſem tal ſoſpeita ſonha,
Funda ſobre virtude o falſo intento,
E torres vans lhe fabricou de vento.

De to

todo imperial huã cerrada
roa, antre outras muytas lhe o ferece,
rna fama, vida prelongada,
e tudo afirma ao Rey que lhe obedece;
moço he alilogo abraçada,
porque admite & crẽ quẽ não conhec.
promessas aceita de seu dano,
ue acordado o leuão ao cego engano.

ando logo a infernal Chimera
torioſa, no seu Drago jmmundo,
omando altiuos peitos, braua & fera,
omo lhe manda o Rey do escuro mundo:
cando o Luso enuolto no que espera,
Desejo grãdioso alto & profundo,
las como espera fara tal tardança
Que he erro esperar esta esperança.

CANTO TERCEIRO.

Deseja fazer Sebastião guerra aos infiéis & sobrevem hũa grande peste, depois de mandar descubrir as minas de Manopotapa, & Angola.

ATRAS DE GRA
des bẽs, grãdes m
danças,
Sempre ordena o m
dauel tẽpo auaro
Tempestades crueis
go bonanças,
Reuolução a que não ha reparo:
Desconpõe as mais certas seguranças,
E vende qualquer bem dos seus tão car
Que por hum dia de contentamento,
Nos ordena mil anos de tormento.

Viuião os Portugueſes triumphando
De Reys potentes, com ſuperna gloria,
A fama & nome ſeu perpetuando
De hũa em outra temporal memoria:
Mares, terras, abrindo & ſojuzgando,
Dando materia de não viſta eſtoria:
Seguros de mudanças por ventura
Do tempo que jamais nada aſſegura.

Nacelhe Baſtiam, que o emigo brauo
Domar quer, como o ſanto zelo o inclina,
Ia faz tardança a ſeu deſejo agrauo
Do que no peito traça & determina:
Ve polo mundo (do maldito eſcrauo
De Mafamede) a geral roina,
Não lhe cabe no peito dor tamanha
La conuertida em terribel ſanha.

O ſono perde, & atras do penſamento
Paſſa à Oriental & rica parte,
Onde com tanta gloria eſtende ao vento
Nos Gangeticos campos ſeu eſtandarte:
Fazendo pouco & pouco fundamento
Da fama eſcurecer de Baco, & Marte:
Pondo no Eritreo eſtreito os marcos
Que o forte Alcides pós nos mõtes Briareos.

Não parando aqui só aquelle intento
Que tinha de meter no jugo Luſo
Tudo quanto rodea o orbe lento,
E quanto deſcobrio o vmano vſo:
Que outro mais alto & juſto fundamẽ
(Quiça por Deos no tenro peito infuſo)
Ia o deſuela, em que ſuceda cedo
As piſadas ſeguir de Godofredo.

E com eſte cuidado, em tempo breue
Ordena a conquiſta da aurea ſerra,
Para que a ferro & ouro auante leue
A mais dificultoſa & dura guerra:
Aſsaz de juſta cauſa & razão teue,
Não ſem conſelho grande a eſpada e
Contra o negro Rey da zona ardente,
Senhor de branca prata, & negra gente.

Ali nam paſſa o ſol a ardente meta,
E cria em vez de pedras pedras de ouro
Adora a lua eſta gente preta,
Tem por Deos tambem o Egipcio to
A verdadeira ley la lhe interpreta
(Para coella acharem mor teſouro
Por mandado do Luſo) hum varam ſa
Aquem não fez nenhum martiro eſp

Manda o cruel miniſtro do inferno,
Que foſſe o ſaçerdote degolado,
Fica gozando o ſanto o bem ſuperno
E o negro a eſta conquiſta condenado.
A hum que teue o Indico gouerno,
(Que Franciſco Barreto era chamado)
O catolico moço chamar manda
Para tam dura & aſpera demanda.

A outro que ja andou em roda o mundo
Sofala ja ſogeita, alí encomenda,
Para q̃ do imigo furibundo
Em todo aduerſo caſo lhadefenda,
Encomendalhe mais que la ſegundo
Viſſe crecer a belica contenda,
Que desfazendo eſta, outra edifique
Mais forte, no ilheo, de Moçambique.

Eſte era o que por pai o ceo medeu,
Que de Antonio Pereira tinha o nome,
Onra me he & louuor, o louuor ſeu,
Não conuem q̃ lho de, nem que lho tome,
Larga licença tinha o eſtilo meu,
Não faltão couſas grandes de que aſſome
Glorioſos tropheos, altos feitos,
Mas ſoam mal louuores tão ſoſpeitos,

Outro Vasco Fernandes tambem chama
Que o clima ja pisou da serra de ouro,
Aonde do Carneiro a Libra inflama
Tanto o sol, como da Virgem ao Touro:
Este que interpreta a leue fama
Das cousas do Imperio negro Mouro,
Custumes, leis declara, & ardis de guerra,
E dà informaçam da mais da terra.

Indose logo a embarcar, leuando
Dentro nos peitos a amorosa fragoa,
A que hião saudades assoprando,
Com lagrimas fazendo o fogo de agoa,
Ficando esposas mais, & ir mas chorado,
Tirando con soluços magoa & magoa:
Das tristes almas la que lhe leuauão,
Que mil naofragios ja lhe adeuinhauão.

E com razão, pois todos la acabarão
Sendo dos negros brutos mantimento,
E em lugar de ouro a morte acharam,
Vede em que para o vmano intento:
A seus erdeiros magoas so deixaram,
Que assi tarde se poem em esquecimento.
He tempo emfim que cursa, & desordena
A hum a esperança, a outro a pena.

Manda tambem a descobrir as minas
De Angola, que esperança lhe dão certa
De prata, ouro, de esmeraldas finas,
Menos remota regiam, & incerta:
Ia se desgarram as gentes peregrinas,
Ia vem a porta a tanto dano aberta,
Ia duuidosa & triste aduersidade
Soſpiram peitos de madura idade.

Nouas leys da o moço juntamente,
Em companhias logo os seus adestra,
Armas reparte pola braua gente,
Que ja esgrime a furibunda destra:
De roucas trombas o rumor se sente,
Beligero animal trota, & campestra
Meuda area: tanta voz apupa
Que parecia a gente Catalupa.

Mas quando mais alegre & mais furioso
Traçando andaua de Africa a roina,
De orribel vista, & modo riguroso
Eleto chega perfida, & malina:
Cargada de licor, lado amargoso
Tartareo lago, donde peregrina:
Por onde passa tudo auenenando,
Prados, seáras, aruores secando.

Não como a astuta abelha, que de puras
E oloroſas flores, vay voando,
A doce peſo dando asas ſeguras,
O ar que deixa atras melificando:
Que chea de poſtemas ja maduras
A torpe vltrice, vinha derramando
O fetido veneno, que onde chega
Todo remedio & cura ao viuer nega.

Qual morbido vapor do podre lago,
Ao nacer da luz que o mundo aquenta,
Turbando o leue ar, ſereno & vago,
Dũa nuue ſe tolda enferma & lenta:
Que do mortal & venenoſo trago
A manada lanigera ſedenta,
Deſcuidada correndo a mal tamanho,
A morte bebe ali no verde eſtanho.

Não de outro modo a Portugueſa gente
Leuantada ao nacer da manhã clara,
Tornando ao trabalho conueniente
Aa vida, de que dantes deſcansara:
Diſcorrendo a cidade hum cae doente,
Outro ſupitamente a vida cara
Deixa nos braços do que ali lhe acode,
Que bolirſe tambem logo não pode.

Vão

Vão o vapor no alento recolhendo,
Por resfriar o coração aflito
Que o veneno lhe abrasa, & enfraquecédo
Dão pouco & pouco ali o fraco espríto:
Onde o pouo ja palido, não crendo
O mal que ate então não lhe está dito,
Da morte alheos perdem a doce vida,
Cegueira de pecados conhecida.

Por onde se misturão geralmente,
Que o Rei tambem não quer q̃ se pubrique
Que de corruto ar morria a gente,
Porque deserta a terra & so não fique:
Mas para que cos sãos nenhum doente
De nenhũa maneira comunique,
Ordena que aja casas de saude,
De Cristandade exemplo, & de virtude.

Publica a morte ja, desordenando
Mundanas esperanças, vãos intentos
Com riguroſa mão cruel, cortando
Os fios de compridos fundamentos:
Grandes, pequenos, todos derribando
De falsos gostos & contentamentos:
Ferindo a cadahum cũa postema,
Que a alma da vnião do corpo estrema.

A mui-

A muitos logo ali ſupitamente
Acabando, com duro & aduerſo corte,
E como o ſeu viuer he diferente
Aſsi he nelles diferente a morte:
Onde qual do amigo, & do parente
Se eſpede, qual do pai, qual da conſorte,
E a qual vencendo amor o frio medo,
Adoce eſpoſa abraça (& à morte) ledo.

Onde com doloroſo & triſte pranto,
Com magoas & ſaudoſas deſpedidas,
Nam ſentem os que morrem a morte tão
Quão to aos viuos doe ficar coas vidas:
Porque as eſperanças vão de quanto
Bem tinhão, os que viuem vem perdidas
E os q̃ morrem, de tudo o em q̃ ſe canſão
Na morte (alegre a triſtes) ſo deſcanſão.

O pai a longa barba ali arrepela
Polo amado filho, que amarelo
Ve ja na extrema hora, & ſe eſcabela
A mãi, que em trago tal foge de velo:
Trabalha a eſpoſa ali por conhecela
O eſpoſo, chegando o roſto belo
Ao ſeu, q̃ en roncos triſtes lhe reſponde,
E apos iſto a turba viſta eſconde.

Vireis ali a candida menina,
E tenro moço noduro a cidente,
Quoal cõ palida cor o rostro inclinã,
Quoal a alma tira hũ sospiro ardente:
Quoal cõ trago da morte desatina,
Quoal co a mai se abraça estreitamente,
E quoal morta, perdendo a cor rosada
Nos braços da ama fica descõrada.

Bem como quando a fresca, & suaue rosa
Polo auaro Outono amanhecida
Na desfolhada pranta, da fogosa
Pebea ardente lux emmurchecida:
Que vai perdendo aquela graciosa,
E matutina cor, perdendo a vida,
Hiam assi aquelles inocentes,
Polas culpas dos pais, & dos parentes.

Vireis tambem o rustico membrudo
Que à morte desprezaua, & tinha ẽ pouco,
Com cor terrena, & boca negra, mudo
A alma tirar nũ ronco orrido & rouco:
Como quando se mete o ferro agudo
Na garganta do touro pouco, a pouco
Que com roncos en aluõ olhos vira
E os neruolos pes tremendo estira.

Virase

Virase em fim ate nos animais
Empécer o pestifero veneno,
Mais enterrarem filhos, filhos pais,
E a muitos falta ate lugar terreno:
Onde por ser o medo & espanto mais,
Do ar, que parecia estar sereno,
Mortas cahiam as aues, vindo os frutos
De seus maternos troncos ja corrutos.

Sendo ja neste tempo morta tanta
Gente, que escassamente se contaua,
Fogindo os mais da pena que os espanta,
O que lhe o Rey ate então negaua:
Donde de boca em boca se leuanta
Hũa voz, que coufusa murmuraua
Antre o medroso pouo, a qual dezia
Que a cidade ja se souertia.

E como em tempestade a destroçada
Nao, a hũa banda & outra vai pendendo,
Sem mastos, sem gouerno, atraueſſada,
Pouco & pouco ja de mar se enchendo:
Que dum impetu grande embalançada,
Algum cheo de medo, a voz erguendo,
De la da escotilha diz chorando
Que sem remedio ja se vai alagando:

Hũ

Hús ao mastareo logo subindo,
E castello de popa, outros lançando
Fora o Batel & esquife, indo fugindo
Aos que na fralda atras lhe vão pegando:
Assi a Lusa gente a voz ouuindo,
Que mal tamanho vai adeuinhando,
O pae o filho deixa, o filho o pae,
Aqual de casa mais depressa sae.

Saese a gente medrosa da cidade,
Fogindo cadahum como podia,
Não se respeita ali a tenra idade,
Do que socorro atras a mãe pedia:
Fia a donzela a pura castidade
De qualquer sospeitosa companhia,
Não da lugar o medo ao rico auaro
A sepultar o seu thesouro caro.

Nem lembra já fazenda que acquirida
Co trabalho que teue amiga a sorte
Foi, que onde entreuem perderse a vida,
Não voga amor da filha, ou da consorte:
Cadahum busca com temor guarida,
Mas quem pode fugir da fera morte?
Quem do forçado natural limite?
Quê do que Deos com justa mão permite?

Pois

Pois vendo ja o Rey tamanhos danos,
Tanto estrago, tanta desuentura,
Sobre os seus aflitos Lusitanos,
A quem leuar acrua morte jura:
Ao que entregou a vida, & tenros annos
Por seu Deos, a martirio & sepultura
Tomou por valedor, por que lhe peça
Que de seu Reyno ja se compadeça.

Dizendo, Bastiam em cujo dia
Eu vim ao mundo, nome como o meu,
Que por ser teu, ninguẽ no merecia
Que nam fose coele tambem teu:
Não negues puro santo essa valia
Que tens co alto Deos, pois que nos deu
Os teus membros por nossos valedores,
Para nos perdoar mòres errores.

A code acode ja senhor àquelle
Pouo, que em seus altares te venera,
Porque por tua bondade a culpa delle
Lhe seja perdoada como espera:
Olha como cruel anda sobrelle
Braua, sanginolenta a morte fera,
Poem ja os rogos teus a Deos diante,
Porque deste castigo a mão leuante.

E eu te prometo hũa casa, onde se veja
Sempre a memoria deste beneficio,
Viua, & que em letras de ouro esteja
Escrita no sagrado frontespicio:
E que teu braço mais temido seja,
Botando o meu a pedra no edificio
Primeira, sendo o dia & nome teu
Cadanno festejado não por meu.

Isto dezia o moço em terra posto
Cos giolhos, os olhos leuantando
Ao ceo, que lhe banhauão o triste rosto,
Sospiros dalma às vezes arrancando:
Sendo de tanta força o prosuposto
De se irem suas gentes emendando,
Que enternecendo o santo, faz que peça
A Deos, que de seus erros ja se esqueça.

O qual hũa tormenta em continente
Manda, q̃ o ar corrupto espalha & apura,
Não morre mais nenhum, nem cae doente,
Perca o credito logo a vmana cura:
Que em vão cansa (por mais q̃ busque & in-
O q̃ seguir Galeno lo procura, tẽte)
Em dar remedio a vidas condenadas,
Antes de serem culpas perdoadas.

Foge o morbido podre, & groſſo vento,
Das caſas da cidade perdoada,
Atalhaſe a Plutam o duro intento,
E aos miniſtros a tenção maluada:
A morte ſe deſpede a paſſo lento
De vidas infinitas carregada,
Fica a cidade qual teito arroinado,
Que he de noturnas aues habitado.

Entrão rebanhos de cornudo gado
Pacendo polas praças, como quando
Iunto do Iſtro a ſol ja traſmontado,
Vão por Abril as eruas repaſtando:
Com cujo bafo o ar tão arreceado
Cuida a gente que vem irſe apurando,
Ainda todauia entrando a medo,
O que mais tarda crendo vir mais cedo.

Entrando vem, quaes timidas medroſas
Pombas, que na cauerna ſalitrada,
Onde rulando queixas amoroſas,
Eſtão por curuos cantos derramadas:
Que com temor errando furioſas
Da ſerpente que virão amedrontadas,
Saindo ao leue ar mil voltas dando,
Vão depois hũa & hũa atento entrando.

Assi a Lusa gente entrando vinha
Hus apos outros, antre temor ledos,
Prazer que chega tarde, & vaise asinha,
Inda que seja de passados medos)
Qual ja não acha o que deixado tinha,
Qual pudera contar mal polos dedos
As vidas que lhe leua a crua morte,
Para lhe fazer rica a pobre sorte.

Não achão os filhos paes, tudo mudado
E vẽ, cortãose longas esperanças,
Nẽ se acha tal memoria em algum lẽbrado,
Que julgue por razão vagas eranças:
Todos os trajos erão de orilhado,
Da magoa que passou tristes lembranças,
Tudo sam longas barbas & cabelos,
Olhos vermelhos, rostos amarelos.

Saido tinha o Rei da venenosa
Cidade, de desgosto & temor cheo,
Porque em segurança duuidosa
Indo, cansa o amor, cansa o receo:
Por hũa serra esquiua & pedregosa
O passo moue, de si proprio alheo,
Afeito he o caminho & alcantilado
Não me parece bem ir descuidado.

Trepa o caualo: já tropeça & embica,
Ia pende o moço, mas valor o anima,
Todo perigo que teme atras lhe fica
Do desejo que tem de verse eneima:
Trabalhe, pois assi se verifica
Quanto o prémio do sofrer se estimá,
Queu mostrarei depois quá estreita via
E trabalhosa he a da alegria.



CANTO QVARTO.

Está el Rei em Sintra, apareceihe o engano em figura de tratante, & afirmalhe fazerse armada em França por secreta conjuração. Cre o Rei o auiso, & apercebese de grande frota que se perde.

QVANDO DE furiosa tempestade
E mar irado, ve a morte fera
O triste nauegante,
(aduersidade
Em que nenhum remedio vmano espera:)
Socorrendose à suma piedade,
Promete mastos, gaueas, naos de cera,
Mas passado o perigo turbulento,
Co temor leua a promessa o vento.

Liures estauão ja de tantos danos
(Como passando esquecem facilmente)
Os chorosos & tristes Lusitanos,
Não pondo os olhos mais que no presente
Deixando de vestir funebres panos,
Que pae, esposa, mãe, irmão, parente,
Não lembra mais q̃ em quãto a doce erá
Lhe traz polos cabelos a lembrança.

Parecelhes que foi por acidente
O castigo por culpas permitido,
A vapor grosso, lento, frio, ou quente,
He do vulgo inorante atribuido:
Em tudo obedece a cega gente
A seu interno imigo endurecido,
Que próto em seus descuidos, ja lhe orde
Nouas ocasiões de noua pena.

Mas tornando à estoria começada,
Seguir quero o caminho pedregoso,
Onde de soluçar a voz cansada
Me faz a alegres gentes odioso:
De lastimas & pranto he esta jornadã,
E sò a tristes choro he deleitoso,
Por isso sò a quem o for queria
Leuar neste caminho em companhia.

Bem

Bem vejo que laurada a curiosa
Tea de varias cores, que pudera
Ser muito mais suaue & deleitosa,
A quem com sem danado intento a lera;
Pois cada hum a fruta mais sabrosa
Neste jardim a seu gosto colhera,
Sendolhe a tosca lira mais suaue
Variandose o som triſtonho & graue.

Mas a quem a verdade ha de ir contando,
Sem fartar do desejo a ardente sede,
A seu sabor estoreas ordenando,
Esta licença não selhe concede:
Por onde quem quiser irme escutando
Não estorue o que meu cuidado pede,
Que he mostrar de contino a triste magoa
Que fez estes meus olhos fontes dagoa.

Deixei(se vos bem lembra) o moço ousado
Sobindo pola serra penhascosa,
Onde quanto mòr bem he o esperado,
Tanto a esperança delle he mais sabrosa;
Cansado sobe, muito mais cansado
Da tardança que faz graue & penosa,
Mas quando acima ja chegar presume,
A noua esperança esta resume.

Com tudo auante vai, cansa & porfia,
Ate chegar ao fim do monte erguido,
Que a regiam das nuues estendia,
No mundo pola fama conhecido:
O Olimpo Tessalico excedia.
Onde dos ventos he claro & sabido,
Que no templo de Iupiter mostrauão
Que a tão alto lugar nunca chegauão.

Deulhe seu proprio nome a bela filha
De Latona, por ser ja sua morada,
Ve bem no cume hũa marauilha,
Que não cuido que fosse igual contada:
Sò cem passos de terra o moço trilha
Emcima, que não fosse alcantilada:
Os quaes ocupa hum templo, que se inuoc
A senhora da Pena, ou da alta Roca.

Aqui vio claras fontes Cristalinas,
Que em duras pedras tinhão o nacimento,
Edificadas altas officinas,
Dum consagrado & pudico couuento:
Hum peregrino alli de peregrinas
Pedras, com jamais visto entendimento
Hum retabolo fez, que parecia
De rica & sutil Macenaria.

De Pario alabastro marchetaua
O Corintio Porfido, enxerindo
O Iaspe em Luso marmore, que estaua
Suspenso o Rei, pintarse presumindo:
Brutescos & cordões dependuraua,
(Tudo de pedra) que se estarà rindo
Quem não vio esta obra desusada,
De muitos que a virão celebrada.

Não so no altar santo se embebia
O moço Rei, que està rapto & enleuado,
Ouuindo tão suaue melodia,
Que lhe parece estar beatificado:
Mas como para o mundo emfim pendia,
Saese do templo a ver o mar inchado,
Descobrindo dali do Olimpio monte
Do meo orbe terreno o orizonte.

Tendo sempre presente na memoria
O que lhe o seu esforço prometia,
Dos seus passados a superna gloria,
Que nelle o tempo assi escurecia:
A prelongada empresa, & obrigatoria
A quem a lei de Christo pretendia
Estender ate o vltimo terreno,
Contra a força do Barbaro Agareno.

Magoa com que ao mar o rosto vira
Por lhe não renouar tristes lembranças,
E caminhando assi triste sospira
(Efeito de compridas esperanças)
Do monte dece emfim, onde subira
A ver o que he sogeito de mudanças,
E fonte de perigos não cuidados,
So para cobiçosos ordenados.

Vè quê as nuues abaixo errando andauão
Cobrindo os vales que altas serras fendem
Dece ate que por cima lhe ficauão,
Que em fria sombra polo ar se estendem:
Bosques de fertis prantas se mostrauão,
De cujos ramos varios frutos pendem,
Hũas & outras sempre florecendo
Como que sempre fosse amanhecendo.

Ouuindo as rotas limphas, que caindo
Por antre lisas pedras murmurando,
Parece certo ali que vem sentindo
O que no peito o moço està traçando:
Onde Flora de Zefiro fogindo,
As esquecidas folhas meneando
Do busque, bem parece que dezia
Porque tão cruamente lhe fugia.

Sendo Netar & Ambrosia ali o rocio
Que em matutinas flores lento & graue,
Caindo la do ceo coalhado & frio,
Da astuta abelha era manjar suaue:
Debaixo de hum castanho alto & sombrio,
Se assenta Luso, porque mais o agraue
Seu mal, ouuindo ao som de claras agoas
Passarinhos cantarem tenras magoas.

Ali pois diuertindo o vagamundo
Pensamento, mil cousas considera
Por aplacar o peito furibundo,
Que com nenhum repouso se modera:
Ali ve que o que foi senhor mundo
Que mais depois de selo não quisera
Que lograr o repouso desejado
Em doce companhia congregado.

Mas nada o satisfaz, porque faltando
Ao apetite aquilo que deseja,
(O peor muitas vezes desejando)
Nada o quieta emfim por mais que veja:
E assi todo o repouso desprezando
Abraça hũa interna & vã peleja,
Donde turbado & triste se leuanta,
Despois que de confuso se quebranta.

Por antre os liſos troncos corcouados
O paſſo moue, onde eſcritas crecem
Varias tenções de peitos namorados,
Que em perpetua memoria permanecem:
Eſtão do tempo ali dos Reis paſſados,
Que os corteſãos dagora ja aborrecem,
A pureza de amor, porque chorando
Não andem as pobres aruores riſcando.

Sintra ſe chama eſta deleitoſa
Parte, onde repouſo o moço engeita,
Vai penſatiuo achar hũa cauernoſa
Pedra, de largo ventre, & porta eſtreita,
Ouſado entra na gruta temeroſa,
E hũa lamina dentro eſcrita eſpreita,
Toda Arabios verſos a ocupauam,
Que grandes couſas lhe pronoſticauam.

Sae o Rey muito mais triſte, & turbado
Do concauo penedo, imaginando
No nouo caſo, onde deſcuidado
Em varios deſconcertos vai cuidando:
Oo como me leuara aluoraçado,
(Se a cauſa fora amor) atras chorando,
Pois claras fontes, verdes aruoredos,
Não puderão fazer ſeus olhos ledos.

Descobre a breues passos altos teitos,
Por antre a espessa & verde rama,
Dalgũa mais que vmana industria feitos,
Quaes não cãtou moderna ou antiga fama:
Não consumindo outros tão perfeitos
O longo tempo, ou Dardania chama,
Igualmente o louuor se ali reparte,
Não excedendo a materia à arte.

Entra subindo por torcida escada
De marmores luzentes jaspeado,
A varios corredores, de estremada
Vista, & parapeitos releuados:
Ouuem a voz vmana retumbada
Os passaros noturnos & espantados,
Fogindo vão da luz, & teitos ricos,
A dar nas mãos dos enemigos bicos.

Entrando logo na marauilhosa
Casa dos brancos Cisnes, que guardando
O custume na morte tenebrosa,
Parece certo ali que estão cantando.
Auante passa, onde hũa dolorosa
Nimpha mostraua estarselhe queixando
Da agoa que por cima lhe corria,
Que nũa curua concha ali cahia.

Dũa banda do ſolio coarteado
Saindo de clara agoa hũa eſpadana,
Que mais de duas lanças leuantado
Parece que repugna à induſtria vmana:
Da outra parte hum teito eſtà dourado,
Que os quatro ventos tem, por onde mai
Freſco rocio, & às vezes ſe eſprementa
De brauo inuerno ali braua tormenta.

Logo a Galè auante à viſta eſpanta,
De tarjas chea, onde eſtà pintado
O monſtro da ſeptiuoca garganta,
E Cerbero Trifauce encarniçado:
Ipomanes, que atras vai de Atlanta,
Cefalo, que madruga namorado,
Boſques, batalhas, & ſeluajes feras,
Sulfureas grutas, orridas Chimeras.

A camara das Pegas, antre aquelles
Apoſentos eſtaua, & outros que calo,
Cujo lauor o grande Praxiteles
Nem Calicrates, mal podem igualalo:
Pois Parracio, Protogenes, & Apeles,
Timante, com os mais em que não falo,
Se ficárão ſuſpenſos na pintura,
Pareceiros acharião na Aſcultura.

Emfi

Em fim (por dar remate) o moço entrado
Pola casa dos Ceruos, estendia
A vista, em varias cousas aocupando,
Que ali de seu cuidado o sospendia:
O espirito brauo leuantando,
Vendo que hum forte escudo ali pendia
De cada hum dos Ceruos, que mostraua
Leuar gloria no peso que leuaua.

Os escudos, brasoes sam do esforçado
Brauo Luso, & de trophees antigos,
Onde se ve o que he por sangue onrado,
E o que deue a onra a graues perigos:
De Reis, Duques, o sangue derramado,
Decapitães (flagelo de enemigos)
E o da que morta, Pedro lhe procura
Melhor que Mausçola sepultura.

Os Loronhas, os Essas, Alencastros,
Meneses, Melos, Sousas, Manoeis,
Coutinhos, Telos, Telez, Faros, Castros,
Syluas & Aragões tambem vereis:
Almeidas, & Mendoças, & outros Castros
Castelosbrancos, & outros que sabeis,
Que aqui não he rezão que vos nomee
Porque com tanto nome os não enlee.

Tambem

Tambem alí dos inclitos Pereiras
As cruzes tam temidas ſe moſtrauão,
Barretos, Attaides, & Silueiras,
Tauoras, & Saldanhas tambem eſtauam;
Caſtelos, ſerpes, barras, & bandeiras,
Nos pendentes eſcudos ſe pintauam,
Memorias dos tropheos que ganharão,
Os que de ſi memoria alta deixarão.

Os Gamas, & Alburquerques animoſos,
Que com razão aqui no alto pindurão
Do teito ſeus braſões, mais glorioſos
Que os dos q̃ ſuperalos não procurão:
Os Cunhas, & outros muitos valeroſos,
Que a vida por ganhar fama auenturão,
As diuiſas aqui tem pinduradas
Das couſas que fizerão ſinalas.

Pois alí o cuidado variando
O Rei, em nouas ſombras diuertido,
Hum paſſageiro ve, que atraueſſando
A freſca ſerra, finge ir afligido:
Tratante lhe parece, o qual moſtrando
Andar buſcando o Rei inaduertido,
De inorancia veſtio breue pregunta,
E a cortés mouimento induſtria junta.

Elle

Chegase à companhia afadigado,
Mas logo dà a entender que alcança
Ser Bastião aquelle, que apartado
Mostra suspensa & graue segurança:
Com baxa inclinação desbarretado
Lhe diz: Senhor á grande confiança
De teu sincero peito, te assegura
De quem te busca a morte por ventura.

Ouue a treição senhor, & a grande frota
Que nos Galicos portos se prepara,
Armada de furor, gente remota
Traz a te conquistar cobiça auara.
Turbase o Rei, & aduertido nota
Tamanho auiso em que intento para,
Prosegue o tratante, & dos concertos
Dos conjurados, dà indicios certos.

Isto dito, se parte diligente,
Executando seu maluado intento,
Turbada tinhà ja a Francesa gente,
Caminhà agora para o Reino lento:
Outra figura forma diferente
Da que trouxe do Reino do tormento,
Agora toma a propria de Protheo,
Velho enrugado, ja barbudo & feo.

De lontras se vestio, como conuinha
A marinho pastor, hum çurrão leua
De lixa, goarnição de aljofar tinha,
Cajado de coral que lhe releua:
E assi por baxo la do mar caminha,
Que tanto a baxa terra sobreleua,
Triste se mostra, porque o graue aspeito
Represente melhor a dor do peito.

O mar lhe esconde o mar, que còrre tanto
Dos olhos, mas no gesto se mostraua
A dor que delles tira o oculto pranto,
Que polas agoas ja se meisturaua:
Os peixes moue a magoa, & enche despá
Quando lhes por Neptuno preguntaua
Que mudos não respondem: assi seguind
O caminho que vai pola agua abrindo.

Em pouco tempo vendo hũa deleitosa
Montanha, chea de asperos penedos,
Nos quaes a natureza artificiosa
Cria tambem espessos aruoredos:
Não moue a agoa não a pranta aquosa,
São do profundo mar altos segredos,
Mas dos que pescam q̃ estes ramos pren
A ver grandes boscages la comprendem.

Camin

Caminha,& de Coral hũa eſpeſſura
Ve logo,& doutra pranta que parece
Ter de lagoſta a caſca creſpa & dura,
Que às vezes com tormentas aparece:
Eſta depois de idade ja madura
Quando o pao tranſparente lhe apodrece,
No tronco do pè cria Ambar cheiroſo,
Que nacer da Balea he fabuloſo.

E como antigua anzinha carcomida
Cria o tortulho, aſsi em parda eſcuma
Sae a cheiroſa maſſa,& endurecida
A lança o mar onde ſe achar coſtuma:
Vè outra mata arborea empedernida,
Que porque he ja razão que me reſuma
Não conto por extenſo cada pranta
Da ſerra eruoſa,a quem ſe della eſpanta.

São la as pedras creſpas & eſponjoſas
Como agreſte fauo,& de mil cores
(A maneira de orgãos cauernoſas)
Douradas conchas crião em vez de flores:
Por eſtes vales vão Nimphas fermoſas,
Por darem a doce amor ricos penhores,
Colhendo finas perolas, cantando
Às duras Pyncteres mariſcando.

Em viciſas azues vão recolhendo
Meudo & groſſo aljofar,(rico fruto)
Dos Tritões motejando, diſcorrendo
Aſsi o boſque aquoſo nunca enxuto:
Veſe tambem ali o monſtro orrendo,
O Drago,a Seluagē,a Serpe,o Bruto,
Que a natureza la de varia forma
Os animais da terra tambem forma.

Prados não faltão la nas pedras duras,
De argaço,& perrexil apetitoſo,
E doutras muitas vmidas verduras,
Mantimento maritimo ſabroſo:
La neſſas rochas concauas & eſcuras,
Onde a eſponia, o leuodo, & poroſo
Corpo conſerua do vmor ſalgado,
O mariſco Lunar ſe ve pegado.

Veſe qual eſquadrão de Franca gente
Eſtar deſpinhos o ouriço armado,
E o cangrejo tirar co curuo dente
Da roxa concha o peixe deſcuidado:
Hum ſeixo lança dentro,como ſente
Que ſe abre,do perigo acautelado:
Veſe a Lagoſta,& a Centoſa fea,
Que eſmoem(como Ema ferro)groſſa ar

Pel

Polos arboreos troncos vão trepando
Os corcouados buzios vagarosos,
A casa lisa ou crespa acarretando,
Onde mil vezes morrem de medrosos:
Estão os mudos peixes espreitando
Como passa Protheo, temerosos
Dentro de rotas conchas, & furados
Cascos (de varios bichos) ja quebrados.

Vai vendo o velho grandes marauilhas,
Ve o padre Oceano, ve Nereo,
Hum de filhos cercado, outro de filhas:
E mais acima o Rei do mar no meo:
De perolas ornado, de manilhas
De coral (a seu modo) todo cheo,
Metido dentro està nũa vieira
Que não tem forma não para cadeira.

Madreperola he o rico teito,
Tres voltas faz o rabo em que se assenta,
De escamas verdes tem armado o peito,
Barbas de salmonete, & vista isenta:
Entra Protheo onde o Real conspeito
Mui grande Majestade representa,
E as orelhas ve do Rei do pego
Que representã o asas de morcego.

Nas mãos que sam compridas berbetanas
Toma com longos braços o Tridente,
Vé de Protheo ja as roupas serranas,
E enganado o meneo reuerente:
O velho brada ô glorias soberanas
(Prostrado em terra) da marinha gente,
Que foi de vos? ô Rei não sou Proteo,
Mas hum sogeito so de angustias cheo.

Ati venho senhor por auisarte
Do Lusitano Rei fero orgulhoso,
Que determina ca de conquistarte,
Por se vingar do cabo tormentoso:
Tu es senhor de Eolo, elle de Marte,
De porte o jugo viuo temeroso:
O'ha ô soberano Rei das agoas
Não te segurem confianças magoas.

Isto dizendo, crespo & arriçado
Torce Neptuno o escamoso colo,
E cum orribel & soberbo brado
Batendo co Tridente, acorda Eolo:
Está o Rei dos ventos sepultado
(Que faz tremer hum Polo & outro Polo
La dentro na montanha cauernosa,
Se a fama não he nisto mentirosa.

A parte

A parte acrea (no lugar profundo)
Do aquoso & terreste he resumida
E sae por oyro grutas ca ao mundo,
Por nòs em oito ventos repartida:
Os quaes se deuem la mouer, segundo
Crece do Elemento, diuidida
A leua parte, ja liquida & pura,
Reconcentrada a Solar quentura.

Eolo aqui dizem que se encerra,
E que Hypotades la ministra os ventos,
Teme Neptuno a futura guerra,
Tem para defensam dous Elementos:
No fundo se apercebe, & ca na terra
Crendo o Luso auisos fraudulentos
De quem tão falsamente lhos segura,
Prender so por sospeita algũs procura.

Curuas & fortes naos logo ordenando,
Com que possa vencer todo vniuerso.
A braua frota o temor trocando,
E o dessenho ao Luso o tempo aduerso:
Mil vitorias o vulgo ja cantando,
Quaes se não lerão nũca em prosa ou verso
Sendo Duarte filho da estremada
Iffante Isabel, géral da armada.

Fidalgos dos illustres & esforçados
Erão os capitães da mais da frota,
Os soldados, mancebos nãmorados,
Qual de escopeta, & qual de lança & cota:
Telas, brocados, sedas, recamados,
Vestidos da feição da mais remota
Gente, da mais braua, & mais pujante,
Leuauão todos, a qual mais galante.

Mas fortuna, que os altos prosupostos,
Ditosas vidas, prosperos estados,
Sabrosos bens emfim, supremos gostos,
Corta & destrue, com dar males dobrados
E fundamentos vãos & descompostos,
Faz que sejão mil vezes acertados:
O fio lhe cortou das esperanças,
Com suas desiguaes certas mudanças.

Que de pesadas ancoras tenaces,
Do Tejo estando o aureo fundo cheo,
E se tingindo as Francesas faces
De roxa ira, & palido receo:
Pronosticauão em pranto aues voraces
Com hum & outro circulo & rodeo,
A futura tormenta que viria,
Que a Lusa armada ali destruiria.

Vendose ja de brancas nuues chea
A Esphera celeste, que parece
De varia maré ondada area,
Ou peito de Falcão quando enuelhece:
Bradando pola praya sò passea
A negra gralha, o galo se entristece.
Vemse as adens dançar nos lagos frios,
E polo ar voarem brancos fios.

Vamse os aereos grous letras pintando
Dos baxos vales contra o Oriente,
E polos lagos anda então chorando
A triste andorinha o mal que sente:
Da lodosa palude adeuinhando
A rãa cantante a furia do Tridente
De Neptuno, & o mar rouco gemendo
As ondas nas ribeiras vai rompendo.

Niso & Cilla crespos assouião
E as mais aues maritimas, na terra
Do arado reuolta, ali porfião
Sobolo bicho que se desenterra:
As Alcioneas aues ja se ouuião,
Que receando a futura guerra,
Sobre penedos la co triste opico
Passando estauão as penas polo bico.

Turbaſe a fria eſtrela de Saturno
E a Cilenea luz fogoſa gira,
E atras das coſtas ja do veo noturno
Iupiter rayos tremolando atira:
Promete a Lúa ali vento diurno
Cos turbos cornos, que purpureos vira,
Não eſtão as eſtrellas cintilantes,
Mas mil cometas vão caindo errantes.

Nace embuçado o ſol, & a freſca aurora
Palida apareceo, de cor da morte,
Parece emfim que a Luſa armada chora
A paſſar mar aſsi ninguem me exorte.
Oo deſeſtrada frota, (ô infelix ora)
Como alhea eſtàs da aduerſa ſorte
Que ſe te aparelha, ô abre o ouuido
E ouuirás dos boſques ja o ruido.

Das cauernoſas portas ſalitradas
Todos os ventos vinhão ja ſoprando,
Hyporades as tem deſemparadas,
Obedecendo ao ſupremo mando:
As ondas galopando ja enojadas
Vem polo Tejo pouco & pouco entrando,
E o pardo ceo turbado parecia
Qual terſo ferro quando ſe embacia.

Ia tricoloreo circulo rodea
A luz Febea, que o reflexo imprime
Delle na oposta nuue escura & fea,
Sinal de pacto doutro aquoso crime:
Por Iris dos antigos se nomea,
Não se vé cousa que o temor anime,
Correm os rumos ja contrarios ventos
Como que se fundem os Elementos.

Ia vem chegando a aspera procela,
(O mundo ruinando) à forte armada,
Que pronta para dar ao vento a vela
Lá junto de Belem está ancorada:
Dando à tempestuosa furia nella,
Polos Pilotos tarde adeuinhada:
Que vendo tal furor bradando apitão,
E dũa & outra parte alerta gritão.

Podendo mal à supita ruina
Valer, grossas amarras reformando,
Que a furia da tormenta os desatina,
Mastos, antenas, lemes lhe quebrando:
Onde hũa & outra onda repentina
Os curuos lenhos ja embalançando,
Faz com q̃ hũs com outros se encontrauão,
E de improuiso ali se espedaçauão.

Estão

Estão hús ja a outros persuadindo
A breue confissam, & leuantando
Ao ceo os olhos, gritão a Deos, pedindo
Perdão, o rosto em lagrimas banhando:
Outros polo conues tombão caindo,
Cos bãlanços da nao indo rodando,
Outros no duro pao pondo os giolhos
De gritos enchem o ceo, & dagoa os olhos.

O mar ja então encima reuoluia
(Mostrando as entranhas cauernosas)
A grossa area, & o ceo em fogo ardia,
Onde subião as ondas impetuosas:
E o dia (se se pode chamar dia,
Tempo que passa em oras tenebrosas)
Por ellas numerandoas se conhece,
Tanto a luz do dia se escurece.

Os rãmos (bem pegados no profundo
Nos asperrimos penedos) de coral,
Que fossem arrancados la do fundo,
Polos ventos crueis, cuidarão mal:
E as aues do argaço, & ostrinho imundo,
Não cuidarão que o mar tão liberal
Fosse, que la às nuues lho mandasse,
Nem q̃ o que cria o mar ao ceo chegasse.

Ber

Bem cuido eu que a timida Oritia,
Do furioso Boreas pouco ouuida,
Medrosa & arrufada se escondia
Onde não tinha por segura a vida:
E que a Noto gostos prometia
Galatea, dalgum tronco escondida,
Porque a furia abrandasse, pois certeza
De desamor mais clara, he aspereza.

Ia Filis, Amarilida, & Nerea,
Não cuido que terião o rosto enxuto,
Que a qual dellas de mais agrauos chea,
De seus rogos chorauão o pouco fruto:
Mas furia, que a taes rogos não se enfrea,
E intento a taes magoas resoluto,
Não deuia de ser senão de gente
Que vento era, & vento o mal que sente.

Aqui quebraua ja a furia temerosa
Do mar, amarras, onde as naos se enfreão,
Quoaes tubarões caindo na enganosa
Arte, que em grossas cordas se meneão:
Outras vão dar em prayas pedregosas,
Outras ali sem ordem se rodeão,
Ao aluedrio dos furiosos ventos,
Que cada vez soprauão mais violentos.

Outras

Outras de algum encontro a curua quilh
Rota, ao brauo mar caminho abrindo,
Escondem nelle a vltima escotilia,
Indose assi a tombos somergindo:
Outras cheas de mar pola caulha
Que se foi da cauerna despedindo,
Por não auer nenhũa ali que fique
Sem castigo, se vão ao fundo a piq'ie.

Os mares cheos ja então andando
Dos que nos fortes braços se confião,
O remedio das taboas desprezando,
De que tarde depois se arrependião:
A muitos junto a terra leuantando
As ondas em seu rolo, onde se vião
Espedaçar nas pedras canernosas,
Quando esperanças lhe erão mentirosas

Emfim que deste modo destruida
Foi toda a armada, algũs chorando a sort
Que pera os mais cantar lheguarda a vi
Para ver de quem amão a triste morte:
Começando a tormenta embrauecida
A aplacar o furor medonho & forte
Por rogos dos que a Deos por elles orão,
Apresentando as lagrimas que chorão.

De fora Bastião à vista estaua,
Que a fazer embarcar a gente fora,
Onde o que lhe o desejo afiguraua
Com vãs promessas, ao reues chora:
Dali a muitas cousas ordem daua
Que se lhe offerecião cada ora,
Mas vendo a asmada rota & destruida
Não quis o pranto ouuir de tanta vida.

Que ao longo da ribeira sanguinosa
Do enojado Tejo, em pranto andaua
Ia a triste mãe, irmã, amiga, ou esposa,
Quem por marido ou filho preguntaua,
Quem co a esperança duuidosa
Saber o desengano não ousaua,
Quem hũa & outra magoa vai dizendo
Cadaueros despojos reuoluendo.

Onde antre roncos tristes, & gemidos
Saem de dentro dos peitos magoados
Sospiros, com tal magoa despedidos,
Que bem mostrão o donde sam causados:
Antre elles juntamente referidos
Contentamentos, gostos ja passados,
Promessas, & esperanças enganosas,
Que sempre emfim sam vãs & mentirosas.

Muitos

Muitos daquelle perigo tormentoſo
Eſcaparão nas taboas que quebrauão,
E em remedio àli rão duuidoſo
Orando a Deos, os mais remedio achàu
Outros não prouão o trance riguroſo,
Que neſte tempo ainda em terra eſtauão
Eſcapa emfim Duarte, & os esforçados
Mancebos, que não forão acelerados.

Mas elRey (como digo) não querendo
Ver tanta magoa & dor na gente ſua,
Ao amor que lhe tem correſpondendo,
Não leua a alma de triſteza nua:
E o meo (com tamanho eſtrago) vendo
Roto, da deſejada guerra crua:
Perdendo a eſperança ao que deſeja,
Mal o pode alegrar nada que veja.

Aſsi ſe foi dali meter nãquelle
Lugar, que de Almeirim era chamado,
Porque conſigo ſò la ſe querele,
Sem auer quem lhe eſtorue ſeu cuidado:
Onde pungentes pinhos de Cybele
São as prantas do nunca cultiuado
Terreno, a cuja ſombra ſe ſentaua,
Porque alegria ali jamais entraua.

Tam

Tambem de mirtos(pranta Cyterea)
E de louros(em quem foi transformada
Aquella,a quem seguio na branca area
Apolo)estaua a terra pouoada:
Emfim daruores tristes toda chea,
Terra so pera choro aparelhada
He esta, onde o sol mais reuerbera,
Quando em Virgo rodea a quarta Esphera.

Aqui tinha tambem de mil maneiras
Caça,o moço Rei,quando a queria,
Veados,Iaualis,Corças ligeiras,
Que pera si somente defendia:
Aqui chorando as nunca verdadeiras
Esperanças(que a leue fantasia
Lhe seguraua,em bēs nunca seguros)
Traçando andaua assi tempos futuros.

Em toda à parte sempre acompanhado
Dum poderoso & alto pensamento,
Com quem viuia sò,sempre apartado
De todo natural contentamento:
Ponderando a quanto està obrigado,
Quem tem algum supremo regimento,
E como sam das gentes mal julgados
Os que escurecem a fama a seus passados.

Andando qual em velhas officinas
O Solitario paſſaro, gaſtaſtadas
Do largo tempo já, de peregrinas
Gentes ſomente a caſo pouoadas:
Que de pendentes friſos & ruinas
Suas queixas ao vento derramadas:
Nos mais triſtes lugares ſempre morá,
Por ſò chorar o mal que ſempre chora.

Chora ali com rezão muito ſobeja,
Ver não crecer a fama aos Luſitanos,
Chora romperſe o fio ao que deſeja,
Chora futuros bẽs, paſſados danos:
Teme chegar a eſtado em que não veja
Meo deſejo pór aos Mauritanos,
Sente não ter lugar com que dilate
A lei de Chriſto, & a ſua disbarate.

Emfim tudo chorava, que o cuſtume
Dũa preſente dor, he que os paſſados
Deſgoſtos, todos juntos vos reſume,
Porque os males vos ſejão aſsi dobrados
Que o tempo magoas ſò nunca conſum
E bẽs ſam logo delle ſepultados,
Mas em quanto elle chora a rota armad
Bom ſera deſcanſár a voz canſada.

CANTO QVINTO.

ae el Rei de Almeirim, & entra no boſ-
ue da triſteza, onde ao pè dum ſombrio
inho adormecẽdo ſonha: & determinaſe
paſſar a Barbaria, para ir começando
fazer aos infieis guerra.



AS mòres couſas ſem-
pre eſquecimento,
E do q̃ ha deſquecer gran
des lembranças,
Em fraco ſogeito firme
fundamento,
m curta vida longas eſperanças:
o errado caminho, ó cego intento,
o vãs, & duuidoſas ſeguranças,
pos que enganos vas vida canſada,
pistão depreſſa es deſenganada?

Olhai a belicosa & forte armada,
De que ao mundo a barba ja tremia,
Em quam breue momento destroçada
O mar em si a tragaua & consumia:
Olhai quam cedo foi desenganada
Do que lhe a esperança prometia,
Vede do bom Duarte o fundamento
E como larga à esperança ao vento.

Foge da corte chea de mudanças,
Estorua a occasião a seu tormento,
A parte põe terrenas esperanças,
Celeste faz & alto fundamento:
A doce vida dà doces lembranças,
Caminha entanto a passo enfermo &
A morte que lhe atalha endurecida
Co a comprida magoa a curta vida.

Emfim todo o viuer esta faz breue;
E tudo o tempo põe em esquecimento
Do curso natural ligeiro & leue,
O mais cõmum & certo mouimento:
He tributo que a vida à morte deue,
He vida sonho, sombra, leue vento,
E o omem sogeito so de pranto,
Que nos pode fazer confuso espãto.

Derriba sempre do mais alto trono
O mundo aos que engana,& sobe nelle,
Comunmente seu bes sam bẽs seu dono,
Pois tira deste,para por naquelle:
Hũs o nome põe em eterno sono,
E o doutros claro faz na tromba impele
Da Fama leue,como o tempo auaro
No Lusitano Reino mostrou claro.

Que estando na mayor felicidade
Que imaginar podia,descuidado
De tanta desuentura & variedade,
Tudo o que espera ve roto & trocado:
Vem hũa peste,vem hũa tempestade,
Com que o Luso poder he destroçado:
Bastando so hum sopro descomposto
Para atalhar tamanho prosuposto.

Eis aqui em que pára o vmano intento,
Vedes a Lusitana armada rota,
O vento assi destrue glorias de vento,
Quem tal cuidara da soberba frota?
Cercado está o Rei de sentimento,
O caso aduerso pensatiuo nota,
Aonde o deixei de angustias cheo,
Não vendo ao zelo seu propicio meo.

Cuidado com ſae da egreſte vila
A hum pinhal dali pouco apartado,
Onde lembranças triſtes recopila
Quando o aflige o coração canſado:
Dando lugar a lagrimas que eſtila
Num lugar de prazer deſemparado,
Apartado dos ſeus,& do caminho,
Sentado ao pé dum groſſo pinho.

Toldaſe ali o ceo de rama eſcura,
E eſtà de rua meuda o chão tecido,
Dantre a pungente folha ſe pendura
O enconchado fruto endurecido:
Eſtila negro pez a caſca dura,
Ve ſe do bufo ali entretecido
Eſpeſſo ninho,& a cruja eſtar bradando
Por quem a vão os outros depenando.

No domicilio(concauo madeiro)
A Niticora rula a luz que teme,
O animal cartiligo ligeiro,
Por negras ſombras co as aſas treme:
Parece o boſque ronco verdadeiro,
No como ali de eſpaço em eſpaço geme,
Eſtà enuolto o moço em ſeu cuidado
De ver a luz turbada perturbado.

Não

Não acha duro o solio pedregoso,
Sendolhe espinhos o dourado leito,
Dum em outro discurso duuidoso
Traça vitorias vãs no vão conceito:
Equal a não no impetu furioso
Do rolo inchado, vira o curuo peito
Pendendo aqui & alia varios ventos,
Assi o trazem os altos pensamentos.

A tombos vai mil cousas reuoluendo,
Vãolhe fugindo cousas desejadas,
Cansa o juizo claro, defendendo
Seguir veredas sem discurso erradas:
Pouco & pouco assi adormecendo,
Depois de fantasias baralhadas,
Podendo tanto o laço sonorento
Que as rẽdeas tomou ao entendimento.

Não lhe tendo Morfeo bem ligados
Os membros ja perplexos, & esquecidos,
Quãdo em prosupostos vãos & errados,
Sem sentido lho dão falsos sentidos:
Andando os pensamentos ocupados
Em varios desconcertos diuertidos,
E o vital desenfreado spirito
Atras de sombras vãs cansado & aflito.

Sonha que todo o bosque ve ocupado
De gente armada de soberbo aspeito,
Onde de orgulho o coração turbado
Lhe bate no aflito & tenro peito:
Vé logo Athlas de cortiça armado,
A quem a turba mostra ter respeito:
Que parece que cumbo hum pouco vinh
Do grauissimo peso que sostinha.

De seco esparto erão seus cabelos,
Dos lagrimâis correndo ali lhe vinha
Salitre: dentes longos & amarelos,
Mostrando as portas dos que ja não tinha
Da cinta pendem dous largos cutelos:
Aas costas traz por maça hũa grossa ãzinha
Çapatos (que não cose rijo linho)
Enformados no pé, de porco espinho.

Abrese logo hum tronco polo meo,
Sae de dentro hũa ninfa alomeando
A sombra escura, como quando veo
O belo Adonis, a aruore rasgando:
Ornada vem de pastoril arreo,
Fita de cor de lirio atras lhe atando
(Em varios laços) os cabelos de ouro,
De tão rica tenção rico thesouro.

Com

Com Alparcas de seda lirios trilha,
Guarnecidas de fina pedraria,
Brial laurado de ouro a marauilha,
Çurrão darminhos branco que pendia:
Camisa de delgada beatilha,
Que escassamente a carne lhe cubria:
De Aguila odorifera (laurado
Com peregrina estoria) era o cajado.

Dos outros troncos saem logo Amadriadas
Com capelas de Louro & verde Era,
Faretradas tambem, belas Oriadas,
Que a meo rosto a pastora espera:
Faltão Naiades, Napes, mas vem Driadas:
Hũa em tocar de Coridon se esmera
A frauta, outra ali com tenra auena
Não enueja de Titiro a Camena.

Pois deste modo vai com confiança
Contra o monstro feo a Ninfa bela,
Ella lhe dá co a vista, amor co a lança,
Quem a vinha render se rende a ella:
As mãos atras com graue segurança,
(Cum sò cabelo) lhe ata esta donzela,
E por mais que trabalha elle rompelo
Iamais pode quebrar este cabelo.

Aonde dorme o Rei chega a pastora
Co elle preso antre as Ninfas belas,
Qual por florido Abril rosada Aurora,
Ou por Agosto Lúa antre as estrelas:
A seu senhor se inclina esta senhora,
As outras embicaran nas capelas,
E com alegre rosto, onesto & graue,
A doce voz soltou branda & suaue.

Dizendo, Eu sou a tua Lusitania,
Que neste bosque tem o antigo assento,
Duro flagelo da infiel insania,
Casi Princesa ja do Imperio lento:
Temme agrauada a falsa Mauritania,
E vindo ambas ja em rompimento,
Manda este monstro contra mi senhor,
Cuidando poder mais Marte que Amor.

Eu o tenho vencido, & feito escrauo,
Tempo he de tomar dela vingança,
Iusta esperança dà tão justo agrauo,
Mas não quisera longa esta esperança:
Reparo he sempre seu o monstro brauo,
Igualete o valor à confiança,
E não te estoruem pueris receos
Vir pendurar aqui tantos tropheos.

Isto dizendo, pondo força ao alento,
(Pera lhe responder) o Rei, abrindo
A boca, os nós rompeo do sonorento
Trabalho, a voz com impetu saindo:
Achandose ali sò, turbado & lento,
As sombras vãs que via lhe fugindo:
Cuidando ora ser sonho, ora imagina
Que possa ser reuelação diuina.

Onde dali se torna resoluto,
Ia se publica furiosa guerra,
Vai polas bocas o rumor corruto,
Terrenos rostos faz de cor de terra:
Medula o furor no pouo bruto,
Ia cadahum a arma antiga aferra,
E ahum capitão Bastião manda
Que va diante à belica demanda.

Presteza em tudo, animo, & cord u
Com seuera presença lhe encomenda:
Partirse logo o varão procura
Antes que lhe a tardança o gosto ofenda:
Da Lũa o quarteirão tempo segura,
Teme que o mobil curso se arrependa:
Todos ja se apercebem de ginetes,
De espadas, lanças, peitos, capacetes.

Alim-

Alimpão se ali armas ferrugentas,
Que por tropheos forão ja ganhadas
Em batalhas asperrimas, cruentas,
De veros escritores tão cantadas:
Mil maneiras de varias ferramentas
Erão tambem nas naos ali embarcadas,
Exadas, aluiões, serras, machados,
Fouces, leuancas, & marrões pesados.

Borrachas, odres, botas, mantimentos,
Que a corrupção não fossem tão sogeitos
E outros muitos apercebimentos,
Que se procurão para taes efeitos:
Incitando ja então galernos ventos
Propicios, os belicosos peitos
Dos fortes Portuguesses a embarcarse,
Que começão nas naos a congregarse.

Depois de todos prestes, leuantando
Os curuos ferros do arcoso fundo,
Queem altas vozes os Nautas arrancand
Forão de la do intimo profundo:
Os traquetes vão logo desfaldrando
Da armada (que ameaçado estaua o mũdo
Saindo vão do Tejo deleitoso,
Qual arogante, & qual triste & saudoso.

Ma

Mas deixemolos ir polo salgado
Mar, que sereno & tranquilo estaua,
E tornemos ao Rei, que afadigado
Em dar efeto à partida andaua,
Teme, que lhe sera certo estoruado
Dos seus este caminho, se lhe daua
Conta de como parte, & assi dezia,
Que sò ate Tauira chegaria.



Muitos dias depois não se passando,
Que não entregue a vida ao vento leue,
O mar, & vento, tudo desprezando,
Como quem quer que sô fortuna o leue:
Dissimuladamente se embarcando,
Como quieto o Reino todo teue:
Mas partido, por quem mandado fica
Que a jornada publique, se publica.

O que visto dos seus, à todo perigo
Todos vão apos elle: como quando
Desgarra a Mestra abelha, o doce abrigo
A outro tronco concauo mudando:
Indoa seguindo la no oco antigo
Hũas tras outras pouco & pouco entrando,
Que achando ocupado o aposento,
A vida outra vez entregão ao vento.

Assi os Lusos o seu Rei seguindo,
Hús apos outros passam o Herculeo estreit
As agoas dos dous mares diuidindo
Com tão leal, como animoso peito:
Diante delles o caminho abrindo,
(Pera males tão largo, & tão estreito
Pera bẽs) Bastião, que pois nauega,
Torno ao capitão que a Africa chega.

Ia Pola barba daua o mar salgado
Ao Sol, querendo entrar no escuro, Ocaso
E no Rio Leteo, o carregado
Morfeo, enchia o sonorento vaso:
Quando da gauea grita aluoraçado
(Como quem nouas traz de alegre caso)
Hum marinheiro, em alta voz dizendo
Terra, se não me engano ja vou vendo.

Terra, terra dezia se bem vejo,
Inda que comunmente a vista engana,
Mas se me a mi não engana o vão desejo,
A terra he de Tanjar Africana:
Alegrãose os que vem do patrio Tejo,
E deleitosa praya Lusitana,
Todos se leuantando, o alto rochedo
Mostrando hús aos outros ja co dedo.

Vão a cidade & porto desco brindo,
Onde fenece o seu breue desterro,
Vão pouco & pouco o mar tráquilo abrin (do,
Ate chegaré oo Barbaresco cerro:
Vaise de gente a praya ali cobrindo,
Onde vão os feroces lançar ferro,
Disparão bronzeos tiros, tremem vales,
Tocão trombas, tambores, & atabales.

E dando a clara Aurora cor ão mundo,
E nouas aos mortaes do alegre dia,
(Que cadahum passando vai, segundo
Tem trabalhosa ou ditosa a via:)
Começase o estrondo furibundo
Dos caualos, & gente que sahia
Das curuas naos, pisando a branca area,
De varias pègadas toda chea.

Desembarcão caualos, mantimentos,
Pertrechos, munições de toda sorte,
Vãose as gentes a seus alojamentos,
Como a cadahum lhe coube em sorte:
Fazemse alpendres, & repartimentos
Nas ruas, de madeira grossa & forte.
Porque ja na cidade não cabia
A gente que concorre cada dia.

Não

Não cabia nas praças da cidade
A Portugueſa gente, que ſabendo
A partida do Rei, à lealdade
Todos a vida vão oferecendo:
Qual vai de ja madura ou tenra idade,
Qual de enfermo bulirſe não podendo,
Qual traz todos ſeus filhos, não deixan
Algum que vá ſeu nome renouando.

Ia neſte tempo o Rei indo cortando
A branca eſcuma dos furioſos mares,
Cos tremolantes remos, coſteando
Cidades, montes, vilas, & lugares,
Ao porto de Tauira emfim chegando,
Onde nobres varões, & populares
O ſaem a receber alegremente,
Deſembarcando ali a mais da gente.

Daqui a grandes de ſeu rico eſtado,
(E aos mais fidalgos) logo eſcreue,
Que a Africa paſſa, indo confiado
De cadahum ſeguilo como deue:
Mais lhe diz, que aqui tem determinad
Darlhes embarcações, que a Ceita os l
E que tragão (ſe ſam leaes vaſſalos)
A mais gente que poſſam, & mais catual

Dando ordem daqui ao que ficaua
No Reino sem nenhũa, que admirado
A hũa voz confuso se queixaua
Da fortuna, do Rei, do triste estado:
Onde aquelle que comprador achaua
Aquilo de que viue, alluoraçado,
O seruiço do Rei ledo & disposto,
Troca a vida & remedio por seu gosto.

Não lhe sofrendo o peito belicoso
Repouso em parte algũa, que embarcado,
Os ferros faz leuar do pedregoso
Vndo, & as velas dar ao vento irado:
Trauessando vão o tormentoso
Estreito, por Alcides celebrado,
E perdendo de vista vão Tauila,
Fastados do Calpe, junto a Abila.

Os montes claros vendo, & o da Condeſa
Mais perto, & logo o vale deleitoso
Que teue as maçãs douro, onde começa
Lançar ferro o Rei, forte orgulhoso,
Disparando ora hũa, ora outra peça,
De duro Bronzo, cujo tormentoso
Estrondo, faz que a terra toda treme,
Como quando Encelado tomba & geme.

Desembarcando o Rei contente & ledo
Com toda a mais da gente que leuaua,
Podendo a fama ter mal em segredo
O que a esperiencia ja bradaua:
Causando este rumor tamanho medo
Na Africana gente, que deixaua
A mãe com pressa o filho, & tenda amad
Correndo qual Menade enfuriada.

Despois de tempo algũ, que acha cõprid
Partindo para Tanjar, a esperanças
Dos seus dando o termo prometido,
Que tantas vezes descompõe tardanças:
Onde ja resoluto & ofrecido
Aas inumanas Barbarescas lanças,
Dos sete irmãos ousado as eruas pace,
Do que se faz ao imigo roxa a face.

Mas não esteue muito assi potente
Pacifico, que hum Mouro belicoso
Apercebido de infinita gente,
Caminha com engano fraudoloso:
De noite vai marchando mansamente,
De dia se emboscando astucioso,
E assi ao Luso Rei se vem chegando,
A elle & aos seus desafiando.

aelhe o Rei cos poucos que ali tinha,
Porque os muitos não erão inda chegados,
Dú duro arnes de proua armado vinha,
Não dos que fez Vulcaco celebrados:
Ifte todo o pilouro em ſi detinha,
gudas frechas, dardos arrojados,
Não foi na agoa Eſtygia caldeado,
Que era de aço ſo bem temperado.

Num caualo de raça noua & eſtranha,
O qual no curſo excede ao vento leue,
inha, q̃ o pae de Italia, & a mae d'Eſpanha
Como era comum voz da gente) teue:
eprimindolhe ali a fera ſanha,
Dom Luis d'Ataide, como deue,
ois por maior ali foi declarado,
não errar, por lei & onra obrigado,

ſtorua ao moço com razões prudentes
O impetu & furor deſordenado,
ndando repartindo as Luſas gentes
Como quem era ſabio & eſforçado:
ondo os mais animoſos & valentes
No lugar dos couardes receado,
Galopando ja então polos outeiros
lgũs Barbaros, de onra auentureiros.

Dos quaes hum que parece mais ousado,
Arogante, feroz, robusto, & feo,
Diante vinha, todo foteado,
Em ruço potro, de tascante freo:
Que para ser da fama leuantado,
A onra antepondo ao vão receo,
A todo auentureiro desafia:
Que por seu Rei, & lei morrer queria.

A isto hum mancebo valeroso,
Que taes afrontas não dissimulaua,
Não lhe sofrendo o peito belicoso
Mais tardança, o caualo arremessaua:
Que ainda que hum castigo riguroso
Mereça, porque então se desmandaua,
Tambem fama & louuor alto merece,
Pois à morte por ella a vida ofrece.

E leuando o mancebo a lança forte
Debaixo do dereito ombro metida,
Procura antes comprar onra co a morte,
Que com desonra larga & infame vida:
Não lhe sendo escassa & auara a sorte,
(Tantas vezes cruel & fementida)
Que a laça põdo ao Mouro, os pès lhev
Ao ceo, & apos ella a alma lhe tira.

Os

Outro tambem ali,co a ousadia
Que se esperaua delle,a hum fero Mouro
Remete,que sem medo ou couardia,
A elle vem como enojado Touro:
Grece a escaramuça, & a porfia,
Treme o vale que teue as maçãs douro,
Soa o rumor das armas & caualos,
Não manda o Rei por poucos ajudalos.

Porque hum sò feroz & denodado,
A muitos Mouros juntos arremete,
Que de qual por detras he encontrado,
Qual no caualo à aguda lança mete:
Mas elle no seu braço confiado,
A outros muitos brauos acomete,
Fazendo larga praça a aguda espada,
De muitos ja temida & esprimentada.

Anda antre todos,como de raiuosos
Cafeiros,o Podengo rodeado,
Que prouando seu dentes rigurosos,
Cadahum o comete acautelado:
Com tudo pouco podem valerosos,
Sehe de ajuda o valor desemparado,
Fora certo preso, & mal ferido,
E não fora de pressa socorrido.

Manda o Rei em tal preſſa ſocorrelo:
Fogindo vão os Mouros ja de medo,
Vendo que vem algũs a defendelo,
Fica o Gouuea vitorioſo & ledo:
Qual do Luſo valor frio amarelo,
De longe olhando eſtà paſmado & quc
Qual julgaua dos Portugueſes, quanto
Muitos farião, quando hũ ſò fez tanto.

Timidos lobos, la de altos outeiros,
As cabeças atras quedos virando,
Que perſeguidos forão dos monteiros,
De ferrugentas lanças eſcapando:
Não com tanto rigor correm ligeiros,
Que os vão perſeguindo imaginando,
Como eſtes Africanos ſe alongauão,
Quando que os Luſos vão atras cuidau

Recolheſe o Gouuea, & o esforçado
Peranriquez, que o prado vem tingindo
De ſangue, que do colo atraueſſado
Do caualo, bulhando vem ſaindo:
O qual he do Taide ali abraçado,
Onde a ſeus pès o animal caindo
Ia morto, outro mui diferente
Lhe manda dar o capitão potente.

Q

Quem a temeridade ofereceo
Tamanha, nunca a vida & o receo?
Que Romano valor braço eſtendeo
Contra o duro & Toſculano freo?
Que poder celebrado defendeo
O alto monte Galico Tarpeo?
Que poſſa ter lugar mais leuântado,
Que o Luſo braço nunca ja domado?

Eſta ſò briga & recontro teue
Com rebates algũs de pouca conta
Sebaſtião, no tempo que ali eſteue,
Segundo por verdade ſe reconta:
Onde conſiderando ao que ſe atreue
Sem meo de ſair da dura afronta
Ofrecida, a terra conquiſtando,
Em ſe tornar ſe foi determinando.

Sobre o que não falta quem lhe diga
Que acerta, polo muito que auentura,
Vendo a quanto a jornada o obriga,
E quam pouco a victoria eſtà ſegura,
Medindo a infinita gente imiga
Que à defenſam da patria ſe conjura,
Co a pouca que ali conſigo tinha,
E aque vem quam de vágar caminha.

Ve que pera a conquista que pretende
Lhe conuem mais poder & mais dinheiro,
Mais armas, ja seu erro claro entende,
Que a conhecerse vem por derradeiro:
Do em que se tem posto se arrepende,
Mas se isto ponderara bem primeiro,
Não passara por elle tal vergonha,
Nem se doera agora do que sonha.

Traz à memoria o sonho & vão engano
Que tornado lhe foi em sombra & vento
Guarda no peito todo desengano
Que lhe deu algum liure entendimento:
Tornar se quer em fim o Lusitano,
Mas faz primeiro aos seus hum juramento
Solene, de tornar tão furibundo
Que tomar possa Lybia & todo mundo.

E assi não esperando que segura
A passaje do brauo Estreito esteja,
Contrastar quer os mares, & a ventura,
Como quem sempre contra ella peleja:
Não pondo ante os olhos desuentura
Nenhũa, co a colera sobeja,
Indose à embarcar, & se topara
Primeiro algum batel, nelle passara.

Mas

Mas acha hum galeão, que apercebido
Estaua, para a supita partida,
Onde vai com algũs dos seus metido,
Desprezando a fortuna, o mar & a vida:
Atrauessando o golfo embrauecido,
Em que se a nao mil vezes ve perdida:
Seguindo toda a outra companhia,
Como antão cadahum melhor podia.

Quando apertada a mãe chorosa
Consigo tinha o filho estreitamente,
O saudoso esposo, a doce esposa,
No mòr estremo em fim do mal presente:
Corre a fama ligeira, & a duuidosa
Esperança, confia a Lusa gente,
Publicando que o Rei tornado era,
Se basta para o crer quem nãono espera.

Pois assi se tornou o Rei, jurando
A tornada com firme prosuposto,
Que inda que de tornar va duuidando,
Sempre se apega a hũa esperança o gosto:
Armas, pertrechos, munições deixando,
Porque como a tornar està disposto,
Não quer tanto embaraço, & assi tornarão
Nomais que sô as gentes que passarão.

Tornãoſe tambem a noua ouuindo
Logo, os leaes & fortes companheiros,
Por mar & terra ja ſe diuidindo
Duques, Condes, ſenhores, caualeiros:
Vem o Rei co breado peito (abrindo
Os mares, que parecem altos outeiros)
Do Galeão, que pouco as ondas teme,
Por mais que deſordenem o largo leme.

E porque o peſado & tormentoſo
Tempo, co pouco goſto da jornada,
Lhe dobranno cuidado riguroſo,
Hum malſobre outro, couſa coſtumada:
Aliuio de paſſar o trabalhoſo
Cãminho, com algũa deſeſtrada
Eſtoria, buſca, porque lhe reſiſte
A toda a couſa alegre o peito triſte.

E aſsi a hum fidalgo que ali vinha,
Pantalião de Sà ſendo chamado,
Que mil perigos ja paſſados tinha,
Corteſam, gracioſo, & auiſado:
Manda que conte àquela eſtoria aſinha,
Em que ſe achou, do Galeão quebrado
No promontorio orrido Sygeo,
Caſo de admiração, & magoa cheo.

O qu

O quàl depois que com ſuaue auiſo
Mil graças reſpondeo, a voz leuanta,
Improprio parecendo nelle o ſiſo,
Com q̃ todos os q̃ ouuẽ admira & eſpãta:
Prouocandoos a choro mais que a riſo
A magoa, que de magoa ali quebranta
O coração mais duro, & inumano,
Ouuindo tão piedoſo, & nouo dano.

Mas porque deſte peito ja conheço
O mal, que qualquer mal lhe faz alheo,
Não me culpe ninguem porq̃ emmudeço
Pois aſſaz de querelas eſtou cheo:
Baſteme agora ſò o que padeço,
Para obedecer a eſte receo:
Com prometer que conte tudo quanto
O Sà contou ao Rei no outro canto.

CANTO SEISTO.

Vem el Rei de Tanjar, & contalhe Pantalião de Sà a perda de Manoel de Souſa, em que ſe achou vindo da India.



TRISTEZA, abrigo de afligidos,
De ſaudoſas magoas companheira,
De conſumir a coraçoes rendidos
A mais ſuaue, & mais certa maneira:
Em penſamentos vãos & fementidos
Peſada, mas amiga verdadeira,
De todo eſtado em fim liure ſenhora,
A quem Amor por ſeu teſouro adora.

Como

Como de ti apartas todo o meo
De ter lugar num coração cansado
Nenhum contentamento (inda que alheo)
Polo teres melhor senhoreado:
Es hum veneno doce, hum duro freo,
Hum concerto de dor desconcertado,
Fazes que quem te mais foge & resiste,
Não busque mais despois que sò ser triste.

Olhai o Luso Rei, como aborrece
Toda a memoria, & conto de alegria,
Onde bem claramente se conhece
Quanto a tristeza nelle então podia:
Que porque lhe a lembrança reuerdece
(Daquela magoa) la na fantasia
Outra noua tristeza, pronto estaua
Ouuindo o que lhe o Sà principiaua.

O qual a sua estoria começando,
Diz, Saberás senhor que nos partimos
Do porto de Cochim, no tempo quando
Nos dous peixes o sol entrado vimos:
A tres do mesmo mes desamarrando,
Na Era em que quinhentos resumimos
Com cincoenta & cinco mais encima,
Mes de feruido Estio neste clima.

Por noſſo capitão o ſem ventura
Que Manoel de Souſa foi chamado
Vinha, co a molher que ſe auentura
Aa morte, antes que o ver de ſi apartado:
Os filhos traz tambem, de que pendura
A eſperança de ſer perpetuado,
E tudo em fim aſsi deſta maneira
Nas mãos o põe da ſorte carniceira.

Sendo do mes em que o ſol entraua
No Touro roubador da bela Europa
Treze dias paſſados, & deixaua
Meo caminho o Galeão por popa:
Quãdo hũ Nauta, depois que derramauã
A viſta polo mar, tanto que topa
Co ella diuiſiuel, terra brada,
Terra, a terra do cabo deſejada.

Foiſe logo a todos deſcobrindo
O Cabo, tão temido & deſejado,
Em eſperança o medo reſumindo,
Quem depois chora o bem cedo eſperado:
Que eſtaua ja ſeguro preſumindo
O capitão, & niſto confiado,
Co Piloto prudente ali porfia,
Que ver a terra do Natal queria.

Não sendo à vista della, quãdo os ventos
Reprimindo os assopros, deixão liso
O crespo mar, de brauos torbulentos
Mares, & tempestades certo auiso:
Todos juntos depois feros, violentos,
Dando na nao ja velha de improuiso,
Que as velas que trazia rotas tinha,
E cũas remendadas sò caminha.

O que vendo o Piloto, amaina grita,
Amaina, arriba, aqui remedio certo,
E hora de hum & doutro modo apita
Por não causar mor perigo o desconcerto:
Arriba, arriba, que sera desdita
(Dezia) dar na terra, que està perto,
Desse hum & outro velho papafigo,
Por poderem melhor co este perigo.

Sigamos o furor do fero Oeste,
E a seu aluedrio naueguemos,
Pois não temos remedio senão este
Co as velas que vedes que não temos:
Nisto se vira o vento Alesnordeste,
E a Nordeste, os vltimos estremos
Do Orizonte em roda fulminando,
O dia negra noite alomeando.

Vem leuantando brauos & furiosos
Nos nouos mares ja brancas capelas,
Encontrãose hũs com outros impetuosos
Sobe a escuma delles às estrelas:
Combatem inumanos, riguroſos
Os triſtes Nautas cheos de querelas,
Embalançando a nao de tal maneira,
Que a ora vimos todos derradeira.

Corre com tudo a nao, seguindo aquella
Furia, que mais poderosa a conquistaua,
Crecendo sempre a orrida procela,
Com que o mar o furor aceleraua:
Mas vendo que não podem assi rendela
Os ventos, cadahum o ventre inchaua,
Ficando a nao em calma trabalhando,
Cos enojados mares pelejando.

Não se passando largo espaço, quando
Todos juntos ali supitamente
O maior papafigo espedaçando,
Deixão sem vela a desestrada gente:
O Piloto aqui alto bradando,
A morte escura vendo ja presente,
Amaina, amaina, o outro papafigo,
Para remedio do vltimo perigo.

O qu

O qual não era inda bem tomado,
Quando ficou a nao atraueſſada
Ao impetu do mar medonho & irado,
Onde cuidamos foſſe ſoçobrada:
Eis vem hum feo mar encapelado,
E hũa & outra onda acelerada,
Que dando nella, chea dagoa pende,
Onde o temor as lingoas nos ſuſpende.

Apos iſto, o furor embrauecido
Dos feros ventos, ſupito romperão
Todos os aparelhos, conhecido
Fim dos triſtes, que a morte então beberão:
Varios gemidos vão num ſò gemido
Ao ceo, dos que mil laſtimas diſſerão,
Algũs perdão pedindo de giolhos,
No ceo pondo a eſperança apos os olhos.

Acudindo os miniſtros cos machados
Para cortar o maſto que pendia
Cos balanços da nao deſordenados,
Onde vimos que aſsi claro ſe abria:
Em tal perigo ſendo então eſcuſados,
Que ſupito os tirou deſta porfia
O vento, na mor força do receo
O quebrando dum ſopro polo meo.

Onde sem velas, masto, & sem aparelhos
Sem antena, ordenamos nouo emparo,
De podres velas, & de mastos velhos,
Para tormenta tal fraco reparo:
Seruindo mais prestezas que conselhos,
Mas o furor do tempo pouco auaro,
Nos tornou a leuar a podre vela,
Que pudera cum sopro meu rompela.

Eis a nao se atraueſſa, & a gente geme
Em alta voz, que oceo escuro atroa,
Eis hum inchado mar lhe leua o leme,
O garoupes, & masto (outro) da proa:
Vede senhor se com rezão me treme
Inda a voz (do temor, que não perdoa
A nenhum coração por mais ousado
Que seja, & valeroso) em tal estado?

Olhai que tal deuia estar o Sousa,
E que tal a molher & a companhia,
Onde nenhum espera ali outra cousa
Por aliuio, que o fim do que temia:
Vede quem ama como não repousa
Emquanto amor magoa & desconfia,
Que não teme Lianor tanto o perigo
Do mar, quáto não ver seu doce amigo.

letida la debaixo da escotilha
staua, ora temendo, ora esperando,
romper o mar a mal vedada quilha
cada espaço a triste imaginando:
azendo a todos magoa & marauilha,
lo tenro peito os filhos apertando,
ão descansando a bomba em botar fora
s saudosas lagrimas que chora.

odendo pouco co a tempestade
orça de choro, nem de fermosura,
ue cada vez com mais riguridade
mostra contra nos esquiua & dura,
nde a industria da necessidade,
xtrema defensam contra a ventura)
os ensina, da roupa que trouxemos
denando hũa vela que pusemos.

gũs num nouo leme trabalhando
e depois por pequeno não seruio,
tros a amada terra vigiando
e hũ delles pouco & pouco descobrio
ra, depois em alta voz bradando,
mandose o cabo ser que vio,
mado de nosoutros da Esperança,
ser ditoso quem dobralo alcança.

Pondo o capitão logo em conselho
O que fazerse em tal caso deuia,
Respondendo de todos o mais velho,
A quem falar primeiro competia:
Ordenarse de nouo hum aparelho
Era o que âqui melhor me parecia,
Para botar o esquife, em que podemos
Saber melhor a parte em que ancoremos.

O que posto por obra, logo entrarão
No fraco barco ousados marinheiros,
Que depois que o profundo mar soldarão
Se tornarão depressa aos companheiros:
Porem por mais depressa que tornarão
Vem ja serem seus medos verdadeiros,
Porque a nao jachea dagoa vinha,
E por milagre nella se sostinha.

Aondé o capitão pouco seguro
No temor que dos filhos o redea,
Temendo o mal presente, co futuro
(Que muito mòr sera) o remedea,
Tomando por conselho mais maduro
(Vendo ja sem remedio dagoa chea
A destroçada nao) no batel leue
Saluar a quẽ mais ama, & a quẽ mais de

E assi nelle embarcado, os mais deixando
Num pranto jamais visto tão piedoso,
As enojadas ondas foi cortando
Do mar, inda cruel & riguroso:
Da força da crueza o castigando
O rolo leuantado, & impetuoso,
Que o barco fez na area mil pedaços,
Onde remos fizerão algũs dos braços.

Sae Lianor sem cor & sem sentido,
E assentada na area esmorecida,
Mais teme o que teme do marido
Que o que cre de não ver remedio à vida:
Dizendo, ja tomara por partido,
Ficandolhe a palaura ali partida
Polo meo, da dor que na lma sente,
Ate tornar do palido acidente.

A nao ja neste tempo indo chegando
Aberta assi toda, à rocha dura,
Onde o mar inchado a espedaçando
A muitos fez tragar a morte escura:
Algũs a leues taboas se pegando,
(Que bem pode escusar quem tem ventura)
Outros a nado a terra indo saindo,
As vergonhosas partes encobrindo.

Viuos & mortos, todos o furioso
Mar, botando no rolo inchado fora,
Onde hũa os filhos chora, outra o espos
Outro fazenda, irmãos, & amigos chora
Aqui se atea hum pranto lastimoso
Da dor que em cada hum forçado mora,
Vendo a presente triste desuentura,
Cos olhos na certeza da futura.

Aqui nos congregamos algũs dias
Com tranqueiras, das quaes nos rodeam
No fim de varios votos & porfias
Em que neste conselho conformamos:
Onde somente virão as vigias
Noue Cafres, comque nos alegramos,
Cuidando virem ja fazer resgate,
Mas elles vinhão a nosso disbarate.

E porque tomar lingoa não podêmos
Desta Barbara gente, (que so vinha
A saber que maneira de ordem temos,
Para a que em nosso fim traçada tinha:)
Antre nos tres ousados escolhemos,
Que sem temor mouessem o passo afi
A descobrir a terra, porque achassem
Algũs que as cousas della lhe aclarassem.

Os quaes tendo dous dias caminhado
Sem verem mais que ruſticas cabanas,
Com frechas bem fincadas (modo vſado
Na guerra deſtas gentes inumanas:)
Vendo vão o trabalho começado,
E vãs as eſperanças Luſitanas,
Temendo o certo perigo ſe tornarão,
E differentemente caminharão.

Ficando nos mais cheos de temor
Com eſta noua, que de confiança,
Por ſer em tal eſtado inda maior
A dor da falta, que o bem da eſperança,
Conſultando podernos ſer peor
Fazer neſte lugar muita tardança,
Pois nelle não auia mais que meos
De excederennas faltas os receos.

E niſto aſsi confuſos praticando,
Ia de remedio alli deſeſperados,
Vimos qual de eſtorninhos negro vando
Sobre hum outeiro congregados:
Que hũa vaca que trazem rodeando,
Dos noſſos por acenos ſegurados
Decem co ella preſa do alto cerro,
Pola troca que eſperão dalgum ferro.

Vede senhor o vão discurso vmano
Em que poem o valor, o preço, & estima,
Olhai a opinião do mundo, & engano,
Quam longe da rezão cansa & lastima:
Que se tenha por rico & soberano
Hum que acertou a ter do alheo clima
O que nelle se engeita & se despreza,
E que isto seja bem sumo & grandeza!

Oo inquieta gloria, & vão tesouro
A que não dou mais culpa que seu erro,
Pois almas, vidas, hús trocão por ouro,
Outros vemos que trocão ouro por ferro
Mas tornádo os q̃ trazem a vaca ou touro
Tanto que o preço acertão, do outro cerro
Lhe bradão outros cinco que espreitauão
Que os nossos claramente os enganauão.

Onde sem mais tardança se recolhem
Leuando a vaca, & os olhos todos nella
Dos que para melhor remedio escolhem
Antes seruir tal gente, que offendela:
Ficando nos (cos meos que nos tolhem
De ter remedio algum) vendo a cautela
Com que os brutos roubarnos entendião
Como ja neste tempo pretendião.

Malicia

Malicia, que entendida nos esperta
A não fazer ali tardança larga,
Para o perigo maior a porta aberta,
Que sem remedio mal depois se adarga:
Dano que o capitão por cousa certa
Tendo, nem hum momẽto o termo alarga,
De por em parecer o que conuinha,
Cos mais sabios que ali consigo tinha.

Dizendo, Amigos meus, & companheiros,
A quem sobeja esforço & valentia,
Portugueses leaes, & verdadeiros,
Fiel, como segura companhia:
Bem sei que de tão fortes caualeiros,
(Por mais que contra nos dura porfia
A fera sorte) em todo o aduerso estado
Não deuo ser de vos desemparado.

Mas porque a todos sam perigos feos,
E mudão muitas vezes peitos duros,
He bom medir passados arreceos
Cos louuores & bẽs que vem futuros:
Nunca glorioſissimos tropheos
Se alcanção, & claros nomes, nos seguros
Casos, & nunca o bem jamais contenta
A quem primeiro o mal não esprimenta.

Não temais da fortuna a força dura,
Que tudo nela sam varias mudanças,
Quando mais desespera, então segura,
Quando segura, então fruftra esperanças:
Chegando ao mais que pode a desuentu
Então conuem maiores confianças,
Sobindo a tronos de vãgloria cheos,
Então conuem maiores arreceos.

O perigo presente olhai & vede;
E o que nos està aparelhado,
A esperada fome, & ardente sede
Que padecer nos ha de ser forçàdo:
Ponderai bem o danno que procede
De ser este caminho prolongado,
Tudo vede & medi, que eu resoluto
Estou em sò seguir vosso estatuto.

Isto dizendo, logo murmurandò
Todos diuersas cousas arguirão,
Conforme a seus discursos porfiando,
Num parecer os mais se resumindo:
A rouca voz hum delles leuantando,
A quem falar os outros permitirão
Primeiro, que por sabio & por mais ve
Declàra ali o vltimo conselho.

Tirando a voz de là do antigo peito,
Desta maneira ao capitão dizendo,
(Que com seuero & benigno aspeito
O coração na lingoa lhe esta vendo)
Senhor, a quem deuemos ter respeito
Porque o estais em tudo merecendo,
Da parte dos que aqui conuosco estamos
Vos quero declarar o que tratamos.

Tomando as armas com sanguinea guerra
Nos parece escapar a cara vida,
Atrauessando esta deserta terra,
Não tendo dilação nossa partida:
Porque o temor que vemos que se encerra
Nesta canalha, a paz oferecida
Aceitarão, em vendo que marchamos
Senno temor que cuidão que leuamos.

Mas te diz esta gente que te segue
Que porque vejas a vontade sua,
Não auera nenhum que não entregue
Mil vidas, por saluar a vida tua:
E que não temas que nenhum se negue
Em nenhũ perigo ortendo, ou morte dura,
A deuida rezão, á que os obriga
O nome, amor, & a fe que os mais fogiga.

Ma-

Mas que quinhentas almas q̃ aqui eſtam
Repartidas em tres eſquadrões mandes,
Cuja vanguardia ati encarregamos,
E a vagaje ao meſtre Andre Fernandez,
E Pantalião de Sà aos que ficamos
Gouernarà, porque ſeguro andes
O caminho incognito que ves,
Ate chegar ao rio do Marques.

Parece bem ao capitão prudente
O conſelho de todos acertado,
Mandando logo pór em ordem a gente
Da maneira que eſtaua praticado:
E fazendo reſenha ali, ſomente
Achando oito eſpingardas, o eſforçado
Vendo de armas & gente a pouca copia
Que tem, não teme aſsi toda Etiopia.

Aa ſua amada eſpoſa (a quem pretende
Aliuiar todo trabalho eſquiuo)
Hum andor ordenou, que de ombros
De catiuos, de quem ficou catiuo:
E tão menos qualquer dano o ofende
Dos que pode ſofrer hum corpo viuo,
Quanto o temor de velos a ſeu bem
Lhe faz dobrar a dor que nalma tem.

Os filhos pos nos ombros dos escrauos
Que inda a leal ceruiz ledos inclinão
Aa dura seruidão(fonte de agrauos,
Que em tal estado sempre se ruminão:)
E assi ao furor dos Cafres brauos
Ofrecidos,todos peregrinão,
Fazendo hum & outro alojamento,
Sem nenhũa agoa,& menos mantimento.

Vae na ordem que disse à triste gente,
Prouando ja os receados danos,
Atrauessando aquella terra ardente
Daquelles brutos feros,inhumanos,
Seguindo vão a Christo omnipotente,
Que por bandeira leuão os Lusitanos:
Quennos pode agrauar,senão peccados?
Por quem sam sempre danos ordenados?

Hum mes tendo de tempo ja gastado,
Que à muitos delles limitou as vidas,
Em que somente tinhão atras deixado
Trinta legoas prolixas & compridas:
Sendo ja morto então Diego Dourado,
Soldado forte,das mortaes feridas
Que teue nũa briga,onde a vitoria
Seria agora aqui prolixa estoria.

Sendo seu mantimento cruas campestres,
Que as entranhas às vezes venenauão,
Frutas amargas, asperas, agrestes,
Que as secas bocas nos melificauão:
Perdidos (por asperrimos silvestres
Bosques, rochedos, brejos que passauão,)
Sendo já dez, ou mais, perdaem q̃ coube
Hum Sampayo, dos quaes jamais se soub

Ora hum, ora outro, atras hião ficando
Que as pernas de cansadas não podião
Nem vagarosamente ir compassando
O chão, que para tanto mal medião:
Quãdo menos hum filho o Sousa achãdo
Filho, em quem memorias se acendiam
Dum doce bem que foi, & ainda fora
Se não fora o que dentro nelle mora.

Que tanto que entendeo que era perdido
Porque não entendesse o que perdia,
Lhe fez perder ali todo o sentido
A saudosa magoa que sentia:
Mas sendo de esperanças socorrido,
Aonde as saudades suspendia
De vir comigo tras, sofreo melhor
(Depois de dilatada) a graue dor.

Contar Senhor as fomes, os perigos,
As sedes, & as tristes despedidas
De filhos, & de irmãos, de paes, de amigos,
No fim das ja desesperadas vidas:
Os rebates & saltos dos imigos,
As crueza das feras atreuidas,
Seria desfazer de magoa pura
Em choro, corações de pedra dura.

Porem por não deixar escuro à gente
Os trabalhos que passam peregrinos,
A ordem contarei conueniente
A contrastar os asperos destinos:
O cobiçoso ali mais que valente,
Nam temendo dos Barbaros ferinos
A crueldade, a tudo se auentura
Polo preço que o Sousa lhe segura.

Daua o Sousa ali suma valia,
A quem a buscar agoa se auenture,
A qual depois por preço assi vendia
Que todos bebão, & o cabedal segure:
Modo com que dinheiro sempre auia
Para que na cobiça o valor dure:
Caminho de remedio verdadeiro
O que se poem em preço de dinheiro.

Che-

Chegando a tanto mal senhor os vossos
Lusitanos, que por manjar sabroso
Rohião de animais torrados ossos,
Para quem nos achou dia ditoso:
Ia couros secos sam banquetes nossos,
Bichos, manjar suaue & deleitoso,
Vede senhor que fomes que padecem,
Os que ante vos depois pouco merecem.

Ficaua atras o amigo & companheiro
Ia sem alento a voz fraca esforçando,
Cortandolhe o acento derradeiro
Os suspiros que dão em se apartando:
Manjar da Onça & Tigre carniceiro,
Ficão, que logo o vão desentranhando:
Ali se vee o amor & vmanidade
Onde entreuem igual necessidade.

Muito esquecem merces ja recebidas,
E razões de leaes sanguinidades,
São corrutas ali fes prometidas,
São negadas de amor claras verdades,
Pouco montão promessas referidas,
Todos padecem taes calamidades,
Que sentem muito mais a crua estrela
Da trabalhosa vida, que perdela.

Tres meſes ſendo caſi ja paſſados.
Que aſsi deſtã maneira caminhauão,
Quando de meo algum deſeſperados
De remedio, vão dar no que buſcauão:
Lugares vem de Cafres habitados,
Amigos no aſpeito que moſtrauão,
Hum Rei negro rodea a bruta gente
Que nos eſpera ja alegremente.

O qual com ledas moſtras & meneos
Quanto poſsiuel foi nos aſſegura
(Sem fingida tenção) os arreceos
E o perigo que o temor nos afegura:
Corações de razão & magoa cheos,
Em gente tão cruel, que nos procura
Aſsi deſtruir, dando ſoſpeita
Que era aquela vontade contrafeita.

Mas porque nos conſtrange o grãde aperto
A tomar por remedio qualquer dano,
Em quanto nos não era deſcuberto
Nos ſeruimos dos meos deſte engano:
Não ſendo tal, que o negro por ter certo
Ser vencedor co braço Luſitano,
Contra outro Rei com quẽ ſempre peleja,
Na conta do que eſpera nos feſteja.

Mandandonos trazer dos mantimentos
Com que a terrã ao trabalho reſpondia,
Leuandonos a ſeus alojamentos
Com grandiſsimas moſtras de alegria:
Tendo ſeus coſtumados comprimentos,
Onde os maiores leuã em companhia:
Para ſerem co elle agaſalhados,
E a ſeu vſo ali banqueteados.

Dandonos igoarias nunca vſadas
Doutra gente, eſte Rei manſo & benigno
Aues doutro ſabor das coſtumadas,
Em modo de ſeruiço peregrino:
Onde depois das meſas leuantadas,
Eſpantado do Luſo deſatino,
Que a tal miſeria traz os ſem ventura,
A voz aleuantou graue & ſegura.

Dizendo pola lingoa que interpreta,
Oo cobiça, principio de taes danos,
Ardente ſede, que ſe não quieta,
Deſta ambição, em corações vmanos:
Quando por mais q̃ afirme & q̃ prometa
A fortuna de tronos ſoberanos,
Foi verdadeira? quando a vida breue
Tem bẽs, q̃ a morte em fim tudo não leu

Com

omo num fraco pão de tam remota
egião, por tão largo & tormentoso
ar, vosoutros seguis vossa derrota
os dum sonho vão & cobiçoso?
uem do doce repouso aqui vos bota?
uem tanto perigo ordena trabalhoso?
ão he milhor que a vida se quiete,
ue o que a maluada ambição promete?

o d'esperanças falsas razão cega,
ue cuidem que mais facil muito seja
abar co a fortuna o que ella nega,
ue negar ao desejo o que deseja:
uando se hum coração desassossega,
e a razão co a cobiça vã peleja,
que acabar não pode co enemigo,
amigo, o acab'o omem comsigo.

outros conquistar quereis aquilo
e o Ceo pudera daruos se quisera,
or força tomalo & deseobrilo,
mo se por vosso a outrem se dera:
os o da terra ca quis repartilo
mo quis & entendeo que melhor era,
ão quer que nenhum cego apetite
eda a jurdição de seu limite.

Não indo mais auante, porque sei
Que isto todos melhor queu entendeis,
Pedindouos que a vossa patria & lei,
Costumes, co mais della me conteis:
Contoulhe então o Sousa de seu Rei
O que vos melhor queele inda sabeis,
E depois lhe pedio que não passasse
Auante, ate que ali se reformasse.

Não parecendo ao Sousa limpa & pura
Esta vontade, & assi se determina
A vida antes nas mãos pôr da ventura,
Que o remedio na condição benigna:
Dizendolhe que ali muito segura
Bem ve que està a gente peregrina,
Mas que passar auante lhe he forçado,
Por estar antre os seus determinado.

Ao que lhe o Rei tornou, que pois quer
Por em tamanho risco tantas vidas,
Que hũa merce mui grande lhe faria
Em pago das pequenas recebidas:
Que elle tomar vingança pretendia
Dũas gentes crueis & atreuidas,
De quem era contino molestado,
Estimando por elle ser vingado.

Onde o Souſa contente lhe oferece
Com gratulas palauras a peſſoa,
(Que no tempo das obras ſe conhece
Dum peito illuſtre a natureza boa:)
Mas a mi que grãde erro me parece
Aquelle, a voz ſoltei que o negro atroa,
Dizendo que a empreſa à mĩ conuinha,
Pola rezão que co capitão tinha.

E aſsi vinte omẽs ſò tomei comigo,
Com mais quinhentos Cafres que leuaua,
E fui a pelejar co eſte enemigo
Que atras onde ficamos nos ficaua:
O que fiz ſò co eſtes nãno digo,
Nen nas gentes que ali desbarataua,
Por não tornar louuores deſtes feitos
Em ſoſpeitas de timidos defeitos.

Baſta que todo o gado lhe tomei,
(Deſpojos neſta gente de mòr gloria)
E tudo a ferro & a fogo ali paſſei,
Materia de comprida & longa eſtoria:
E con eſta vitoria me tornei,
Iſto contar ſe pode por vitoria,
Ao negro Rei, ao Souſa, & à companhia
Recendo em me abraçar longa porfia.

E deixando isto feito, o errado intento
Pretende de seguir Manoel de Sousa,
Tendo que era o conselho fraudulento
Do Rei, com q̃ hum momẽto não repou
Mandando que abalasse a passo lento
O arrayal, com ordem em cada cousa,
Não querendo que o Rei o acompanhas
Mas lhe pede lhe de em que passasse.

Auia auante hum rio caudeloso
Que sem bateis passarse não podia,
Os quaes lhe nega o negro primoroso
Polo mal que futuro lhes temia:
Faz isto o capitão mais receoso
Do que por mal julgado se não cria,
E assi tanto importuna o Rei, que deixa
Vencer o zelo bom da errada queixa.

As almadias todas lhe mandando
Desatar, das prisões onde as segura,
Por importunos rogos se tornando,
Como quem a alma tinha limpa & pura:
Primeiro algũs soldados se embarcando
A fazer o caminho à desuentura,
Por segurar o que seguro estaua,
Que cadahum de nos não imaginaua.

Passand

Paſſando todos eſte rio alem,
Como em tal preſſa ali melhor puderão,
Indo buſcar no meſmo rio o bem
Que por peccados ſeus mal conhecerão:
Eſte era o do Marques, eſte era em quem
Buſcando ſaluação, ahi a perderão,
Tanto monta ter bẽs ſem conhecelos,
Como magóa & doe não poder telos.

Dali fomos marchando aos outros braços,
Com que entraua no mar o meſmo rio,
Achando muitas couſas em pedaços
Como que ali eſtiuera algum nauio:
Onde vimos hum barco d'omens baços
Que ſem defeſa ou temor de frio
Por acenos & moſtras nos diſſerão
Que outros como nos ali eſtiuerão.

Mas porque era ja tarde, & não podião
Por vſo ſeu fazer de noite nada,
Pera o dia que vinha prometião
Paſſarnos por valia acomodada,
Em ſòs tres almadias que trazião,
Sendo primeiro alem gente paſſada
Para guarda do paſſo, onde pudeſſem
Deſembarcar ſem perigo os que vieſſem.

Ordem com que se seguro se embarcou
Co a molher & filhos, confiado
O capitão, que aqui claro mostrou
Vir do trabalho ja alienado:
Porque vendo que o negro desuiou
O barco dum perigo acostumado,
Sem mais considerar, com vista irada
Da bainha despio a terza espada.

Furor a que nenhum espera efeito,
Que dentro nagoa todos de mergulho
Escudenno turbado & aflito peito,
Que contrastar não podem tanto orgullo
Hum circulo & outro mais estreito
Fazendo ali dos saltos o marulho,
Embalançando o barco de tal modo,
Que casi cheo dagoa ficou todo.

Mas tornando a ficar posto em carreira,
A terra como podem se chegarão,
Passando o rio assi desta maneira,
Que para tão crueis danos passarão:
Começando a seguir na dianteira
O caminho, que todos começarão
Apos elle, que vai bem descuidado
Do fim que ali lhe estaua aparelhado.

Lianor o aſpero deſerto
ia muitos dias que piſaua
s brancos pès: ô duro & graue aperto
n que eſta o feminil ſexo illuſtraua:
os filhos vai fazendo igual concerto
o modo em que no colo os reuezaua,
ão lhe he o peſo graue, mas ſabroſo,
ue o trabalho de amor he deleitoſo.

euando os filhos piſa a terra dura,
ura, pois não ſe abranda & enternece
tanta perfeição & deſuentura,
Que nella qual he mòr ſe não conhece:
Onde parece amor que lhe ſegura
Mòr gloria no trabalho que padece,
Que na eſperança vã & mentiroſa
Que o deſejo afegura venturoſa.

Caminha ſem moſtrar jamais fraqueza
Nas palauras que diz, ou belo geſto,
Repugnando o temor da natureza
Com loriſo ſeuero, graue, & oneſto:
Noſſa pouca conſtancia & fortaleza,
Em trabalho tão aſpero & moleſto
Animando, com tão viril aſpeito,
Que os corações nos faz crecer no peito.

E indo deste modo, hum negro bando
Vimos vir, que seguro chega à fala,
O que nos fala ali interpretando
Hũa Cafra que temos de Sofàla:
A qual nos foi a onra declarando
Que seu Rei nos promete, onra que abala
Com interesse, em fim toda a vontade
Não em tanta miseria & aduersidáde.

Dizem que de seu Rei agafalhados
Seremos, num lugar que perto aui a,
No que ficamos todos confiados
Que o desejo ligeiro se confia:
Os males sempre sam arreceados
Quando menos perigo prometia
O sucesso nenhum não arreceando,
Que assi o hião culpas ordenando.

E crendo aquelle embaixador maluado
Guiados da escura & negra gente,
Chegamos ao lugar tão desejado,
Do desejo eficaz tão differente:
Antes de là chegar sendo alojado
O arrayal (maldade ja euidente)
Onde cõ mil sinaes de imigo intento
Nam vemos inda nosso perdimento.

Aq

Aqui nos trazem poucos mantimentos
Por preço quanto a elles bem vendidos,
Aqui a seus conselhos fraudulentos
Estamos ja de aperto sometidos:
Executão em nos seus mandamentos,
Como em omês entregues & rendidos,
Aqui se determina em fim o Sousa
A esperar nauio, aqui repousa.

Onde lhe diz o Rei, que porque veja
Que sam gente fiel, em quem nam mora
Algũa oculta ordem de peleja,
Como perfida, falsa, roubadora:
Que as armas depositem porque seja
A todos mais suaue tal demora,
Nãonos temendo a gente, que segura
Lhe sera mais afauel por ventura.

E que polas aldeas derramados
Nas casas que com gosto lhes daria,
Muito melhor serião agasalhados,
Não sendo sospeitosa companhia:
Aqui nos foram assaz manifestados
Os enganos que o maluado Rei vrdia,
Não bastando a certeza deste dano
Para o capitam crer tamanho engano.

Não

Não creas claras mostras da maldade
Com que o Rei destruirnos procuraua;
E assi lhe poem nas mãos a liberdade
De todos, eo partido que aceitaua:
As armas nos tomando, da verdade
De quem debaixo della nos buscaua
Todo mal, concebendo tal certeza,
Que todo outro conselho ali despreza.

Mas Lianor em quem não cabe menos
Prudencia que valor & fermosura,
Enchendo dagoa os belos & serenos
Olhos, a voz ergueo graue & segura:
Dizendo, ô meus filhinhos tão pequenos,
Nacidos para tanta desuentura,
Ia toda a saluação o ceo nos nega,
Pois quem cuidei liurarvos vos entrega.

Não vês esposo meu o claro engano
Que estas gẽtes te ordenão, & nos procurã?
Olha como he mais certo sempre o dano
Nos que da fẽ de imigos se segurão:
Não vês como sem medo o Africano
Terreno atrauessam os que pendurão
De Tolomeu as falsas esperanças,
E quão erradas sam taes confianças?

As armas que atequi te defenderão
Quéres tu entregar aos enemigos?
E dos que nunca fè jamais tiuerão
Fiares a molher, filhos, & amigos?
Quem segura as promessas que derão,
Que mais certos não tenhas mil perigos?
Quem de tua prudencia te preuerte?
Que em desatino o esforço te conuerte?

Não ves qne o menos mal que se te ordena
(Entregandolhe as armas) cego esposo,
Que he passar para mais deſonra & pena,
Polo jugo Samnitico afrontoso?
Não imagino afronta que pequena
Não seja às que vejo no enganoso
Partido, que este negro te oferece,
Se não he mais do que inda me parece.

Não acabou Lianor indo protesto
Que a seu esposo faz, quando enojado
Responde com turbado & esquiuo gesto,
Que no proposto está determinado:
E que quem no tiuesse por molesto
Acabasse o caminho começado:
Apos isto entregando aos enemigos
Armas, esposa, filhos, vida, amigos.

Não

Não sendo entregues, quando repartidos
A como ali lhes coube por ventura,
Nas barbas, & nos ja rotos vestidos
Os negros dedos cada hum segura:
Onde hum porque lhe dem os escondido
Tesouros, polas pernas dependura
Os que teue por sorte, outro inhumano
Não trata os seus com tão sofriuel dano.

A muitos dando os negros liberdade
Depois que ja não tinhão que roubarlhe,
Ond'eu por pura industria & abilidade
Não andei mal senhor em escaparlhe:
Mas porque a desestrada aduersidade
Do Sousa & Lianor fazem ficarlhe
Atras os graues danos que passarão,
Não contarei o como se saluarão.

Tomados por despojos tinhã o preto
Rei, o Sousa, a molher, & a companhia,
Pautó que fez cos seus, mudo, & secreto,
Quando roubar os Lusos pretendia:
O qual depois conforme a seu decreto,
Despojá todos de ambar, pedraria,
Ouro, prata, vestidos que trazião,
Qu'inda cem mil cruzados valerião.

Ao Sousa & molher, que chora & clama
Lhe deixando somente as vestiduras,
Ministros mandando que ali chama
Que as estradas lhe dem liures, seguras:
Não sendo assi, que à triste & aflita dama
Co marido, por brenhas & espessuras
Os encaminha aquella crua gente,
De os despir final claro euidente.

Não tendo atrás deixado mil passadas
Por aquelles desertos cauernosos,
Cheos de feras ja encarniçadas
Do sangue destes tristes desditosos:
Seguindo algũas ja mortas pisadas
Dos que liures dos laços riguroſos
Roubados caminhauão diuididos,
Ida assi destes brutos perseguidos.

Quando outra vez se acharão rodeados
Os ministros do Estigio Radamante,
Que sem piedade algũa acelerados
Querem despir Lianor & incauto amante:
Pdos ficando mudos & pasmados,
Não me espantando que o temor espante
Quem ve condição tão esquiua & fera,
Fogos que tornarão as pedras cera.

Não

Não sendo parte a timida fraqueza,
Para que Lianor as armas renda,
Que lhe deu a vergonha & a natureza,
A quem tão cruamente a dispa & ofenda:
Que mostrando nas vnhas a aspereza
Que elles mostrão nas mãos, não se lhé
Que ja perder a vida só buscaua,
No como sem temor os arranhaua.

Mas não resiste a força feminil
Que em sua defensam executaua
A tanta tão cruel, dura, viril,
De cada ousada mão que a molestaua:
Que qual a pranta no florido Abril
Despojada de Noto, derramaua
As roupas, & madeixas de cabelos,
Descubrindo os eburneos membros belos

Não podendo sofrer assi despida,
Que triunfem vmanos olhos della,
Estimando a vergonha mais que a vida,
Primor de nobre & pudica donzela:
Na area se lançando, só vestida
De seus cabelos, que por cima della
Estendidos, parece que sentindo
Esta vergonha, a estauão ali cobrindo.

Nã

Não lhe faltaua so a vestidura,
Nem so o necessario mantimento,
Mas forças com que passe hũa espessura
Onde por certo tem seu perdimento:
Os dous filhos dos ombros dependura
Não pode não jamais o fraco alento,
Por isso cae em terra esmorecida
Tendo ao extremo fim chegado a vida.

Pende a cabeça ali da ceruiz cumba,
Poem a barba no peito, mas tornando
Em si o rouco orgão lhe retumba
A voz pola garganta murmurando,
Lhe vestido a terra, & depois tumba
Que coas tenras mãos está cauando.
A que corpo vergonha fez tal guerra?
Que a mesma terra cubra a si de terra?

Cobrese Lianor, deixando fora
Os braços em q̃ a perta os dous pequenos
Filhos daquelle amor, & pai que chora
Cujas magoas não erão muito menos:
Dagraue, & interna dor que nella mora
Dando os olhos cansados, & serenos
Claro final a voz ja nam podendo,
Por saluços a estarem interrompendo,

Onde de espaço em espaço leuantando
Os olhos a seu Deos que a desaliua,
Estase claramente ali mostrando
Num casi morto corpo magoa viua:
Senhor de piedade está chamando,
Tendea desta alma misera & catiua,
E destes innocentes que criastes,
Pois que por vosso sangue nos comprastes

Não entreis(ah senhor)com vossa escraua
Na justiça & rigor, de que a alma treme,
E perdoai a quem vos tanto agraua
Que coração culpado aflito teme:
Isto dizendo, a lingoa se lhe traua,
Quando o esposo que sospira & geme,
Os olhos pondo nelle, ou fontes dagoa,
Magoa que ali lhe faz dobrada magoa.

Está o Sousa ja de dor tão cheo
Que o coração no peito lhe rebenta,
Sente seu mal no coração alheo,
Dano que estima, troca que atormenta:
Não ve o triste de remedio meo,
Hũa agonia a outra se acrecenta,
Ora se tomba o siso, ora sesudo,
Por tudo chora, rindo antes de tudo.

Mas vencido ja então, & obrigado
Dhũa lembrança natural paterna,
Como o que traz no bico ao ninho amado
O com que os filhos sem na mãe gouernas
Polos boſques se vai deſatinado
Por hũa & outra orrida cauerna,
Buſcando agreſtes fruitas amargoſas
Em que ſoſtenhão as vidas deſditoſas.

Foi, & fica Lianor, mas como fica
Quem no pode dizer bem na verdade?
Em fim no como mais se verifica
Esta dor, he que foi dor de saudade:
Que torne o doce eſpoſo, ali replica
Mil vezes, que mouera de piedade
Hum Tigre, onde desta dor vencida
Caemlhe os braços em terra eſmorecida.

Mas não eſteue muito repouſando,
Que quem de verdade ama, não repouſa)
Assi acorda, la dalma arrancando
O doce nome do ſeu triſte Souſa:
Entre ſoſpiros rouca a voz ſoltando
Dizendo couſas, mas a cada couſa
Interrompem eſtremos amoroſos
Os brados vãos que daua doloroſos.

Aqui cortou a parca os tenros annos
Dum dos filhinhos que apertados tinha
Consigo estreitamente, vaos enganos
Em que a força da paixão sostinha:
Aqui o mais cruel dos inumanos
Brutos, com pronto ouuido se detinha,
(Conuẽcido de magoa) ouuindo as mago
Que tornauão atras correntes agoas.

Não bastando leuarlhe desta sorte
Amor o coração a dor tamanha,
Que com o mesmo riguroso corte
Logo hum irmão ali o outro acompanh
Com vagarosa & piadosa morte
Lhe acrecentando a dor cruel & estrãnha
Onde não pode tanto o sofrimento
Que as redeas não largasse ao sentimen

Dizendo, esposo meu, abrigo & emparo
Dos filhos & da mãe que sôs deixaste,
Torna, torna cruel, que o tempo auaro
Tos leua dos olhos que apos ti leuaste:
Olha quanto me foste nelles caro,
Lembrete Lianor que tanto amaste,
Para te não causar esquecimento
Tão breue (& ami tão longo) apartamen

Apos isto, qual neue endurecida
Do rayo ardente, ferrido Nemeo,
Co a vista turbada & escondida,
De suor frio o rosto todo cheo:
Com boca pouco aberta, denegrida,
Cum esquecido & mortal meneo,
Qual cortada do arado alua bonina,
Pouco & pouco a cabeça & corpo inclina.

Assi fenece esta illustre dama,
De perpetua memoria & louuor dina,
No mundo alcança peregrina fama,
Quem nunca vio tão casta peregrina?
Onde não basta ao choro que derrama,
(Nemio não ver remedio não lho enfina)
Para enxugalo, a companhia triste,
Que à graue dor jamais razão resiste.

Chorã, mas nisto vem cos braços cheos
De fruitas o culpado em taes tardanças,
Muito mais carregado de receos,
Que andã ombro por ombro de esperãças:
O qual crendo dos gritos & meneos
Que lhe afirmão ja desconfianças,
Certo o que não ere no que adeuinha,
Em alma os corpos vé que nalma tinha.

Os filhos ve nos braços de Lianor,
Da riguroſa morte, eſquiua & dura
Cortada a freſca & tenra idade em flor,
E a ella morta & palida a figura:
Que inda parece viuo ter o amor,
No como lhe dos braços dependur
Cada filhinho, o roſto amortecido,
Semnos ſoltar o corpo ſem ſentido.

Não chora, & poſto que ja tinha perdido
O juizo, não perde o ſentimento,
Qué amor lhe da na dor nouo ſentido,
Apos do natural conhecimento:
Da qual internamente conuencido,
Depois de reſpirar o groſſo alento,
As mãos deu ao trabalho ſuſpirando,
A doce eſpoſa & filhos enterrando.

Apos iſto fu ioſo vai correndo
Por aquellas floreſtas & eſpeſſuras,
Com rouca voz mil laſtimas dizendo,
De magoa enternecendo as pedras duras
Onde a fome cruel ſatisfazendo
Algũa fera nelle, a deſuenturas
Tamanhas deu o fim que tenho dito,
Jamais tão deſaſtrado em carta eſcrito.

As escrauas & o mestre (que chamado
Era Andre Fernandez) se apartando
Em triste pranto do desuenturado
Sepulchro, sem caminho caminhando:
Por quem depois foi tudo isto contado,
Qu'eu escapei primeiro, atrauessando
A Cafraria com industria & manha,
Que a vida me saluou em ser tamanha.

Ves aqui Rei à quanto teus vassalos
Dinos de fama eterna se auenturão
Por ti, & como em remuneralos
Dum cabelo as merces se dependurão:
Alarga a mão senhor em contentalos,
Que estes a onra & Reino te assegurão,
E não deixes medir a fracos peitos
(Onde he a enueja certa) ilustres feitos.

Mais pretendia o Sà ir proseguindo
Nas verdades que ao Rei liure falaua,
Quando da gauea forão descobrindo
A patria terra que se diuisaua:
Onde tomando as velas, & surgindo
O galeão, o Rei desembarcaua,
Num mosteiro de frades, que segundo
Tenna vida, não viuem neste mundo.

Ali o moço foge a que não veja
Concursos, onde sempre os pareceres
Vulgares culpão Reis, por bem q̃ os reja,
Que mal inda excedião nos poderes:
Por onde com razão muito sobeja
Perto de magoas, longe de prazeres,
Da gente se apartaua, desejando
De a estar em tudo contentando.

No templo entra, onde conhecendo
O vão descurso do terreno intento,
Vai a vontade à razão rendendo,
E o desejo a puro entendimento:
Está contrito pranto oferecendo,
Deixemolo estar este momento,
Que rico se fara de graça infusa
Entanto descansando a aflita Musa.



CANT



CANTO SETIMO.

Tornado el Rei de Tanjar, veo sobre Portugal hũa grande fome, & vai Sebastião verse a Guadalupe com seu tio Felipe, contase tambem a destruição do Xarife.

DESASTRES da fortuna não vigia
Quem segura o temor do enemigo,
Que não dà asas tanto à ousadia,
Valor, como o seguro do perigo:
A segurança do que se temia
Traz sempre corromper a fe consigo,
Que he tão imprudente, que auentura
Na piedade imiga o que o segura.

Oo deſeſtrado Souſa, quanto erraſte
Em entregar co as almas tantas vidas,
E quanto à tua cuſta nos deixaſte
Exemplo de não crer ſes prometidas:
O temor dos imigos ſeguraſte,
Sò meo de promeſſas corrompidas:
Tiraſte à malicia humana o freo
Em lhe tirar o peſo do receo.

Mas deixote, qué aſſaz te baſta o dano
Que mereceo tal erro, & reſumindo
A vida irei do triſte Luſitano:
A começada eſtoria proſeguindo:
Que em deſtruir o Barbaro Africano
Lhe eſtaua o coração o peito abrindo:
Conquiſta em que triſte ſe deſuela,
Polos eſtoruos que ha de cometela.

Ia coa noua luz do nouo dia
Do obſeruante templo, & penitente
Abrigo, o Luſitano Reiſahia,
De ſeu intento atras não diferente:
E quando ſuſpendido diſcorria
Varios caminhos, murmura corrente
Ouuindo, moue o paſſo vagaroſo
Contra o ruido rouco & ſonoroſo.

Do pronto ouuido o desejo guiado
Pouco & pouco descobre hum fresco rio,
D'espessa & verde rama està toldado,
De branca area mostra o fundo frio:
Ao pè dum grosso Freixo, ja gastado
Do longo tempo, concauo & sombrio:
Hũa molher sentada ve chorosa
Com trajo pouco bom, pouco fermosa.

O triste rosto palido sostinha
Sobre a palma esquerda, & no dereito
Braço, consigo apertados tinha
Tres filhos, reuezando o seco peito:
De longe lhe parece que caminha,
Estreita vida mostra, & amor estreito,
Chegase o Rei à ja casi defuncta,
E a terceira vez assi pregunta.

Dizeme ô molher (ja rodeado
De noua confusam) que te desterra
Da patria, & repouso desejado,
A mendigar assi de terra em terra?
Senhor (responde a voz, que no cansado
Peito mil vezes a dor graue encerra)
Necessidade sò poderosa & dura
Faz com que tudo a tudo se aventura.

Fome

Fome jamais ouuida & desumana,
(Que cuido que ordenou culpa sobeja)
Da minha beira la patria serrana
Me trouxe, que ja choro que não veja:
Fecunda foi a terra Lusitana,
Rica de tudo o mais que se deseja,
Agora pobre, auara não dispensa
Ao rustico com justa recompensa.

Ceres, & Tritolemo, conjurados
Contra a siluestre lauradora gente,
Danos nunca de nos imaginados
Ordenando nos forão ocultamente:
Onde os tempos ja de sordenados
Com modo esquiuo, & curso diferente,
Co a ordem natural que preuerteram
Os elementos cuido corromperam.

Vendose là as aridas searas
Que fecundo tributo às gentes dauão:
Negalo ao laurador secas & auaras,
Do que os rusticos nellas semeauão.
Ia sostentar nam podem as vidas caras
Que comtanto trabalho sostentauão:
Ia não achão verdura em nenhũ prado,
Por ser da neue entam tudo queimado.

Il maneiras de bichos infinitos
acem o que renoua o lento orualho,
ndos de gafanhotos & mosquitos,
ue fazem vão o rustico trabalho:
odendo tanto os esquadrões malditos,
ue verde anzinha, ou rustico carualho
ão escapa da turba immunda & crua
ue faz a terra de verdurã nua.

omo quando ao Rei duro obstinado
ue os Tribus de Israel tinha catiuos,
o mal nociuo tão perseuerado
acem no Reino malestão nociuos:
landandolhe Deos em pago do pecado
os Niloticos campos, crus & esquiuos
ndos, que comem as prãtas, fruto & feno,
steril tornando o facundo terreno.

nda em varios bandos esta immunda
raga, cuja perfida semente
ceceo que na terra antes fecunda
e augmente como em Reino delinquente:
m pena em fim a culpa nos redunda,
omo se ve na Portugueſa gente,
Da qual porque não sei se em fim o merece
A dantre Douro & Minho mais padece.

Pade-

Padecem eſtes triſtes mor caſtigo,
Tudo ſe ſeca, queima, & nada nace,
Comemlhe as aues em ſemente o trigo,
E depois eſta praga em erua o pace,
Ond'hum rouba o vezinho, outro o amigo,
E a outro faz vergonha roxa a face,
Não podendo encubrir neceſsidades
Que corrompem vergonhas & amizades.

Qual deruas venenoſas faz teſouro,
Outra nenhũa ja no prado achando,
Qual vende a fraca egoa, ou magro touro,
Qual vai todo o rebanho degolando:
Qual hũ peſo de pão dá por dous douro,
Qual de animais nociuos ſuſtentando
A familia, coeles cae enfermo
Pondolhe a morte a tanta pena termo.

Ali filhos atras das mães andauão
Polos aridos campos, apanhando
A ſeca eſpiga, que por dita achauão,
Ou raizes, ſobre elas pelejando:
Da boca algũas mães então tirauão
A ſeca teta aos filhos, que chupando
O propio ſangue, ja nada lh'importa
Mamando elles na mãe depois de morta.

Achã-

Achauãose nos campos(de verdura
Auaros)por mil partes derramados
Innocentes sem vida & sepultura,
Nos braços dos paes mortos apertados:
Tragando algũs a amarga & mal madura
Fruta,& outros muitos os bocados
De venenosos pomos engolindo,
Lh'estaua pouco & pouco aalma saindo.

Deixando a gente tão desemparada
A terra(dos que sendo constrangidos
Da lei poderosa & necessitada)
Que não se achaua erdeiro a bẽs perdidos:
O filho o pae,o pae a filha amada,
E esposas tambem deixãos maridos:
Não se achão dous ou quatro q̃ escapassem
Que sòs grandes aldeas pouoassem.

Não com tanta razão desabitauão
O Egipcio terreno os moradores
Delle,quando os prudentes se jactauão
Na fartura, dos miseros temores:
Nẽ quãdo à doce Espanha atras deixauão
De fome pura os proprios lauradores,
Nem quando Mouros trocão a liberdade
Por pão,se vio tão grã calamidade.

Tudo

Tudo erão gemidos dolorosos,
Tudo mortes crueis de fome pura
Mostrão então o zelo os virtuosos,
E os maluados a auareza dura:
Se não falta comer aos cobiçosos,
Faltalhes a saude por ventura,
Vede quanto melhor fica a virtude,
Pois sem ella não ha gosto & saude.

Enchiãose os caminhos & as cidades
De fraca, palida, & faminta gente,
Onde se vião taes calamidades
Que a magoa recitalas não consente:
Não montão estados, onras, dinidades,
Que Deos castiga a todos igualmente,
E quem da fome escapa por dinheiro
Nas mãos da morte cae por derradeiro.

Não escapa da pena esquiua & dura,
Que as furias iufernaes voando andauão,
Inficionando ali a Esphera pura
Co corruto alento que soprauão:
Dos corpos que sem vida & sepultura
Polas estradas ja podres achauão,
Recolhendo os vapores fedorentos
Que depois recolhiãos alentos.

Amó

A mòr parte dos Luſos enfermando
Da palida doença venenoſa,
Poucas Vilas, Cidades eſcapando
Da repentina morte riguroſa:
Indoſe polas vidas a teando
Tanto, que agente com temor choroſa
A Deos pede remedio deſte dano,
Depois de não achar remedio vmano.

Leuânta ao Ceo chorando altos clamores
Cos giolhos em terra, aſſi obrigando
(Com promeſſas de emẽda) os proteitores
Que eſtão por nos a Deos ſempre rogãdo;
O qual tambem ouuindo a pecadores,
Sofre q̃ lhos eſtejão deſculpando
Os que ſoſpiros, lagrimas recolhem,
Que à diuina juſtiça o furor tolhem.

Rogam por nos a Deos os padroeiros
Sanctos, & outros muitos naturais,
Que eſcolheram eſtados verdadeiros
Deixando caſas, rendas, filhos, pais:
De Luſitania muitos Caualeiros
Saíram, mas de ſantos muitos mais:
Eſté da Fama o Trono ſatisfeito,
Que o ceo nos dá mais onra & mais proueito.

Fica liure por elles o culpado
Reino, da fome, & mortes que padece,
Não crendo ser por rogos perdoado,
Que o erro antre as maos mal se conhece:
Esquece logo todo mal passado,
Mas o passado bem mui tarde esquece,
Que ou por ser breue, ou porque se esti
Sempre em fim se sospira & se romina.

Eis aqui te contei em espaço breue
De meu longo desterro a causa justa
A flaz doe pouco ter quem muito teue,
Pouco nao cansa o que muito custa:
Isto dizendo a fraca voz deteue
No tronco daquella aruore vetusta
Encostando a palida figura,
Quando os filhos das tetas dependura.

Turbase o moço ali considerando
Da miseria comum a estreita lei,
Passar tambem por ella desejando
Como a infelix miserauel grei:
Ser rico, pobre, o mal & o bem prouando,
O fara ser depois perfeito Rei,
Que quem do mal não proua o duro m
Mal poderà sentir o dano alheo.

Varias cousas resolue pensatiuo
La no interno peito belicoso,
Pondera & mede o trabalho actiuo,
Co a fama de nome glorioso:
Nisas ja do pensamento altiuo
Sobe ligeiro, & logo ao vagaroso
Carro de temor justo, pronto dece,
E ora se alegra, ora se entristece.

Qual com turbado Ceo aue marinha
De la vem descansar no mar inchado,
Que grande tempestade lhe adeuinha,
Não achando seguro gasalhado:
Que ora nas ondas, ora no ar caminha,
O sol ora sereno, ora nublado,
Onde suspensa aqui & ali voando
De quando em quando vai assouiando:

Assi o forte moço está notando
Naquella molher pobre enfraquecida
A quanto a miseria está obrigando
Hũa necessitada & estreita vida:
Onde o forçado fim remedeando
Com larga mão, cerrada & escondida,
A pobre deixa alegre (que sospira
Com louuores ao ceo) & as costas vira.

Desuiase do rio caudeloso,
Pera a Cidade os passos encaminha,
Ia casi diuertido do orgulhoso
Vão prosuposto, que traçado tinha:
Passa hum tempo, chega preturoso
Outro, que tudo em fim se acaba asinha,
E renoua no Rey intento nouo
Senhor se vendo de tam fero pouo.

Esposa lhe conuem, rendido estaua
A tudo o que emtal caso se ordenasse,
No mundo entam parelha lhefaltaua
Que com seu tronco iluſtre se igualasse:
Por que a que por sangue lhe tocaua,
Não era bem que niſso se tocasse,
Senam quando seu pai caminho abrisse
A que tão justa esposa se pedisse.

Liure era de a mor, liure de aquellas
Doces penas que dà por gloria suma,
E liure de sospeitas, & querelas
Com que pagar no fim sempre costuma:
Nam padecia a magoa de cautelas
Que nam sofre q̃ hum peito inda resuma
A Cipreas dilicias nam se inclina,
Que so de Marte busca a diciplina.

Na

Nam desprezaua amor, mas não no tinha,
E nam por ser de natureza esquiuo,
Mas por entender bem quanto conuinha
Ao Rey, nam vir a ser de Rey catiuo:
Quando lhe Amor promete hũa Rainha
Qual lhe traçaua o desejo altiuo,
Sogeito està a tudo o que se ordena,
Mas toda a outra pena, lhe da pena.

Tem hum primor de brio acompanhado,
Que so a cousas grandes o somete,
a o desuela entam outro cuidado,
Que grandes esperanças lhe promete:
O tio (que de Espanha he Rey) chamado
Felipe (que da ley do Elisio Lete
Fama o libertou) ir ver deseja,
A mais o obriga a afeiçam sobeja.

Correm ja de hũ, & de outro embaixadores,
Tratão o modo mais conueniente,
Praticanse resgoardos, & primores,
Antes que o dia de partir se assente:
Vem co Manho Felipe algũs senhores,
Ambos trazem dos seus taxada gente:
Vem com Sebastião doze vassalos,
Por que nam pode mais agorentalos.

Pondose cadahum logo em caminho
Que para Guadalupe se traçaua,
Saindo cada Rei do patrio ninho,
Como primeiro antre elles se ordenaua:
Onde abraçando o tio ali o sobrinho,
Igual amor antre ambos se mostraua,
E em todas ceremonias que guardaram
Em tudo sem cautelas se igualarão.

Depois se vem banquetes que se derão
Ali, quais não comeo Sardanapalo,
Nem os que depois delle succederão,
Nem Marco vio nem deu Elio Gabalo:
Ia festas que nas vilas se fizerão,
E as mercês que fez entrando, calo,
Porque se o que passou tudo contara
Não sei se quem me ouuira tanto achara.

Onde que ali de guerra se tratou
E casamento, dizem muitas gentes,
E que nenhũa cousa se assentou
Segundo ha pareceres diferentes:
Mas que o Duque de Alua aconselhou
O Luso Rei, com sabias & eloquentes
Razões, a não passar à Lybia terra,
Por quanto auenturaua nesta guerra.

Tornandose hum Rei & outro contente
Do que em cadahum o outro enxergaua,
De boca em boca ja, de gente em gente,
Se publicando o bem que se esperaua:
O desejo que sempre a todos mente
Dizendo que sem duuida ficaua
O casamento feito: segurança
Que de repouso da certa esperança.

Noua com que os demonios receando
Quietarse o Rei moço, em furia ardendo,
Sobre caso tamanho consultando
Nouos estoruos andão ja tecendo:
Armas vão antre os Mouros baralhando,
Onde o Xarife roto recolhendo
Algũs dos mais leaes nũa serra braua,
Queixar se máda ao Rei de quẽno agraua.

Manda hum sagaz Mouro, que passasse
Ladoſoberbo Abila ao Calpe erguido,
E que ao Luso moço declarasse
Tudo o de que o tinha ja aduertido:
Dizlhe mais, que co elle contratasse
Em pago do socorro algum partido,
E conforme ao zelo que entendesse
Assi neste contrato dispusesse.

Parte o Mouro escondido caminhando
Sempre, por brenhas asperas correndo,
Das vegias do imigo desuiando
O caminho, que vinha retorcendo:
Com asaz de perigo assi chegando
Ao Esperidoporto, onde fazendo
Pouca detença, passa obrauo Estreito,
Por dar ao que lhe foi mandado efeito.

Chegando coa pressa que trazia
Em pouco tempo a Portugal, julgando
Perigos da tardança que fazia,
Medos certos em quem viue esperando:
E aonde o Luso està (que ja sabia
A vinda sua) graue & triste entrando,
Ante seus pes em terra de giolhos
Fez duas fontes dagoa de seus olhos.

Dizendo, grão senhor o nome eterno
De teu valor, me traz da Libia aqui,
Não crendo achar na terra nem no inferno
O reparo que deuo achar em ti:
E cum sospiro doloroso, & interno,
Disse: filhos molher, patria perdi,
E meu Rey perderei se não lhe acodes
O que (se tu hes justo, & queres) podes.

Do Rey Xarife sou, que destruido
Polo fero Maluco, a hũa alta serra
Se recolheo, depois de ser vencido
(A treiçam) na ciuil & injusta guerra:
O qual dos seus buscado & perseguido,
Tornandoselhe alhea a propia terra,
Ati me manda, Rey poderoso & forte
Que ajas do de tam dura & aduersa sorte.

Dizendote que se cõa ajuda tua
Recuperar o cetro Mauritano,
Que os portos junto ao mar da terra sua
Entregara ao jugo Lusitano:
E que se a palma ouuer da guerra crua,
Liurando o Reyno de tamanho dano,
Que elle te pagara grande tributo,
Nam tendo em quanto fala o rosto enxuto.

Ouue o Rey com seuera segurança
O afligido Mouro, não podendo
Deixar de magoa de fazer mudança
No rosto, deste modo respondendo:
Atras te fica toda a esperança
Do que polo teu Rei fazer pretendo,
E sabe que onra, vida, & rico estado
Porei, por ser no seu recuperado.

Mas contame essa guerra que me admira
Tão injusta & cruel como parece,
E como a propria gente se conspira
Contra o proprio Rei a que obedece:
A isto o Mouro palido suspira,
E começando, a lingoa lhe arrefece
Porem tornando em si, Senhor dezia
Que não fará cobiça & couardia?

Sabe que hum Turco de Real respeito,
(Chamado Age Morato) pondo hum dia
Sobre hũa curua rocha, o antigo peito,
Donde hũa fonte hum lago ali fazia:
Que hũ mõstro détro ve d'esquiuo aspeito,
Como que algũa cousa lhe queria,
O qual com olhos turbos & molestos,
Lhe começa a fazer disformes gestos.

Os cabelos atras, vinhão toacendo
Os veperinos colos: qual serpente
Que a presa espera da aruore pendendo,
Quando a Segonha ja encima sente:
Na negra & escura cor do monstro orrêdo
Se enxergão algũs sinaes confusamente,
Que polo cerro vão ao fim do rabo,
Que outro rosto de serpe tem no cabo.

Ardendo

rdendo em viuas chamas dentro nagoa
itaua o torpe ſpiritu nefando,
Tal calida de tem a infernal fragoa)
ulfureas fezes rabido eſcumando:
Moueſe o Turço de piedoſa magoa,
E arriçado foilhe preguntando
A cauſa de tal vinda, onde mordendo
Elle as veloſas mãos, foi reſpondendo.

Eu ſou Argel, que no Tartareo lago
(Ardendo como ves) tenho a morada,
De meus inormes vicios juſto pago,
De Mogorra & Bigam tambem pouſada:
Do teu Mafoma Arabio te trago
(Se a queres ouuir) hũa embaxada,
E tendo fora da agoa ja a cabeça
(Vendo o Turco pronto) aſsi começa

Grande ſenhor, o Rei do eſcuro inferno
Procura fazer Reis tão deſcendentes,
Como permitte o ſaber eterno,
Para açoute de torpes delinquentes,
Outro mayor & mais alto gouerno,
Do que tens em Argel, a teus parentes
Verás, & não te ſeja marauilha
O ſer de Fez Rainha eſſa tua filha.

Caſa

Casa co ella hum que for chamado
Moley Maluco, o qual eu te seguro
Que seja obedecido & leuantado
Por Rei, a força de seu braço duro:
E não tenhas por sonho vão & errado
O que com tanta instancia te procuro,
Porque tão alta sorte elle concede
Ao teu Propheta Arabio, Mafamede.

Dizendo isto, lhe desaparece
A orrenda Eumenide, & o velho fica,
Como quem q'ier dizer o que lhe esquece,
Que só consigo o trata & cõmunica:
Hora de medo sua, hora arrefece,
Hora hũa & outra vez ali replica,
O que lhe diz a Vltrice, & como astuto
Consigo só se cala resoluto.

Mas quando o claro sol ja desatauã
Das oloroſas flores, o coalhado
Orualho, & que o ruſtico as piſauã
Rompendo a terra cõ torcido arado:
Na real casa o graue Turco entrauã
Onde el Rei Ramadão do Regio estrado
Leuantado, o recebe, & assi contente
Consiguo o assentou nelle igualmente.

Pessoa era poderosa,& de respeito
Age Morato,& tudo merecia,
Por ter tão forte,como sabio peito,
E porque de Reis altos decendia:
O qual con venerando & graue aspeito
Ao Rei tudo contou(que emmudecia)
E quando disso hum pouco propuserão
No fim ja de razões se resoluerão.

Resoluense em casar a illustre dama
Co valeroso Turco, que a merece,
Se pode merecer illustre fama
Quem so a fama illustra,& enriqueces
O conselho Ianicero se chama
Que dé efeito ao que lhe parece,
Porque às vezes desfaz com dura lei
O que assenta no seu conselho o Rei.

Consultão todos que se dé a esposa
Ao ditoso Maluco,que esforçado
Se he muito,inda ella he mais fermosa,
Partido(quanto a mi) inda roubado:
Dalhe elle a esperança duuidosa
De ser Rainha,em dote (costumado
Estilo,de o darem nesta terra)
E o Rei tres mil Ianiceros de guerra.

Inten-

Interrompe a cobiça o estreito gosto,
Deixa o Maluco a esposa de saudades
Tristes chea, seguindo o prosupposto
Que conuinha a tam altas calidades:
Pondo à toda a fortuna ledo o rosto,
Que he chea de inconstantes variedades:
Nam lhe estoruáua via inconuenientes,
Mas antes junta infinitas gentes.

Neste tempo o Xarife o perigo vendo
De seu estado, ja no campo andaua,
De cousas importantes se prouendo,
E não da que lhe então mais importaua:
Que os seus andauão ja contas fazendo,
Onde diante o interesse andaua
Mas encobre o intento esta canalha
Ate verẽo Rey posto em batalha.

Encobrenos estamagos danados,
A codindo con tudo como deuem,
Ao Xarife, por quem foram obrigados,
Inda que seu intento ó reues leuem:
Vão com ricas marlotas bem armados
Contra os q̃ entrar por seu Reyno se atreué
Começá na batalha sanginosa,
Tam aspera, cruel, & duuidosa.

Tocão tambores, trombas disonantes
De hũa, & doutra parte soam gritos,
Pifaros a seu modo sybilantes,
E outros instrumentos infinitos:
Ondeanse as bandeiras tremolantes,
Canhões disparão, voãnos espritos,
Quoal sem perna coxea, qual sem braços
Fica, & quoal desfeito em mil pedaços.

Ali qual dono fica sem caualo,
Quoal caualo sem dono vai correndo,
Quoal debaixo em vão quer leuantalo,
Quoal vai na estribeira o pe metendo:
Quoal não cansa fogindo de picalo,
Qual vai na sela aqui, & ali pendendo,
Qual blasfema do falso Mafamede,
E qual en alta voz socorro pede.

Vão ja os brauos Turquos de vencida
Mas animosamente se entretinhão,
Porque perà saluarem a cara vida
Sò na espada o remedio tinhão:
Mas da batalha crua embrauecida,
Vendo o Xarife como brauos vinhão
Os escoadrões Turquescos, sae fugindo
As nonas da treição dos seus ouuindo.

Ouuio

Ouuio que seus vassalos se passauão
Aa enemiga parte, & arreceando
O que elles antre si determinauão,
Se foi antes do efeito antecipando:
E os Turcos que em saluar sò se ocupauão
As vidas, vão então recuperando
O campo, onde assi eterna gloria
Alcançárão com prospera vitoria.

Ficão no campo os Turcos vencedores,
E os Mouros vão apos seu Rei fugindo,
Os que não forão a seu senhor tredores,
Como leaes ate morte o seguindo:
Tomão por derradeiros valedores
Asperos cerros, onde vão subindo,
E ali o Mouro Rei se fortalece
Cos que primeiro por leaes conhece.

Ali se reparou, & discorrendo
Pola memoria o que mais lhe conuinha,
Foi sua perdição clara entendendo
Se ali comprido tempo se detinha:
E hũa & outra cousa reuoluendo,
Lembroulhe que na sua prisam tinha
Hum forte caualeiro Lusitano,
Que remedio bastante era a tal dano.

Manda logo por elle breuemente,
O qual vendo no colo o duro corte
Como cuidaua, ven ledo & contente
Por lhe acabar tal vida qualquer morte:
Foy o fim da esperança diferente
Do que lhe prometia a iniqua sorte,
Porque esperãdo ao menos morte esquiua,
Ve a vida liberta de catiua.

Promete a liberdade desejada
Ao mancebo Cunha, que não sente
Tanto prazer na vida libertada,
Como dẽa por por elle está contente:
Dizlhe que a vida & onra que obrigada
Lhe será sempre em tudo, não consente
Deixalo em tam estrema desuentura
Ingrãto, indo buscar vida segura.

Mas que como leal, & seu vassalo
O seguiria sempre em qualquer sorte,
Não vendo outra melhor que acõpanhalo,
Ou em prospera vida, ou dura morte:
Mandalhe entam o Rey dar hum cauallo,
(Que armas despreza todo peyto forte
Naquella terra) no qual sobe ousado
Por defender o Rey desbaratado.

Recolhe a fraca gente desarmada,
Qual sem pastor rebanho derramado,
Salteado da fera acelerada,
Que aqui, & ali se esconde amedrontado:
Faz que recee o imigo a Lusa espada,
Anima o pouo triste & acobardado,
Segura o Rey do timido receo
De que està com sobeja rezão cheo.

Mas porque cada vez mais se juntauão
Co vencedor os falsos Mauritanos,
Esforços muyto pouco aproueitauão
Senão pera principio de mais danos:
Perigo sobre o qual se aconselhauão
Co Cunha, o Rey & os outros Africanos,
Conselho donde sae que se pedisse
Socorro a ti, & que eu logo partisse.

Eis aqui de meu Rey a triste estoria,
Ves aqui tens (senhor) materia justa
Para alcançar a mais excelsa gloria
Que nunca ja contou fama vetusta:
Fica seuero o Rey, & na memoria
Entalha magoa da treiçam injusta,
Com termos de quem mostra estar sentido
Assegurando ao Mouro o prometido.

Determinando logo dãr a efeito
O ſocorro que lhe o Mouro pede,
Larga vontade para tempo eſtreito,
Que a breues termos o deſejo mede:
Onde hum varão de antiguo & ſabio peito,
Temendo dãnos do que o Rey concede,
A voz aleuantou graue, ſegura,
Confiança da idade ja madura.

Começa de falar, mas eu canſado
Conuem que cale o que proſſeguia,
Eſpere hum pouco aſsi o velho onrado,
Se em velho o eſperar não he zombaria:
Tenha o que quer dizer muy bem cuydado
Pois não ſe troca muyto num ſo dia,
Que logo ſe vera em breue eſcrito
Todo quanto por elle ao Rey foy dito.

CANTO OITAVO.

Ha pareceres diferentes sobre Sebastião passar a Africa. Entra hum Ermitão na cidade que ensina a ordem militar aos Portugueses. & chegansse ja os Indescos.



Vem não cuyda primeiro
o que promete,
A quebrar a palaura se a-
uentura,
Pois a cousas às vezes se so-
mete
Que com prilas não he onra, & cordura:
O que se entrega ao que lhe não compete,
E desejo que colhe a não madura
Fructa do entendimento, não se agraue
Se depois o cercar tormenta graue.

O pi

O pio Bastião pronto escutaua
O caso do Xarife doloroso,
Não vendo o dominio que tomaua
A magoa de seu peyto generoso:
Tardar em lhe valer ja arreceaua,
Petrechos administra corajoso,
O querido varão (que a tras dezia)
Desta maneyra auante proseguia.

Bem parecem senhor taes pensamentos
Dinos só de tal Rey, mas meu officio
Me obriga a telebrar que os fundamentos
Conforme hão de ser ao edificio:
Que nauegar contra contrayros ventos
Sem no porto esperar vento propicio,
Não so se arriba do que se pretende,
Mas dum cabelo o naufragio pende.

He onra, he proueito, & he cordura,
Ponderarse primeiro o mal futuro,
Pois não ha esperança tam segura
Que do que esté por vir nos dé seguro:
Bem sey que do suceso se pendura
O bom conselho, mas o mais maduro
He, que o q̃ certo for não se auenture,
Pois que nam ha quem o por vir segure.

Deyxares o teu Reyno polo alheo,
Que em tranquilo repouſo & em paz eſtà,
He troca errada, & o mais certo meo
Que agrandes danos o principio dà:
Olha Vuencelao, que do receo
Que lhe conuinha iſento, antes que và
Contra a Napolitana, não pondera
Que auentura o que tem polo que eſpera.

Pois de Cunrado olha a confiança
Com que entrega à fome & ao cutelo
Os ſeus (quando quer pór em Alaph a lãça)
Cuydando Michael fauorecelo:
E nota Cleopatra, que mudança
Faz em ſeu Reyno, com oferecelo
A Antonio, & bem podes ver deſtinto
Da Tomirica yra o Araſſeo tinto.

E porque mais me entendas Rey potente,
Olha nos campos de Solumber o dano
Que em Segiſmundo fez Turqueſca gente,
Quando quer enſecar ao Otomano:
Em vez de conſumir, faz que acrecente
Reputaçam, poder eſte tyrano
Chorando tanto em tão a triſte Vngria
Antecipar aſi o que temia.

Onde tres couſas (para quẽ pretende
Não dar paſſo á caminho errado)
Conuem que elle pondere, pois depende
Dellas o fim ou mal, ou bem acertado:
Antre as quaes a primeira donde pende
Ficar ſempre o conſelho bem julgado
Em tudo o que ſucede, he que procure
Que mais do que pretende não auenture.

A ſegunda hẽ, que os meos trabalhoſos
(Que eaſi ſam em tudo commummente)
Não ſejão mais que o fim difficultoſos,
Que he hum grãde, & peſado inconueniẽte:
A terceyra he, tambem que duuidoſos
Não ſejão tanto os fins, que diga a gente
Que o que contra razão quer pretendelos,
Eſcolhe antes perderſe, que perderlos.

Agora neſte caſo aqui ſe veja
O que perder ſe pode, & o que ſe ganhá,
Que aquelle que eo bem o mal coteja
Nunca depois ſeu dano tanto eſtranha:
O partido grande he, mas a peleja
Que ſe oferece he couſa tamanha,
Que me canſa no meo a eſperança,
Temendo algúa perfida mudança.

Isto dezia ao moço o velho onrado,
Porque turbado o intento, o apetite
Se esfrie que com termo prolongado
Sempre lhe o tempo faz breue o limite:
Mas outro varão sabio & auisado,
Porque deseja que se estabilite
A ley de Christo em todo o descuberto,
Tal parecer encontra a campo aberto.

Dizendo, quem não proua da ventura
Os varios casos, & a maneyra estranha,
Sepulta a fama nũa tumba escura,
E a onra que possue em parte acanha:
Tudo se demenue, nada assegura,
Em certo modo perde quem não ganha,
Tudo he errado a modo de contenda,
Conuem que dũa cousa a outra dependa.

Não se ordenou na nao a vela & o leme
Para no porto estar segura & surta,
Não se liura da guerra quem a teme,
Antes às vezes com fazela a encurta:
Olha como a Roma a barba treme
Da gente ja que furibunda furta
E dissipa o Imperio, & quanto atalha
De Marco Aurelio a cruel batalha.

De Claudio segundo olha a vitoria,
Quando rios de sangue entam correrão,
De Caro & de Ecio a alta gloria,
Polo que sem temor acometeram:
Ve dos de Probo a famosa estoria,
Que quatrocentos mil coele vencerão,
E de outros muytos como antecipauam
As armas ao temor, que remedeauam.

Pois como Scipião (ao Africano
Furor) cos membros çarra o passo estreito
Assi çarray vos forte Lusitano
A porta Occidental ao Mauro efeito:
Pois vedes ja presente o gèral dano
Com q̃ a Turquesca mão forma dereito
No que pretende, & acabe a vida onrada
Antes de perseguida & acouardada.

Isto dezendo, logo o moço ousado
Se determina en dar à guerra efeito,
Buscar estranhas gentes tem mandado
De belicoso & feroz aspeito:
O Mouro embaixador vay despachado
Cheo de nouas boas, pelo estreito
De Gibraltar cortando as aguas frias,
E hum dia lhe parecem cem mil dias.

Mas na cidade ja (do mundo coroa)
Tão proſpera em tudo, & tão temida
(Que chamamos agora de Lisboa)
Com razão enuejada, & conhecida:
Entra hum Ermitão de quem pregoa
A vulgar voz eſtreyta & ſanta vida,
Que juntamente nelle tem notado
Melhor lhe eſtar a eſpada que o cajado.

Deſte correndo vay a fama leue,
Tropheos publicou que tem ganhados,
Que a morte largo tempo ou idade breue,
Não eſcurecem feytos ſinalados:
Premio que com aſsaz razão ſe deue
A peitos valeroſos & eſforçados,
Que oferecem a vida pola gloria
Que lhe fica depois em lõga eſtoria.

Pois diſcorrendo a penuda fama,
Chega ao Rey, que cheo de alegria
O velho Ermitão ante ſi chama,
De quem tanto louuor ſe lhe dezia:
Chamauaſe eſte velho Ermitão Gama,
E bom ſera ſaber que pretendia,
E que principio teue, & como vinha
A guerra cum bordão que o mal ſoſtinha.

Este era Portugues, & bem nacido,
De animo forte, & natureza braua,
A quem o tempo tinha bem comprido
O que na tenra idade antes mostraua:
Do belico desejo constrangido,
(Quando a vinte annos inda não chegaua)
Se despede dos pais & patria amada,
Por ir buscar a guerra desejada.

Atrauessando vay a larga espanha,
E o Reyno que ja foy del Rey Latino,
Dũa prouincia estranha em outra estranha,
Moço robusto, ousado & peregrino:
Da terra a que o Rim, & o Reno banha,
Atè Meotis funda & mar Euxinio,
Soando a rouca tromba belicosa,
Aa Christandade hum tempo tão danosa.

Ouue o mancebo o som medonho & fero,
Que por cima dos Pireneos voaua,
Vindo de França, & do terreno Ibero,
Que encima hum com outro se encõtraua:
Dizendo antre si, que mais espero?
Pois inda vejo mais do que esperaua?
Aqual destes seguirem rezão deuo
Coa tençam sem afeiçam que leuo?

A Car-

A Carlos que de Espanha he Rey potẽte
Emperador da Igreja valeroso,
Forte, Christão, afauel, & prudente,
Seguir quero cõtra o Frances odioso:
Apresentase então ao reuerente
Emperador begnino alto & poderoso,
Que alegremente o aceita & lhe agradece
A vontade que em obras se conhece.

Segue entam esta guerra, onde declara
Ao mundo seu valor & fortaleza,
Com vida onrada tendo fama clara
Adquerir não podendo mor riqueza:
Não lhe sendo porem a sorte auara
Que mil vezes encontra a natureza,
(De seus bens enemiga) mas coluna
Que tudo em fim desculpa a boa fortuna.

Gasta os floridos annos trabalhados
Vestindo sempre arnes, escudo, & malha,
Trabalhos que não vi galardoados
Sem lhe ficar o premio na baralha:
A perigos na guerra costumados
Vencendo ora hũa & outra batalha,
Ofrecendo a vida & gostos della
Pola gloria que espera de perdella.

Mas vendo enrugada a testa lisa,
De neue o cabelo, & barba larga,
Voar a vida assi leue & precisa,
Em todo estado em fim lembrãça amarga:
Vendo a cumba ceruiz que ja o auisa
De como os annos lam pesada carga,
Vira ao enganoso mundo a folha
Sem eleger suspenso certa escolha.

Com tudo olhos abrindo ao entendimento
Entregando à razão presa a vontade,
Cheo de pranto & arrependimento
Se mete no caminho da verdade:
Ao companheiro arnes co rosto lento
Nega a liança antiga & amizade,
A hum cabo deitando a terza espada,
A outro cabo o escudo & a celada.

Indose por caminhos desusados,
Fazendo de peecados penitencia,
Por asperos desertos abitados
Sò de feras em summa continencia:
Despio co velho Adão velhos cuydados,
E veste o zelo bom de diligencia,
Executando o verdadeiro intento,
Fazendo alto & celeste fundamento.

E assi

E assi os patrios montes descobrindo,
Onde a vida a seu fim sempre se inclina,
Nũa Ermida que acha a Deos seruindo
Rime culpas, com dura disciplina:
Porem a belicosa tromba ouuindo,
Que tanta gente ajunta perigrina,
Não podendo sofrer a justa queixa
Que delle armas tem, a Ermida deixa.

Entra em Salacia, ou Iulià (que chamad
Ia assi foy dos antiguos) preguntando
As causas principaes da começada
Guerra, que tanto se anda preparando:
Do que pregunta foy lhe razão dada,
Onde sobrisso largo praticando
Mostra bem nas palauras que dezia
Quanto no forte peito se escondia.

O que dito ao Rey, contente o chama,
(Como atras vos contey) & o persuadia
A não fazer escura a clara fama
Coa vida sem perigo que escolhia:
Dizendolhe prudente & forte Gama
O teu nome & valor, nam permitia
Que idade que nam acaba a morte dura,
Venha acabar o tempo de madura.

Porem

orem se por deixar o mundo vão
iquezas & onras delle desprezaste,
ando a todos os bens de ca de mão,
ue com tantos perigos procuraste:
ão he com tudo isto inda razão
eixar as armas (que ja tanto amaste)
ois para dilatar he claro & visto
ue sam, & defenderse a ley de Christo.

o que o Ermitão lhe respondeo
ão lhe pesando de leuar Capelo)
ue nunca mundo quis, nem pretendeo
epois de conhecerse, & conhecelo:
as que obrigação lhe pareceo
ferecer ao Barbaro cutelo
a vida por seu Rey, inda que velho,
or ser melhor que a lança o bom cõselho.

omeçando a mostrar à Lusa gente
ogo (como do Rey lhe foy mandado)
a ordem de Diomedes conueniente,
a campo inteiro, ou ja desbaratado:
e Sinom os ardis astutamente,
m modo sempre fero & concertado,
azendo & desfazendo esquadrões varios,
onforme a tempo, sitio, & aduersarios.

Ordem

Ordem que mal aprende, inda que auia
Muitos dias que nela se exercita,
Como gente que tudo em fim vencia
Sem manhas, mais por força que por dita
Tempo em que o moço Rey ja despedia
Ministros, que escolhessem a gente escri
Que polo Reyno auia muytos dias
Que andaua repartida em companhias.

A tres, a cinco, a sete, & a noue enfia
A gente, a onze, a treze, acrecentando
Sempre dous mais na conta que crecia
Se a fieyra queria ir prolongando:
Donde tirando a arcabuzeria
Conforme a ella os piques ordenando
Deuisos, pera mais prestleza em partes
Ordena em batalha os estandartes.

De noue por fileira, & de comprido
Que tenha dezasete fabricaua
Batalha cujo rosto resumido
Em cinquoenta & coatro se mostraua:
Segurando ventaje de partido
Contra outra qualquer que ali ordenaua
De menos fronte, posto que tiuesse
Mor corpo, se ao longo se estendesse.

E se de onze so era a fileyra,
Dezanoue em comprido requeria,
E de sessenta & seis fica a fronteira
Do escoadrão pungente que fazia:
Proseguindo assi desta maneira
Com que sempre no numero excedia
Da enemiga batalha o rosto fero,
Como vsa a gente do famoso Ibero.

Mostraua mais o modo que se tinha
Em leuar a bagaje bem guardada,
E como a pouca gente se sostinha
Contra muyta sem ordem desmandada:
E quanta artilheria lhe conuinha
Para guardar a escoadra que traçaua,
E os caualos que bastam, & o modo vario
Para desalojar ao aduersario.

Ordem que mal aprende, inda que auia
Muytos dias que nella se exercita,
Como gente que tudo em fim vencia
Sem manhas, mais por força que por ditas
Tempo em que o moço Rey ja despedia
Ministros, que escolhessem a gente escrita,
Que polo Rey no auia muytos dias
Que andaua repartida em companhias.

Escolhê estes moços belicosos,
De espadoas largas, peytos releuados
Sedeudos, meãos, pretos, neruosos,
De estranhas forças, & valor dotados:
Fazemlhe prouar pesos monstruosos,
E dar tiros & saltos desusados,
Onde excedia a rustica serrana
Lusa força, a toda farça vmana.

Qual Miló rompe os troncos mál aberto,
E qual Tideo em Tebas dardos lança,
Qual mais que Euryciom da tiros certos,
E qual Lada o vento não no alcança:
Qual Camila nos Voscouos desertos
Aos gamos de escapar tira a esperança,
Qual Oriom & Olgete em fim correndo
Parece Atalanta ir merecendo.

Se estes à guerra forão, pouco auia
Que fazer na conquista Mauritana
O que ao Rey potente parecia,
Mas o dano depois o desengana:
Onde ja neste tempo se partia
O Costa para a patria Lusitana
Coa Tudesca gente belicosa
Que acode ao som da trombа sonorosa.

De la do frio & gelado clima,
Trazia a famosa & braua gente,
Mais destra em valor que em prõta esgrima,
Tam dura na razão, como impaciente:
Onde doce suadade, que lastima
A quem de triste amor doçuras sente,
Atras lagrimas faz grandes efeitos,
Por não arderem os corações nos peitos.

Trocanse pais, irmãs, & patria amada
Ali pola labrosa companhia,
Inda que percão mais não perdem nada,
Pos tudo na esperança se perdia:
Vay de tristes cuydados descuydada
A nunca jaestabil alegria,
Nãona cãsa o temor q sempre a cansa,
E em parte o coração no amor descansa.

Onde qual a cordeira, que apartada
Ve para o talho a doce companhia,
Que atras bradando ja desatinada
Co pastoril cajado o amor porfia:
E assi no largo bando misturada
Buscando aquelle bem que lhe fugia,
Perder não teme a vida, que o receo
Não obra nella contra o esforço alheo.

Assi segue a esposa ao doce amante
Atè o estremo fim da vida incerta,
Quem pode crer auer peito constante,
Onde mudança sempre foy tam certa?
Todauia não quero que se espante
Ninguem, pois está clara & descuberta
De muy tasa constancia & a pureza,
Amor, virtude, engenho & fortaleza.

Vede que estoria ha das celebradas
Que nam esté de raros feitos cheia,
Das cousas de Orethia finaladas,
E de Antiope & gram Pantasilea:
De Zenobia, & Tomiris afamadas,
E doutras, cuja fama o mundo enlea,
Que industria & trabalho de escritores,
Pode chegar ao fim de seus louuores.

Quem pode encarecer que diga nada
De Camilla, Symiramis poderosas,
Que tanto nome alcanção pola espada,
Quanto peito renderão por fermosas:
Pois em pureza que he tam mal guardada,
Penelope, Lucrecia, Hypo famosas,
E Herfilea, exemplos nos deixarão
De quanto por virtude se exaltarão.

Ianas artes & Musas sonorosas,
Vede a Lyra de Safo, & melodia
Das tres Corinas, vede as glorioſas
Palpas, que tanto Pindaro sentia:
Pois em lagrimas triſtes & amorosas
Cantar tanta firmeza quem podia?
De Euadne, Atis, Bibli, & aque chorando
Morre, Proteſilao sempre chamando.

Vede Porcia, que poem ao mundo espanto,
Comendo brasas, vede a que por Numa
Se conuerte chorando em triſte pranto,
E o que Artemisa a beber coſtuma:
O seu querido eſpoſo amando tanto,
Que quer que dentro nella se conſuma,
Dando à cinza fim na meſma ora
Que dà à vida, & lagrimas que chora.

Pois logo a lingoa ouſada & atreuida,
Que contra vos senhoras for tam ruda
Que seja sem paixam deſcomedida,
Merece ſo por iſſo ficar muda:
Tendo deſculpa a minha mal ſufrida
Pois inda que se queixe nam se muda,
Daquella obrigação que se vos deue
Quando a ſer contra vos outras se atreue.

Aqui fazendo pâuſa por agora
A pena, do que mais dizer pudera
De vos damas fermoſas, ſenão fora
Tudo pouco, por muyto que diſſera:
Dando lugar às lagrimas que chora
Quem não ſera jamais quẽ dantes era,
Tomando alento a fraca voz que eſpira,
Para tocar com mayor força a Lyra.

CAN.

Chega o Mouro ao Xarife coa noua do socorro, & entrega se Arzila a Sebastião, morte a Ifante dona Isabel, & Ifante dona Maria, & mãe del Rey, & a Raynha dona Caterina: chegan se tãbem as gentes Portuguesas, & sabendo o Maluco estas nouas se aconselha.

PRoua he grande de ser cousa estimada
A que nunca vos cansa por sobeja,
Pois so tem preço quãdo imaginada
Sem esperança della se deseja:
Qual pode auer em fim muito tratada
Que importuna & pesada vos não seja
Senão falar de amor, que passatempo
Pode gastar melhor prolixo tempo?

Ditoso Anacreonte, & o brando Alceo,
Tibullo, & Propercio, & o namorado
Catullo, que por Lesbia o mundo chço
De louuores deixou de seu cuydado:
Ditoso o que não canta o dano alheo,
E que chorar o seu não lhe he vedado,
Ditosos os que emportuno & graue
Tempo, cantando amor fazem suaue.

Eſtes alem de acharem varias flores
No deleitoſo & amoroſo prado,
De publicar ſeu mal tiram louuores,
E eu de encubrir o meu, mayor cuydado:
Vede agora com laſtimas, & dores,
Que alheas, me hà de ſer contar forçado,
Em materia tam triſte & eſcabroſa,
Como he furor, & guerra ſanguinoſa.

Que fruto tirar poſſo da importuna
Trombа, ſenam ſer aborrecido,
Que ſeme ajudára inda a fortuna,
Dos que (viue quem vence) fora ouuido:
Mas declarando a ocaſiam oportuna
Por onde veo a ſer meu Rey vencido,
Quem me ouuirà que o triſte cãto aproue?
E que com me culpar me não reproue?

O quem pudera neſte pego eſcuro
Lançar tenace ferro deſcanſado,
Ou não tiuera tam fragoſo, & duro
Caminho, como tenho começado:
Ou que tornar a tras fora ſeguro,
Tendo a mòr parte delle ja paſſado,
Pera ſer de meu mal ſo o rouco canto
Que exẽplo fora à gẽte, & ô mũdo eſpãto.

Mas

Mas pois não pode ser, irey passando
A viaje comprida, & tormentosa,
O conto interrompendo, & variando,
Porque assi fique a estoria mais sabrosa:
Qual musico que as falsas apalpando
A consonancia faz mais deleitosa,
Deste jardim colhendo varias flores
Por serem diferentes os sabores.

E proseguindo a começada estoria,
Deixemos os Tudescos que chegauão,
Por ser cousa forçada & obrigatoria
Tornar aos que na Lybia me esperauão:
Perdido nam deueis ter da memoria
Aquelles que esperando duuidauão
O socorro do moço Lusitano,
Que co seu remedea o alheo danno.

Esperaua o Xarife, & bem podera
Recear de não ter socorro a vida,
Que quem hũ grande bem temendo espera
Não no deue estimar se o nam duuida:
Cada Mouro que ve cuyda que era
O que tinha mandado, da comprida
Tardança ja julgando sem ventura,
O que hum grande temor sempre afigura.

Mas o Mouro prudente & atreuido
Rompe por toda a mor dificuldade,
Que o vaſalo na fe, & amor comprido
A tudo antepoenna lealdade:
Chegando onde o Rey no monte erguido
Eſperando do tempo a variedade
O recebe turbado, & juntamente
Lançando ſe a ſeus pees lhe diz contente.

Alegrate ſenhor, que a belicoſa
Tromba Luſa em teu fauor ſoando,
Ia polo mundo rouca & temeroſa
Ferozes gentes anda conuocando:
E de teu enemigo a duuidoſa
Fortuna o deue eſtar ja atormentando,
Que da armada que faz o forte Luſo
Com razão todo mundo eſtà confuſo.

O Rey begnino, juſto & valeroſo,
Tão afabel como he claro esforçado,
Mouido de teu caſo laſtimoſo,
Iura hum exemplo ao mundo deſuſado:
E ou porque he de peito belicoſo
Ou das tuas promeſſas obrigado,
Elle ſocorro & ajuda te promete,
E que tão juſta cauſa a elle compete.

Mai

Mais diz, que porque mais seguro estejas
Dos teus, mudes o assento à forte Ceita,
Ou a outro lugar qualquer que elejas,
E que tua aliança & amor aceita,
Que quando restaurado o Cetro vejas
Que os pòrtos prometidos nam engeita,
E que nam farám longa a esperança
Os incouenientes da tardança.

Ouuindo o Rey a noua desejada,
Correos manda logo à toda parte,
Publicando o socorro & forte armada
Que lhe promete o Lusitano Marte:
Animando à ja desesperada
Gente, que era por elle Tagadarte
Correndo com tal noua prazenteiro,
Porque espera sair de catiueiro.

Foy este rio hum tempo posuido
Dos Portugueses, quando a forte Arzila
No jugo tinha o colo sometido
Que tudo oprime, o q̃ ha d̃ Arguim a Abila
Veo hum Rey (de conselho os persuadido)
A nam querer com outras oprimilá,
E assi a larga aos Mouros onde estaua
Hum que entam por alcayde a gouernaua.

Este

Este pois os perigos receando,
Que por leal nam sem razão temia,
As cousas do Maluco reprouando
Donde o temor & a culpa lhe nacia:
De suas seguranças duuidando,
Polas nouas que do socorro ouuia,
A terra entrega ao Luso, & assi segura
A vida, a fama, & filhos por ventura

Entrega Albiquirim esta cidade,
Porque polo Xarife ainda estaua,
O que fizerão as mais, se a lealdade
Se não fizera da cobiça escraua:
Mandando logo dar seguridade
Ao Capitão que Tanjar gouernaua,
Dom Duarte chamado, & que viesse
Porque omenaje delle recebesse.

Náo dilata a partida o esforçado
Capitão, como tal caso requere,
Que a tudo ofrecido & acautelado,
Coa ida a promessa lhe difere:
Sae (em chegando) o Mouro acompanhado
Dos seus, & a grande onra lhe refere
Que do Xarife tinha recebida,
Para guardar a obrigaçam deuida.

chaues apos isto ali entregando
o Luso Capitão, que ledo as toma,
a terra (sem tardar) se apoderando
om menos perigo q̃ Tarquino em Roma:
emplos que foram ja redificando
heos de torpes aras de Mafoma,
e mantimentos & armas se prouendo
omo estaua tal caso requerendo.

ho feyto, à hum que era chamado
ero da Sylua (illustre caualleyro)
Deyxou por Capitão, tendo traçado
De se tornar, fazendo isto primeiro:
euando Albiquirim Mouro esforçado,
ntendido, prudente, & verdadeiro,
onsigo, as cortesias lhe fazendo
quetal pessoa estaua merecendo.

endo já nesse tempo morta aquella
ona Isabel Ifante alta senhora
egrandose o ceo tanto coella,
uanto a terra por bem tamanho chora
il virtudes a magoa espalha della,
om que o amor dos seus, amor penhora,
eralmente de todos he sentida,
ouandose na morte, a onrada vida.

Tam-

Tambem outra Ifante, que chamada
Era dona Maria, a morte eſquiua
Cortou os annos, magoa que chorada
Sera no mundo, eternamente viua:
Ficando della tam apoderada
A dor a que ſe entrega por catiua,
Que padece, de ver que a começada
Guerra nam pode ſer della eſtoruada.

Que ali de ſaudade & magoa chea,
Cria doença, da qual ja fenecida
Cura o que teme ver na vida alhea,
Co ganho de perder primeiro a vida:
E aſsi cum mal o outro remedea,
Do que nella perdemos eſquecida,
Bem que ſempre ſe chora & ſe conhece
Depois que a falta delle nos empece.

Não ſe ſatisfazendo a morte dura
De mortes tam choradas & ſentidas,
Que outra Princeſa leua, & yrada jura
De os ombros carregar de Luſas vidas:
Eſta era mãe do moço que procura
Antre as lanças dos Barbaros compridas
Acabar coa flor dos caualeiros
Portugueſes, ſeguros compan heiros.

Apos ella cortando a longa idade
A Caterina, auò do Rey guerreyro,
Podendo so lembranças de saudade,
De magoa, acabaremna primeiro:
Vede quando hũa grande aduersidade
Vem, em que estado poem tam derradeiro
Hũa prouincia, vede quanto danno
Quer consumir o Reyno Lusitano!

Encheſe todo com razão de choro
De negros panos ja se ve cuberto,
Pagando à graue dor diuido foro
Os olhos, como entrambos he concerto:
Alegraſe o celeſte & sancto Coro,
Fica o mundo sem tanto bem deserto,
E orfão Portugal cum Rey que jura
De porlhe a paz & a onra na ventura.

Eſte quer apalpar os mouimentos,
Da inconſtante roda irreparauel,
Que sempre ajuda altos pensamentos
E aborrece peito miseraueł:
Deſpreza o furor dos elementos,
Vendoſe ja coa gente irrepunhauel,
Que do frio Amaſsis & Albis tinha
Chegada, quando a Luſa à guerra vinha.

Vinhá

Vinhão chegando ja os que recebem
Raros engenhos na corrente fria
Do caudeloſo Douro, como bebem
Lá na Caſtalia a Sabeduria:
Os do Minho tambem ja ſe apercebem
E os do Lima não ficão, & os da ſombria
Ribeyra, que do Zezere banhada
Eſtá ſempre de flores adornada.

Não ficão os que vem do furioſo
Temega a turbada & rouca enchente,
Nem os que do Mondego impetuoſo
Temem o furor da rapida corrente:
Pois os que ouuem do Tejo caudeloſo
Os Lymphos murmurar tam docemente,
Não ſam os derradeiros: Lisbonenſes
Preſtes eſtando ja, cos Eborenſes.

E porque nam he bem que a gente fique
Da beira, tambem vinhão caminhando,
Por outra parte a paſtoral de Ourique
As vandeyras das aſtes desfraldando:
Onde para que a fama os clarifique,
Cada hum vinha guerra ja bradando,
As Algarauias gentes não querendo
Que nam ſe foſſe delles eſcreuendo.

Cam

Campos de Ibero, ou Ebro tambem pisam
Os da Bethica terra gente dura,
Ia por diuersas partes se deuisam
Deuisas dos que vem buscar ventura:
Correm gentes maritimas que auisam
O Rey do que no mar se lhe afigura,
Dizendo que por antre a neuoa fria
Estranha frota ja se descobria.

Huns dizem sam castelos de madeira,
Outros que inchadas nuues, & aporfião,
Logo se ve a cousa verdadeira,
Que as brancas velas ja se descobrião:
Entrando os Nautas vem pela ribeira,
De espesso fumo os lenhos se cobrião
Dos canhões que disparam, & á braua gente
Nos bateis fende a Tegica corrente.

Antre esta companhia hum Marques vinha
De graue aspeito, & comprida idade,
Forte, sabio, prudente, & assi conuinha,
Por nam ser nelle impropria á dinidade:
O qual contra o real teito encaminha,
Aonde o Rey daquella nouidade
Aluoroçado, & suspenso o espera,
Por saber ao que vinha, & donde era.

Este depois ali ao Rey se inclina,
Ao que lhe pregunta lhe responde
Em lingua que em principio foy Latina,
Vou para onde o Sol no mar se esconde:
Mas como na jornada perigrina,
A meu desejo o fim nam corresponde,
Contrastada a ja cansada fròta
Sempre me empede a aspera derròta.

Perigos nunca vistos, impetuosas
Tormentas, ventos brauos, enojados,
Ondas crueis, soberbas, furiosas,
Se deuem conjurar com meus peecados:
Mas pois em aparencias duuidosas,
As vezes estão grandes bens guardados
Não quero eu perder os que cobiço
Na onra que he ficar em teu seruiço.

O padre & pastor sancto me mandou
Da ja florente Roma, cõmouido
Do pouo Hibernio, que sem Rey ficou
Ao dos Anabatistas sometido:
O qual porque a Christam ley nam deixou
Martyrizado he sempre, & perseguido,
E chamado Dalguns Christãos deuotos,
Hia por destruyr os Vganotos.

Mas forçado dos ventos, ancorey
A cafi ja perdida frota aqui,
No que ſe em ſer teu muyto ganhei,
Em nãono ſer mais cedo aſſaz perdi:
Por onde belicoſo & forte Rey,
Ja que da minha patria me parti
Por defender de Chriſto a ley, não erro
Em pór tambem no falſo Arabio o ferro.

Onde porque eu nam quebre o regimento
Do que deuo guardar, aos ombros toma
As diſculpas do juſto impedimento,
Que namno deuẽ ter por culpa em Roma:
Que eu não verey mayor contentamento,
Que a ceruiz que de medo ja ſe doma
A teu jugo, outra vez rumine o eſtrago
Que chorou tanto tempo, de Cartago.

Dizendo iſto o Marques, o moço ledo
Fazendolhe mil onras, reſpondeo
Que de cayr em culpa he juſto o medo,
Mas de a tomar por ſua prometeo:
E que eſperaua ſerlhe muyto cedo
Com tal ajuda omar, a terra, o ceo,
Tudo em ſeu fauor, porque melhor
Agaſſe tal vontade, & tanto amor.

Vindo ja entam Senhores, & Perlados,
Duques, Marqueſes, Condes, Caualeyros,
Procuradores, velhos Magiſtrados,
Officios que requerem o mens inteyros:
Que por cartas do Rey forão chamados,
Para forma de mudos conſelheiros,
Liures erão, & lingoas liures tinhão,
Senão vinhão a falar, não ſey a que vinhão.

Os quaes juntos em conſelho hum dia
Na real caſa, o Rey a voz ſoltando
Deſta maneyra a todos lhes dezia,
Com veneranda viſta os rodeando:
Pois a tè agora nam ſe oferecia
O meo que ſe foy ocaſionando,
De eſtar deuiſa a Lybia, razão he
Que alarguemos de Chriſto a ſanta fe.

Sabereis varões ſabios & prudentes,
Que o Xarife do Reyno he ja priuado,
E que de feras & Turqueſcas gentes
Foy por treyção dos ſeus desbaratado:
E que diuiſos andão, & diferentes,
Ainda alguns no Barbariſco eſtado,
E que me pede o Mouro que lhe acuda,
A quem ja tenho prometido ajuda.

Os maritimos portos nos promete,
Alem doutros tributos que asségura,
Cousa que a este Reyno mais compete,
Onra que mais se estima & se procura:
Em fim no jugo meu a ceruiz mete,
E vassalage me ofrece, & jura
Onde este Rey cos outros tributarios
Quero ter para freo de aduersarios.

Deixando à parte o grande & certo perigo
Que ja nos mostra a Turca vezinhança,
E ser razão ainda que a enemigo,
A justa causa dar justa vingança:
Pois telo por vasalo & por amigo
He da paz desejada a segurança,
A qual vejo cerrado ja o caminho
Se o Maluco nos fica por vezinho.

Eu determino ir acompanhado
Dos meus, a quebrantar a arrogancia
Deste tyrano injusto, & a mal seu grado
Abater a soberba de Bizancia:
De prosperas victorias confiado,
Que farão esquecer a de Numancia,
Isto porque conheça o Otomano
Quam duro he o braço Lusitano.

E para que este Reyno em tudo fique
Como conuem, sos quatro regedores
Quero que tomem o trabalho a Anrique,
A quem deixo de amor grandes penhores
Quais serão antre vos se comunique
Para tam grande carrega os melhores,
E nisto quero ser so aconselhado,
Que ja no mais estou determinado.

Dizendo isto o Rey, todos turbados
(Sem responder nenhum) se estão olhando,
Huns apertando os beyços descorados,
Outros os olhos prontos regalando:
Mudos, parecem em pedra estar tornados,
Tomando a medo o alento: & sospirando
Alguns, nam se animarão ao desenganno
Que nam tomara mal o Lusitano.

O esforços de peitos tam temidos,
Como de vos estam os liuros cheos,
Antre tantos chamados escolhidos,
Do não alhêo perigo tam alheos:
Que vos atou as lingoas, que oprimidos
Vos tem varões illustres? que receos
São estes que emmudecem a verdade?
Que isto não me parece lealdade.

Sou

Soube hum varão antiguo (que preſente
Não ſe achou no conſelho vniuerſal)
Como ſe turbão todos juntamente
Mal reprouando os meos de ſeu mal:
Onde como quem he ſabio & prudente,
Iſento, graue, & ſem temor leal,
Ao moço Rey com voz ſeuera & inteyra,
Começou a dizer deſta manera.

Oo Luſitano ſabio & entendido,
Oo do valor antigo claro eſpelho,
Que conſelho he eſte endurecido
Que tira a força a todo outro conſelho?
Seja ſeja de ti ja agora ouuido
Eſte ſempre tam mal ouuido velho,
E toma tudo aquilo que te falo,
Como de tão leal & bom vaſſalo.

Pois em nome de todos te proteſto
Que mudes o conſelho, vão errado,
E que ajas dò do pouo aflito, & meſto
Que a te ſeguir eſtà determinado,
Olhà quanto caſtigo cru, moleſto,
Paſſou, & o que lhe eſtà aparelhado,
Muda muda conſelho, & cuyda tudo
Que o mudar conſelho he deſeſudo.

Palauras de enemigos sam enganos,
Tudo o que o Xarife te promete
São se me queres crer, embuço a danos,
E segurança ao que lhe mais compete:
Quam pouco lhe dara de desenganos
Depois destar quieto, pois remete
As promessas às leys, o Rey prejuro
Que so pretende o Cetro andar seguro.

Quando o Maluco guerra te fizer,
E for teu Reyno delle perseguido,
Que guerra mor te pode elle fazer
Que a que fazes a teu Reyno afligido?
Em fim que o que pode acontecer
De mal, he menos mal que o acontecido,
E o com que cuydas que isto remedeas
He dares principio ao que receas.

Pois que certeza tens tu da ventura
Que fauorauel, prospera te seja,
Que ventaje tamanha te segura,
Que razão & que gente te sobeja?
Que se tens no que namna tendo a jura,
Como cres facilmente quem deseja
Seu bem, & forçado tua roina
Como pode no peito te imagina?

Olha o conselho de Atabro a Dario,
Quando contra os Scitas cobiçoso
Mouia guerra, & como he ordinario
Ser o falar verdade aos Reys perigoso:
Conquistar lhe reproua o aduersario,
Pobre em fazenda, em armas riguroso,
Foy do soberbo Rey este mal crido,
E o Dario depois arrependido.

Sandanes que aconselha a Cresso ousado,
Que tam mal a verdade lhe recebe,
Que nam conquiste pouo acostumado
Lhe diz, a dura roupa, & que agoa bebe:
Não foy do Rey o conselho aprouado,
Que contra o fero Cyro se apercebe,
Olha o pago que teue o Rey altiuo,
Que de senhor se fez seruo & catiuo.

Se ao Xarife ajuda prometeste,
Não me parece a mi que tu lha negues,
Mas que todo aparelho que fizeste
Para se restaurar, na mão lhe entregues:
Que a pressa da promessa que lhe deste
Não te obriga q̃ te desassossegues,
Nem elle quer, que disso chora & geme,
Que inda perder o ja perdido teme.

Isto dizendo, o Rey suspenso fica
Estando de antes tam determinado,
Mas deixoo co varão, a quem replica
Duuidas do que lhe era reprouado:
E torno à Mauritania, onde publica
A Fama, como o Rey Luso enojado
Da tyrania do Maluco crua,
A ação do Mouro Rey tomá por sua.

Publicase na Lybia, que mouido
A compaxão o Luso, da maldade
Com que o Xarife foy roto & vencido,
Vencendo a cobiça à lealdade,
Que estaua ao socorro apercebido,
Aparte pondo a antigua enemizade,
Que elle lhe ja tiuera, como aquelle
Que mais póde a razão que a yra nelle.

Chega a noua ao Maluco, que absoluto
Senhor estaua ja da terra toda,
Que como era sagaz, prudente, & astuto,
Com todos sabiamente se acomoda:
Pratica, como estaua resoluto
Sebastião, cos que lhe estão à roda,
A restaurar o Rey desbaratado
Quanto a seu parecer intento errado.

Pe

Pede a todos conselho todauia,
Sobre caso tamanho, não querendo
Tratar consigo so o que faria,
Os animos dos Mouros conhecendo:
Que do que lheo tomor ja prometia,
Se estauão inclinando, reboluendo
Cada hum no turbado & falso peito
Como possa o Xarife ser aceito.

O que vendo o Maluco, da cadeira
(Que sendo Turco vsaua) leuantado,
Lhes começa a dizer desta maneira,
Tendo o que entende del'es bem guardado:
Se a vossa lealdade verdadeyra,
O Cetro a meus passados vsurpado,
Me quis agora dar, quanto acertou,
A sobeja razão bem o mostrou.

Agora que outra vez conuem que seja
De vos esta verdade sustentada,
Na sanguinosa & orrida peleja
Que vemos ao presente aparelhada:
Quem a deuida fe romper deseja
Que com temor me nega, & me foy dada,
Nao encubra o maluado & falso intento,
Que os Reis sabẽ o que està no pẽsamẽto.

Mas

Mas claramente todos consultay
O que sobre este caso vos parece,
Pois tanto como a mi nisto vos vay,
E a quem a guerra sempre mais empece:
Os inconuenientes ponderay,
Do perigo que agora se oferece,
E declarayme vosso prosuposto,
Que eu a seguilo em tudo estou disposto.

Dezia isto o Turco, rodeando
Com fera vista os que estam ouindo,
Por ver se o temor rostos mudando,
Lhe fosse peitos falsos descubrindo:
Estando alguns turbados escutando,
Aos culpados peitos acodindo,
A sagaz lingua, antre os quais ousada
Começa hũa a falar dissimulada.

Fala hum Mouro antigo valeroso,
Das passadas batalhas tam cansado,
Como da paz saborosa desejoso,
Temendo algum reues do tempo vsado:
Foy este Mouro ao Xarife odioso
E teme de o ver recuperado,
E conforme ao temor assi pratica,
Mostrando bem o que lhe dentro fica.

Mas porque de escreuer tempos passados
Tam tristes, tenho a pena & mão cansada,
E muitos inda agora enuergonhados
Da malicia no mundo costumada:
Bom sera q̃ os que estão tambem cãsados
De me ouuir, coa folha aqui dobrãda
Dem tempo, a que a voz aflita & mesta,
Não venha de importuna a ser molesta.

CAN:

CANTO DECIMO.

Chega dom Sancho por terra da India, & conta como se la estende a ley de Christo, & o fim da conquista de Monopotapa.



Ve a culpa não tiuera mor castigo
Que a aflição do animo culpado,
Bastaua o temor que traz consigo,
Para ficar o erro castigado:
Olhay como não ve seguro abrigo
Em nenhũa esperança hum peito errado,
Vede como se ja perturba & finge,
O Mouro a quem vergonha as faces ting.

De roxa

De roxa cor, & de temor terreno,
De varias mudanças descompostas,
Cobre o rosto o perfido Agareno,
Aas palauras do Rey ali propostas:
Mas animado em si, torna sereno,
E vira ao temor futuro as costas,
Pronto no que dirà, que eu deixo agora
Pois chega Sancho donde nace a Aurora.

Ia casi resoluto o Luso estàua
No eficaz intento, & nouos meos,
Para ajuntar tesouros intentaua
Por alheo querer, de bens alheos:
Quando da terra la que o Ganje laua
Os Caspios montes vendo, & Nabeteos,
Dom Sancho (hum mancebo Lusitano)
Vem, antepondo à onra o proprio danno.

Varias lingoas & leys passando, & vendo
Varios custumes, varias regiões,
A ley do patrio amor obedecendo,
Que rende aos mais isentos corações:
Ou fosse que a fama discorrendo
As nouas dé dos Lusos esquadrões,
Ou desejar de ver terras estranhas,
Do largo mundo em fim cousas tamanhas.

Elle

Elle tanto que chega à deſejada
Patria, ao Luſitano ſe apreſenta,
Na ordem antre os Luſos coſtumada,
Que de velo ſe eſpanta & ſe contenta:
Depois de cada couſa preguntada
Com que o moço Rey ſaber intenta
Seu temerario intento, preguntando
Como ſe vay a ſe la dilatando.

Reſponde Sancho, ſabe que parece
Que quer mudar a ſe o clima & aſsento,
No como abraſa la, a ca arrefece,
No como la ſe exempla o ſanto intento:
Ia todo Idolatra reconhece
A verdadeira ley, & o perdimento
Quem em ſeu preuerſo & maluado rito
O Reyno lhe aparelha de Cocito.

E aſsi huns que de ouro em forma orren
A Capricornios Idolos venerão,
Tomando de tam graue culpa emenda
Para templos de Chriſto os deſfizerão:
Outros que eſperão prontos que ſe eſtẽd
O tenebroſo manto, porque eſperão
A Lũa adorar ou às eſtrellas,
Ia por ſenhor conhecem o ſenhor dellas.

Em fim, outros que a brutos animaes
Adorão (qual ao Apis se fazia)
Dando de grande fé grandes sinaes,
Todos ja crem no filho de Maria:
Pois toda a Armenia la, & os que no mais
Interno coração da Idolatria,
Dentro na ardente Etiopia morão
Muitos em Christo crẽ, & a Christo adorão.

Mas bem no cabo la das fertis terras
Orientaes, hum sitio se rodea
De penhascosas & talhadas serras,
Habitado de gente bruta & fea:
Que com futura ley futuras guerras,
endo do tempo ja a conta chea,
Dizem que polo Polo de Calisto
irão seguindo o perfido Antechristo.

ente dizem que he silvestre & esquiva,
Que de vmana carne se apacenta,
omo a Massageta, quando a priua
morte, do que a fragil vida intenta:
zinha dizem ser da que a catiua
rba, com so correas afugenta,
ão sey se sam Erimaspos Polifemos,
u se doutra nação que não sabemos.

R Se ella

Se ella de Sacha he, ou Bactriana,
De cauernas somente abitadora,
Ia senhor ja cruel & desumana,
Entra em tuas conquistas vencedora:
Forte robusta a Tartara serrana
Vem a Bengala ja chegando agora,
Tudo oprime, tudo senhorea
E todo Oriente assi rodea.

Achebar he chamado o Rey potente,
Que ser senhor de tudo seneſica,
Mogores sam esta soberba gente,
Pobre de patria & se, de valor rica:
Deseja ser em armas teu parente,
O que por te temer se verifica,
Mil oncas traz con que Gazelas toma,
E de Elefantes de armas grande soma.

Fica confuso o Rey, mas corajoso
De tam fero enemigo, o rosto afronta,
Mostrando antre modesto & riguroso,
Pronto à vingança ja, a espada pronta:
E de saber mais cousas desejoso
Daquellas partes, dizlhe, Sancho conta
Da conquista da aurea & rica serra,
E o triste fim da desestrada guerra?

Moue em reſpoſta Sancho a lingoa leue,
Que a palaura na voz forma eſgrimindo,
E conta longa eſtoria em tempo breue,
Nos coraçoes lugar à magoa abrindo:
Dizendo aſsi: Depois que ja ſe atreue
A Portugueſa frota a ir diuidindo
O golfo do Oceano, & que do intento
Lhe prometia o fim propicio vento.

Bem de bayxo da Equinuncial linha
Se tolda o mole ar de vapor lento,
E o maritimo ronco lhe adeuinha
De tempeſtade impetu violento:
Brada o piloto eſperto, amayna aſsinha
Amayna, que ja vay crecendo o vento,
Correm logo ſolicitos, ligeyros,
Com timido furor os marinheyros.

Mas vmana preſteza em vão procura
Exceder à do vento ſibilante,
Que as rotas velas ja no ar pendura
Como folhas de cana tremolante:
Tomando por eſtrada mais ſegura
O piloto, co groſſo cabreſtante
Virar à tormenta tam importuna
Roſtos a perigos, coſtas à fortuna.

Vira a popa ao vento, & rolo inchado,
Ia leua outra derrota a Lusa armada,
Mar de lagrimas cem no mar salgado,
Da gente saudosa & amedrontada:
Crece o furor do tempo acelerado,
A agulha contra o mar nam monta nada,
Vão desgarrados ter à costa braua
Que o Etiopico Oceano laua.

Depois de largo tempo se partindo
Do Brasil onde estão, a nouos danos
Nouo caminho polo mar abrindo,
Cerrado aos antiguos tantos annos:
O Ceo de negro espanto se cobrindo
Que espanta os corações dos Lusitanos,
Ia no Sigeo Promontorio, quando
O forão pouco a pouco diuisando.

Mas aduertidos ja do rayo fulgente
Que tempestades sempre ali promete,
Com robusto furor, mão diligente
Põe cada hum no que lhe mais compete:
Abertos olhos lingoa prouidente,
Yra irracional em razão mete,
A arte vence a força, o vento crece,
Mas com muyto furor pouco lhe empece.

Com-

Combate o mar, & vento impetuoso
O curuo lenho, vencedor das ondas,
Do ceo com rouco estrondo temeroso
Caem de coalhado vmor pedras redondas:
Mas por mais que tu mar com cauernoso
Rolo, mostres o fundo, & o ceo escondas,
Mais pode o mar de piadoso pranto
Que ante o senhor de tudo pode tanto.

Agente clama a Deos, passa a tormenta,
Velas dão nouamente a nouo vento,
Presente fim a vista lhe apresenta
Da longa estrada, & desejado intento:
Sair alegre a voz, logo esprementa,
Animada do vão contentamento,
De la dos roucos peitos, donde rouca
Muyto remedio achou com razão pouca.

Gritão os Nautas terra, & a terra chegão,
Onde gente da mesma companhia
Espera alegremente a que nauega
Que desgarrada fez dereita a via:
Vnhas de curuas ancoras, que pegão
No pedregoso fundo da bahya,
Refreando da proa o passo lento,
Que lhe faz circular o mouimento.

Na Ilha desembarcão que chamada
He de nos Moçambique, ja prego a
A fama na prouincia a forte armada,
Ia a nenhum peito o temor perdoa:
A tromba belicosa desusada
A Melinde, Faram, Tirut, atroa,
Ja a Manopotapa a barba treme,
E a inutil plebe chorá & geme.

Sendo passado ja tempo comprido
Quando se põe em ordem a Lusa gente,
Cometese primeiro algum partido,
Ao negro Emperador do Polo ardente:
Elle que as cousas tem já recebido
Que tu lhe la mandaste, outro presente
Manda ao gouernador, não de vedrino
Esmalte, mas de cachos de ouro fino.

Pouco lhe custa o ouro, pouco o estima
De que tem em seu Reyno varias minas,
Muyto a cobiça delle incita & anima,
As militantes gentes perigrinas:
São prenhes delle as serras neste clima,
Vemse dentro auriferas ruinas,
Grades do mesmo ouro guardão ouro,
E hum tesouro obserua outro tesouro.

Leua

Leuã apos ſi os olhos o preſente,
E os olhos o deſejo & a vontade,
Ferue a cobiça ja na Luſa gente,
Que lhe pode eſconder dificuldade:
Do aurifero fruto a ſede ardente
Lhe faz aborrecer toda amizade,
Gritão todos ſenhor ſe iſto perdemos
Por vergonhoſo medo, a que viemos?

Eſpecula o Barreto então cautelas
Que o negro Rey parece que eſcondia,
Liure a julgalas, pronto a corrompelas,
Tambem cobiça pronta aqui profia:
E dando a entender não entendelas,
Em ſom de guerra paz lhe pronuncia,
Deſejando de ver tão gram teſouro,
Grutas de prata em fim, e uernas de ouro.

Querſe o Barreto ver de roſto a roſto
Co negro Rey, no que determinado
Efeito manda dar ao proſuppoſto
Que antre todos eſtaua conſultado:
Do arrayal que em ordem eſtaua poſto,
Para o longo caminho deſejado,
Mandando que mouеſſem o paſſo lento,
Os que tinhão da gente o regimento.

Partem de Moçambique os esforçados
Mancebos, pola terra incerta & inculta,
Ia de Etiopes brauos conjurados,
Se ajunta inumerauel turba multa:
De Armeta, de Camur os indomados
Seluages, & da parte mais oculta
(Donde nace o Veado) as armas tomão,
E polos cumes aridos assomão.

De Marzuzo, & de Agag, varias coadrilhas
Aa defensam da patria se juntando,
Por varias regiões, de varias trilhas
Os areosos campos se estampando:
Mostrão os Lusos suas marauilhas,
Que a prisca idade estam marauilhando,
Mouendo ja as belicas escoadras
Que sem temor cometem as gentes ladras.

Com cornitrombas orridas molestas
Estrumentos das Menades Bacales,
Vem atroando os montes & floresstas,
Ao som de Melindanos Atabales:
Das orelhas desarmão curuas bêstas,
Cujas setas nas pontas leuão males,
Do perfido veratro auenenadas,
Variamente penudas & farpadas.

Com

Com alaridos orridos atirão
Paos tostados, durissimos, & agudos,
Dardos pungentes, & ora as costas virão,
Ora fazem dos peitos nus escudos:
Tanto desta maneira perseguirão
Estes brutos seluaticos membrudos
Os Portugueses, que de enojo cheos
Lhe fazem verdadeiros os receos.

Dão fogo aos arcabuzes sonorosos
Espirão as escoruas sulferinas,
Saem antes dos estrondos temerosos
Aquellas gentes perfidas malinas:
Emetem apos isto os animosos
Lusitanos, com terzas cristalinas
Espadas, & dissipão os corpulentos
Membros dos troncos, ja sanguinolentos.

Huue o som terriuel desusado,
E a supita morte a negra turba,
Discorre o medo o sangue aluoroçado
Que acode ao coração que se perturba:
O mais esquiuo negro, & mais ousado,
Ouuo espanto a ousadia conturba,
Mandão todos os pês logo à fugida
Cudo à morte ali, remedio à vida.

Senhoreando vam a terra ardente
Os Luſos, ſem temer dano futuro,
Contra tanto poder dous mil ſomente,
Quem vio leuar caminho tam ſeguro?
Nouo Reyno edifica a noua gente,
Ia ſe quer rodear de largo muro,
Por não ſer ſalteada destes brutos
Que viuem polos troncos ja corrutos.

Param os troncos o eſcoadrão Cielope
Quando por aſsouios ſe aparelha
Como no tempo antes que Cecrope
Siga o exemplo da prudente abelha:
Não ouuirão eſtes brutos Caliope
Nem Orpheo, que os rudos aconſelha,
Náonos temem os fortes Luſitanos,
Mas querem atalhar a claros danos.

Não guardar o coſtume lhe he forçado
Dos mal cercados pouos de Ogerano
E dos de Eſparta, que he conſelho errado
Ter ſempre a ocaſião aberta ao dano:
Buſcão ſitio fragoſo & leuantado,
Seguindo o conſelho Egypciano,
Mas a ſede temendo & prouimento,
Mudão o duuidoſo & incerto intento.

Chegan-

Cheganſe a lugares paludoſos,
E à nauegação de hum largo rio,
Conſiderando mal os vaporoſos
Ares, que dali ſaem no ardente eſtio:
Deſcuydãoſe em notãr ventos nojoſos,
Eſcondendo a cidade ao Norte frio,
O roſto não voltando ao Oriente,
Erro que então ſe cre quando ſe ſente.

Onde não coa farinha, ou grão que come
Volante eſcoadrão, quando deſenha
O Macedonio, & dà principio & nome
Aa cidade que o ſeu folga que tenha:
Nem coa branca terra em que ſe tome
Pronoſtico algum de bem que venha,
Como Lacedemonia coſtumaua
O nouo muro ali ſe deſſenhaua.

Mas qual co curuo arado la rodea
Toſcano feyticeiro Olympia Ara,
Quando co niueo gado em terra alhea
Os muros de Vrbs ou Roma aſsina & ara:
Aſsi rompendo vay a branca area:
A gente que inda a ſi ſe nam repara
Das injurias do tempo, ſinalando
A cidade que vay principiando.

Não

Não a fazem comprida qual se nota
Alba, por não ficar forma imperfeita,
Como se ve na India Polimbota,
Que parece que foy a caso feita,
Nem simplex circular, de que remota
E antiga industria he satisfeita,
São delles Troya, & Memphis reprouadas,
Que em triangulo forão edificadas.

De atè trezentas braças a cortina
Fazem, porque melhor a artilheria
Iogue no assalto, onde o perigo ensina
Que atire com meuda pedraria:
Não quer muros de Tyro a perigrina
Gente, pera tão bruta Cafraria,
Nem de Ecbatana, de Arfaxad assento,
Imitão a altura & fundamento.

Não seguem o exemplo & a estranheza
Da soberba muralha celebrada
De Babilonia, pois conuem presteza
De abrigo, que o reparo està na espada:
De Cartago & Pireo a fortaleza
Não fazem, que não tem pedra coadrada,
Nem ligar lhe conuem neste desterro
As pedras da muralha a chumbo & ferro.

Nem

Nem tres nem coatro braças de grossura
Dão à cortina, onde o corpo todo
Do muro não tem noue, nem de altura
Segue de vso moderno o cauto modo:
Menos de vinte & tres cerca segura.
Fazem de paliçada & grosso lodo,
Pois conforme ao lugar fraco ou seguro,
Se deue engrossar ou erguer o muro.

Baluartes leuantão triangulados,
Não coa proporção nem coa medida
Dos membros que estam ja terraplenados,
Sem liada materia em terra vnida,
Não fazem contraminas, mas cercados
De larga caua, ilha diuidida
Fazem à noua cidade que defendem
Os altos caualeyros, donde ofendem.

Aqui pois congregados lugar derão
A que o tempo morbido chegasse,
O furor & vitoria entretiuerão
Não cuydando que o tempo lha estoruasse:
Ou porque co trabalho conheceram
Quanto a cobiça vaã os enganasse,
Ou porque foy em fim alto decreto
Da justa prouidencia a nos secreto

Elles

Elles dum podre ar, grosso & corruto,
Os caloroſos peitos resfriando,
Comprindo vão da morte o eſtatuto,
Figuras ja de morte ſemelhando:
O venenoſo ar fetido & bruto,
Não perdoa a nenhum, que derribando
A todos igualmente, não permite
Que tal cidade ali ſe eſtabelite.

Vence a morte cruel os vencedores,
Morrem todos ali piadoſamente,
E podem bem domar groſſos vapores
Os que domãdo hyão a Zona ardente:
São da cobiça vaã juſtos penhores,
Cae o gouernador tambem doente,
Corta a parca cruel, com ferro a troce
O trabalhoſo fio que retroce.

Recolhenſe as reliquias que ficarão
Da funeſta jornada, a Moçambique
Onde Pereira eſſã, co qual traçarão
Que o morbido arrayal ſe redifique:
Outro nouo caminho imaginarão,
Que melhor galardão lhes certifique,
Outras minas buſcar querem mais ricas,
Dos naturaes chamadas as Manicas.

Deyxa o Pereira então (que gouernaua
A parte ca da costa de Sofala)
A fortaleza, a quem a bem guardaua,
E com Vasco Fernandez junto abala:
No rio de Cuama se embarcaua,
Que he do trato do ouro a rica escala,
Vão os mais polo rio, outros por terra,
A dar o fim coas vidas a esta guerra.

Não he oculto o intento à gente braua,
Que outros nouos estoruos determina,
Muyto a cansa o temor, muyto a agraua
O lugo que no colo ja imagina:
E como geração no mundo escraua
Da maldição do pay, que alguns ensina
De perfido veneno enchẽnas fontes
Prados, searas, rios, bosques, montes.

Vae da maldade oculta descuydado
O arrayal, que assombra a Cafraria,
Laura o veneno, & o corpo ja alterado,
Ocultamente enfermo padecia:
Por armas està jà desenganado
O negro Rey do pouco que podia,
Por manha quer mostrar q̃ contra Marte
Aas vezes pode mais que a força & arte.

O rio

O rio cuja fonte & nacimento,
He o lago que Zaire se nomea,
De Sereas, Tritões, recolhimento,
Se à voz da fama nisto nam se enlea:
De cujo liberal repartimento,
O Nilo tem a mais principal vea,
Crocodilos tambem produze, & cria,
Que andam na terra, & morão nagoa fria,

Estes pois defendião esquiuamente
Tambem a antigua patria, & cometiam
Com vorace furor à Lusa gente,
Que em vão aos feros dentes resistião:
Escondidos por baxo da corrente
Barcos virauão, omens engulião,
E nos rostos dos Bois ocultos pegão,
Quando ao morbido rio a beber chegão.

Pois tendo ja assiatras deixado
Grande caminho os tristes Lusitanos,
O dano que era ja esperimentado,
Se veo a renouar com nouos danos:
Turbase o ceo de grosso v mor pesado,
Termo de intentos, voz de desenganos,
Que pouco & pouco acaba & desordena
A forte gente, ja de cor terrena.

Toca com fria mão a morte ardente
O peito do Pereyra antigo & duro,
Tão liure, tão leal, como prudente,
Tão sogeyto, & feroz como maduro:
Sae aquella alma ja liure & contente
Do carcere terreno breue & escuro,
E vay gozar na gloria prometida,
Polo meo da morte, noua vida.

Ò cruu morte, ô dura lembrança
Deste filho tão triste, triste magoa,
Viua & perpetua dor, morta esperança,
Olhos, não olhos ja, mas fontes dagoa:
Onde amor jamais leuanta a lança
Lingoa cruel? porque acendeste a fragoa
Com renouar o sau doso pranto,
Que tanto tempo ha que corre tanto?

Deyxaras de cantar a triste morte
De ti ja tantas vezes tam chorada,
Pois não contraste aquelle peito forte
Da razão sospeitosa amedrontada:
Em fim determinaste desta sorte
Ficares so co mundo desculpada,
Tua justa cautela lembra embora,
Que a dor chorara sempre o mal que chora

Pois ficando os que ficão desgarrados,
Tornão poucos, se inda alguns tornarão
Ves prosupostos mal considerados,
Como costumão sempre, em que pararão:
Estes sam os tesouros desejados,
Estas as glorias vans que lhe ficarão,
Este he o fim da guerra que esperauas,
E os tropheos em fim que imaginauas.

Antre tristeza & magoa, o Rey segura
O venerando aspeito, que turbado
Estaua de tamanha desuentura,
Mais que do pouco fruto magoado:
Mas encobrindo a dor, saber procura
Mais cousas do caminho prolongado,
Que preguntãdo a Sancho, em modo breue
A lingoa desatou ligeira & leue.

Dezendo: Ia de Diu a tras deixado
Tinha os coroados muros, quando entrãdo
Polo golfo de Persia celebrado,
A Metropoli Ormuz fuy diuisando:
Onde da curua nao desembarcado
Mercadores do Reyno acompanhando,
Me passey a Quisimi terra rica,
Segundo a voz commũa verifica.

Dali

Dali trajos & vſos diferentes
Mudando, atraueſſey menos ſeguro
Varias lingoas, & terras, varias gentes,
Vendo o que me era no deſejo eſcuro:
Da Arabia Felix vi as ja potentes
Cidades, da Petrea o ſolio duro,
E os cumes da Deſerta, & a ſerra erguida
Onde a Feniz na morte buſca a vida.

Logo à Meca cheguey, onde Mafoma
A torpe Seyta mais eſtabelita,
E a Medina vim ter, onde da ſoma
Dos concurſos ſe ve gente infinita:
Aqui a jurdição o Arabio toma
A noſſa ſanta ley com ley maldita,
Aqui eſtà ſepultado, aqui ſe adora
Da gente infiel que o certo inhora.

Nũa tumba de aço eſtà metido
Debayxo dũa abobeda dourada
Da pedra com que o ferro he conſtrangido
A deſpregar a taboa ja pregada:
E aſsi co eſte modo não ſabido
Eſtà no ar a tumba leuantada,
Cuydando a gente Barbara inorante
Que por grande milagre ſe leuante.

Quem das superstições cortar pudera,
Quem das inormes Aras indeuidas?
E como a torpe ley la se venera,
Coas cousas que manda mal compridas:
Pois partindo da terra onde diuera
Perder por hũa verdade cemmil vidas,
Pera o monte Synai encaminhey,
Onde Deos deu a verdadeyra ley.

Dali a instabil terra tormentosa
Que camelos alaga & passageyros,
Atraueſſando fuy, com duuidosa
Esperança, & temores verdadeiros:
Chegando a Fara, terra deleytosa,
Morrendo à sede muytos companheyros
Donde passando as agoas Eritreas,
Vi as enxutas ja, ruyuas areas.

A Suez nos chegando o fresco vento,
Donde ao grande Cayro nos partimos,
E atraueſſando o Nilo torbulento
Varias terras & ilhas nelle vimos:
E la em Alexandria o passo lento
Ja firme, a derrota resumimos,
Onde em nauio que hum mercante fieta
Candia atras deixey, que ja foy Creta.

E log

E logo indo a Grecia costeando,
Corfu com outras ilhas fomos vendo,
No golfo Adriatico esperando
O fim, que sempre em fim se està temendo:
Onde em Veneza ja desembarcando,
Me fuy toda Italia discorrendo,
E na Espanha pouco me detinha,
Que mais que tudo quero a patria minha.

Eis aqui da viage prolongada
Senhor a breue summa & longo fio,
Nota agora os perigos da jornada,
Dos quaes grandes merces justas confio:
Promete o Rey serlhe remunerada
Aquela aução, & estima que o Gentio
Tema là seu flagelo & nome, tanto
Que amor lhe seja paz, & freo o espanto.

CANTO VNDECIMO.

Acõselhase o Maluco sobre a guerra q̃ espera ter cos Portugueses, & escreue a Sebastião hũa carta pedindo pazes.



Am he pouco sabido a quanto ensina
O trabalhar, & o ver terras estranhas,
Nem pouco esperimentado como inclina
O pugil ocio, a viciosas mãnhas:
O que por varias partes perigrina
Vendo de terra & mar cousas tamanhas,
Leua apos si o sabio que sospira
Quãdo do que não sabe, & o que se admira.

Ve

Ve Sancho leys, costumes, lingoas, terras,
Prosperidades, casos desastrados,
Vales co tempo igualarem serras,
Exemplos nota bem considerados:
Conta da paz tranquila, & brauas guerras,
Estáno ouuindo ali todos pasmados,
Onde pois tem a estoria ja acabada,
Bem he que torne à minha começada.



Cheo de medo o Mouro que dezia
No outro canto là, que leuantaua
A voz, para dizer o que entendia
Sobre o que lhe o Maluco preguntaua:
Começa, co que ali lhe precia
Que então co Turco mais se acreditaua,
Dizendolhe qneyxoso: Que mudança
Te faz teres de nos desconfiança?

Quem a vida saborosa, desejada,
Ofereceo ao duro & agudo corte,
Antes de estar a ação tam declarada,
Como a confirma o teu braço forte?
De que maneira a fè sera quebrada
Por vans promessas, ou temor da morte,
Como te quebrarà o prometido
Quem se à razão rendeo & não a partido?

Està senhor pacifico & seguro,
Pois sabes que não somos dos maluados,
Que o animo mostrando limpo & puro,
A nouidades sam sempre inclinados:
Esperando que algum tempo futuro
Lhes traga serem mais auentajados
Nos bens que não trabalhão, presumindo
Que deste modo os podem ir adquerindo.

A fe que te guardamos te teremos
Sempre poderoso Rey em qualquer sorte,
Que quebrantar jamais o que deuemos
Não tem tal força em nos temor de morte:
Fazendas, vidas, tudo em fim poremos
Por ti, inda que tudo pouco importe,
Se o ceo quer outra cousa, confiado
Deues estar no que te foy jurado.

Não fiando com tudo da ventura
O que mais dar não pode nesta vida,
Pois quando mais leuanta, mais segura
Està nella a supita cayda:
O adquerido conseruar procura
Ia que o fruto & gloria prometida,
Alcançaste de incertas esperanças,
Nem tentes a fortuna a outras mudanças.

Os que

Is que por ti,& contra ti tomarão
rmas, todos conuem estar queyxosos,
migos polo muyto que esperarão,
emigos viuendo temerosos:
ois esperanças vãs que se fruſtrarão,
ra peitos maluados cobiçosos,
chando ocasião,arrependidos,
è se estarão de yra apercebidos.

romete ao Luso Rey mayor tributo
Que aquelle que o Xarife lhe assegura,
Que melhor lhe he colher sem risco o fruto
Desperanças, que polas naventura:
deste modo assi Rey ausoluto
vsar depois senhor da ley prejura
Quiseres, quem te pode constranger,
o que te faz o perigo prometer?

quando romper pactos não quiseres,
Os maritimos portos entregando
lo Luso, fazes mores teus poderes,
Pola parte do mar te segurando:
mais quando fazerte isento queres,
Da grande obrigação que sojuzgando
Te está ao Otomano, pois te deu
Este Reyno co forte poder seu.

Não acabaua o sabio & eloquente,
Ainda a oração que proseguia;
Quãdo outro tão ousado & tão prudente,
Sem sufrimento ja lha interrompia:
Este era tambem Monro & impaciente,
O que se ali propunha não sufria,
Não lhe estoruando ja que não comece
(Desta maneyra) o outro que immudece.

Em toda a furiosa tempestade
Vem soprando primeyro brando o vento,
E a mais graue & longa enfermidade
Costuma sempre entrar a paso lento:
De fogo muyto pouca cantidade
Faz atear grande incendimento,
Rios que cheos vão de monte a monte
Vemos que nacem dũa pequena fonte.

Agasalhão Eneas os Latinos,
Ve com quanta deshonra os depois doma,
E quanto chorão Etruscos & Sabinos,
Deixarem edificar a antigua Roma:
Doutros exemplos de memoria dinos
Como o de Cartago, exemplo toma,
Que vendẽdo os Numidios campo quanto
Hum couro cubra, lhe custasse tanto.

Pois

Pois se terra que hum couro so rodea,
Foy causa aos naturaes de tanto dano,
Ve se o presente perigo, remedea
Sometereste ao jugo Lusitano:
Cuydamos conquistar a terra alhea,
Animados da furia do Otomano,
E entregas a nossa ao aduersario,
Fazendote de liure tributario?

Hà que não era isto o que esperanças
Prometião à gante Mauritana,
Mas em fim para bens não hà mudanças,
E quem os nellas busca asaz se engana:
Procura mais onradas seguranças
Se arreceas a furia Lusitana,
E não queiras à custa de teu estado
Viueres Rey logeyto, & desonrado.

Era este Mouro graue, & de respeito,
E baralhar a guerra desejaua,
Por dar a seu danado intento efeito,
Que com mostras de orgulho rebuçaua:
Falando tam sagaz & contrafeito,
Que delle ninguem isso sospeitaua,
Mas com tudo vontade contrafeyta
Sempre no peito alheo se sospeita.

Sospei-

Soſpeita hum Turco de quem mais ſe fia
O Rey, eſta malicia, & não podendo
Sofrela, cheo de yra reſpondia,
Os regalados olhos reboluendo:
Que os animos de todos conhecia,
E aqui ambos bigodes retorcendo,
Mudo ſoprando aſsi hum pouco eſteue,
Ficando os que o vem de cor de neue.

Seueramente a proſeguir tornando,
Dizendo contra o Rey que ſe enojaua,
Dos que tam liuremente eſtam falando,
Onde a graue & real preſença eſtaua:
Senhor ſobre tam graues caſos, quando
Qualquer Rey dos antiguos conſultaua
Primeyro a Pitia em Delphos preguntauão
E então de pois ſobriſso praticauão.

E ou de Deniophile, ou da Eritrea,
Ou daquella que Albunea foy chamada,
Saber procurão o fim que ſe recea
Da couſa, antes de a terem começada:
A reſpoſta que às vezes os enlea
Seguindo, que ſe bem interpretada
Era, o que qualquer deſtas dezia
Muytas vezes aſsi acontecia.

Po

Poronde com Mafoma conſultemos,
Os Cacizes chamando, & Marabutos,
A quem deſte conſelho parte demos,
Que os animos não deuem ter corrutos:
Não ſendo mao q̃ aqui tábem chamemos
Os que em Zoroantes ſam inſtrutos,
Com todos os nocturnos agoureyros,
Que às vezes ſam nas ſortes verdadeyros.

Deſtes ſaber podemos a verdade,
Se he verdade que alcançam o futuro,
E aquilo em que ouuer conformidade
Seguiremos por meo mais ſeguro:
Parece a todos que he ſegurídade
Virlhe o conſelho la do Reyno eſcuro,
E ſem mais altercação ali chamarão
Os que por mais famoſos nomearão.

Antre os que chamão vem hum celebrado
De todos, de peſſoa veneranda,
E iſento aſpeito, Abdelà chamado,
Que por deſertos ſempre mora & anda:
Num penhaſco de boſques rodeado
Viuia eſte, la da outra banda
Dos montes Claros, onde não conſente
Iamais comercio algum de ymana gente.

Pois

Pois este tresmontando a luz Phebea
Por cima la da mais remota serra,
Quando o outro Emispherio ja alomea,
Fugindo a sombra por detras de terra:
De circulos transuersos se rodea
Nũa concauidade onde se enterra,
Qual a Cumana rabida furiosa,
Torcendo a boca & vista temerosa.

Do peito tira a voz num ronco orrendo,
Saluça versos com yrado aspeito,
Parece a terra ja estar gemendo,
Tituba o triste cauernoso teyto:
Vayse apos isto o chão logo fendendo,
E say de dentro do lugar estreyto
Hum monstro infernal ligeyro & leue,
Que breue efeito dà ao falar breue.

Este lhe ordena ali seu proprio dano,
Dizendolhe o que em seu saber não cabe,
Onde elle confiado neste engano
O mal que lhe guardado està não sabe:
Qual o que em tempo de Domeciano,
Vendo a coroa no sol, teme que acabe,
(Longe de sua morte) a vida alhea,
Não vendo que alsi busca o que receã.

Alsi

Assi o triste Mouro feiticeyro
Ao Maluco vay graue & seguro,
Suas saluas tomando ali primeiro
Do que lhe quer dizer em modo escuro:
Enfermo andaua o Rey, onde o agoreyro
Vendo o termo da guerra inda futuro,
Parecelhe que o Turco não chegasse
Acomeçala, & assi adeuinhasse.

Abuitres dão final de felix sorte,
(Lhe diz) como deyxou Accio escrito,
Mas vejo contra hum Rey armada a morte,
Se nisto nos não mente a auerno espirito:
Agora para peyto que he tam forte
Nãono deue espantar o que está dito,
Pois nunca tanto ao certo isto acontece
Como polas estrelas nos parece.

Não fica de tão palida figura
O que não cuyda à morte estar julgado,
Quando lhe trazem a branca vestidura
E ve no colo o baraço atado:
Quanto o Maluco se desafigura
Do que ouue dizer amedrontado,
Onde pregunta ao Mouro se sabia
Por ventura de si o extremo dia.

Tur-

Turbâse o feiticeyro ao graue aſpeito
Que parece que a morte lhe prepara,
Onde tirar não pode a voz do peito,
Crecendo a aflita & moleſta cara:
Com piedoſas moſtras de reſpeito
Perdão eſpera da preſença auara,
Montando pouco lagrimas, que yrado
O Rey, manda que ſeja eſpedaçado.

Curuos alfanges logo reluzindo
Sobre a cabeça do Caciz maldito,
Hum polas coſtas cum fendente o abrindo,
Outro entrando onde mora o eſpirito:
E os boſes polos peytos lhe ſaindo,
Dece a triſte alma ao Reyno de Cocito,
Onde em perpetua dor pertuamente
Viuira com Mafoma em fogo ardente.

Iſto feyto, com geſto eſquiuo & fero,
Se ergue o Maluco Rey dizendo, agora
Quero vêr ſe a certeza do que eſpero
Ma pode a mi eſtoruar infelix ora:
Contra a fortuna, & eſtrelas me proſpero,
E enojeſe de mi Mafoma embora,
Que nem elle onde eſtà, nem em fim nada
Reſiſtir pode à Turqueſca eſpada.

Apos

Apos isto tratarão o que conuinha
Sobre a guerra que o Turco determina,
Mas vendo a morte que se lhe adeuinha,
Mais ao tributo que a morrer se inclina:
E hum que antre todos mais audacia tinha
Se enlege, a quem o Rey o modo ensina,
Da embayxada sem modo & cortesia,
Porque noticia tinha da Algemia.

Parte logo o soberbo & arrogante
Turco, atrauessando a Mauritania,
Deyxando por detras o monte Atlante,
E a hum lado a fertil Tingitania:
Mas ja não he razão que passe auante
Sem tornar à confusa Lusitania,
Onde deixey o Rey cos seus tratando
As razões que lhe a guerra estão estorrnádo.

Co velho que vos disse, o Rey altercaua
Sobre o caminho que lhe tem estranhado,
Onde bem liuremente lhe falaua
Na lealdade, & esforço confiado:
Nisto na real casa o Cunha entraua,
Que do Xarife era ao Rey mandado,
A fazerlhe a saber que não queria
Mais que so o socorro que pedia.

Entra o Cunhã, que foy tão festejado
Como por seu esforço merecia,
A quem o Rey mostrou agasalhado
Que fazer com razão se lhe deuia:
Sendo de muytas cousas preguntado
Que elle dos Mouros muyto bem sabia,
Contandolhe os costumes seus primeiro,
Dandoseu parecer por derradeyro.

Dizendo, Por mostrar toda a verdade,
Do que entendo da gente Mauritãna,
Sabe que nem tem fe, nem lealdade,
E quem te isto não diz, cree que te engana:
Sam cobiçosos, cheos de maldade,
E não procurão mais que gloria vmana,
Por onde tudo aquilo com que atalhão
A trabalhos, solicitos trabalhão,

São gente que com pouco mantimento
Passarão leuemente muytos dias,
São de sutil & agundo entendimento,
Amigos de questões, & de porfias:
Por vso tem algum conhecimento
Das artes, & por vans feyticerias
Em tudo se gouernão. Medicina
Estimandose muyto, nam se ensina.

Do pay ao filho fica o que lhe ouuio
Que era bom para isto, & para aquilo,
E das estrelas sabe o que inquirio
Como mudãos tempos curso, & estilo:
Hum a quem a corruta arte mintio
Reprouádoa queixoso, he graça ouuilo,
Outro abil àproua, & lhe acrecenta
O que sem ordem se lhe representa.

Vsam nos arrayais trazer camelos,
Porque se falta com que sustentalos
Sem comer nem beber podem trazelos
Dias, ao que acostumãos caualos:
Nas batalhas derramá nos cabelos
Tendo por arrogancia destoucalos,
Dizem que tem na testa escrita a sorte,
E por isso não fogem tanto à morte.

São pobres communmente de fazendas,
Porque morrẽdo sam dos Reys roubados,
Não procurão adquirir estados, rendas,
Com rigor sendo delles tributados:
Verbalmente se julgãnas contendas
E communmente sempre mal julgados,
Enterrãno dinheyro, & ali lhes fica,
Se em vida se o lugar não comunica.

Estes sam seus tesouros & riquezas,
Que nos defendem riguroſamente,
Não tem ſoberbas & altas fortalezas,
Mas belicoſa, & esforçada gente:
Dilicias ſam as noſſas aſperezas
Parelles, olha agora Rey prudente
Que no ſocorro ſò pouco auenturas,
E a vitoria aſsi melhor ſeguras.

Porque ſe o Xarife acompanhado
De baſtante ſocorro, for marchando
Polo Reyno, que caſi amotinado
A ſeu natural Rey eſtà eſperando:
Sem duuida ſera recuperado
No Reyno, o que eſtou arreceando
Indo tu, porque cuydão deſta guerra
Que lhes queres tomar a propria terra.

Soſpenſo fica o Rey, ao Cunha ouuindo
O que dos Africanos lhe contaua,
Ocultamente delle preſomindo
Que dos ſeus ſobornado lhe falaua:
A dor que diſto tem mal encubrindo,
Porque logo no roſto lha moſtraua,
O que viſto do Cunha ſe leuanta
Quebrantado de ver quanto o quebranta.

Mas

Mas já se ordena hum sucesso orrendo,
Que faz em todos de improuiso espanto,
A causa de tal caso não sabendo,
Noua materia então de vulgar pranto:
Andase cada hum apercebendo,
Não pode a industria a tal pressa tanto
Senão quãdo violento terremoto
Faz com que treme o terreno immoto.

Ouuese hum ronco estrondo temeroso,
Titubam edificios, tudo geme,
Abrese a terra, & la no mar furioso
A mesma agoa se perturba, & treme:
Vem que hum penedo & outro riguroso,
Do ceo cae sobre quem o ceo nam teme,
Madeyros grossos polo ar voando
Em longes partes casas derribando.

Pasmam todos, mas logo se derrama
A noua, por mil bocas murmurando
Que foy furor de sulferina chama
O Vulgo errante em alta voz bradando:
Dizendo apos isto a leue fama,
Que dum ministro que anda preparando
Petrechos para a guerra, era esta casa,
Que com tanto ruydo se lhe abrasa.

Dando materia aquelle temeroso
Sucesso, de chorarem alguns a gloria
De Portugal, mais prospero & famoso,
Do que se leo jamais em Prisea estoria:
Hum exemplo & outro de choroso
Dano, trazendo à li à memoria
Os que eram por mais sabios reputados,
Sendo do vulgo Barbaro escutados.

Dizendo huns, no tempo de Tarquino
A buytres certo foy que espedaçaram
Da Aguia os filhos, & o rigor malino
Nelle depois os seus executaram:
Outros contam o caso perigrino
Dos caualos que as cobras mastigaram
No campo Sardo, antes que chegassem
Os valerosos Persas, & o arasem.

Outros as Cruzes brancas que se viram
No Zenit dos Romanos vam contando,
E fogos que correram, & que cayram
Do ceo, sempre maos fins pronosticando:
Dizẽdo alguns tãbem, que sangue ouuirão
Que ja cho uera em outro tempo, quando
Tanto sangue se derramou no mundo,
Que pudera fazer hum mar profundo.

Temor

Temor que as faces hya descorando
Dos que fazião outro fundamento,
Ao moço Rey alguns logo estranhando
Seu eficaz & belicoso intento:
O qual cada vez mais se pertrechando,
Quando gostos do falso pensamento
Lhe facilitão perigos, que chegaua
Lhe dizem hũ Turco, & que na sala entraua.

Não se alterou o Rey, mas manda entralo,
Desejando saber ao que viria,
Cuja arrogancia em todos fez abalo,
Vendo seu pouco estilo & cortesia:
Não deyxa o Rey por isso de escutalo,
Este sendo o que agora vos dezia
Que o Maluco ao Luso Rey mandou,
O qual com ronca vaz assi falou.

Rey Christão, poderoso, a ti mandado
Sou do Maluco, que se te encomenda,
Por onra & segurança de teu estado,
Que o alto Deos no largo mundo estenda:
O qual pretende ser teu aliado,
Antre ambos estoruando auer contenda,
Não por temor que tenha, mas te digo
[illegible] seu quer tal amigo.

Esta carta te manda, & veras nella
A razão que a mandar me a ti o obriga,
Não dilatando a reposta della,
Que espero que aqui logo se me diga:
E porque aja mais cedo de sabela
Sendo de mão amiga ou enemiga,
O circulo do Consul faço em terra,
Porque vejas se queres paz ou guerra.

Soberba de que o Rey graue & pesado
Ficou, mas dissimula, & a carta toma,
E hum pouco sobre si desaliuado
Lhe respondeo seuero a tudo em soma:
Dizendo antre si manso & calado,
Antes que a terra estes membros coma,
Eu quebrantarey tanta soberba
Com guerra crua, sanguinosa, & acerba.

Depois a carta pouco & pouco abrindo,
Que de Turquescas armas desaslela,
Estando so os do conselho ouuindo,
Que todos tem os olhos prontos nella:
Começa, para os seus primeiro rindo,
Do que dizer podia, a ler por ella,
Vendo que no começo engrandecia
Seu estado, & o seguinte assi dezia.

Se Rey como hes poderoso, es assi justo,
E se coa fama teu valor responde,
Não queyras embuçar o intento injusto,
Onde a cobiça ao mundo mal se esconde:
Deyxe ja deyxe o Portugues robusto
De conquistar o alheo, & as terras donde
Forão dereytos Reys os meus passados,
Das quaes meus pays ficaram deserdados.

O Reyno que por força & aução tomey,
Meu he diuidamente, & que o não fora,
Montando a força sempre mais que a ley,
Quem me pode botar por força fora?
As tyranias me fizerão Rey
Deste, de quem ainda a Lybia chora,
E sò esta razão bastar diuera
A que ninguem dar outra pretendera.

Mas dou as, porque serte interno amigo
He razão que so preze, busque, & estime,
Que a fama de altos feytos traz consigo
Afeyção que se nalma oculta imprime:
E esta não encerra o odio antiguo
Que o Xarife tencobre em quáto o oprime
O jugo da infelice aduersidade,
Pois he sem medo, & sem necessidade.

Com

Com tudo se por pacto algum secreto
O queres restaurar, porque compete
A teu proueyto so, eu te prometo
Mais do que elle do alheo te promete:
Mas se por onra leuas o decreto,
Olhe bem cada hum no que se mete,
Que não he tão pequeno este aduersario,
Que o não temerá o vencedor de Dario.

Lida que foy a carta, ficou mudo
O Rey, & os do conselho embaraçados,
Ponderando com siso della tudo,
Que a tè sem elle acertos sam culpados:
Buscando alguns razões co engenho agudo
Para co Rey ficarem mais priuados,
Antre os quães hum a voz ousada erguêdo,
Desta maneira ao moço foy dizendo.

Senhor bem claro està a quanto obriga
A desejada paz que este oferece,
Com não ter esta gente por imiga
A quem tanto fortuna fauorece:
Mas ja que queres que a verdade diga,
Do que sobre este caso me parece,
Sabe que nunca em nada aprouarey
Quebrar palaura prometida o Rey.

Tu prometeſte dar ſocorro & ajuda
Ao Xarife primeiro,& pacto feyto
Co elle tens, agora que ley muda
Por cobiça torceres o dereyto?
Não ves que embainhada a eſpada aguda,
Que perdes coa ação fama & reſpeito,
E quebras o jurado & prometido,
Que não deue quebrar nenhum partido?

Agora em quanto ſe eſte não ſegura
No Reyno, & tu eſtàs no campo poſto,
A ocaſião não tolhas à ventura,
Nem vires à tua felix ſorte o roſto:
Que quanto eſte promete,& quanto jura,
So he para eſtoruar teu proſupoſto,
Porque depois que Rey ſeguro eſteja
Enemigo mais perfido te ſeja.

Olha que mais ouſado & mais pujante
Fazes o enemigo achandote couarde,
A ocaſião que tinhas por diante
Pondoa nas mãos do tempo que taguarde:
Ve como ſempre vario & inconſtante
Faz que a vitoria aos fracos chegue tarde,
E àquelles que deſprezão todo o medo
Faz com que ſuma gloria chegue cedo.

Bem

Bem como quando Creſſo determina
A Cyro deſpojar de Perſia terra,
Que duuidoſo aqui & ali ſe inclina,
Temendo & deſejando a dura guerra:
Que hum lhe pondo diante a diciplina
Do erro, & outro em quẽ ali ſe encerra
Zelo deſtender a patria, o incita
Ao que a eſperança vaã lhe facilita.

Aſsi o como eſtà confuſo, & ouſado,
E qual de lento vmor nuue que crece
No pampiroſo Outono o ſoſſegado
Ceo perturbando, & dia que eſcurece:
Que dentro hum vapor & outro alterado,
Deſopilada do que preualece,
Com ſupito rumor brama & ſuſpira
E o graue cae, & o ſeco vmor reſpira.

Não de outro modo o belicoſo peito
Turbado de hum & outro penſamento,
Que ja não cabem no lugar eſtreyto
Eſcurecem o ſol do entendimento:
Onde batalha dentro no conceito
Ao altiuo valor, co temor lento,
Reſoluendoſe em guerra ſanguinoſa
A confuſam, ou nunem tormentoſa.

E não querendo mais pór em conselho
O conselho que ja tomado tinha,
Manda ordenar o belico aparelho,
E fazer prestestudo o que conuinha:
Despedindo o Turquesco & feroz velho,
Vmilde mais do que soberbo vinha,
Que por resposta leua noua escura,
Armas, furor, espanto, & guerra dura.

Resoluto se mostra, mas sobindo
Perto là do sotil quarto elemento
Secas exalações juntas se vnindo,
Fazem riscoso & espesso ajuntamento:
Detal maneyra em globo se imprimindo
No orbe, que lhe seguem o mouimento,
Tomando fogo esta materia leue
Quando disposta ja o tomar deue.

Onde se ve hum orrido cometa,
Sobre a triste cidade, que se admira,
Parece casi o lucido Planeta
Que por Marte se finge que suspira:
Antre o Barbaro vulgo se interpreta,
Que o mundo abrasara se cayrá,
Qual de fogosa bomba rayo fulgente
O lento passo moue ao Occidente.

E como

E como quando eſtando reſoluto
Aa morte do gram Ceſar o conjuro,
Antes que no paterno peito Bruto
Inumano eſcondeſſe o ferro duro:
Que correndo eſpantado o pouo bruto,
Quando a noite eſtende o manto eſcuro,
Vendo o Cometa ſobre o Emiſpherio
Que teme então turbarſe o manho Imperio

Aſsi a lí maís vezes aparéce
Cada vez mais aceſo, onde turbada
Agente, de terror frio immudece
Polos lugares altos congregada:
Hum a eſtoria de Focas reuerdece,
Quando ſe vé contra Mauricio aeſpada,
Outro a morte de Othom terceyro adorna
Co fogo, & ſerpente em que ſe torna.

Lembranças com que o medo alí diſcorre,
Com tremulo terror o ſangue calido
Que frio ja ao coração ſocorre
Daquelle cujo roſto deyxa palido:
A roxa cor cobrando (que lhe morre)
Depois de ſe ſentir o peyto valido,
Ouuindo em roda a paſmada gente
O que interpreta o Metereo ardente.

E q

E qual Ericto teme infuriada
Ver os Farsalios campos empapados
Em roxo sangue, & da ingrata espada
Ficarem os proprios membros dissipados:
Que a voz leuanta em lagrimas banhada
Manifestando casos desastrados,
De confusam enchendo a gente toda
Que pronta escutando estaua em roda.

Assi hum velho antigo, carregando
As crespas sobrancelhas, nas torcidas
Volta de seu bordão as mãos dobrando,
Tremendolhe a cabeça encanecida:
Sobolas costas dellas encostando
A barba, mais espessa que comprida,
Começa a descansar na voz cansada,
A mágoa que no peito tem encerrada.

Dizendo: Rey que culpa he a que te traz
Tão cego antre danos ja presentes?
Que bem te faz perturbar a propria paz
Por meteres em paz alheas gentes?
Se por ventura ousado assi te faz
Quereres imitar a teus parentes,
A errado caminho dàs o passo
Pois te não lembra o temerario Crasso.

Ve como aos que seguem a Persia tuba
De Cambises, não val manhoso estilo
Que de bayxo de areas os derruba
Soberba, com que buscam a fonte ao Nilo:
E olha como a Casio empara Iuba,
E quanto se arrepende de seguilo
O valeroso Curio, & guarte guarte
De ver o mesmo em ti na mesma parte.

Oo vos que eleytos soys nos tribunaes
Dos estados, porque mudos agora
Com tanto arreceo vos mostraes,
No que o vosso Rey sem culpa inhora?
Olhay olhay que sobre vos tomaes
Tudo o de que o pouo geme & chora,
Guardayuos ô patricios de yr diante,
De Eaco, Minos, & de Radamante.

Auey piedade auey, das leães gentes,
Cujos filhos sem paes no ninho caro
Ia vejo, sem irmãos, & sem parentes,
Rodeados de negro desemparo:
Não sejaes omecidas delinquentes,
Pois a culpa ser vossa consta claro,
Não encolhaes a jurdição à lingoa,
Que vos sera & he, desonra, & mingoa.

Deix

Deixay liures aquelles poucos frutos
Que Deos aos que miniſtrão ſeus altares
Quis dar, não nos abranjam os tributos
De ambicioſas ſedes ſeculares,
Olhay quam poucos roſtos ha enxutos,
E como gritos rompem os leues ares
Dos pobres, que da pobre exada, ou roca
Hão de pagar tirando o pão da boca.

Ah que vos vejo ja andar abraços
Com voſſa perdição, mas eu que digo?
Pois que ja com tam claros ameaços
Deos ſobre todos moſtra ſeu caſtigo?
Vede quam breues tendes os eſpaços
Da vida, no final que traz comſigo,
Auiſo para o fim que ſe vos chega,
Abri abri os olhos gente cega.

Viray ja agora a folha a tantos dannos,
E das lingoas atadas com receos
Os nós lhe desfazey com deſenganos,
E nãnos procureis de Reys alheos:
Pois ſoes aquelles meſmos Luſitanos,
De cuja fama eſtão os liuros cheos,
Ah não vos immudeção vãos reſpeitos,
A razão que liure he em liures peitos.

Outras cousas lamentão outros prudentes,
A quem derão respeito antigos annos,
Outros mouem razões indiferentes
Chorando,& não chorando grandes dãnos:
Capis, & Laocões bradam impacientes,
Casandra chora a gloria dos Dardanos,
Não faltão Vcalegões, & Anfidamantes,
Que em tudo se entremetè os circũstãtes.

Hum diz que ô Cometa sinifica
Grandes vitorias, & outro ja enojado
Causas & esseitos seus expecifica,
Dos que se mostrão sabios ajudado:
Outro delà en alta voz replica
Que tudo està coelles conjurado,
Outro diz que não quer dizer Cometa
Senão que todo mundo o Rey cometa.

Mas neste tempo ja coatro vasalos
(Que auiam de ficar co nome onroso,
E peso graue) manda o Rey chamalos,
Nome menos onrado que perigoso:
Não se cansando muito em obrigalos
Que tomen o gouerno trabalhoso,
Que a obrigação da patria requiria,
Sustentarem o peso que cahya.

10.

sto posto por obra, porque entenda
Cada hum quanto delles se fiou,
De nouo lhe renoua & lhe encomenda
A fe, que com fe justa lhe tomou:
Antes que nenhum o colo estenda
Para beyjar lhe as mãos, os auisou,
De como sempre vem ligeyra & breue
A pena, a quem quebranta a fe que deue.

Mil exemplos trazendo de passados
Casos, que em caso tal acontecerão,
Mostrando como forão castigados,
Sempre os que a seu Rey a fe romperão:
Depois de aduertidos & auisados,
Na ordem que depois não preuerterão,
E todos saudoso se despede
Com perdão que sorrindo se lhes pede.

Jomais nomais agora aflita Musa,
Que ja não pode mais o rouco alento
Saluçoso, & cansado, justa escusa
Em quanto enxugo o triste rosto lento:
Desastrado fim da gente Lusa
Ainda espalharey chorando ao vento,
Que para contar' dannos, quem os chora
Razão he que descanse de ora em ora.

CANTO DVODECIMO.

Parte Sebastião de Lisboa, chega a Caliz, faz lhe o Duque de Medina grãdes festas, daby passa a Barbaria, & deyxando a frota surta, vay buscar o Xarife a Tanjar, o qual lhe conta no caminhò a discripsam de Africa.



OY àdorada em Arás por senhora
A fortuna, no tẽpo que se tinha
Por Deosa, cego engano que inda agora
A erro o vulgar credito encaminha:
Esta reuolução que o mundo chora
Que tudo faz que chegue & acabe asinha,
Faz com que à esperança dependura
A ignorante plebe da ventura.

Diz que

Diz que o estado infimo, & a rudezá
De engenho, a bondade, & a couardia,
Que muda com fortuna a natureza,
E que sem ella nada tem valia:
Que não monta conselho & fortaleza,
Trabalho, & solicita porfia,
Contra o que ordena a sorte riguroſa,
Opinião de antiguos enganoſa.

Insana, & furioſa foy pintada
De Ceues ja, & asas lhe imagina
Sem pes o Scyta, outros desgarrada
Molher, que encurua concha perigrina:
Danlhe coroa, & jurdição errada,
Pois tudo rege a permissão diuina,
Em fim que deste modo o erro & a culpa,
Dão nome à fortuua por disculpa.

Oo quem fora tambem auenturado
Que cortado à medida lhe viera
Sem longa esperança, & sem cuydado,
Do que deseja ver, tudo o que espera:
Como fora por sabio reputado
Inda que claros erros cometera,
Assi como se tem por imprudente
Quando lhe he o sucesso diferente.

Como atras bom ſuceſſo o errado intent
He em louuor, & acerto conuertido,
A inorancia fica entendimento
A couardia esforço preuenido:
Bruta temeridade, atreuimento,
E trocado ao reues eſte partido,
Como reprouã o mundo, & aborrece
A quem o tempo em fim desfauorece!

Por onde vejo agora (valeroſo
Rey meu) as lingoas mudas, que eſperand
Eſtão a ver ſe vens vitorioſo,
Nouos cantares ja te imaginando:
Conuertelos em pranto doloroſo,
E em culpas que tambem te eſtão traçand
Se fores o vencido, que os louuores
A Fama nãos tira aos vencedores.

Entraua ja nos Gemeos do Zodiaco,
Que Polos delle ſam, oluminoſo
Quarto Planeta, o ar rompendo opaco
Da noyte eſcura triſte & tenebroſo:
No tempo em que a fronte coroa Baco
De verde agraço, Marte furioſo
Andaua, contra aquelle em yra aceſo
Que ſuſtenta do ceo o graue peſo.

Seme

Semeando furor na parte estrema
Occidental da rica Europa, donde
Agente faz que o mundo todo a tema,
Coa fama que a seu valor responde:
De cujo jugo he bem que a barba trema
O outro Emispherio que se esconde,
Abitado dos queimados Antipodas
Que inda Idolatrão là nas Aras Tripodas.

Quando o Rey Lusitano aos escolhidos
Para o gouerno, tendo ja tomado
Os omenages, mand a que impedidos
Fossem gastos que excedem seu mandado:
São mais de dous cau alos prohibidos
E so quatro criados ordenado
Està que leuem, onde preparando
Se andão em varias cousas occupando.

Huns alimpando peitos de aço duro
Outros caruão sulfureo salitrado,
Inuenção que sahyo do Reyno escuro,
Fazendo à prèssa em negro aconfeitados:
Outros o ferreo cano terzo, & puro,
A partezana, o morrião grauado
Fazem, & qual põe a espada bota
Na dura mò, & qual remenda a cota.

Qual aquelle animal de nouo ferra
De Zefiro a caſo decendente,
Que primeyro tirou da dura terra
Neptuno, flagelandoa co Trydente:
Qual o menea & adeſtra para a guerra,
Qual teſteyra lhe põe de aço pungente
Emprumada, & qual de prata a ſela
Com cubertas de aurea, & rica tela.

Ali incendios, guerras ja paſſadas,
Ruynas nos fortiſsimos eſcudos
De reluzente aço, vão pintadas,
Nauaes batalhas, de eſporões agudos:
Polos arções & lucidas celadas
Caças, boſques, paſtores, & membrudos
Seluages, & outras couſas ſe moſtrauão
Que os corações perplexos deſpertauão.

Pois dostrajos, hum veſte ali eſcarlata,
Outro roxo ſetim, verde, encarnado,
Cortado ſobre tela douro & prata,
Outro faz o veſtido de brocado:
Algum co azul ſendal as pernas ata,
E qual punhal & eſtoque põe dourado,
Qual com finos robis rodea a gorra,
E qual coa branca cor a verde forra.

Os

Os liures de amor põe arrogantes
Diuisas de sobidos pensamentos,
Os sogeytos;tenções brandas, galantes,
Conforme cada hum a seu tormento:
E os que em seu repouso querem antes
Por seu nome em perpetuo esquecimento
Que perturbalo, os valerosos culpão
Porque cuydão que nisso se desculpão.

Outros em quem o esforço inda respira
Dos fortes peitos, ja da larga idade
Cansados, qual ao ceo tempos suspira,
E qual a sua verde mocidade:
Qual sentença do sabio peito tira,
Qual fere a terra com riguridade
Co ferrado bordão, & assi publica
Culpas, & qual mil dannos pronostica.

Chamando ja então o orgulhoso
Rey o gèral do mar, que pronto estaua,
(Dom Diogo de Sousa) & o vagaroso
Tempo que se prelonga lhe estranhaua:
Não tem culpa não o valeroso,
Que amor tomando corações que daua,
Troca as vontades nelles por tal meo,
Que mais q̃ o proprio gosto serue o alheo.

Despo-

Despoſanſe então as Luſas belas
Cos fortes & iluſtres caualeyros,
Querem elles na tardança comprazelas
Por animarem arrufos liſongeiros:
Porem juſtos temores dentro nellas
Fazendolhe perigos verdadeyros,
Com prontas ſaudades, podem tanto
Que o choro acẽde o fogo, & o fogo prãto.

Rogam eſtas donzelas (dagoa cheos
Os olhos) aos mãridos que a partida
Dilatem, porque della os arreceos
Não lhe acabaſſem ali primeiro a vida:
Elles, como do bem de ſerem alheos
Não vem gloria mayor que ver comprida
A vontade daquellas que lho pedem,
Facilmente a detença lhe concedem.

Prolongandoſe aſsi de dia em dia
Os termos de partir, que o Rey põe breues,
Preſtes eſtando as naos ja nagoa fria,
Que primeiro Iaſom fazer te atreues,
Co vento que propicio ali corria,
Se meneando nella os caſcos leues,
Sendo as mais deſtas naos de caualeyros,
Em tudo em fim vaſſalos verdadeyros.

As cur-

As curuas naos quinhentas dizem que erão,
Sem as embarcações de pouco porte,
As de Antonio na soma parecerão,
E nam sey se tambem na mesma sorte:
As agoas que a gram frota sostiuerão
Do que dà ao tyrano Achalo a morte,
Fazendose tambem tyrano injusto,
Não tiuerão então temor tam justo.

Pois do poder de Duillo, & dos Cretenses,
Do naual militar os inuentores,
Quando armarão contra os Magarenses
Não fazem tanto caso os escritores:
Sobem a cima os Nautas Lisbonenses
As antenas, de Dedalo senhores
Por enxarcias de Tephis atrepando,
Velas que inuenta Icaro tomando.

De ferros de Anacharsis curuos dentes
Pegam no fundo là do aureo rio,
Perdoa amorosos acidentes
Aos seus em tal saudade o moço pio:
Bosques que obseruam là Moscouias gẽtes,
Quando os despoja o gelado frio
Que entertecidos ficam os ramos bastos,
Parecem ja nas naos os negros mastos.

Tudo

Tudo armas, furor, & guerra brada,
Quando o Rey ja o eſtandarte leua
Diante, air tomar bençam ſagrada,
Que tanto elle procura & lhe releua:
Vay a gente louçam tam recamada
Que todo o encarecer me ſobreleua,
Magoas ſaudoſas rompem os leues ares:
Treplicandoſe as bençõeſ populares.

De purpura delgada he o eſtandarte
Broſlado todo à roda de ouro fino,
Excedendo (de Aragne) a ſotil arte
O nouo artificio perigrino:
A cruz de Chriſto tem dũa ſo parte,
E doutra pendem as armas que o begnino
Senhor, a Afonſo deu como ſabeys,
Quando venceo os cinco Mouros Reys.

No templo ſancto entra o Rey potente,
Ia ao que desfaz Reys & faz, ſe inclina,
E aquella Mageſtade reuerente,
(Na diuida vmildade) ò mundo enſina:
Eſtà no ſacro altar ali Vicente,
Onde o Prelado com bençaõ begnina
Tres vezes ſobre o Rey o braço eſtende,
Que da eſperança della então depende.

Com

Com sacros versos apos isto tira
A voz do peito, & a Deos pede a victoria,
Prostrado está o Rey, geme & sospira,
Não por vmana mas diuina gloria:
Na celeste esperança so respira,
E quanto tarda tendo na memoria,
Ia se vay embarcar, & o mar sulcando
A furia dos seus foy despertando.

Ouuese logo ali, embarca embarca,
(Com rouco som) ja então o marinheyro
O remo aperta da veloce barca,
A qual chega, & torna, & vay primeiro:
Ia a longa antena, & grosso masto abarca
O grumete, que ao mastareo ligeyro
Sobe, a por galhardetes, que ondeando
Se estão ja como cobras meneando.

Do chapiteo ja o mestre brada, & apita
Aa gente que parece mente cauta,
No como salta, corre, trepa, & grita,
Conforme o que lhe manda o sabio Nauta:
Ia o estrondo a furor incita
Os fortes peitos, que da doce frauta
E charamela, ouuindo a suauidade,
Estauão enternecidos de saudade.

Ia pega-

Ia pegados no longo cabo o fio
Os miniſtros do curuo lenho, a vnha
Da ancora dela do fundo frio
Arrancão, a hũa voz que hum ſo propunha:
Ia parece que a tè o meſmo rio
A infelix jornada lhes repunha,
Correndo ao reues, mas brando vento
Faz polas agoas creſpo mouimento.

Eys desfraldão traquetes, o ar ferindo,
E logo velas grandes, iça iça,
Dizendo em alta voz, hũ acodindo
Aa troça, outro à poja, outro à driça:
O Piloto jà então a agulha abrindo
Alerta diz, não aja em vos perguiça
Filhos, & companheyros, atentay,
E a bombordo agora gouernay.

O dia em que partem era aquelle
Em que celebrão a feſta do Bautiſta,
Aſſombra ja a Neptuno a tromba impele
Temendo là tão orrida conquiſta:
La vay o Luſo Rey, la vão co elle
Os olhos que perdendoo vão de viſta
Daquellas, que nas magoas que publicão
Bem moſtrão que mais ſentenos que ficão.

Dizen-

Dizendo ali amay ao filho amado
Num suspiro cansado, que lhe say
Dalma, co rosto em lagrimas banhado,
Asi perdi marido, irmãos, & pay:
Onde vos leua o coraçã ousado,
Porque me não ouuis? tornay tornay,
Inda que tornando logo he tarde,
Pois não he bem que a vida tanto agoarde.

Outra com mal formada & saluçosa
Voz, começa dizendo, esposo meu
Que foy da firme (agora mintirosa)
, que com essa alma amor me deu?
Que foy da quebrantada & amorosa
Promessa, que no mór estremo seu
E desejados bens, cruel me daueis,
Dado com falsas mostras me enganaueis?

Esposo cruel quem vos conjurá
Os vêtos, que me leuão hum bem q̃ tinha,
Deixandome a esperança na ventura
Na mòr magoa & desuentura minha:
Porque vossa crueza ou sorte dura,
Duro nò desata tam asinha
Doce obrigação justa & diuida,
Ja romper os da amargosa vida?

Tor-

Tornay tornay, ou dayme ja licença
Para que desta vida fazer possa
A morte o que quiser sem vossa ofensa,
Pois que se ja foy minha, agora he vossa:
Ou se isto não quereis em recompensa
Da vaã promessa à fe conforme nossa,
Outra me day (inda que falsa) em quem
Possa enganada por todo meu bem.

Proseguindo com magoas semelhantes,
Que outras muytas tãbem dizẽdo estauão
Saudosas dos Lusos nauegantes,
Que os ventos de seus olhos alongauão:
Os quaes cortando as ondas inconstantes,
Ia o monte da Lũa atras deyxauão,
E costeando os outros, logo forão
Onde os ventos das egoas se namorão:

Vendo a terra que cria os jaspes duros
Azues, que de Tubal o nome toma,
Como do antiguo Romulo, dos muros
Que edificou, o nome tomou Roma:
Passando hora por huns & outros futuros
Montes, que o leue curso à vista assoma,
E o sacro Promontorio antiguamente
Chamado assi, que agora he de Vicente.

Passan-

Passando a seca terra, onde se cria
O infecundo esparto duro agreste,
Da pobre terra rica mercancia,
A quem tambem Abril de verde veste:
Onde nũa não celebre bahya
Coas proas na area branca enueste,
Interrompendo a prospera derrota
Algum espaço, a belicosa frota.

Em Lagos, que assi o porto se chamaua,
Cidade ja mais nobre antiguamente,
O Rey que não descansa descansaua,
E o que se lhe consente não consente:
E assi sem mais repouso se embarcaua,
Vendo que desembarca a mais da gente,
Tornando a seguir o começado
Caminho, indo rompendo o mar salgado.

Abre as asas a frota ao leue vento,
Polas serenas ondas se estendendo,
A escuma cortando o lenho lento
Que no breado peito vay feruendo:
Quaes brancos Cisnes, q̃ seguindo o intẽto
Do que primeiro do Tanais se erguendo
Huns apos outros torcem o longo fio,
Leuantando hum & hum do claro rio.

Afsi fazendo letras não tam certas
Como as que os grous no ar cõfigo eſcreuẽ,
As aſas leuão as naos ao vento abertas,
Como ſendo galerno leuar deuem:
Vendo antiguas ruynas ja deſertas
Que he razão que apos ſi os olhos leuem,
Preſpectiuas pauſajes gracioſas,
Verdes outeyros, ſerras pedragoſas.

Vem os que vam cortando agoa ſalgada
Cidades, vilas, penhaſcoſas ſerras,
Ganhadas ao Mouro pola eſpada,
No tempo atras de ſanguinoſas guerras:
Em Craſto vendo gente degradada,
E logo pór diante as fertiis terras
Dos Vandalos, a quem deu nome o Betis
De Beticas, tributo dando a Tetis.

Vendo mais os Tarteſios campos cheos
De memorias do tempo de Chryceo,
Onde Oſiris ganhou tantos tropheos,
Pondo àquelle Gigante eterno freo:
Que inda que eſte não pos os dous eſteos
Que pos o outro Hercules Alceo,
Foy o que os gados leua do Rey douro
E rouba o riquiſsimo theſouro.

Pois

Pois ja de Geriom a sepultura
Que no mar bebe, como no passado
Tempo se custumaua por ventura,
Passando vão com curso arrebatado:
Vendo no fundo la da clara & pura
Agoa, o aruoredo transformado
Ia em coral, das ilhas Aphrodicias,
Onde gozaua Venus suas delicias.

Chegando todos de aluoroço cheos
Aas portas onde he porteyro o perigo,
Porto chamado ja dos Eritreos
Ilha famosa que era em tempo antiguo:
Dentro no qual ja liures de receos,
Bem no seo do mais tranquilo abrigo
Com salua da a forte armada fundo,
Espantando a terra, o mar, & o mundo.

Lançando o bronze cano o rayo ardente
Cum estrondo terribel, afumando
O ar sereno & claro, breuemente,
Dũa turbida nuue os rodeando:
Estando em terra assaz medrosa a gente,
Dos Orbes se irem todos arruynando,
E souerterse a ilha tanto teme
O estrondo que faz, que tudo treme.

Ouuindose a espaços de istrumentos
Dentro no negro fumo, hũa armonia
Formada com assopros violentos,
Que a nuue desatana & distruya:
Apos isto se vendo os remos lentos
Nas mãos de quem o mar coelles rompia,
Trazendo em bateys a gente a terra
Mais prometendo paz, que dura guerra.

Onde o Rey Luso sae acompanhado
Dos seus, mais pensatiuo que contente,
Não fica ja nas naos nenhum soldado
Que a todos a sayda se consente:
O Duque de Medina aluoroçado,
Cercado ja de Castelhana gente,
Depois que ao Rey se inclina, lhe offerece
A vontade, que o Luso lhe agradece.

Depois coele a branca area trilha,
Onde se traua pratica sabrosa,
Entrando assi na celebrada ilhã
Que ja foy tão soberba & populosa:
Vay vendo hũa & outra marauilha,
Rebolue a graue vista duuidosa,
Teitos marmoreos ve ja derribados,
Meos arcos pendentes corcouados,

Onde

Onde o Duque sabio & eloquente,
Lhe mostra logo ali as antigualhas
Da terra, que ja foy tão eminente,
Em quanto as naos refrescam vitualhas:
Tão apressada como sabiamente
Contando guerras cruas & batalhas,
Mostrandolhe as memorias das ruinas
Das velhas & soberbas officinas.

Dizendo, se he verdade o que se escreue,
O templo dos dous Hercules famoso
Aqui neste lugar prantado esteue,
Tão venerado entam & tam poderoso:
O qual aquella oliua de ouro teue
Cujo estranho fruto precioso
Era so de esmeraldas, rico fruto,
Que a bruta gente põe no templo bruto.

As colunas tendo mais tão celebradas,
De ouro & prata, onde à roda estauão
Todas aquellas fabulas pintadas,
Dos Hercules, que ali se idolatrauão:
E poço aqui esteue onde as lauadas
Enfermas gentes por sarar bradauão,
E ali a pranta que se celebrão tanto
Os que della escreuem o raro espanto.

E isto era ilha venerada
Dos antigos, por cousa glorioſa,
E Cauco fez a ponte celebrada
Se a fama pupolar não he mintiroſa:
E onde acola chega ja cansada
Aa viſta(que ſe moſtra duuidoſa
Em ſe determinar de ſeu enleo)
Porto chamado foy de Meneſteo.

Eſtas antiguidades o auiſado
Duque, ao Luſitano Rey contaua,
Em quanto o pouo ledo & aluoroçado,
De ſua vinda com razão andaua:
Da gente amiga ſendo feſtejado,
Como em tão graue caſo ſe eſperaua,
Qua ja com varias feſtas anda leda
Armando hum teatro de ouro & ſeda.

Cercauaſe de forte paliçada
Hũa praça pequena, de brocados
De varias telas ricas adornada,
Com tecidos eſtranhos deſuſados:
A qual eſtaua toda rodeada
De damas, onde os olhos de canſados
Canſauão os deſejos & alegria
Do que ver mayor gloria não queria.

Ao ſom de roucas trombas, hum furioſo
Touro ſaindo, que eſpantado para,
E das vozes turbado & orgulhoſo,
Sacode aos tiros a cornuda cara:
Entra niſto hum Tudeſco valeroſo,
Cum punhal que contrelle ali arrancara,
Remete o touro, & o mancebo forte
Lhe dà a punhaladas crua morte.

Logo outro ſae mais brauo & carraneudo,
Onde hum forte Eſpanhol caualo toma
Cũa mão apertando o ferro agudo,
E as redeas coa outra & eſpeſſa coma:
Remete o touro, grita o pouo rudo,
(Que vio d'esforço igual a antigua Roma?)
Põelhe a lança o varão quedo & ſeguro,
E morto o deixa ali no ſolio duro.

Não tardando que outro ja bramando
Coa boca de roxo ſangue chea,
E de viſcoſa eſcuma, ameaçando
Com ſanguinoſos olhos rapa a area:
Mas ao reuolto corno ſe lançando
Hum moço Luſo, a furia lhe refrea,
Coa neruoſa mão dura & robuſta,
Com que oprimilo ali pouco lhe cuſta.

Não com tanto poder ao duro colo
Do Candio touro, Hercules potente
Lança o braço, nem quando a Acheolo
Tira o corno das Nayades florente:
Nem com tanto ruydo brada Eolo
Enojado do vmido Tridente,
Quanto o touro bramando preso & atado,
Do sanguinoso corro foy leuado.

Fazendo outros muytos outras sortes
Diante do seu Rey, que satisfeito
Estaua, de leuar varões tão fortes,
Para o incerto & temerario efeito:
Huns porque saybão là suas consortes
(Das quães retratos trazem algũs no peito)
Que tudo vencem peitos namorados,
Outros por serem sempre celebrados.

Logo apos isto, alguns mais namorados
Mancebos, dous & dous, no corro entrarão
Em fermosos caualos, ajaezados
Com diuisas que mais os contentarão:
Aa Mourisca vestidos, recamados
De fino ouro, ayrosos sobraçarão,
E a pequena praça rodeando
Os caualos andarão arremessando.

Depois se ajuntarão os mais queixosos
De amor, contra os que mais fauorecidos
Erão delle, & por dous não sospeitosos
Forão logo igualmente repartidos:
Vede com que ventaje os venturosos
Determinão vencer peitos vencidos,
Vede se tem por si largos fauores,
Se serão em mòr guerra vencedores.

Com canas se ferião esquiuamente
Huns a outros ali, de rosto a rosto,
Qual remete a vingarse diligente
Qual se recolhe ja vingado ao posto:
Mas o Rey que confuso & discontente
Da tardança, de nada mostra gosto,
Determina partirse ao outro dia
Como a quem o prazer aborrecia.

Com palauras de amor se despedindo
Do Duque de Medina, que seguilo
Querendo, a licença lhe pedindo,
Amais quiso Rey Luso consentilo:
Neste tempo o estrondo ja se ouuindo
Do tiro, que como he do mar o estilo
Disparou, porque a gente derramada
Da partida do Rey fosse auisada.

Vay por todas as partes discorrendo
O rouco som, que auisa à Lusa gente,
A quem ja hya o ocio corrompendo,
Do robusto valor a furia ardente:
Que ouuindo o final, qual vem correndo,
Qual se embarca, & vay ligeyramente
No veloce batel o mar abrindo,
E qual lembranças tristes encobrindo.

Leuãose logo as curuas & pesadas
Fateixas, sobem vergas, soltão velâs,
As proas cortão ja as ondas salgadas,
Que murmurando váo à queyxa dellas:
Vozes dão muytas vezes tam cansadas,
Que parecendo vay que dentro nellas
Na quella voz confusa & encuberta
Inda lamenta Ino & Meliserta.

Glauco da forma vmanâ ja diuisõ
Tambem ajuda ò funebre pranto.
Esaco & Alciom polo mar liso
Apos da frota vam chorãdo entanto:
Seguindoa apos Scilla o yroso Niso,
Deixando Pico então o alegre manto,
E todos lamentando nosso danno
Parece que dezião ah Lusitano.

Dita

Dita fora encontrar as areosas
Syrtes, que tal jornada interromperão,
Ou Caribdis, & Cycladas perigosas,
Scilla, ou Carina então q̃ as naos romperão:
Mas estam tanto em paz as rigurosas
Ondas (porque de medo se esconderão
Os ventos) que parece que enterrados
Os tem nos odres inda o Grego atados.

Vão deste modo assi atraveſſando
O Herculeo canal coa braua frota,
Os olhos polas agoas alongando
Atè verem o fim de sua derrota:
Terra terra Africana, alto bradando
Ja toda a armada ao fundo os ferros bota,
Ja para Tanjar parte o Lusitano,
A ir buscar o infelix Mauritano.

Està ali o Xarife, de esperanças
Duuidosas cercado & de receos,
Que desejos não acham seguranças
Imaginando as sempre em bens alheos:
O Rey conforme o trata não a mudanças
De tempos (que de varios casos cheos
São sempre) mas ali com brandos olhos
Não sofre em terra os reaes giolhos.

Dizem

Dizendolhe, ô Rey a auara sorte
Tem esta inconstancia & variedade,
Que esse peito real, constante & forte,
Ponderar deue em tanta aduersidade:
Lembrandote que tudo acaba a morte,
E tudo recupera a larga idade,
Deyxando o que por ti fazer desejo,
Pois por ti deyxo o meu amado Tejo.

Ao que o Mouro responde, a quem vassalo
He vosso, toda a onra & merce cabe,
Das quaes a obrigação eu nalma calo,
Como quem o que nellas ganha sabe:
Gosto que não podendo outro ygualalo
Inda temo com tudo que mo acabe,
Ou mo perturbe, ver quam pouco posso,
Pois não posso chegar mais que a ser vosso.

E ficando naquella obrigação
Que todo o obrigado peito sente,
Não tendo de a seruir ocasiam,
Tras o futuro, a falta do presente:
Dizendo tarde, ou cedo o galardão
Do feito beneficio communmente
Vem sempre, inda que eu nunca ja vejo
As cousas que mais preza meu dęsejo.

Outras & outras couſas lhe dizendo,
Conforme a obrigação em que lhe eſtaua,
A tudo o Luſo moço reſpondendo
O com que cada vez mais o obrigaua:
Em ceremonias pouco ſe detendo,
Nas quaes, deſigualdades ygualaua,
Porque a onra he mór & mais perfeyta
Aaquelle que a dà, que o que a aceyta.

Entrando à mão dereyta alì apos elle
Na galê onde lagrimas eſtila,
Vendo que por amor, ou por do delle
A doce patria & paz deyxou tranquila:
E caminhando, atras deyxando aquelle
Iracleo Colpe, & Eſperido Abila,
A rogos do Rey Luſo, o Mouro conta
Antigualhas da Lybia, & a ſua afronta.

Começando a dizer, porque curioſos
Muytas vezes não achão antiguedades
De que viuem contino cobiçoſos,
Reboluendo de liuros variedades:
Chamas crueys, outempos preſuroſos
Eſcondendo das couſas as verdades,
Ás queem minhas chronicas achey
Mais antiguas, te agora contarey.

Deſta

Desta Africa bem cuydo por ventura
Que não ouuiste donde o nome teue,
Que a fama de suas cousas fala escura
O largo tempo poderoso & leue:
Pois ouue o que achey nũa escritura,
Autorizada bem por quẽna escreue,
E verás o principio & cousas della,
Ia que por armas vens a pretendela.

Bem sabes como acingeo mãr em roda,
Que os nomes das prouincias vay tomádo,
Pois es senhor de cási a costa toda,
De Ceyta, ao Melinde arodeando:
Não podendo chegar ainstabil roda
A mais, que a estares Reynos sujuzgando
De tão longe, a tão longe, & detais gentes,
Là com medo a teu jugo obedientes.

Africa dizem huns que de Aphros veo,
Nome Arabio, que espanto finifica,
Porque era de animaes ferozes cheo
O seluatico sitio & terrã rica:
Outros que vem de Ifrichia nome alheo,
Que dizer diuidir se verifica,
Tambem he outra antigua opinião
Que dum decendente Aphro d'Abrahão:

Ma

Mas o mais certo he que se chamou
Assi, de Ifrico Rey da Arabia gente,
Que o primeyro foy que a abitou,
Quanto a mĩ a razão mais aparente:
Outro o nome dos dous que deriuou
Que sinificão terra, ou cousa quenre,
Tambem diz que de Phrice, & a priuatiua
Este nome mais proprio se diriua.

Mas deixando argumentos, repartida
Foy em doze prouincias, asegundo
A discripsãm daquelle que medida
Quis achãr por sua arte ao largo mundo:
Mauritania foy hũa, de temida
Gente, & de terreno asaz fecundo,
A outra (onde he meu reyno) he Tingitania,
A outra he a Cezarea Mauritania.

Africa Pentapolis, Lybia ardente,
Onde o templo de Amom foy venerado,
Etiopia, onde viue a Nubia gente,
E onde Christo he tambem adorado:
Egypto, Lybia interna diferente
Da outra, sitio nunca ja abitado
Senão dos Garamantes, & serpentes
De que prouou Pompeo os feros dentes.

Entra

Entra tambem aqui a manha Etiopia,
Cujos Reynos, Cidades, deyxo agora,
Por ser delles & dellas tanta a copia,
Que me farião ter larga demora:
E por fugir de dar fastio & inopia
A quem melhor que eu isto não inhora,
Irey o importuno abreuiando,
E so o curioso declarando.

Africa, em quatro partes repartirão
Os antigos, a hũa he Barbaria,
Que de Messa a Mejes (monte) medirão,
Terra mais abitada, fresca & fria:
Numidia que he a outra concluyrão
Que de Eloachat, a Num so se estendia,
E leuando da Lybia o mesmo estilo
De Gaoga a medirão ao largo Nilo.

A quarta, Etiopia ser disserão,
Nome composto Grego ao que se sabe,
Que por calida & ardente lhe puserão
E nella muyto por ser grande cabe:
Numidia os Latinos a disserão
Desta manayra, & Sarra nome Arabe
Que sinifica Lybia, assi a chamarão
Os que coa lingoa Grega a sua ornarão.

Po

Pois vindo à Barbaria terra minha,
Largos tempos estando está deserta,
Dizem que Africo Rey, que roto vinha
Do Assirio, que sempre o segue & aperta:
Que como saluação outra não tinha
Que entrar pola perigosa terra incerta,
Gritauão Bár os seus no duro aperto,
Que sinifica, vamos ao deserto.

Outros dizem, que o nome he replicado
De Barbara, que em verbo sinifica
Mormurar, mas tudo ponderado
Bem, este diriuar não me edifica:
Seja o que for, que ja estou cansado
De tratar o que não se verifica,
Basta que em quatro Reynos repartida
Ser Barbaria he cousa mais sabida.

Marrocos, Tunez, Fez, & Tremecem,
Dos quaes cas dos tres, o Cetro tiue,
Mas traz fortuna a tal estado quem
De sua auara mão seguro viue:)
Donde a nossa primeira origem vem
E quiserdes que aqui vola diriue,
Estay a tento, porque escrito achey
Que vem de Palestina, ou de Sabey.

Somos nas cores varias, mas parentes
Nacidos so de hum tronco, os Africanos,
Derramados dos varios decendentes
De Chus, que diuidirão largos annos:
São as lingoas (mas pouco diferentes)
Antre os Numidios, Lybios, Mauritanos,
Mas a nobre, & de todos mais vsada
He, a que foy ja Amarig chamada.

De Mauritania Mouros nos chamarão,
De Agar, dizem que somos Agarenos,
Do filho, Ismailitas nos chamarão,
De Sarra (que diz Lybia) Sarracenos;
Os de Otmen Califa nos ensinarão
A ley, em que criamos os pequenos
Filhos, porque melhor instructos nella
Folguem mais de guardala & defendela.

Dizem que antiguamente não se vsaua
Letra algũa antre nos, como a não teue
A Tudesca nação, mas não faltaua
O modo antrelles com q̃ a Egypcia escreue
E que o mais auisado se prezaua
(Como em Lacedemonia) falar breue,
E se não tinhão letra, a Turca lingua
Ao presente cae na mesma mingua.

Depois

Depois dizem que vsarãa Latina,
Mas a Arabia agora professamos,
Que he a que antre nos se vsa & ensina,
Pola qual toda a outra reprouamos:
Não me quero meter na disciplina
Militar & ciuil, em que criamos
Os que guardão aos mestres o respeito
Diuido, porque sou nisto sospeito.

Quero tornar a Fez, que edificado
Dos de Mecnesa foy, & quaes senhores
Verdadeiros sam delle, se enganado
Não sou nisto dos varios escritores:
Os da casa de Idres, deste estado
Forão os verdadeyros possuydores,
E Marrocos ouui que edificarão
Os que Aduquala primeyro abitarão.

Pois destes Reynos Rey ricó & seguro,
No mais supremo trono posto estaua,
Quando na aduersa roda o braço duro
De fortuna, os beus me desandaua,
Estando inocente do conjuro
Que contra meu repouso se ordenaua
Lá no Olimpo claro, & bem conheço
Que por paternas culpas mais mereço.

Porque o primeiro Rey dos meus passados,
Com nome santo o Cetro vsurpou
Dos Reys Merines, q̃ erão assi chamados,
Dos quaes a hum prendeo, a outro matou:
E meu auô tres filhos deserdados
Por Abdelà meu pay, erdar deixou,
E Abdelà os tres irmãos matara,
Se por meu mal meu fado os não saluara.

Destes que erão meus tios, se temeo
Sempre meu pay, por isso os perseguindo,
Mas dos tres o mais moço faleceo,
Por sua causa a gente presumindo:
Logo o mayor & o outro se acolheo
Aa cidade de Argel, do irmão fugindo,
Onde mandou meu pay Muça que desse
Veneno a ambos de dous se ser pudesse.

Ouuese o Mouro astuta & sabiamente,
Mas foy em vão a sua inteligencia,
Porque no que fortuna não consente
Em vão trabalha toda a diligencia:
Fosse que o coração presiago o sente,
Ou por querer a suma prouidencia,
Elle mata o mayor, o outro ficando
Por seu bem & meu mal, viuo escapando.

Pois

Pois este em Argel depois casando
Cũa filha do velho Age Morato,
Com Turquesco fauor me foy entrando
Que lhe darião por algum contrato:
E com medos, promessas sobornando
O Reyno que comprou assaz barato,
Da gente adquire as perfidas vontades,
Que communmente abração nouidade.

O que eu vendo, lembrandome que tinha
Em meu poder hum Lusitano teu,
Cõ outros que encerraua a prisam minha,
Castigos que lhe Deos por culpas deu:
Mandey que mo trouxessem muito asinha,
Pedindo lhe que fosse emparo meu
Lealmente em tanta aduersidade,
Gozando logo a doce liberdade.

Nenhum outro tomando para emparo
De outra nação, porque sabido he,
Que a fama lhes não deu nome tam claro,
Senão por seu esforço & leal fe:
Pois este que me foy forte reparo
Depois que assi sem animo me ve
Me diz, Não temas alto Rey teu danno
Onde estiuer o braço Lusitano.

E logo recolhendo a fraca gente
Que junta andaua em comunidade,
As armas toma com furor ardente,
Soſtentandolhes as fracas lealdades:
Pelejando leal & fortemente,
Não me deixando nas aduerſidades,
Mas à vmana força tem limite
Onde o contrayro o alto Deos primite.

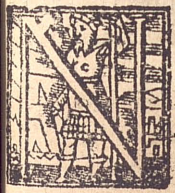
Aſsi que enriquicendo meus tropheos
De fama meu imigo, que à victoria
Alcançando de mí, dos bens alheos
Ficou ſenhor, com ſoberana gloria:
Dos largos campos Tingitanios cheos
De mortos me parti:, ô triſte eſtoria,
E me fuy pola ja alhea terra,
Meter naquella alta & eſquiua ſerra.

Onde dos meus fuy bem aconſelhado
Em pedirte ſocorro, que pudera
Ser menos, não por menos obrigado
Te ſer, pois o que o fora iſſo perdera:
Atalhandolhe a iſto o auiſado
Rey Luſo, co que agora ſe quiſera
Dizer, de rouco ja ninguem me ouuira,
Por onde o canto aqui, & a voz eſpira.

CAN-

CANTO DECIMOTERCIO.

Chega Sebastião & o Xarife a armada, & parte para Arzila, onde desembarcão, & onde se assenta o arrayal. Conta se hum rebate que ali teue do qual se vindo recolhendo, acha a caso o Xarife o seu escudo pendurado num tronco, & vendo nelle grandes guerras pintadas, Dom Antonio da Cunha lhas declara.



Nam aja ninguem tam desconhecido,
Que sendolhe o pagar por obras caro
O beneficio de antes recebido,
Que de palauras inda seja auaro:
Nem queyra com ventage de partido
Tomar da ingratidão inda o reparo,
Premio que a condição lhe estreyto traça,
Encurtando tambem na lingoa escassa.

Não sendo tambem largo em prometer,
Que palauras sobejas sam indicio
De so coellas se satisfazer
A esperança do feito beneficio:
Costume que se ouuera de perder,
E não terẽo todos por officio,
Não auendo por isso quem bem faça,
Pois por obras nam ha quem o satisfaça.

Com palauras de amor & cortesia
E nam com prometer muito sobejo,
Mostraua o Mouro Rey que antes dezia,
Ao Lusitano gratulo o desejo:
E o que debayxo dellas encubria
No proceder bem claramente vejo
Que peitos maos quãdo tambem procurão
Encubrirse, com tudo vos segurão.

De boas obras sendo este o desconto,
Fruto mais certo de tenção danada,
Em que ymagino que hya o Mouro prõto
Quando descobrem a soberba armada:
Não arando o Euxinio, ou Elesponto,
Nem em fim outra algũa agoa salgada
Tamanha frota nunca como aquella,
Que lhe faz reformar mais a cautela.

Fica

Fica suspenso o Mouro & pensatiuo,
Do que de tal socorro lhe parece,
Ve que o fim do que espera he ser catiuo
De quem por isso a tanto se offerece:
Teme ser o sucesso ao Luso esquiuo,
E serlhe tambem prospero o entristece,
Vendo do vencimento alhea a gloria,
E que anda atada a ação sempre à victoria.

Mas como outro remedio não espera
Que aquelle que ja ve posto em efeito,
Tudo o que lhe conuem nota & pondera,
Mostrando o que não traça no conceito:
Entendendose bem que se pudera
Executar o que lhe esconde o peito,
Que a ambos destruira, o que merece
Quem a seu enemigo fauorece.

Pois chegados à frota, os marinheyros
As ancoras pesadas leuantando,
As velas dão ao vento, dos outeyros
Barbarescos os Mouros vigiando:
Que quaes lobos a timidos cordeyros
De cumes & cauernas espreytando
Andauão, dous & tres como em consulta,
Pola alta serra, pedragosa & inculta.

Indo os soldados prontos na contenda
Em que os despojos cada hum reparte,
Dizendo alguns que trazem de encomenda
As cousas que ali tomão a sua parte:
Lançando sortes sobola fazenda
De que, aos que cae a peor parte,
Não falta antre elles quem de pura enueja
Da escolha co amigo ali peleja.

Muitos co vãgabundo pensamento
Enuolto em fabrosas esperanças,
Os olhos enxugando & rosto lento,
Culpas que sempre tem doces lembranças:
E outros de mais liure entendimento
Considerando vão varias mudanças
De fortuna, chegando entanto à parte
Que as frescas ondas bebe a Tagadarte.

Ali de Arzila o porto pedragoso
Com hum murmurio funebre os recebe,
Do qual o mais feroz & animoso,
Hum secreto terror na alma concebe:
Mas cada hum das presas cobiçoso,
Para os catiuos cordas apercebe,
Quaes para os Tegeatos ordenarão
Os Espartanos, onde se enlaçarão.

Pois

Pois aqui largão ferros, tomão velas,
Botão bateis ao mar, trombetas, gritos
Asperrimos, penetrãnas estrelas,
Assouiando nauticos apitos:
Huns esealaurão mãos, outros canelas,
Outros remando dauãnos espiritos,
Trazendo gente alguns, & algũs embarcão
Fardaje, outros caualos desembarcão.

Algum de ver chegarse a terra ledo,
Em vendo onde saltar, o barco arreda,
Indo saltando dum noutro penedo,
Não resgoardando a roupa douro, ou seda:
Outro na proa em pe do batel quedo,
Que pescador parece que arremeda,
Anticipando o salto à chegada
Proua se he agoa doce se salgada.

Huns desembarcão ali artelheria,
Outros carretas, bois desembarcauão,
Qual tomba ali coa troxa que trazia,
Quaes dous & tres a ella se ajudauão:
E o que leuarse às costas não podia
Curuos puxando muitos o arrastrauão,
Enterrando os pes na branca area
O que algum graue peso so rodea.

Quaes

Quaes prouidas formigas, enojadas
De verem a prouisam que feita tinhão
Lenta, & as esperanças acabadas
Das parganas que as vidas lhes soſtinhão:
Que das terrenas vmidas moradas,
Donde serenos dias adeuinhão,
Tirando pouco & pouco o mantimento
Ao claro sol o estendem frio & lento.

Hũas de leue grão se carregando,
Outras carregas mòres não podendo
Leuar, as trazem juntas arraſtrando,
Ali hũas a outras socorrendo:
Outras o lento peso rodeando,
Do lugar cauernoso o não mouendo
De alhea & noua ajuda socorridas,
Perdem coelle tombando as caras vidas.

Não de outro modo os ruſticos mẽbru
As curuas naos ali descarregarão
De armas, caualos, piques, & de escudos,
E em fim dos mais petrechos q̃ embarcar
Tendo na praya os esporões agudos
Postos ja as galês, donde saltarão
Na area os dous Reys, acompanhados
Dos que vinhão coelles embarcados.

O

nde o capitão de Arzila estaua
sperando o seu Rey alegremente,
O qual Pero da Sylua se chamaua,
os Sylvas & dos Tauoras parente:
ue para a cidade o acompanhaua,
nde coelle entrou bem pouca gente,
orque queria o Rey que se alojasse
o campo, & não que dentro repousasse.

li pois chama o Luso a dom Duarte,
e Tanjar Capitão, & lhe encomenda
campo & alojamentos, que reparte,
imitando lugar a cada tenda:
ão tinha de gèral o estandarte,
porque se melhor seu nome entenda
em mestre era do campo que ordenaua,
as como general o gouernaua.

ois este Capitão prudente & forte,
s belicosas gentes repartindo,
os Tudescos o sitio dà do Norte,
onde se estauão perigos presumindo:
do Sul, aos Romanos coube em sorte,
do Sudueste, os Lusos impedindo,
Castelhanos, que os auentureyros
s mais erão illustres caualeyros.

Del P

Del Rey as ricas tendas rodeadas
De Duques, Condes, prosperos priuados,
Forão logo no campo leuantadas,
Feitas conforme a tempos japassados:
Onde estorias antiguas debuxadas,
E de cores, lauores desusados
Seviáõ, que contalos mal pudera
Inda que de metal a voz tiuera.

Ali as que ganhou là no Oriente
O valeroso auô, o illustre neto
Leuanta, onde se ve claro & presente
Do largo ceo o prospero decreto:
Ali as que o pay à bruta gente
Que tam de natureza o couro preto
Tomou, o filho que se glorifica
De tão rico tropheo, as edifica.

Frantandose tambem as que ganhadas
Forão na mesma terra, aos Mauritanos,
E as que nos arrayaes forão deixadas,
Quando o Reyno deixarão aos Lusitanos
Alguns armando algũas que tomadas
No mar forão a piratas inumanos,
Outros as que por vmidos caminhos
Cõprarão, & as q̃ tomarão a Reys vezinhos

Outros

Outros outras de nouo bem lauradas
Encordoarão, outros verdes canas
Fincando em terra, rusticas moradas
A vso pastoral fazem cabanas:
Outros em piques capas aruoradas,
E com esteyras fazem ali choupanas,
Outros ferindo fogo brusca acendem,
Outros lenha (gemedo) & troncos fendem.

Outros varios journeos degolando,
Mudão o nome ao prado, & a cor as flores,
Outros lhe estão do intimo arrancando
Com crua mão os viuos interiores:
Outros comendo entranhas palpitando
Cortando as estão dos assadores,
Outros contam ali ledas estorias,
Outros tangendo cantão antiguas glorias.

E outros o licor purpureo em vasos
De prata derramando, que Briceo
Tanto onrou, propõe graciosos casos
Caindolhe da barba polo seo:
Outros dandose as mãos tomando prazos
Estão, porque ali lhes falta o meo
De efeitoarem recitados gostos,
E assi ajuramentão prosupostos.

O Xarife

O Xarife num cerro leuantado
As suas ricas tendas tinha armadas,
A modo seu na guerra costumado,
Não do Luso arrayal muyto apartadas:
E o campo descuberto & atalhado,
Das vigias por elle derramadas,
Segurauão à gente desmandada
Poder pisar a terra desejada.

Mas como ninguem pode estar seguro
Na sua, quanto mais na terra alhea,
Não era de conselho ali maduro
Quem sem temor por ella se passea:
Porque ja sendo vergonhoso & duro,
Ao Maluco (que a colera refrea)
Aquelle atreuimento, yradamente
Reprende ja a Barbarica gente.

Dizendo, ô que vergonha & couardia
Nacida por ventura de mao zelo,
Com que fraqueza esta ousadia
Do Luso, arriça a todos o cabelo:
Em que ley de primor & valentia
Se sofre, o que medo faz sofrelo?
Como a propria terra sem respeito
Pisãnos Lusos a vosso despeito?

Devós

De vôs, ô Africanos namorados
Me espanto só, de quem me prometia
A esperança, feitos de passados
Tempos, quando amor mais em vos podia?
Isto dizendo, dos que leuantados
Estão por responder, hum respondia
Suphyeni chamado, ô Rey poderoso
Porque, modo tão aspero & afrontoso?

Não sabes tu que todos esperauão
Licença tua, que lhe foy negada,
Para que quando ja desembarcauão
Os Lusos, fosse à força só da espada?
E que todos se disto magoauão,
Culpa que sem razão lhe agora he dada,
Pois porque nos afrontas Rey potente
Se por ti só se enfrea a forte gente?

Dame tres mil nomais, que juramento
Faço à Mafoma, de fazer tal danno
No arrayal, que exceda ao atreuimento
O estrago do sangue Lusitano:
A isto o Turco ja sem sufrimento
Lhos manda logo dar, com desengano
De quem la nam fizer tudo o que deua,
Que a tornar onde esteja não se atreua.

Partem logo por aſperos deſertos,
Eſtes mancebos Barbaros ouſados,
Por veredas eſpeſſas tão emcubertos,
Que tomarão os Luſos deſcuydados:
E antes que alí foſſem deſcubertos
Dos que andauão ſeguros derramados
A elles brauamente arremeterão
Onde por tomar lingua algũs prenderão.

Soão as triſtes vozes afligidas,
Nas orelhas dos prontos atalayas,
Que deſte mal culpados omicidas,
Lanção mão das ferradas azagayas:
Huns reformando as vozes feridas,
Outros ja a caualo, lentas prayas
Eſtampão de gaſtadas ferraduras,
Outros rompendo vẽas eſpeſſuras.

Qual de timidas corças largo bando
Que ruminando eſtão o verde feno,
Algũa polo boſque ſe apartando
Comendo a verde folha ao choupo ameno:
Que do rapacé tygre, que eſpreitando
Os pes aſſegurando no terreno,
Dum ſalto faz a preſa deſejada,
Que em vão ſocorro pede em voz cançada

Hũs.

Hũas erguendo o colo & pronto ouuido,
Outras de caſos tais eſcarmentadas,
Vendo preſente o perigo conhecido,
Saltando vão medroſas & eſpantadas:
Outras berrando abrem com ruydo
Polos boſques, veredas deſuſadas,
Buſcando a ſaluação no mais ſylueſtre
Abrigo, outras o buſcão no campeſtre.

Aſsi vem as eſcutas temeroſas
Correndo a redea ſolta, alto brádando,
Por ingrimes decidas pedragoſas,
As deſcuydadas gentes auiſando:
Ouue o Xarife as vozes riguroſas,
Socorrem logo os ſeus, ja ſe tocando
Arma no arrayal, & el Rey armado
Correndo vay dalguns acompanhado.

Mas hũa que ter aſas parecia
De medo tam eſtranho preguntada,
Diz, que não ſabe bem do que fugia,
Como era ſempre a iſſo acoſtumada:
Onde o Rey coa gente que o ſeguia,
Com a filoſomia carregada
Aas tendas ſe recolhe, & começando
Adeſarmarſe, chega outra bradando.

Acode Rey (dezia) preſtamente
Se não for tarde toda ligeyreza,
A tua afflita & miſeraueł gente
Em quem o imigo faz bruta crueza:
Dizendo iſto volta juntamente,
Vendo que o Rey com ordida braueza
Queixoſo de fazer tanta tardança
Vay ſopeſando a tremolante lança.

Tornanſe a renouar os alaridos,
Soa a noua que o Rey ſo caminhaua,
Seguéno todos mal apercebidos,
Conforme cada hum como ſe achaua:
Huns não ſomente armados, mas diſpidos,
Outro ſem elmo & armas caualgaua,
Outro ſem lança vay, & ſem adarga,
E aſsi ao caualo as redeas larga.

Ardil foy do Maluco que correſſem
O campo Almogaueres ouſados,
Porque pola deſordem conheceſſem
A ordem de enemigos deſcuydados:
Que inda q antre nos ſempre trouxeſſem
Mouros, porquem de tudo erão auiſados,
Quiſeram ver cos olhos todauia
O que a fama do Luſo Rey dezia.

O que

O que visto se forão recolhendo
Cos Mouros do Xarfe pelejando,
Antre os quaes hum ousado arremetendo,
Vay ora hum, & outro derribando:
Desta maneira assi os entretendo,
Em quanto o Luso Rey vinha chegando,
Cid Aius se chamaua o Mouro onrado
Irmão de Albiquirim, moço esforçado.

Mas pouco aproueitaua, que fugindo
A redea solta vam sem interualo,
Vãos a tras os Lusos perseguindo,
Arrebentando ora hum & outro caualo:
Hum co triste senhor geme caindo,
Outro não ha quem possa refrealo,
Onde subindo algum as redeas prendo
Do animal, que à couces se defende.

Bem como quando de animaes rapaces
O timido rebanho he salteado,
Que dos pastores & alaes audaces
Acertou o curral ser mal guardado:
Que atras depois dos timidos fugaces
Correndo todos a qual mais cansado,
Hum fica atras bradando, ora outro fica
Tomando alento, & algum topão lo embica.

Assi seguindo vão aos Mauritanos
De vale em vale, & de monte em monte,
Os desapercebidos Lusitanos,
Em quanto os não esconde o Orizonte:
Tornandose o Rey, que a tantos danos
Assi principio deu, limpando a fronte,
Com todo arrayal que caminhaua
E apos elle em ordem ja marchaua.

Tornase pensatiuo & descontente,
Vendo de seu furor o pouco fruto,
Que o brauo coração não lhe consente
Prazer, trazendo o ferro agudo enxuto:
Ouue ao longe murmura corrente,
Que sae de dentro dum penedo bruto,
Onde hum verde sabugo que pendia
Sombra de branca flores lhe fazia.

Chegase o Rey, a quem a calma agraua,
E por lograr melhor a sombra fria
E o odorifero ar que respiraua,
No torto tronco o animal prendia:
Logo o escudo ali dependuraua,
E depois que a tristeza suspendia
O alegre repouso, passeando
Polo vale se aparta suspirando.

Não

Não está longe não, mas encuberto,
Varias cousas pondera & facilita,
Carra o passo a caminho aberto,
E o que impossiuel he possibilita:
Nisto o Xarife vem polo deserto,
E vendo a fonte que a repouso incita,
Co seu amado Cunha se chegaua
Onde o fero caualo os espantaua.

Vem hum caualo preso, & pendurado
Hum escudo do tronco retorcido,
Pregunta o Mouro o caso, ao auisado
Cunha, que delle estaua suspendido:
Mas hum discurso & outro ponderado,
E o caualo bem reconhecido,
Diz o mancebo, bem seguro pende
Tropheo que tão gram valor defende.

Do Luso valeroso he o rico escudo,
Aqui deue de estar senão me engano,
Quem não tiuer temor de ferro agudo
Bem pode ir desembuçar seu dano:
Para o Xarife então como sesudo,
Vendo que era do forte Lusitano,
E pronto na pintura q'ue ali via,
Suspeuso & enleuado se embebia.

Onde o Cunha, que sabidas tinha
As guerras que ali estauão debuxadas,
Aa voz que cansa em vão & não adiuinha
Atalha as cousas que pratica erradas:
Dizendo, glorias sam da gente minha
Essas vitorias que ay ves pintadas,
São os cercos famosos do Oriente,
Quaes nunca vio moderna ou antigua gẽte.

Fica o Xarife alegre a caso achando
Aquellas guerras que saber deseja,
De tão estranhos feitos duuidando
No Regio peito a mordace enueja:
Onde com longa vara assinalando
O Cucha as batalhas, diz que veja
Da Indica conquista & os cercos logo,
Que tanta vida dão a ferro & a fogo.

Notando vay o Rey o que lhe aponta
O mancebo, que a Goa ja chegaua,
Quando suspende o que em soma conta,
Polo que lhe o Xarife preguntaua:
Ve muyta gente junta em grande afronta,
Como vay de vencida, desejaua
Saber, por isso roga ao moço Luso
Que lhe declare o que ve confuso.

O cerco he de Goa (lhe replica
O Cunha) & do principio começando
Aponta coa vara o que atras fica,
As cousas importantes declarando:
Os limites & leys da terra rica
E custumes, o vão marauilhando,
Prosegue o que conta, & a lingoa leue
Tudo declara ao Rey em tempo breue.

Dizendo assi: Ves da famosa terra
Que de nosoutros foy Daquem chamada,
O Rey Meale preso, & a dura guerra
Que nace da treyção eruel maluada:
Nisa Maluco, & Hydalcão que a ferra
Cada hum na partilha a dura espada,
Ves o lugar que tem os Lusitanos,
De conquistar reuoltos os tyranos?

E como quando ja em paz gouerna
Dom Luys de Ataydo rico estado,
Como dos Xatamàs com magoa interna
He nos tyranos o odio renouado:
Persuade estes Reys malicia Auerna
Dos que não querem ver la sojuzgado
Dos Lusos o terreno & patria amada,
Que assi procurão seja libertada.

Onde conuocão o Hydaleão famoso
Niſa Malueo, & o Camori, que jura
Deſtruyr noſſa ley, onde orgulhoſo
Todo Oriente contra nos conjura:
Eis o Rey dos Achens la vergonhoſo,
Que vencido em Malaca inda procura
Leuar auante o intento, & olha os mares
Cheos na India cà de Malabares.

E aquelle que la ves que ſe aconſelha
Na opulenta Goa (acautelado
Com velhos annos, da malicia velha)
Que dos cafados he contrariado:
He noſſo Viſorey que ſe aparelha
Contra o que foy dos naturaes tratado,
Que não querem cuydar que guerra trate
Quem rõper lhe conuinha o paſſo ao Gate.

O Gate he aquelle que ſe eſtende
Do Quomori a Carnate, pedragoſa
Serra, que o terreno aparta & fende,
De atraueſſar aſſaz dificultoſa:
Ves que nam ſe defende, mas ofende,
O Viſorey, & a frota belicoſa
Que da a Luys de Melo, porque dome
Ao Achem, com glorioſo nome.

A outra armada que rompendo os mares
Vay prometendo sanguinoso estrago,
Ves como faz temer aos Malabares?
Do ousado conjuro esquiuo pago?
E como chorão vilas & lugares,
Que nunca poderám rir de Cartago,
E como ledos nella os Purtugueses
Seguem a dom Diogo de Meneses?

Os olhos torna a tras, nãos detenhas
La nessas partes, & olha a forte gente,
Que segue a dom Francisco Mascarenhas,
Nouo temor, & espanto do Oriente:
E como em Chaul nouas resenhas
Com prudente valor, & diligente
Braço, Luys Freyre a espada aferra,
Como quem era Capitão da terra.

E olha là Samatra, onde parece
Que se entheloura a riqueza vmana,
Como do Visorey teme, ou conhece
De seu intento a furia soberana:
Que seja conquistada lhe parece,
Segundo espalha a gente Lusitana,
E assi ja se apercebe de soldados,
Não tendo se na se dos conjurados.

E cà em

E cà em Goà ve como os deuotos
Religiosos, coa inutil plebe,
Com rotos peitos têm ja os ceos rotos,
Onde lhe Christo as lagrimas recebe:
E como se chegando os não remotos
Imigos, o que o santo licor bebe,
(Falso Gentio) foge de Salsete,
E de Bardez, negando o que promete.

Quẽ sam (pregunta o Mouro) os q̃ ja decem
Para Pondà da pedragosa serra?
Responde o Cunha, São os que obedecem
Ao Hydalcão, prouocador da guerra
Sessenta mil de pe se o não parecem
Serão, & pisam mais a fertil terra,
Elefantes dous mil encastelados,
Com trinta mil caualos bem armados.

Mais de duzentas peças em carretão
Oo como ja se alojão ousadamente
Sem ter temor, seguros que cometão
Os Portugueses, o arrayal potente:
Não vẽ corpos que estoruos lhe prometão,
Que falta aos Lusos a mais forte gente,
Que nas armadas foy, so na cidade
Ficando os de tenra & antigua idade.

Dous

Dous mil serão nomais os que defendem
A tanta soma, a ley, a onra, & a ilha,
Oo como ja para a goardar se estendem!
Do Hydalcão temor, & marauilha:
Aquelle que là ves que a espada prende
A quem o genro vay seguindo a trilha,
Baltasar Lobo he, de Sousa antigo,
Que os Reys Magos defende do enemigo.

E o outro que em Rachol mais o atormẽta
A tardança do imigo que o receo,
He Damião de Sousa, que esprimenta
O ser do sangue seu, no sangue alheo:
Pois o que là na barra ousado intenta
A defender do porto o largo seo,
Nũa só Nao, Lourenço he de Carualho,
Que por onra trabalha por trabalho.

E o que là com so cem companheyros
De Leonida mostra o fero aspeito,
Dom Miguel he Castro, dos primeiros
Que ao passo seco fazem o passo estreito:
Ves mais auante estar dous companheiros,
A quem não cabe o caração no peito,
São dom Pedro de Castro, & o esforçado
Que Diogo Barradas foy chamado.

Os tres que no Sapalves em fileira,
Do antigo valor moderno espelho,
Dom Pedro sam de Sousa & de oliueira
Manel, de maduro & bom conselho:
Ao outro chamão Francisco Pereira,
Da velha fama valeroso velho,
E logo dom Luys de Almeyda os guarda,
Com outros dous que estão na retaguarda.

Francisco Marquez sam, Vicente Dias,
E o que na força là de Sanctiago
Fazia ao enemigo as faces frias,
Vendo em seu braço o futuro estrago:
He o que anima os seus com zombarias,
(De pois na guerra furioso drago)
Dom Martinho chamado, onrado & franco
Que por timbre tomou Castelobranco.

Ves outro antre todos escolhido
Para guardar o passo mais perigoso,
Onde estaua o combate prometido,
E o remedio, & amparo duuidoso:
Fernão de Sousa he, que no partido,
O Mouro tem suspenso, & temeroso,
Benastarim guardaua, & astuto ordena
Hum baluarte & outros terraplena.

É aquelle

E aquelle queo Palmar Rangel segura,
Fernão Rodriguez de Carualho ha nome,
E Vasco Pirez de Faria jura
Que o passo de Meurà ninguem lhe tome:
No de Caramboli à espada dura
Dom Manoel Rolim bem mata a fome,
E Ioão de Souta a barra do Sul cerra
Cum escoadrão da mais gente da terra.

Vescaо Visorey ao rio acode,
E cincuenta Capitães constantes
Como ja cada hum bate & sacode,
Atras dom Iorge os remos tremolantes:
E como a seu furor valer não pode
A força de enemigos tão pujantes,
Olha que entradas fazem, & que saydas,
E quantas mortes dão tam poucas vidas.

Olha a cidade como està guàrda,
Dos sacerdotes pudicos & sanctos,
E doutro pouo muito coroada,
Que espãta o Mouro, em ver q̃ fiqué tãtos:
E como a mão imiga acelerada
Deita no rio ja pesados cantos,
Grossa madeira, & o passo estreyto cerra,
Fendendo o pego ali pontes de terra.

Eis lá

Eis là o Viſorey eſtà ouuindo
Hum frade, que o perigo denuncia
Do cercado Chaul, & como rindo
Do palido terror o deſenfia:
Ves como em derribar ſe reſumindo
Chaul, Rachol, & Carania porfia
O conſelho da terra, & como inteyro
Segue Luys o certo, & verdadeyro.

Olha Fernão de Souſa, como eſtranha
O parecer que lhe tam mal parece,
Ves quanta onra o valeroſo ganha,
Ves em tamanho aperto ſe tamanha?
E como o Viſorey não ſe adormece,
No como em tudo a tudo ſe oferece:
Eilo ca deyxa a tras o ſeco paſſo,
Tudo o de Fabio tem, tudo o de Craſſo.

Os dous que ves a tras, que o vão ſeguindo
He Fernão de Mendoça, & dom Fernando
Monroy, ves como vay ja deſcobrindo
O arrayal, o Mouro deſprezando?
E de Benaſtarim como ſaindo
(O não viſto valor ali exemplando,)
Dentro nas bombardadas ſe metendo
O campo imigo eſtà reconhecendo.

E aque

E aquelle que ves que lhe arrefece
Cas morto nos braços apertado,
Dum pelouro, que o peito lhe adormece,
Que dum falcão sayo arrebentado:
Fernão de Souſa he mesmo, que parece
Querer moſtrar Deos nelle o grão cuidado
Que delles tinha, ê como aos pes se enterra
A bala, que rompera hũa dura serra.

Olha ca hum que la deixando as fuſtas
Como peleja esquiua & brauamente,
E como fogem as feras & robuſtas
Gentes, imigas do furor potente:
E como falua tanto às suas cuſtas
As bombardas que toma, & como a gente
Ia desmandada, o enemigo acerca,
Porque coa vida o despojo perca.

E como os rompe inda todauia,
O dom Fernando, Capitão famoso,
Que de Vasconcelos se dezia,
Muito esforçado, pouco venturoso:
Onde as fuſtas na mare vaziã
Em seco, fazem ao imigo corajoso,
E como se defende brauamente,
E morre alli com toda a ousada gente.

Gonçalo de Sequeira he hũ companheiro,
E Esteuão Ferreira he outro consorte,
Antonio Lopez, duro caualeiro,
Ioão de Figueroa, espanto à morte:
He Iorge Pimentel outro guerreyro,
E outros muytos iguaes no esforço & sorte,
Que ali ves de lançadas trespassados
Que inda mortos parecem estar yrados.

Olha apos esta perda a confiança
Que a dom Iorge Baroche ousado leua,
A nunca vista orrida vingança,
A que não cuydo que outro algũ se atreua:
Ves como ja ensopa a aguda lança,
E como ao imigo lhe releua
Deixar a presa, à custa de seu danno?
Olha ea outro brauo Lusitano.

No rio lá de Caporà metidas
Bem ves surtas embarcações medrosas,
De muitos mantimentos basteecidas,
Do imigo arrayal forças poderosas:
Ves como saem crueis & embraueecidas
As gentes do Cabral, & as riguroſas
Chamas q̃ a terra abrasam, e estrago esquiuo
Com que ali deixa a morte exemplo viuo.

Eſ

Eis dom Palo de Lima em Rachol anda
E aquelles dous Picardos tão famosos,
O Picoto, & Francisco de Miranda,
Noutra batalha ja victoriosos:
E dom Pedro de Castro à outra banda
Do rio passa os seus, tão valerosos,
E o Baroche nas Fustas juntamente
Dão de improuiso na enemiga gente.

Ves que braua peleja, & que victoria,
E como vay o arrayal vencido,
Quem nunca alcançou tamanha gloria,
Quem nunca vio tão desigual partido?
Oo que materia de não vista estoria,
Que o despojo nas fustas recolhido
He de cabeças infinita soma,
E não de aneis que o de Cartago toma.

Eis o Caticopra cossayro duro,
Vay de ricos despojos carregado,
De Mangalor saindo tão seguro,
Como de seu destroço descuydado:
Ves onde rompe a Aurora o manto escuro
Da fria noite, como o esforçado
Dom Diogo chamado de Meneses,
Que alegres novas dá aos Portugueses.

Dom Luys de Meneses ves que espanto
Faz ao Pirata, ja o abalroando,
Com Inaceo de Lima, que entretanto
Está outro nauio ali abralando:
E a justa razão do justo pranto,
Que o enemigo está dissimulando,
E cómo passam leues & ligeiros,
Auante delles outros dous guerreiros.

Matias de Albuquerque esquiuo & duro,
E dom Ioão de Lima, o remo apertão,
Rompendo polo fumo espesso & escuro,
Co gram Caticopra a caso acertão:
Olha como he partido mais seguro
Pórem os Mouros que se desconcertão
O remedio no vento, que na espada,
Que ja soprado, os liura em tão da armada.

Mas la onde parece que amanhece,
Ves outra vez trauada esta batalha,
E como a victoria se conhece,
E vay fugindo a perfida canalha:
Olha onde Malaca la parece,
No rio Fermoso, a cruel batalha
Em que Luys de melo a fama toma,
Não so ao Macedonio, mas a Roma.

Cine o

Cinco bateis ordena, & juntamente
Com poucos mais nauios que leuaua,
Comete os Achens, famosa gente,
Que tanto esforço mal ymaginaua:
Setenta velas sam, cujo regente
He, o que de Samatra ja esperaua
(Como primeiro filho) as benções etras
Fustas, galões tem, galês, lancharas.

Oo como ousados entrão os Lusitanos,
Ves como rompem a enemiga frota?
Quem as victorias de passados annos
De desygual poder, ja agora nota!
Ves incendios, feridas, mortes, daunos,
Com que a soberba armada fica rota,
E quantos mil catiuos que prenderão,
Por vinte Portugueses que morrerão?

Espanto cerca o Mouro deste feito,
Onde o mancebo os nomes lhe propunha,
Dizendo, os dous que ves de armado peito
Dom Pedro sam, & dom Nuno da Cunha:
Estoutro he dom Fernando, cujo aspeito
He de seu grande preço a testiunnha,
Que tem por apelido de Meneses,
Eis logo os outros noue Portugueses.

Diogo da Azambuja, Eytor Carneiro,
Simão Reynel, João Nunez valeroso,
Bastião Resende, & mais Pero Ribeyro
Ruy Mendez Figueyredo dos famosos:
Mem Lopez Carrasco, outro companheiro,
Aluaro Lopez da Costa, riguroſos
Miniſtros do esforço Luſitano,
Que conuertem em gloria o imigo dano.

Eis ja estas armadas recolhidas
Com tam supremo nome vencedoras,
Ves como as gentes dellas repartidas
Em Goa estão, do imigo ja senhoras:
E olha as naos de Ormuz que perſuadidas
Do Mouro, querem ſer perturbadoras
Da Luſa defensam, & como nellas
O Lutos tirão ali remedio dellas.

E como dom Diogo ja alojado
Na ilha de João Lopez, ſe aparelha
Dos que no mar o ſeguem acompanhado,
E como ali coelles ſe aconſelha:
Eis de tres mil caualos ja afrontado,
Ves como fica a terra atras vermelha
Do ſangue que dos mortos tinge as floreſ?
Oo quantos matão os poucos vencedores!

E no

E nota como ja de paixão cheo
O Hydalcão, os escoadrões ordena,
E como passam liures de receo,
Aa Lizira tres mil flor Agarena:
E como tolhe o vmido passeo
Ioão Rodriguez Gamboa,& que pequena
Ajuda,lhe da tanto atreuimento,
Ve como os fauorece o mar,& o vento.

Eis Solimão Agar (Turco famoso
Da guarda do Hydalcão)na ilha entrado,
Velo ja sem socorro duuidoso,
Cos tres mil que leuaua amedrontado:
Eis manda o Visorey industrioso
Que cada hum esteja aparelhado
Para a batalha, & a todos encomenda
Que cada hum somente o seu defenda.

Ves por todas as partes procurarem
Passar o rio os brauos elefantes,
Tranqueiras de mortos se arrasarem
Theas ja de vandeiras tremolantes:
Da porfia vaã temor tirarem
Os que querem seguir os militantes
Agarenos, que estão da Lusa banda,
Contra quem dom Luys ja y rado manda.

O gram Luys de Melo, & dom Fernando
Monroy, sam os que ves na dianteira,
Com trezentos soldados vão marchando,
Tres mil sam os de Agar gente guerreyra:
Ves como o Hydalcão anda bradando,
E em que perigo está cada tranqueira,
E como o Visorey o desafia,
E com que confiança o desconfia.

Nota a esquiua & crrida peleja,
Que antre Agar & o Melo ja se traua,
Co poder, o valor do outro coteja,
E aduirte dambos a porfia braua:
Olha como a Lezira se despeja
Ia dos que vem da desterrada escraua,
E como vão os Lusos de vencida,
E quantas portas abrem a cada vida.

Oo que cruel destroço, ô que victoria,
Ves como a noite aparta os vencedores,
E que tropheos de tamanha gloria,
De tão rico valor ricos penhores:
Oo feito dino sempre de memoria,
Ves como se cimerão os pintores,
Em mostrar nesta guerra por efeitos
O supremo valor dos Lusos peitos?

Ves depois disto o Noricão queixoso
Do Hydalcão, como se ja conjura
Co seu grande Perlado fraudoloso,
Xabolacem, que mal goarda o que jura:
E como abala o Hydalcão furioso
Da treyção auisado por ventura,
E mete à saco as tendas do temido
Noricão, em prisam depois metido.

Eis a armada do Reyno ja chegada
Aa cercada cidade vencedora,
De tão ditoso fim, ditosa entrada,
De nouo Visorey embayxadora:
Cinco meses estando assi cercada
Não catiua do imigo mas senhora,
Como sempre sera: o Luso entanto
Fazendo em Chaul ao mundo espanto.

Mais hia por diante proseguindo
O Cunha, quãdo o Rey que em seu cuidado
Enuolto estaua, o murmurio ouuindo
Da voz que soa, se leuanta yrado:
E serem enemigos presumindo,
Aos que prontos estão brada enojado,
Chara se comprara tanta ousadia
Porque o temor ensine a cortesia.

Conheceo o Xarife, & quedo fica
Rindose das palauras riguroſas,
E aſsi não ſer imigo certifica,
Com moſtras aprazieis & amoroſas:
O Cunha prazenteiro então replica
Liſonjas ao Luſo gracioſas
Dizendo, não deſprezo eu tanto a vida,
Que ſeja a leal não deſcomedida.

Moſtraua as guerras que no rico eſcudo
Eſtão, a eſte Rey, que as deſejaua
Saber, tudo quer ver, mas não vio tudo,
Que agora as de Chaul lhe declaraua:
Fica Sebaſtião ledo & ſeſudo,
E a reſpoſta então diſsimulaua,
Moſtrando ao Mouro eſtar ſentido,
De não ſer logo delle conhecido.

E com alegre modo caualgando,
Como fazem os dous que ſe apeārão,
Aquelle valle vem arraneſſando
Recitandoſe as couſas que paſſarão:
Onde o Xarife inda deſejando
Saber as guerras que lhe começarão
A declarar, pedio ao Rey que mande
Contar da pouca gente a gloria grande.

Con-

Contay Cunha (dezia o Luſo) a gloria
Dos voſſos, pois el Rey a ouuir deſeja,
E ſéde breue na comprida eſtoria,
Se lhe peſada não quereis que ſeja:
O Cunha que bem tinha na memoria
As couſas da brauiſsima peleja
Começa de contar o nunca viſto
Valor dos que defendem a ley de Chriſto.

CAN-

CANTO DECIMOQVARTO

Prosegue o Cunha, & conta o cerco de Chaul, & Xarifa, vindose recolhendo com Sebastião para as tendas.



QVanto pode o valor de
hum firme peito,
Quãto de hum bom vas-
salo a lealdade,
Como seguro he, com-
he dereyto,
O caminho da onra & da verdade?
Quem nunca vio tão peregrino feito,
Espanto da moderna & antigua idade,
Como estes cercos, onde o Luso forte
Onra na vida achou, vida na morte.

Ia dese-

a desejoso o Mouro Rey estaua,
De ouuir o fim da guerra miseranda,
Quando o Cunha a lingua desataua
Obedecendo ao que lhe o Luso manda:
As cousas espantosas declaraua
Com fera voz, & as brandas cõ voz branda,
Não deixa nada deste gram sucesso,
Com dar a breue fim breue começo.

Dizendo, quando o cerco a tras contado
Com tanta afronta do Hydalcão duraua,
Nisa Maluco, outro conjurado,
Em combater Chaul não descansaua:
Não tinha caua não, nem leuantado
Muro esta cidade, que mostraua
Pelo exemplo que os antigos dauão,
Quando os soberbos muros derribauão.

Hum campo raso occupaua o meo,
Longe de Goa, legoas cincuenta,
Com sete mais, riquissimo passeo,
Terra prospera, fertil, & opulenta:
Na boca está do deleytoso seo
Hum rio, que a nobreza lhe acrecenta,
De quem tomou o nome: hũa derribada
Torre so tem, do tempo ja gastada.

Aquí

Aqui pois tanto que Luys Freyre teue
(Capitão da cidade que guardaua)
Recado, que do Balagate escreue
Lopo Soares, donde o auisaua:
Logo manda recado em tempo breue
Ao Vilorey, do cerco que esperaua,
Que dom Francisco Mazcarenhas manda
Por Capitão mayor daquella banda.

De grossos paos solicito ordenando
Mal composstos repayros & tranqueiras,
Não crendo o pouo inutil, blasfemando,
Que possão ser tais nouas verdadeyras:
Em pouco tempo lhe verificando
A duuida que tem, gentes guerreyras
Que polo Gate larga estrada fazem
A grossos tiros, que arrastrando trazem.

Não estando suspenso longo espaço,
Quando do Mazcarenhas leda entraua
Ia a soberba frota, polo escasso
Porto, com fresco vento que sopraua:
O qual desembarcado, o duro braço
No militar seruiço exercitaua,
Derribando edificios & altos teitos,
Para segura defensam desfeitos.

Cruas fouces, machados derribando,
A fecunda palmeira rica pranta,
E a verde Manga vmida eſtilando
O interno licor pola garganta:
Tudo em fim ſe ruina, huns arraſtrando
Peſados troncos, & outro alí leuanta
Com mão neruoſa o riguroſo canto,
Sendo temor ao Mouro, & à terra eſpanto.

Onde o remedio da canſada vida
Vendo cortado os naturaes auaros,
A eſcura pobreza ofereceida
Antepõe, ſem juyzo, a perigos claros:
Achão barata a morte aborrecida,
Cortada a eſperança dos bens charos,
Fruto de ſeu trabalho) & deſta ſorte
Por não perderem vida, buſcão morte.

O que vendo o prudente & valeroſo
Capitão dom Franciſco, a todos chama,
A voz leuanta como peſaroſo
O pouo bruto que choroſo clama:
Dizendo aſsi: Oo caſo vergonhoſo,
Que deſſe antigo ſer mazcarra a fama,
Que cobiçoſo intento a bens vos prende
Que o cpemigo ja por ſeus deſpende?

Não

Não vedes, ô varões sabios prudentes,
De negro sangue tintas as vandeiras
Do enemigo, claros & euidentes
Sinaes de guerra, & mostras verdadeiras:
Que filhos, que molheres, que parentes,
Nos trazem a defender vossas tranqueiras;
Não seja essa cobiça, & confiança,
Do enemigo intento segurança.

Ia não quisestes que o temor firmasse
O passo ao aduersario, dando nelle
Vosso furor, & assi senão julgasse
Que ja não sois por vos, mas sois por elle:
Quereis que so com vosco dispensasse
O belico rigor, no estilo delle
Estando a defensam fraca, ou segura,
Que em vão depois se chora & se procura.

Pois eu vos desengano que entendendo
Em vos frieza, a terra desempare,
Outras mais importantes socorrendo,
E buscareis depois quem vos repare:
Isto o prudente Capitão dizendo,
Não ha nenhú que os ombros não prepare
Ao belico trabalho, derribando
Amadas casas, ruas atrancando.

Tempe

Tempo em q̃ hum brauo Mouro entraua,
La por Chaul de cima, & ousadamente
A fertil terra sem temor pisaua,
Da que lhe foy tam temerosa gente:
Onde tudo o que ali fora ficaua
Das tranqueiras, dá ordem o prouidente
Capitão, como possa seguralo,
Porq̃ o não tome o Mouro sem cõpralo.

A dom Gonçalo de Meneses dando
Hũas nam fortes casas, que goardasse,
Dõ Nuno Aaluarez Pereira outras tomãdo
Na praya, porque o imigo as não tomasse:
Nuno Velho Pereira procurando
Noutras ja defensam que o repayrasse,
As outras dando desta mesma sorte
A como coube a cada hum em sorte.

Os Capitães que a cerca rodeauão
Polas estancias della repartidos,
Erão de alto valor, & bem mostrauão
Mais serem vencedores que vencidos:
Pola banda da vazia junto estauão
Dum forte tres ferozes & atreuidos,
Dom Rodrigo de Sousa era hũ chamado,
Ruy Pirez outro, Tauora esforçado.

Dom Franciſco de Almeida os acõpanha,
Seſenta naturaes auante eſpreitão
A furia imiga nunca ja tamanha,
Outros muitos o paſſo ao Mouro eſtreitão:
Gomez Freire, que perigos nunca eſtranha,
Iorge da Sylua, & coatro mais que engeitão
Todo lugar ſeguro (marauilha
Do Mouro) hum he Criſtouão Bobadilha.

Dom Duarte de Lima, Ioão Cayado,
Com Ianalures Soares, çarra a conta,
Em ordem eſtão no modo nomeado,
Prontos à defenſam da guerra pronta:
No outro paſſo de Almadias chamado
Eterno nome da enemiga afronta
Tira com Fernão Telez valeroſo,
Anrique Betancor duro, animoſo.

E o remate ali daquella banda
Que mor perigo & onra prometia,
Guarda Fernão Pereira de Miranda
Que a terra alegra, & o Mouro deſconfia:
Pero Ferreyra ja furioſo anda,
Que a boca ali da rua defendia,
Hũa eſtancia noua aqui ſe mete
Que a dom Anrique o Capitão promete.

Noutra estancia vezinha a espada cinge
Mem Dornellas tambem de Vasconcelos,
E de sangue enemigo outra se tinge,
Onde tres era marauilha velos,
Da ousadia que o aduersario finge
Leuando sempre espanto nos cabelos,
São Aluaro de Abreu, Diogo Soares,
E Ruy Pereira, apar dos doze Pares.

Outros tres la da rua (alegre estrada
De sam Francisco) guardão a tranqueira,
De quem os guarda ali tambem guardada,
Companhia segura, & verdadeira:
Hum Rigrigo Omẽ he de esquiua espada,
Outro por nome tem Gomez Ferreyra,
Outro Agostinho Nunez, nouo espelho
Não so de seu valor, mas de conselho.

Guarda outra boca ali Luys Tranoso,
Esteuão Gumez outra logo auante,
Outra Pero Fernandez valeroso,
Manoel Pereyra hum quintal diante:
E no de sam Domingos co orgulhoso
Manoel de Melo, outro militante
Está, não menos duro & esforçado
Que todos, q̃, he Mẽdoça & Ioão chamado.

Outra tranqueira tem dom Ioão de Souſa,
Que com Pero da Sylua eſta ſegura,
Goarda que o Capitão (que não repouſa)
Muda, conforme ao que o Mouro procura:
Pois tendo dada ordem a cada couſa,
Seguindo ſempre ali da já madura
Idade de Lionel de Souſa o auiſo
Co coração peleja, ora co ſiſo.

Ia hũa nao mandada tinha a Goa,
Principio ali de proſpera victoria,
Onde o Albergaria, & Gamboa,
E o Betancor, ganharão eterna gloria:
A yra ao ſofrimento não perdoa
Que imigo à viſta, & onra na memoria,
Não ſofrem Portugueſes, que enojados
Ia dão no campo aduerſario ouſados.

Andando neſte tempo em Baçaim
Com cinco mil caualos, dous famoſos
Mouros, ſeguindo o perfido Balim
Brauos em viſta, em obras rigoroſos:
E ja ſem freo a furia do Abexim
Pontas crueis enxugão olhos choroſos,
Banhandoſe nos peitos que traſpaſſam,
A ferro, a fogo, a ſangue tudo paſſam.

Socorro

Socorro estoruão a Chaul cercado,
Onde o gram Fartecão chegado tinha,
Com oito mil caualos, brauo & ousado
Mas elle sabe so se ousado vinha,
Ia este Abixim tinha prouado
Quam terribel he fora da bainha
A Lusa espada, ia de Diu quando
Com el Rey de Cambaya vem chorando.

E tendo astutamente preparada,
E repartida ja a braua guerra,
Abala logo (temerosa entrada)
Confiança dos seus, temor da terra:
Ouue o rumor a gente descuidada,
Onde hum espada, outro lança aferra,
Batalha o Mazcarenhas lhe apresenta
Que lhe suspende o q̃ a esperança intenta.

Moue Agostinho Nunez, tremolando
A soberba vandeira, a passo ausado,
O enemigo ja desafiando,
Que está de espanto ali, quedo & pasmado:
Temor, vergonha nelle porfiando
O faz estar suspenso, & enleado,
Efeito dando ao que lhe medo tolhe,
Depois que ve o Luso se recolhe.

Asas lhe dá terribel ousadia
Voltando o rosto o Lusitano forte,
La dos Palmares brauos a porfia
Vindo buscar victoria achando morte:
Com tudo em dom Anrique que mouia
O lento passo a glorioſa ſorte,
Dão com tanto furor, com tanta yra,
Que tardaſe em valerſe antes reſpira.

Acode logo o Mazcarenhas brauo,
E rompe os Mouros com danoſa afronta,
Sobreleua a vingança o curto agrauo,
Tal zombaria não ſe leua em conta:
Enojaſe o Abexim, maldito eſcrauo
De Lucifer, mas pouco, ou nada monta
De ſeus aſſaltos a preſteza & arte,
Que ſempre de nos leua a peor parte.

Com tudo aſſeſtando a artelheria
La onde o rio paga ao pay tributo,
O ſocorro tolhernos pretendia,
Crendo aſsi ter vitoria a pe enxuto:
Em ſam Franciſco la tambem creeia
O entulho que faz o brauo & aſtuto
Illuſtre ajuntamento Luſitano,
Em quanto o Rey não chega ſoberano.

Decendo

Decendo vinha do fragoso Gate
Ia o Nisa Maluco, acompanhado
Com cem mil so de pe para o combate
E trinto mil de sela & peito armados
De Bengala, Cambaya, Balagate,
Perseos, Abexins pouo esforçado,
Doze mil Cnoquanijs vem juntamente,
Coraçones Mogores, braua gente.

Artelharia, munições, carretas,
Elefantes armados de castelos,
Grossos mosquetes, voadoras setas,
A quem não arriçarião os cabelos?
Sobr ancelhas erguidas, bocas pretas,
Tremantes barbas, rostos amarelos,
Mostrão alguns, porque o furor de Marte
Polas calidas veas se reparte.

Alojase este Rey de gente parda
Iunto ao velho Chaul num monte erguido,
Defronte à vista, tiro de Bombarda,
Por ser na guerra asi melhor seruido:
E tendo tempo, tempo não aguarda,
Que lhe negue depois o prometido,
Dum muro alto cerca a Lusa gente
Pola fechar ali seguramente.

Cega de São Francisco a artelheria,
Medrosos não, mas ja desesperados
Ficão os defensores, & a porfia
São dos que fora ficam ali enuejados:
Onde a hum somente concedia
O Mazcarenhas, que com seus soldados
Passe, ajudar àquelles Portugueses,
O qual he dom Anrique de Meneses.

Mas neste tempo mortes, & ruina,
Promete hum canhão que ja suspira
No forte la de sancta Caterina,
Que inuisiuel pelouro ardente atira:
E quando a mão sulpensa pronro enclina
Barrulcadão (que casi não respira
Iugando ao xadrez co Rey potente)
O espedaça o pelouro ardente.

O que Nisa Malueo vendo, yrado
A arma, arma toca em continente,
E àquelle omicido, & mal cercado
Forte, manda bater furiosamente:
Fica o pouo Christão amedrontado
De toda idade inutil, & inocente,
Vendo de braça & meia so de roda
Chea a cidade de pelouros toda.

Trabucos, colebrinas disparando,
Teitos ruynão, corpos espedaçãc,
Chorando anda o pouo miserando
Medos que afligem, dannos que ameação:
Onde co inutil vulgo despejando
Magoas q̃ doem, lẽbranças que embaração,
O Capitão a esta gente enuia
A outras terras, por secreta via.

Cada dia chegando caualeiros
De braua destra, nunca ja vencida,
Que nas aras da onra auentureiros
Vem a sacrificar a cara vida:
Stes em todo o perigo companheiros
ão da gente que està ja repartida,
ão das mores afrontas o reparo,
clara fama em fim do Tejo claro.

endo de Bastião chegado o dia,
epois que estende a noite o mãto escuro,
uando la Ruy Gonçaluez (que vigia
m São Francisco) não està seguro:
uhe rumor que a lingua suspendia
a oração (louuor do assalto duro,
ue o dia de antes derão ao enemigo)
s companheiros que ali tem consigo.

E aduertindo o belico combate,
Que ocultamente o Mouro ali ordenaua
A Alexandre de Souſa da rebate,
Porquem o forte então ſe gouernaua:
Ia com groſſos Arietes ſe bate
O ſanto templo que lhes titubãua,
Ia hum gram Canará entrar procura
Aa força de picão, & de ſegura.

A capela que eſtà terraplenada,
Furar pretende o enemigo forte,
Soberba turbà preſtes a entrada
No meſmo efeito eſtà da meſma ſorte:
De dom Anrique a temida eſpada,
Abre caminho a ſangue, & eſtrada à morte
Huns encontra, derriba, outros ofende,
E aſsi eſte lugar, brauo defende.

Por outra parte ja ſe dependurão
De groſſos braços Mouros corpulentos,
Em ſeguras eſcadas que ſegurão
Das eſperanças vans os vãos intentos:
Outros romper do templo ali procurão
Com encontros terribeis & violentos
As portas, com telhados dos eſcudos
Que ſuſtentão no ar braços membrudos.

Onde ja Ruy Gonçaluez onojado
A terza espada furioso esgrime,
E o pouo atreuido & acelerado,
A ferro, a fogo, derribando oprime:
Hum cae ca morto, outro la queimado,
Não ha força que exemple, onra q̃ anime
O ja medroso imigo, que esprimenta
Hum nouo ardil, com que a vitoria intẽta.

De afligido amigo voz piadosa
oa no pronto ouuido do esforçado
uy Gonçaluez, que vibrã a riguroſa
spada, ouuindo a voz dum mao criado:
as porque claro entende a fraudolosa
rte do Mouro, acode acautelado,
fulgurantes rayos arremessa
nde sente das armas mayor pressa.

de o templo sagrado, & o sanguinoso
mpo, tornase em fogo a noite escura,
ão Mazcarenhas receoso
lgũa grande & triste desuentura:
Nuno velho manda, que animoso
mper os enemigos ja procura,
ontando pouco esforço & valentia
nde partido desygual profia.

Mas

Mas hum ſoldado de ſoberbo aſpeito
Que Hieronimo Curuo ſe chamaua,
Entra nos enemigos dando efeito
(A peſar delles) ao que deſejaua:
Eſpada em punho,& rodela em peito
Leuando, ao edificio ſe chegaua,
E a Ruy Gonçaluez com ſoberba gloria
Ouue gritar em alta voz, victoria.

Dali ſe torna brauo & atreuido
Ao Mazcarenhas, a quem ja ſegura
No duuidoſo, & deſigual partido,
Dúa não viſta proſpera ventura:
Moſtrando a menham roto & vencido
O Mouro,& cuberta a terra dura
De deſtroncados membros ſanguinoſos,
E de corpos innertos temeroſos.

Fica Ruy Gonçaluez abraſados,
E vayſe de Chaul, mas torna logo,
Que do fogo da onra mais queimado,
Pouco recea o enemigo fogo:
Ficando tão eſquiuo & enojado
O Mouro Rey do fruto de ſeu rogo,
E de ſeu mando ſer ſeu desbarate,
Que com groſſos canhões o templo bate.

Tituba

Tituba o templo á furia sulferina,
Crece cada vez mais o terramoto,
a por mil partes tremulo ruina,
Por cima raio, & por bayxo roto:
Saluar a artelheria determina
O Mazcarenhas, belico Piloto,
E assi manda fair os militantes
Sempre fortes, crueis, sempre constantes.

aense os brauos varões, na despedida
Da voluntaria entrega, inda tomando
ingança tal, que fique tão vendida,
Que da comprada os va desconfiando:
emerario valor, mão atreuida,
Os está da victoria assegurando,
dão nos enemigos descuydados,
m pouco espaço ali desbaratados.

anhão soberbamente oito tranqueiras,
isam inigos membros palpitantes,
omão escudos, armas, & vandeiras,
os mais famosos Mouros militantes:
s costas virão ja as gentes guerreiras,
os sanguinos ferros tremolantes
colhense os eroes victoriosos
ingidos de tropheos glorioſos.

Mas

Mas neſte tempo tres ouſados Mouros
Ao campo ſaem, ſedentos de vingança,
Não temendo o perigo dos pelouros,
Que a mais ſe eſtende ſua confiança:
E quaes de jugo iſentos brauos touros
Inchados de ſoberba ſegurança,
Deſafião os dez mais fortes Luſos
Deſte caſo ſuſpenſos & confuſos.

De baſtido algodão (fórte armadura)
Vinhão cubertos, feos & membrudos,
E curuos cofos (defenſam ſegura)
Todos tres embraçauão por eſcudos:
Tortas bainhas pendem da cintura,
De terçados grauiſsimos & agudos,
Saenlhe dous Luſitanos confiados,
A deſygual partido acoſtumados.

Hum era Gomez Freire, & vinha armado
A noſſo vſo, o outro militante
Faz de Luys do Vale o nome onrado,
E eſgrime hum terzo & luzido montante
Não querem os tres partido auentajado:
Que a vergonhoſa gloria os aleuante,
Hum delles polo campo ſe apartando
Os outros à batalha ſe ordenando.

Van

Vanse tentando logo mansamente
Os prontos enemigos,com cautelas,
Com ameaços vãos,mão prouidente,
Espadas baxas, altas as rodelas:
Da logo hum Mouro hum reues fendente,
Que faz de dia ver ao Freire estrelas:
E outro apos elle resegunda,
Que lhe desperta a yra furibunda.

Torna em si o Luso, & perturbado
De sobeja vergonha,hũa ponta atira,
Que se não fora o Mouro acautelado
Por onde entrara a alma lhe sayra:
O outro fere esquiuo & arrebatado,
Luys que em vão a larga espada vira,
Não melhor os Mouros do partido,
Anda o Freire em tres partes ferido.

Onde com dor Luys do danno alheo,
Vingança quer tomar de taes feridas,
Quando o montante de rodeo
Lo dum golpe acabar duas vidas:
Lhas dà primeiro o ferro agudo em cheo
As pernas dum,neruosas,& compridas
Que qual madura messe alicortadas
Curua fouce, estão no chão deitadas.

Remete

Remete logo ao outro, que recebe
Com furioso aspeito a morte certa,
Onde lhe o Freire então a espada embebe
Por onde vio a ilharga descuberta:
Logo em terra o proprio sangue bebe,
Que de cair coa boca nelle acerta,
Reuoltos ambos em orror de morte
No negro sangue, dũa mesma sorte.

Desonra de huns, & doutros alta gloria,
O que a hum he dita, a outro he desuentura
Tropheos tirãnos Lusos da victoria,
E os enemigos pranto, & fama escura:
Onde tendo o Rey Mouro na memoria
Da dura afronta a crueza dura,
Yrado a cidade entrar pretende
Mas Agostinho Nunez lho defende.

Manda hum Capitão, que do deixado
Templo, segura posse tomar ousa,
Donde por Ioão ferreira foy lançado
Donde se tanto illustra o nome Sousa:
Em fim que a tè lugar desemparado
Querelo defender he forte cousa,
Mostrar querem que o dado por vontade
Podem a força ganhar de feridade,

Dom

Dõ Nuno Aluarez Pereira, & dõ Anrique
Outra vez os botarão das ruinas,
A onde fazem que memoria fique
De seu furor nas rotas officinas:
E porque se o temor mais comunique
Naquellas gentes perfidas malinas,
Tomándolhe os escudos & vandeiras,
Os leuão a tè metelos nas tranqueiras.

Eco esta victoria desmandados
Alguns soldados, deram ousadia
A que os Mouros venhão acelerados,
Sobrelles todos juntos a porfia:
Ficão os fortes Lusos rodeados
De dardos, setas, pedras, piçarria,
Defendemse animosos, mas não monta
Tanto furor, a tão sobeja afronta.

Ve Antonio de Teiue o certo perigo,
E Mem Dornelas, que furioso brada,
Ambos dam no corpo do enemigo
Escoadrão, por onde abrem larga estrada:
Traz dom Anrique logo ali comigo
Os seus, & ja ensopa a aguda espada,
Dom Francisco Dalmeida, & o Bobadilha
Tambem fazem ao Mouro marauilha.

E Ruy Pirez de Tauora furioſo,
Aquella turba Barbara amedronta,
Fernão Pirez brauo & temeroſo,
Grande vingança faz por leue afronta:
Entra matando, eſquiuo & riguroſo,
Sem ter deſconto, infieis ſem conta,
A punho a braços vem, mas tudo abate
O alto & glorioſo desbarate.

Lanção do campo rotos & vencidos
Os enemigos, morrem coatro centos,
E outros muitos ficam mal feridos,
Iuſto pago de vãos cometimentos:
Sete dos noſſos forão ali perdidos,
Sete, que montão mais de noucentos,
Encheſe o Rey de eſpanto & de fereza.
Vingança jura, & barbara crueza.

Entrando polo templo derribado
Dahi a poucos dias braua gente,
E vendo aquilo ali deſemparado
Paſſar não deixão a ocaſião preſente:
Foy o gram Fartecão diſto auiſado,
E vem executando a furia ardente,
Entrando a cidade eſquiuo & forte,
Fogo núa mão leua, noutra a morte.

Mat

Mata, derriba, fere, abrasa tudo,
hum braço esgrime, outro fogo acende,
victorioso vay, fero & membrudo,
uyna teitos, corpos, & armas fende:
enhũa cousa espera o ferro agudo,
chega a sam Domingos, ja pretende
ntrar o santo templo o bruto inorme,
o que vergonha do valor que dorme!

o rumor das armas nos ouuidos
aquelles a quem seu braço assegura,
profundo repouso suspendidos
ue comunmente infunde a noite escura:
m donde estão por ordem repartidos
que ordẽ não guarda quẽ vingar se jura)
sgrimindo ferro, mortes, fogo,
mpem o imigo, victoriosos logo.

no Velho Pereira vem armado,
ada hum das casas que goardaua,
randre de Sousa esquiuo & ousado,
drigo Omẽ q̃ o Mouro enuergonhaua,
rancisco de Sousa Aluoroçado,
n Ioão de Mendoça o imigo entraua,
de dom Gonçalo de Meneses,
om Nuno Alures, brauos Portugueses.

Mal pode o Fartecão soberbo & forte,
Soster o peso do furor potente,
Mas sedento de sangue, a dura morte
Busca por antre o ferro, & fogo ardente:
Sentir nos membros faz o agudo corte
Da Cimitarra curua, & reluzente,
Com tudo antre os seus vay de vencida,
Aa sua vida pondo cada vida.

Quinhentos morrem Mouros afamados,
Poucos dos nossos ficam mal feridos,
Noutra victoria ja enuergonhados,
Noutra batalha sam logo vencidos:
Entrão no rio Paràos ousados,
Das vigias dos nossos escondidos,
E põe as proas na suspensa armada,
De tal atreuimento descuydada.

A qual se pondo em ordem de batalha,
Cortando as proas a corrente mansa
Mostra (virando as costas) a canalha,
Remar que salua, & temor que cansa:
Por hũa & outra parte se esbaralha,
Que de se por em saluo não descansa,
São do Nisa Maluco desenganos,
Presentes mostras de futuros dannos.

Desenganado está, mas enojado
De tam terrible gente, determina
Ficar por terra tudo derribado,
A força de tormenta & de ruina:
Com trinta & duas peças tem mandado,
Que se bata a cidade peregrina,
A soa o terramoto, & o mar treme,
Titubam edificios, tudo geme.

Desconfia o valor em tanto aperto,
Mas muito monta hum Capitão prudente
A Agustinho Nunez, sabio & esperto,
Nouo repairo inuenta em continente:
Seguem os mais este remedio certo,
Que nos fortes o medo he prouidente,
Intanto sam Domingos se arrombaua
A misericordia se arrasaua.

Do que o Mazcarenhas ja afrontado,
Alexandre de Sousa yrado manda,
Agustinho Nunez, costumado
Perigos da belica demanda:
Há hum & outro, brauo & acelerado
O enemigo ali daquella banda,
Matão, derribão, ferè, & os Mouros domão
Seicos despojos trazem que ali tomão.

He Ianalures Soares o primeiro
Aquem o imigo o campo então despeja,
Entra apos elle outro companheiro,
Que faz a todos com espanto enueja:
Dezasseis annos tem o auentureiro,
Que por de trinta & cinco ali peleja,
Diogo he de Almeida, onde o Rey brauo
No Melo quer vingar tamanho agrauo.

Bate as casas da praya, & encomendadas
As de Manoel Pereira a Eytor Sampayo
Foram, para seu mal tam mal guardadas,
De alhea victoria o primeiro emsayo:
Ocultas minas tem ja começadas
Prenhes de sulferino & ardente rayo,
Mas se no danno alheo se desuela
Das cautelas do Rey não se acautela.

Atados membros tem, sono profundo,
As vigias das tristes casas, quando
Entra calado o pouo furibundo
Senhor do forte, seu furor mostrando:
Ferue o temor que atemoriza o mundo
Nos Portugueses, outra vez prouando
Botar o imigo fora, mas que monta
Que sempre tiram da porfia afronta?

Porfia

Porfia alto valor, & assi refrea
A contrayra victoria, & em parte oprime
O Mouro vencedor, que ja recea
Que seu desseuydo o contrairo anime:
Nisto fogo terribel se lhe atea
(Quando ja com victoria o Luso egrime)
Polos cayxões da terra sulferina
Que o Sampayo prepara para a mina.

Saem as linguas de fogo crepitantes
Com repentino estrondo, ali abrasando
Corenta Lusos brauos militantes,
Que estão mais de tres mil enuergonhando:
Crecem os alaridos sibilantes
Dos Mouros, tudo vão senhoreando,
Sobe Ximixicam, furor de Marte,
Cinco vandeiras põem num baluarte.

Mas ja Fernão Pereira de Miranda
Ouuindo as tristes nouas, enojado
Matando vinha por aquella banda,
Buscãdo aquelle Mouro esquiuo & ousado:
Seguindo vem tambem esta demanda,
Anrique Betancor moço esforçado,
Naa Ximixicam a barba treme,
E qual Hyrcano Vsso escuma & freme.

Co Pereira se encontra o fero drago,
Que de manhosas artes se aproueita,
Fazendolhe a seus pes de sangue hum lago,
E à larga entrada a saida estreita:
Veja de sua gente bruto estrago,
Onde de se saluar caminho espreita,
Chega Antonio de Teiue com sua gente,
Que acode ao rumor da guerra ardente.

Chega o Capitão mor, & juntos dando
No ja rendido Mouro, o desbaratão,
As vandeiras do forte derribando,
Abrasam, ferem, sem piedade matão:
Fogindo vay o pouo miserando,
Que as mãos & não os pes ao temor atão,
Mas outro Mouro brauo caualeiro
Anda ja outro tygre carniceiro.

La da misericordia à larga praça
Occupa o Mouro, tendo ja ganhadas
Algũas casas, dando astuta traça
Aas tranqueiras que ali têm fabricadas:
Dali as gentes Lusas ameaça,
Que ja de seu descuydo enuergonhadas
Seguindo a Ruy Gonçaluez, dão no imigo
Que ja não acha na esperança abrigo.

Alexandre de Sousa a espada esgrime
Aqui, & o forte & brauo dom Gonçalo
De Meneses, q̃ espanto ao Mouro imprim.
E faz na gente temeroso abalo:
Tres brauos sam, onde por mais q̃ anime
Seus vassalos o Abexim vassalo,
Mal pode resistir a furor tanto,
Que lhe não seja a confiança pranto.

Resiste quanto pode, mas que monta
Que os pes dos seus dão asas à victoria
Dos Portugueses, que a passada afronta
Conuertem brauos em dobrada gloria:
Qual vida à duro fio, ou aguda ponta
De espada, passa logo da memoria,
Qual em corpo queimado he morte viua,
Qual à merce do imigo se catiua.

Ve o Nisa Maluco cada dia
Crecer sua desonra, & nossa fama,
Onde esperando o fim de quem porfia
A conselho geral a todos chama:
E quando cada hum pronto pendia
Do que apertando a boca o rosto inflama,
Vem que antre enojado & descontente
Dezia, Oo que vergonha do Oriente.

Como a poder tamanho mil somente
Resistem tanto? como a tanto forte
Varão infama a peregrina gente,
Com tanto danno ja, com tanta morte?
Que me val conuocar todo Oriente?
Que aproueitão finaes de felix sorte?
Se sos dous Capitães mal acordados
Antre si, nos tem ja desbaratados?

Como se póde crer que possa tanto
Num campo raso gente descercada,
A tanta ferrea bala, a tanto canto,
Cada vez mais inteira & esforçada?
Não vos faça varões temor & espanto
Ver na fraca cidade ja arrasada
Tanto furor, pois sua fortaleza
Não creo que he senão vossa fraqueza.

Abri abri o peito à confiança,
E triumphay da mais suprema gloria
Que nunca suspirou longa esperança,
Que nunca escreueo antigua estoria:
Buscay à patria vossa segurança,
Tende o pesado jugo na memoria
Que tendes na ceruiz, ô gente forte
Que melhor vida ahy que onrada morte?

Isto dizendo, logo em furia ardendo
As armas tomão os brauos militantes,
Por hũa & outra parte discurrendo
Tambores roucos, trombas sibilantes:
Onde todos num corpo remetendo
Soprando vem os feros Elefantes,
Batese em roda a cercada gente,
Entrão os Mouros ja ousadamente.

Nesta braua porfia esperto & astuto
O Mazcarenhas tudo prouendo anda,
A refrear o intento resoluto,
Que o fim quer dar à belica demanda:
Caindo já queimado o pouo bruto
Das tranqueiras por hũa & outra banda,
Là na praya o Pereira, & o forte Melo
Fazendo roxa a terra, & o Rey amarelo.

Rumor confuso donde a fama voa,
E victoria nas bocas ja publica,
Vem ver o Rey o bem que se apregoa
Que logo em mal se ali lhe verifica:
Turbado & triste de terror se coa,
Quando do sangue que se sacrifica
A Mafoma, correndo negros rios
Ve nelle, enuoltos tantos corpos frios.

Suas

Suas bandeiras rotas derribadas
Ve com cruel estrago miserando
Animas as gentes ja desesperadas,
Noua ventura outra vez prouando:
Remetem como ja desatinadas
Com mãos cortadas, bocas aferrando,
Outras vandeiras pondo nouamente,
Mas tudo abate a Portuguesa gente.

Acodindo ao rumor da braua guerra
Lionel de Sousa, antigo caualeiro,
Que do mar cuida ser tomada a terra,
Onde seguia hum Malabar ligeiro:
Do rio com temor se desaferra
O cossairo, emparo verdadeiro
Que determina não negar à vida,
Que lhe concede então liure saida.

Ve o Rey Mouro a perda, & determina
Co longo tempo (que consume tudo)
Ir acabando a gente peregrina,
Que não pode acabar o ferro agudo:
E assi não ha maneira de ruina
Que não intente o Abexim sesudo,
Mas pouco aproueita força & arte,
Que Deos peleja pola nossa parte,

São

São cento & tantos mil os conjurados,
E nomais Portugueses que oitocentos,
Sem muros, pola terra & mar cercados,
Batidos sempre de canhões violentos:
Do ceo chouendo agudos & coadrados
Penedos, que trabucos torbulentos
Assoprão: Deos socorro aos seus não nega,
Que de Goa, Damão, & Diu lhe chega.

Estes contão o modo das secretas
Conjurações que o Mouro solicita
Cos brauos Coles, & crueis Sarcetas,
Liga que seu intento a facilita:
E como manhas prontas & diseretas
De Aluaro Pirez (que lhes jura eserita
Ajuda contra imigos) desordenão
O que os da liga em segredo ordenão.

Ia neste tempo Ruy Gonçaluez tinha
De sam Domingos arrasada a estancia,
A qual repayra como então conuinha,
Que memoria parece de Numancia:
Duas peças prantando nella asinha,
Mas renouada a soberba instancia
Do enemigo, foy escusa a traça,
Que tudo o Caçapo lhe espedaça.

Da

Das casas la de Xiralobo batem,
E das de Eitor Sampayo, aquella parte,
Ia outra vez em roda nos combatem,
Ia se renoua o furor de Marte:
Os Portugueses ja por terra abatem
Todo o firme pendão, todo estandarte
Que prantão os imigos nas tranqueiras,
Ia perdem apos das vidas as vandeiras.

Dom Nuno Alurez Pereira, & o forte Melo
Sendo terribelmente combatidos,
Passando sempre a fio de cutelo
Os Mouros mais famosos & atreuidos:
He sitio que he forçado defendelo,
Pois não serão sem elle socorridos,
Braua peleja sempre aqui se traua,
Onde onra anima, & furor agraua.

Mas ja de Luys Freire se acabaua
O gouerno da terra que regia,
Quando dom Iorge o Baroche entraua
Na sucessão que dantes não queria:
Que como vio a onra que ganhaua
No perigo que o cargo prometia,
Diz ao Visorey que ao que se punha
Era de sua cobiça testimunha.

Onde

Onde posto em caminho a Chaul chega,
Quando as casas da praya combatidas,
Sobeja confiança então as entrega,
Com tanta onra, & perigo defendidas:
Da repentina entrada fica cega
A gente, que põe termo a tantas vidas,
Nas legeas ficam muitos esforçados
Que ja mais podem ser do imigo entrados.

Estes depois que vem quedo & seguro
O imigo na força ja ganhada,
A força ali de sangue & ferro duro,
Saindo fazem liure & larga estrada:
Muitos forão daqui ao Reyno escuro,
Muytos dos nossos entrão na esperada
Gloria, & muytos ficão mal feridos
Com soberana onra recolhidos.

Queria ali dom Iorge (vendo o aperto
Da cercada cidade) dar no imigo,
Mas dom Francisco Capitão esperto
Reduuidoso o fim, & certo o perigo:
Vinhar se ja chegando os Mouros perto
Da triste terra sem nenhum abrigo,
Entra o inuerno ja que desengana
O Mouro, & anima a gente Lusitana.

Mas

Mas ja do mes de Iunho erão passados
Bem vinte & quatro, quando determina
Nisa Maluco, ja nos arrasados
Fortes, fazer a vltima ruina:
Sam disto os Portugueses auisados,
Onde necessidade industria ensina,
Tranqueiras & repairos reformando,
Outras nouas defensas fabricando.

Fazendo o Capitão breue lembrança
Aa forte gente, ali nunca esquecida
De sua obrigação, coa confiança
Que a tão firme constancia era deuida:
Dizendo, a grande gloria da esperança
Que tendes antre as mãos oferecida
(Illustres caualeiros) me segura
Dúa nunca tão prospera ventura.

Vedes que vosso esforço he vosso escudo,
E que o remedio está no braço forte,
Que vida temeo nunca o ferro agudo,
Que não fosse depois dobrada morte?
Oo varões sem temor bem vedes tudo,
E como intenta a derradeira sorte,
Este enemigo ja desconfiado,
A morrer ou vencer determinado.

Fazey hum nouo exemplo a todo mundo
De constancia, valor, & fortaleza,
Mostray com vosso braço furibundo
Do Lusitano peito a alta grandeza:
Isto dizendo, irado & robicundo,
Vendo cheos de orgulho & de braueza
Os Portugueses, sae, que pouco estima
O Mouro que ao combate, os seus anim.

Ia para sam Francisco o Rey caminha,
Sendo de Pedro & Paulo o sancto dia
Chegado, & o sol meo termo tinha
Passado, & duas oras ja pendia:
Quando todo arrayal marchando vinha,
Que bem tomar o mundo parecia,
Não so hũa cidade derribada,
De corpos não de muros rodeada.

O brauo Asalascão vem pola parte
De sam Francisco, onde o Rey estaua;
Terço que o Capitão sabio reparte,
Conforme ao dano que dali esperaua:
São coatro brauos que escurecem Marte
Os que aqui põe, hum delles se chamaua
Ioão da Sylua Barreto, & os de outro nome
São Diogo Soares, Rodrigo Ome.

Outro de alto valor a conta enchia,
Que Lourenço de Brito era chamado,
Mais de oito mil Afalascam trazia,
A fora os Lascarins goarda do estado:
Aqui mais sangue a guerra prometia,
Lugar dos mais feroces procurado,
Aqui onde o Rey julga o fraco & o forte,
Deue destar mais certa a onra & a morte.

E o Sulatecão brauo rodea
La na misericordia derribada,
A dom Sebastião, que mais recea
Desastres de onra, que furor de espada:
E onde Ruy Gonçaluez remedea
A capela, & estancia ja arrasada,
O caualeiro triste assi chamado
Está de armas de negro todo armado.

Mais de seis mil o seguem gente braua,
E o cruel Fartecão a praya pisa.
Onde com tres esquiua guerra traua,
Soberba traz, & Barbara diuisa:
Aqui dom Ioão de Sousa o Mouro agraua,
E dom Nuno Aluarez de seu braço o auisa
Aqui coelles Manoel de Melo
O faz vermelho às vezes & amarelo.

Co

Com vinte de socorro anda somente
O Mazcarenhas tudo vigiando,
Está em ala a enemiga gente.
O final da batalha ja esperando:
Todos arremetendo juntamente,
Vindo diante feros trombejando
Armados Elefantes de castelos,
E de vandeiras, que era espanto velos.

Vem cheas estas torres de madeira,
Que sobre ombros neruosos se edificão,
De brauos Mouros, gente arcabuzeira,
Onde mais altos que as estancias ficão:
Não pasmão os Lusos vendo verdeira
Sua destruyção, mas verificão
Seu estranho valor, ja disparando
Ferreas canas, os brutos espantando.

Da hum pelouro & outro em cada bruto,
Que cada guia espedaça yrado,
Não fica o campo de seu sangue enxuto,
A foge cada hum amedrontado:
Onde o Farteção vem resoluto
A dura morte ja determinado,
A tres comete que nenhum o teme,
Onde qual ronco tormentoso geme.

Aqui o Souſa, o Pereira & o Melo,
Com tanto esforço como acordo, abatem
A força de rigor & de cutelo,
Os que lhe eſtancia ſem temor combatem:
Anima o Mouro o pouo ja amarelo
De eſpanto, mas os tres não ſo rebatem
A furia popular, mas a ſoberba
Do Fartecão, com mão cruel & acerba.

Ia Ruy Gonçaluez neſte tempo eſtaua
Afrontado de eſquiua & braua gente,
A mão cortando, que Ceſtão ferraua,
Que nelle fica preſa eſtreitamente:
A huns derriba, a outros abraſaua
Cũa lança que traz de fogo ardente,
Mas hũa bomba que lhe dà o queima,
E nem por iſſo deixa a onrada teyma.

O caualeiro triſte, aqui pretende
Vingar ſua payxão na vida alhea,
Mas dura empreſa o Canarà emprende,
Que nunca hum mal a outro remedea:
Pois em ſam Franciſco onde contende
O feo Aſalaſcão, de entranhas chea
E de mortos, tem feita outra tranqueira
A Luſitana eſpada carniceira.

Aqui o Brito, o Sylua, o Albergaria,
E Rõdrigo Ome, fazem tanto danno
No imigo, que lhe he pranto a porfia,
E a firme confiança desengano:
Acha o Mouro pesada a zombaria
Do riguroso ferro Lusitano:
Ia os mais esforçados enfraquecem,
E bem conhecem ali que o não conhecem.

Mas na misericordia o temeroso
Sulatecam, cumprir quer a promessa
Que faz ao Rey, & assi mais porfioso
Aa morte de sua gente da mòr pressa:
Comete, fere, anima riguroso,
Hum fende de alto a baixo, outro atrauessa
Na curua Cimitarra, & rebatido
Torna de nouo fero & atreuido,

A morte busca, mas o braço forte
Defende o corpo orrido & membrudo,
Quem despreza a vida foge a morte
Quem so vida quer falece tudo:
Pois dom Sebastião da mesma sorte
Embebe aqui, & ali o ferro agudo,
O forte Mem de Orneias ajudado,
E Agustinho Nunez esforçado.

Onde Antonio de Teiue acode & anima
O filho (que he sua vida) à morte ornada,
Porq̃ amor de tal pay mais preza & estima
Sabrosa fama, que couarde espada:
Mas o Sulatecam trepa por cima
Da turba sanguinosa destroçada,
E a setima vez brauo arremete
Onde segura entrada aos seus promete.

O que vendo o Capitão prudente
Iada yra rasgado o sufrimento,
Entra rompendo à enemiga gente
Dando o pago de tanto atreuimento:
Não pode ja sofrer a furia ardente
Aquelle fero Mouro corpulento,
Que mal ferido triste se retira,
E à prospera victoria as costas vira.

Seguem os Lusos logo o disbarate
Que lhes deu com seu fim o sancto dia
No fim de noue meses de combate,
Onde tanto se cansa & se porfia:
Doze mil perde o Rey de Balagate,
E vergonhosa paz depois pedia,
Mortos em terra, & os Lusos vencedores,
Dão aquem os saluou justos louuores.

Ve

Ves aqui Rey o fim da braua geuerra,
Que tanto maravilha a nossa idade,
Que gente valerosa a espada aferra,
Que iguale tal constancia & lealdade?
Em terra alhea, quem tam fraca terra
Nunca liurou de tanta aduersidade?
Responde o Mouro: Cerro que me espanto
De como tanto tempo pode tanto.

E proseguindo auante com louores
A que o Luso não mostra pronto ouuido,
De engrandecer não cansa os vencedores
Com tal desygualdade de partido:
Nisto encontrão do campo corredores,
Que o arrayal deixão recolhido,
Onde vam descansar, & onde se ordena
Silencio ao ouuir, repouso à pena.

CANTO DECIMOQVINTO.

Faz Sebastião resenha de suas gentes, & parte de Arzila com suas batalhas ordenadas, & o Maluco sabendo q̃ elle não quis aceitar a paz que lhe ofereceo, & q̃ o vinha buscar, ordena tambem as suas, & o vem receber ao caminho.

(:?:)



Constancia (virtude sublimada)
De quantos hes no mundo aborrecida!
Que leuão do repouso a conta errada,
Pois sem ella não tem repouso a vida:
Quando chegaste a ser tam contrastada
De cousas, que a alcançar a pretendida
Cousa, não fosse sempre assaz bastante?
Ou quem perdeo ja mais em ser constante?

Cõstanc[illegible]

Constancia, he virtude & he coluna
De todas as virtudes: he nobreza
Escudo contra o vicio que importuna,
Triumphadora em fim da natureza:
Vence os mais dos encontros de fortuna,
Só ao coração quieta firmeza,
Porque nada mais cansa & mais lastima
Que quando hum peito não se determina.

Vede que defendêra hũa cidade
Tão longe de socorro, & descercada,
Senão fora constante lealdade,
Que dà vigor ao peito, & força à espada:
Na morte adquire & da perpetuidade,
Na vida paz & onra sublimada,
Quem não sera constante? pois que alcãça
Por ella, não mintir nunca à esperança?

Contada tinha o Cunha a guerra braua
Do Mouro, & o Rey Luso recolhido
Era nas tendas ja, de quẽ o agraua
Por não poder vingarse, assaz sentido:
Quando depois que o claro sol douraua
Os cumes dos outeiros, & oflorido
Campo de nouo estaua florecendo,
E cada erua em fim reuerdecendo,

E que aos manſos boys os lauradores
Na ceruiz põe o jugo, & os paſſarinhos
Cantando, huns deſamor, outros amores
Saem ſuſpirando ao ar dos curuos ninhos:
E que pacendo vinhão as freſcas flores,
A tras das mães os ſimplex cordeirinhos,
Partir querendo o Luſo, ali deſſenha
Fazer primeiro publica reſenha.

Para o que chãma o Gama & dom Duarte,
Miniſtros do gouerno deſta guerra,
Por quem a gente logo ſe reparte,
Que ja deſeja entrar na fertil terra:
Ao longo ali do freſco Tagadarte
Que murmurando vem da patria ſerra,
Os eſcoadrões feroces ſe eſtendendo,
Asricas tendas logo ſe abatendo.

Desfraldandoſe a tremula vandeira
Que duas ſòs piramides continha
Brosladas, & eſta era a auentureira
A onde toda a flor do mundo vinha:
A eſtes deu o Rey a dianteira
Eſcoadra, que dous mil nõmais continha,
Mas cada hum por coatro pelejara
Selhe não fora o tempo & ſorte auara.

Logo

Logo os Tudescos vem desenrolando
Das astes as insignias coarteadas
De preto & amarelo, ao justo mando
De seus ministros todas ordenadas:
Seria o soberbo & fero vando
Das gentes de luzente aço armadas,
Não todos os tres mil que se fizerão,
Que os mais no clima calido morrerão.

O Romano Marques ja repartindo
Vinha os seus, que forão setecentos,
Em pouco mais de mil se resumindo
Os Espanhois de mil & nouecentos:
Em fim que todos juntos (concluindo)
Seis mil vinhão a ser, com mais seiscentos,
A fora os de caualo, & Mauritanos,
Não se contando os terços Lusitanos.

São coatro Coroneis da Lusa genté,
Hum Tauora & Francisco se chamaua,
Outro dom Miguel, que decendente
Dos Loronhas no timbre se mostraua:
O terceiro varão, sabio, prudente,
Que nestes coatro terços se contaua,
Que tambem ordenando as gente vinha,
De Vasco da Sylueira o nome tinha.

O quarto

O quarto que gèral das galês era
Cujo nome he Sequeira, no mar fica,
Mandado polo Rey que danno espera,
Da vinda que de Turços se publica:
Pois cada hum dos tres, da gente fera,
Que o Sequeira deixou, se redifica
Dos doze mil antre elles repartidos
Quando por coroneis forão elegidos

Mas ainda que então os repartirão
A tres mil cada hum, cos que morrerão
E para as naos os Capitães pedirão,
Em casi noue mil se resolueráo:
Porque tambem a muitos despedirão,
Co filho do Xarife, aquem quiserão
Os Mouros do ponente em Mazagão
(Vencidos de temor) baijar a mão.

O Xarife segundo se dezia
Antre gente de pè & de caualo,
Dous mil ou pouco mais leuar deuia,
Podendo eu mal aqui certificalo
Dom Antonio da Cunha a conta enchia
Que nunca ja deixou de acompanhalo,
E logo os Tanjarinos se ordenauão
Que casi coatrocentos se contauão.

Coatrocentos a fora a braua gente
De pe, que setecentos ser deuião,
A quem gouerna o Capitão valente
Alexandre, que ao Manho o preferião:
Põese a caualo o Rey ledo, & contente
Com dous mil, que não cuido que serião,
Indo os mais à ligeyra, & acubertados
Os menos, & ametade erão criados.

Em fim com toda a gente que podia
Tomar armas, serião os já contados
Vinte & dous mil, se a conta não mintia,
Os mais delles à guerra pouco vsados:
Tres mil & coatrocentos, que seria
A gente de caualo, & os mais soldados
Dezoito mil, entrando mais seiscentos,
Muitos delles robustos, corpulentos,

Catorze peças vão de artelheria
De campo, aos de Malta encomendadas,
Que hum Cunha, outro Mezquita se dezia
Pessoas na Milicia esperimentadas:
Para dez dias so se apercebia,
Das cousas que ja hyão em carretadas
O arrayal, & assi tudo ordenado
Parte o Rey infelice & acelerado.

Vas

Vae diante auanguardia caminhando,
Depois a retaguarda a passo lento,
As pisadas atras hya deitando,
Com vagaroso & froxo mouimento:
O mar, a terra, os brutos se espantando,
Do belico & fero ajuntamento,
O sol mudando a cor, de luz auaro,
De enfiado & medroso, menos claro.

Treme ja de terror o grosso Atlante,
Treme toda a Numidia, & Lybia ardente,
Que no seco terreno Garamante
Não cuyda escapar a Maura gente:
Ajuntanse nas praças de Trudante
Os que por larga idade ou inocente,
Estão em roda, coa orelha pronta,
Ao que o errante passageiro conta.

As aues que de medo ao ceo se acolhem
Delà com temor caem, nenhũa escapa,
Os animaes às grutas se recolhem,
Se algum por caso ou ventura escapa,
A tè por muito tempo a terra tolhem
Vestirse da florida & verde capa
Que lhe deu natureza, indo marchando
Nũa nuue de pò, o sol turbando.

Entre

Entretanto o Capitão de Arzila,
Que Pero de Mezquita se dezia,
Enxugando as lagrimas que estila,
Aa cidade os enfermos recolhia:
Armas, carros quebrados recopila,
E tudo o que ao partir lhes esquecia,
E o general do mar ferro leuando,
As velas vae ao vento desfraldando.

As proas vira da soberba armada,
Contra Larache triste sospirando,
E os olhos outra vez à terra amada,
Por onde vão os Lusos caminhando:
De arneses a terra semeada,
E de estandartes varios ondeando,
Ouue pifaros, vozes sibilantes,
Ouue instrumentos roucos, dissonantes.

Mas deixemolos ir, huns nauegando
Ara Larache, outros descontentes,
Pinculto deserto attrauessando,
ntregandose a dannos euidentes:
tornemos a onde me esperando
stão as belicosas Mauras gentes,
ue com razão tereis de mĩ querelas,
não tratar tambem das cousas dellas.

Bem

Bem vos deue lembrar como partido
O Turco embaixador para sua terra,
Do Rey asperamente respondido,
Com inumana & sanguinosa guerra:
O qual desta maneira despedido,
Por varios caminhos se desterra,
Para Marrocos triste caminhando,
Em quanto o Luso se anda preparando.

Chegando em pouco tempo ao belicoso
Maluco, que in la andaua sossegando
Os que temião o jugo riguroso
De brandas aparencias duuidando:
Com aspeito pesado & temeroso,
Na rouca voz as nouas declarando,
Dizendo como o Luso guerra dura
Contra elle, & contra os seus fazer procura.

E que estaua ja apercebido
De todos os petrechos necessarios,
Buscando (assegundo tinha ouuido)
Muitos para esta guerra estraordinarios:
E que deuia ja de ser partido,
Segundo se ajuntauão os aduersarios,
Gente fera, cruel, nunca domada
Tão dura na razão como na espada.

Isto

Isto dito, o Maluco descontente
Começa a por em ordem defenderse,
Do mal futuro, o temor presente
Lhe fazendo de tudo apercebersse:
Tempo em que o Luso Rey na terra ardête
De Arzila, não procura de esquecerse,
De seu intento, onde do esforçado
Suphieni, então foy salteado.

Tomando tanta colera sobeja
O fero Turco, em ver medo tamanho
Nos seus, que coa terra & ceo peleja,
Temendo todos seu furor estranho:
Não vendo ora ja em que se veja
Naquelle largo & sanguinoso estanho,
Que Abdelà lhe afirmou que pisaria,
Quando nelle lhe diz que acabaria.

Lembrança com que em fim se resumio,
Vendo que o Luso Rey tanto o despreza)
Num astuto conselho, & assi adquirio
Dobrados corações, & fortaleza:
Chamando os principaes que persuadio,
Sem duuida não terem na certeza
De o Xarife tomar de Christo a ley,
E dar a coroa & terra ao Luso Rey.

Que filhos, que molheres tributarios
Sem fazenda, sem ley, sem liberdade,
Ficariam nas mãos dos aduersarios,
Em perpetua miseria & aduersidade:
Que não era razão que mercenarios
Ficassem dos que bruta crueldade
Sempre farião nelles como imigos,
Pois ficauão senhores, não amigos.

Apos isto lançar pregões mandou,
Que todos se juntassem breuemente
Co elle, com taes penas, que obrigou
A tèa mais fraca & inutil gente:
Correos por mil partes derramou,
Por tudo o que possue na Lybia ardente,
Onde os mais com temor & espáto acodem
Como melhor, & mais de pressa podem.

Guerra franca concede, prometendo
Despojos liures (o que se publica)
De tal maneira os animos vencendo
Que nenhũ que armas tome em casa fica:
Cada hum vem à morte oferecendo
A vida, que com gosto sacrifica,
Por sua ley, fazenda, liberdade,
Vede se morrerám de boa vontade.

Dela do Promontorio de Ampelusa
Os feros moradores se ajuntarão,
E os que abitão os vales de Eretusa,
E os Nacomenes cuydo não ficarão:
De Boecam do monte aquem Meduſa
Conuerteo em tal forma, os mais deixarão
O amado repouſo, & vem o remoto
Bruto que ſe mantem do enfermo Loto.

Vem os que dos Arganies tirão azeite
Com que de negro os cabelos tingem
Com Galha frita, Barbaro enfeite,
E os que por roupa ſo hum lançol cingem:
Os quaes frutas por pão, por agoa leite
Vſam, que agoa jamais ou doce Esfinge
Prouarão, vem tambem o bruto atroce
Que da Anafega come o amacão doce.

Os Marroquis, os Fezios, Mequinenſes,
Os Suſos belicoſos, Trudantinos,
Os Barbaros maluados Tremecenſes,
Os falſos & inumanos Tagarinos:
Os da progenia dos Cartaginenſes,
Que inda temem o valor dos Saguntinos,
Marmaricos Cirenos inſolentes,
E as preuerſas Garamantes gentes.

Nunca se vio na Lybia ygual espanto,
Nunca tanto feruor, tanta ousadia,
Nunca Rey nouo & estranho pode tanto,
A quem por força a gente obedecia:
Godos, nem Lombobardos, poder quanto
Este ajuntou, tiuerão nenhum dia,
O qual vendo que o Rey Luso abalaua
De Arzila, as escoadras ordenaua.

O real estandarte desfraldalo
Mandando, como os Turcos costumauão,
Que he hum lançol cum rabo de caualo
Emcima, onde tropheos memorauão:
O alferez começa a menealo,
E logo ao som de trombas se ajuntauão
Os que de arrogancia, & esforço cheos
Aos caualos tascar fazẽnos freos:

Andando o gèral (que era chamado
Saide) os de caualo repartindo,
E Tabhaá, a quem era encomendado
A infantaria, os terços diuidindo:
Hamete a quem foy o nome dado
De Principe, com muitos acodindo
Que cito mil serião de caualo,
A qual mais ledo vem acompanhalo.

Este era do Maluco irmão, & amigo,
E mais dous mil se afirmão que traria,
Escopeteiros todos bons comsigo,
Inda que a fama nisto desuaria:
Vinha Mumem Greuei duro enemigo,
Com gente de caualo, que seria
O numero feroz, bem coatrocentos,
E o Genoues Hali com mais seiscentos.

E Abbedelcarim so gouernaua
Mil & quinhentos, todos de caualo,
E Mahamete Heldedé ali empunhaua
Com duzentos a lança, bom vassalo:
Manfor Goterre a antena ali apertaua
Com trezentos, no rijo & duro calo,
E a Hasim oitocentos o seguião
De arcabuzes, & alguns lança esgrimião.

Manfor Elche Virrey de Miquines
Seiscentos tem com sigo atiradores,
Ico Chaya estampão mais os pes
Mil & quinhentos duros egressores:
Luça, que a saluação toma ao reues,
Seguindo de Mafoma os vãos errores,
Trecentos de alabardas gouernaua,
Em quem mais se o Maluco confiaua.

Outros muitos que agora não nomeo
Por não cansar quem me ouue, ali leuauão
Qual mil dos que na sela atando o freo
Com ardentes pelouros atirauão:
Qual dous mil, dos que com largo passeo
De tres en tres a fio se ordenauão,
Com suas espingardas atirando,
Piques antre elles não se costumando.

Ia de Alarbes, Gabailes, enfinito
Era o numero desta gente fera,
Que para tudo aqui pôr por escrito
Nem com pena de ferro me atreuera:
Polo que a tras dos mais vos tenho dito,
Podeis julgar, que quem perder espera
Patria, fazenda, ley, que quanto pode
Ajuntar, que com tudo à guerra acode

Oitenta mil dezião que seria
O numero da gente de caualo,
E que a de pè contarse não podia,
Por onde eu posso mal aqui contalo:
Mas o que mais parece que deuia
Ser, he que não querendo assi assomalo
Menos deuião ser, más conta certa
Eu a não sey, por ser a fama incerta.

Pois

Pois o Maluco as gentes ordenadas
Tendo ja, começarão a passo lento
As vandeiras de cores coarteadas
Airem tremolando ao brando vento:
Nos anafis ou gaytas costumadas
Formando som o sopro violento,
Sinal dando da orrida partida,
E oa Maluco ja da breue vida.

Vindo secando fontes & altos rios,
Tornando os pastos em area inculta,
Com trombas, com tambores, & assouios
O mundo atroando a turba multa:
De varias cores ricos atauios
Trazião, com furor donde resulta
Guerra cruel, caualos arremessão
Rio Sabut turbo atrauessão.

Nos campos Alcaçaricos assentão
Darrayal, que Idalpicos parecem,
Quando nelles as eruas apacentão
Os que a Symiràmis obedecem:
Alina quantidade representão
Aos que com Canguista & Batho decem,
Eos de Tutila & Atila, & os sem conto
Com que Xerxes passou ao Elespontò.

Ali esperam os ja atribulados
Enfermos Lusitanos, que caminhão
Sedentos & famintos, tão cansados
Que casi sobre as pernas se sostinhão:
Quaes os que ja da patria desterrados
Co infelix Pompeo, a vida tinhão
Por mais pesada, & infelice sorte,
Do que podião ter a propria morte.

Assi os tristes vão de serra em serra,
De vale em vale, gente parecendo
Mais para ospital, que para guerra,
De pura fome os mais espereçendo:
Cos arneses alguns caindo em terra,
Sofrer as armas tanto não podendo,
E outros atras ficando dando o alento
Erão de animais feros mantimento.

Ali se acaso algum nà terra lenta
Agoa descobre com astuto modo,
Beber o lodo nagoa o não contenta,
Sem beber juntamente o grosso lodo:
E assi a terra à terra ali sustenta,
Tornandose depois em terra todo,
Porque o mantimento mao, & enfermo
Lhes põe à triste vida breue termo.

Sea

Se à caso algum caualo de cansado
Dali não pode ja passar auante,
Antre desculpas logo espedaçado
Dos que porfião à roda, he num istante
Não se achando o bem afortunado
Que quinhão delle tem, por mal andante,
Em leuar para a fraca companhia
Tão sabroso manjar, tal yguaria.

Em fim de eruas agrestes venenosas,
De carnes de nosso vso diferentes,
De agoas turbas, & lagoas limosas
Se sustentauão as Portuguesas gentes:
Não bebendo nas claras & saborosas
Do Douro & Tejo, liquidas correntes,
Mas em lagos, & brejos fedorentos,
Cheos de varios bichos peçonhentos.

Não adormecem em dourados leitos
Da Arabia felix, ou da rica China,
Nem debaixo de opulentos teitos,
Com paramentos de ouro, ou prata fina,
Não cubrindo do ar os moles peitos,
Com a Moscouia felpa Zebelina:
Mas com grossas & fortes armaduras,
Pondo às cabeceiras pedras duras.

Não piſam apoſentos lageados
Daquelles parios marmores luzentes,
Nem dos jaſpes he Epiro miſturados,
Com concerto de cores diferentes:
Que os pès de eſtrepes duros treſpaſſados,
E mordidos de perfidas ſerpentes,
A hum faz Seps apodrecer os oſſos,
A outros Peſtrer arrebentar de groſſos.

Do Iaculo, & de Emorrois próuando
O venenoſo, & ſanguinoſo efeito,
E daquellas que em ſono vão matando,
Que a namorada Egypcia pos ao peito:
Doutras ſerpes mordidos, como quando
A Deos temor, & a Moyſes reſpeito
Perdendo os de Iſrael, perdênas vidas
Como gentes ingratas & omecidas.

Pois caminhando aſsi os Portugueſes,
Ia bem deſenganados de eſperanças,
Huns ſem ſaude, outros ſem arneſes,
Outros para bordões cortando as lanças:
Vendo ja o principio dos reueſes
Que dão do tempo as deſyguaes mudanças,
Sobre huns altos outeiros ſe alojarão
Onde ali alguns dias eſperarão.

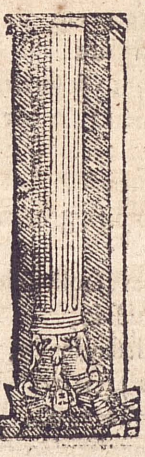
Deſcanſa ali o Rey, porque eſperaua
Gente, que el Rey de eſpanha prometida
Lhe tinha, da qual ja deſeſperaua,
Quando não quis perder tempo à partida;
O qual Rey ſo por iſſo a dilataua,
Mas vendo a eficaz & endurecida
Vontade, ſem vontade lha mandaua
Cum Capitão que Aldana ſe chamaua.

O qual de Arzila ouſadamente parte
Atraueſſando a Barbariſca terra,
Por ribeiras do frio Tagardate
Fazendo ſo co nome eſpanto & guerra:
E como gram ſaber, prudencia & arte,
Dentro em ſi o forte peito encerra
A, ſem arrecear os euidentes
Danos, ſeguras leua as brauas gentes.

Indo os enfermos & armas recolhendo,
Preſa a que os Alarues acudião,
De perigo tamanho os defendendo,
Em quem mil crueldades ja fazião:
Atras de ſi os Barbaros trazendo,
Que ladrando de fora o perſeguião,
Marchando em fim com ſua eſcoadra fera,
Atè a onde o Luſo Rey o eſpera.

Mas

Mas isto baste agora lingoa minha,
Que ja cansados tens prontos ouuidos,
Pois da promessa atras que feita tinha
São os termos que dey asi compridos:
Descansa hũ pouco aqui, que muito asina
Acompanhando peitos afligidos,
O fim dirás das gentes Lusitanas
Qual Farsalico estrago, ou rota em Canas





CANTO DECIMOSEXTO.

bega o Aldana, & parteſe el Rey dos ou eiros, tem pareceres ſobre não paſſar a- ante, & decendo aos campos de Alcaçar rdenãſe as batalhas, onde ouuerã viſta os arrayaes hum do outro, & dilatandoſe a batalha para o outro dia, em amanhecendo ſe começão a trauar os guerreyros.



Cobiça enganoſa, vaã, faminta,
Dos q̃ ſeruẽa fama por ſenhora,
Gloria que ſempre o mais dificil pinta,
ſperança, que em fim ſempre ſe chora:
ento, que onra chamado, inda q̃ minta
Quanto mais vay fugindo mais ſe adora,
om que dannos aos teus vaſſalos pagas,
com quantas mintiras os afagas?

De in-

De iuquieto trabalho, & vida afflicta
Meo sempre, & de negros desamparos,
Bens q̃ inda nanos dás, quando os limita
A dura mão de tempos maos, & auaros:
As tuas leys embora estabilita
Pois sempre as corrompe exemplos claros,
Chamente gloria, fama, & ser diuino,
Que depois chorarão seu desatino.

Olhay cõm que promessas mintirosas
Os tristes Lusitanos desterrados
De seu repouso, & patria, às riguorosas
Mortes os leua a todos enganados:
Que victorias, que sombras fabulosas,
Que tesouros, que titulos, que estados,
Que tropheos, que glorias lhe oferece,
Polo que da ambição dalguns conhece.

Quanta fome que sofrem, quanta sede,
Camanhos sobresaltos, quantos medos,
Onde o fruto de tal trabalho vede,
Quam poucas vezes faz seus olhos ledos:
Aflição ao repouso aqui precede,
O mal ao bem, olhay me que segredos
São estes, com que a natureza vmana
Tapádo os olhos sempre em fim se engana

la alo-

Ia alojado o arrayal estaua
Nos alpestricos montes Africanos,
E o terreste sapo assouiaua
Persuadindo a Talpe seus enganos:
Todo animal diurno repousaua
A ressonando os rusticos serranos
Do grilo a sussurrante melodia,
Demetica Samponha parecia.

Quando soa rumor de gente armada,
Que por detras do arrayal caminha,
Qual scintinela auisando brada,
Qual sem alento ja de temor vinha:
Leuantase a gente aluoroçada,
Que grande pressa crè que lhe conuinha,
Onde desordenada às armas corre,
E perturbada aqui & ali discorre.

Hum atropela o misero soldado,
Que mal desperto guerra està sonhando,
Outro sem armas vay desatinado,
Incordoa das tendas derribando:
Aqui fica hum caualo embaraçado,
Outro sem dono vay ali saltando,
Crece o rumor, & a desordem crece
Tudo o que se arrecea ali parece.

Qual

Qual familia que dorme descuydada
Da porta que deixou ao roubo aberta,
Que a pequeno rumor a cautelada
Co pronto ouuido està muda & desperta:
Onde bradando ja desatinada,
Tirando do temor sospeita certa,
Vay tropeçando pola sombra escura,
Turbada do que o medo lhe afigura.

Não de outro modo a confusa gente
Com turbado furor discorre & grita,
Louuor futuro & temor presente,
A grandes feitos neste caso incita:
Bradão todos ali ao Rey potente
Que dar nos enemigos lhes permita
Mas logo vem ser gente Castelhana
Que traz ao Lusitano o forte Aldana.

Chega o Aldana ousado, & reconhece
O arrayal que ja se apercebia
Amiga & braua gente nos parece,
Conuerte se o receo em alegria:
O dia esperão todos que esclarece
Que para todos soy alegre dia,
Onde descansa a gente que caminha,
Que todauia ja de pressa vinha.

E quando

E quando do Orizonte rutilauão
Os rayos dos transluçidos arreos
De Flegom, & Pyrois, que atropelauão
A quarta Esphera mastigando os freos:
Ia o arrayal dali aleuantauão
Os Lusos, de futuro espanto cheos,
E de doença crua & desumana,
Onde o Rey faz do cãpo mestre o Aldana.

Crecem miserias, faltão mantimentos,
Conuertem esperanças em receos,
Aplacam os viris atreuimentos
Que hyão de segurança, & furor cheos:
Desenganãose ja de pensamentos,
Com que repartem os Barbaros tropheos,
Mas vão com tudo auante, onde publicão
Que por seu Rey a vidas sacrificão.

Oo lealdade nunca vista & ouuida,
Oo animo feroz, duro & constante,
Oo estranheza nunca acontecida,
De que he bõ que se o mundo todo espante!
Perder hum so a doce & cara vida,
Pola gloria que a fama depois cante
Delle, cousa foy ja que o mundo vio,
Mas leal dade tal, nunca se ouuio.

Regulo, Curcio, Bruto, aſſaz leaes
Farão, pois que da patria a liberdade
Coas vidas comprarão as de ſeus paes,
E com tal morte ao nome eternidade:
Mas eſtes ainda o forão muito mais,
Pois ſomente por pura lealdade
Patria, fazendas deixão, & onras, vidas,
Ao ſacrificio leuão oferecidas.

Sendo de tam leal conſtancia o fruto
Culpas que inda lhe dão gloria abatida,
Não ſe ver deſta magoa hum roſto enxuto,
Nem ſe perder ſomente hũa ſo vida:
Não dando hum filho ſo (Grego tributo)
A mãy, mas tres, & coatro, offerecida
Tendo a fazenda ao Rey, & eſpoſo amado,
Que tambem ve depois ſacrificado.

Hora qual foy a gente, quaes Metelos,
Quaes Decios mais leaes, quaes afamadas
Matronas, que ofereceerão aos cutelos
As vidas dos eſpoſos deſejadas:
As Tudeſcas pretendem ſocorrelos
Saindoſe coelles carregadas
Perdendo ſo fazendas que deixarão
Mas as Luſas em fim tudo entregarão.

Poi

Pois indo assi doentes & cansados
Os Portugueses, pola estranha terra,
Vem ao longe vales cultiuados
E abitada hũa alpestre serra:
Correm alguns que andauão derramados
Quando ante si espanto & guerra,
Mas os syluestres rudos lauradores
Deixão vazia a casa aos vencedores.

Vazia achão a palhaça aldea,
Da seluatica gente que fugia,
Senhores ficão da fazenda alhea,
Que como propria ali se repartia:
Ruinão as choças ja onde se atea
O repitante furor, que brauo ardia,
Logo vão buscando polas brenhas
As que fugindo solrão as creispas grenhas.

Seguem hum Alarbe alto & membrudo
Que sacodindo a barba a hum so não teme,
Não tem espada não, nem curuo escudo,
Mas cum bastão na mão furioso freme:
Nas costas sente ja o ferro agudo,
Dá hum brado que a Numidia treme,
Depos isto volta, & hum golpe atira
De que casi sem alento hum Luso estira.

Os outros logo juntos arremetem,
E a pura força no terreno o estendem,
Huns os neruosos pès em laços metem
Outros as grossas mãos a tras lhe prendem:
Em quem o venecrà todos competem,
E aferrados variamenre pendem,
Hum da velosa coxa & cotouelo
Outro do negro & orrido cabelo.

Bem como quando o Alacrâe enojado
Das mordaces formigas, que à porfia
Crecem sobrele, onde preso & atado
Se ve leuar por limpa & estreita via:
Que já de seu poder desconfiado
Não quer executar o que podia,
Assi o fero bruto deste geito
Trazido foy ante o Real conspeito.

Ao qual o Rey pregunta se sabia
Que gentes o Maluco conuocàra,
E quanta de caualo & pè trazia,
E onde & de que modo se alojàra:
Ao que o Mouro nada respondia.
Torcendo a molesta & aflicta cara;
O que visto do Rey, manda soltalo,
Que mais ligeiro corre que hum caualo.

Outro

Outros tomar poderão os corredores
Do campo, mas taes preſas ſam vedadas,
Que não querem tomar os lauradores
Os Luſos, mas vencer gentes armadas:
Sendo eſtes então deſcobridores
Das couſas antre nos deſordenadas,
Vindo vender ao campo mantimentos,
Notando a ordem dos alojamentos.

Deſtes ſoube o Malueo como eſtauão
Os Luſos nuns outeiros alojados,
E que ja de vencer deſperauão,
Fracos, doentes, poucos & canſados:
Os quaes ainda aſsi determinauão
Polas bocas dos tiros, que aſſeſtados
Eſtauão nũa ponte, entrar ſem medo,
No como cada hum ſe moſtra ledo.

Mas ponderando bem o forte Aldana,
E Dom Duarte, o perigo em que ſe punhão
Os que gouernão a gente Luſitana,
E eſtoruar tal ida ſe deſpunhão:
Auiſados por gente Mauritana:
E por muitos que o perigo teſtimunhão,
Que fugião de là porque eſperaſſe
O Rey, a tè que a gente ſe paſſaſſe.

Neste tempo o Xarife ali chegou
Com alguns que do Turco vem fugindo,
Estar para morrer certificou
Seus secretos desſenhos descobrindo:
O qual ao Luſo Rey os preſentou
O que ja determina preſumindo,
E como que das nouas ſe alegraua,
Deſta maneira o Mouro começaua.

Ouue as nouas ſenhor que eſtes vaſſalos
Teus, ſem engano algum querem cõtarte,
Se queres ſer alegre em eſcutalos,
Oute em ſerem taes eſtá alegrarte:
Podes por caualeiros eſtimalos,
E ſabe que dos Mouros a mòr parte
Me prometem de vir para mĩ cedo,
Se o arrayal eſtà tres dias quedo.

Tambem dizem (ſe aſsi poſſo afirmalo)
Que a voz cõmũa era que caminhão
Mais de oitenta mil ſo de caualo,
A fora os muitos mais que de pè vinhão:
Nas gentes que acodem a vèr não falo,
Que eſtas numero certo algũ não tinhão
Por onde tam terribel aparelho
Te diuera fazer mudar conſelho.

Qui

Quanto acudirme a gente eu certo o tenho,
Pois com esta promessa & esperança;
Te trago tão seguro como venho,
Posto que tu me hes toda a segurança:
Ao que a minha ley, & a barba empenho,
Se isto basta a fazerte confiança,
E apos isto a mão corre por ella
Por mostrar a certeza da cautela.

Tem ali todos prontos as orelhas,
Ouuindo aquellas nouas temerosas,
Que leuantar lhes fazem as sobrancelhas,
E apertar as bocas pegajosas:
De faces amarelas & vermelhas
Não faltando visajes orgulhosas,
Onde o Aldana como confiado
Em seu esforço, assi fala enojado.

Retirar nos conuem, que o retirar
A tempo, esforço he, & não temor,
Pois em se hũa batalha dilatar
He o mais fraco às vezes vencedor:
Ja que se pode assi desbaratar
O imigo, não he muito melhor
Que auenturar batalha? agora o sabio
Conselho nos conuem do astuto Fabio.

A batalha por hora dilatemos,
Que o tempo o enemigo desbarata,
E o arrayal secreto leuantemos,
Que he cousa mais segura, & mais barata:
E àquelle Capitão forte imitemos
Que nos cornos dos bois os lumes ata,
Leuando o arrayal todo comsigo
Por enganar o inaduertido imigo.

A Larache nos vamos, costeando
O rio sempre, indo a retaguarda
A tras hum pouco os Mouros dilatando,
Atè nos socorrer de gente a armada:
E ali do que conuem nos reformando,
Com gente de refresco descansada,
E com canhões mais grossos & mayores,
Seremos sem perigo vencedores.

Que os Mouros que o Maluco reconhecem
Por Rey, ja de famintos & medrosos,
Alguns se vão, & os mais desobedecem,
Do sucesso da guerra duuidosos:
Onde ali dos agrauos que padecem
Dos Turcos, & de seu senhor queixosos,
Que casi está morrendo, hũa mudança
Ia mais vista, fara poucatardança.

Isto dizendo, muitos concluyrão
Neste conselho, & outros blasonando
Casi como enojados se sorrirão,
Por boa a retirada não aprouando:
Dizendo, que depois se as costas virão,
Que os escoadrões se irão desordenando,
E que com medo a gente perderia
A onra, & não somente a artelharia.

Onde hum vēdo o destroço pouco onroso,
Que em se retirarem certo estaua,
Como forte, leal, & valeroso,
Aas duuidas que auia replicaua:
Danoso he cometer, & mais danoso
Era o fugir então, no que mostraua
Ser forçado buscar ao enemigo,
Por não auer outro melhor abrigo.

E com lingua liberta & eloquente,
Começa: O que fraqueza não espera,
O que desonra para a Lusa gente,
Em temor cego (cuido) so fundada:
Onde a victoria for clara euidente
Que merece o valor da forte espada?
Que gloria he vencer preyto vencido?
Em que sera o forte conhecido?

Quanto mòr for & mais certo o perigo,
Tanto vencelo fica mòr victoria,
Quanto mais duro & forte he o imigo
Tanto ao vencedor fica mòr gloria:
A tè o ser vencido traz consigo
De duro aduersario obrigatoria
Fama, pois que o esforço conhecido
Do vencedor, desculpa he do vencido.

Diueras ter primeiro bem cuidado
O que se te oferece por diante,
E não estar suspenso & enleado,
Quando o remedio he so ir auante:
Tornar no fim atras o começado,
He de peito sem ser, fraco, inconstante,
Por isso Rey comete ousadamente
Que assi animarás a fraca gente.

Passaremsete os Mouros, ja vierão
Se o que he para não crèr determinarão,
Pois tempo, ocasião, modos tiverão,
Com que por te enganar dissimularão:
As miserias entendo que souberão
Que teu arrayal passa, & duuidarão
De gente que o perigo & fome chora,
De poder ser por armas vencedora.

E assi

E assi com promessas te enganando,
Te querem consumir os mantimentos,
Constrangidos de aperto te obrigando
A partidos depois, duros violentos:
Rompe, rompe, aos teus logo abalando
Os timidos & froxos sufrimentos,
Porque se elles vencerem o vão receo
Tu porás ao Maluco & ò mundo freo.

Outras cousas, & outras lhe dizendo
Outros muytos que ao Rey falar pretẽdem
Verdade, seu valor suspenso vendo,
Cuja resolução confusa entendem:
Tantas razões no caso se mouendo,
Dos que sobre elle com razam contendem,
Que o Rey como enojado da porfia,
A pratica danosa suspendia.

Yroso & enojado, como quando
No caudeloso rio duuidoso
Cesar dos seus, na lança se encostando,
Antre arrogante estaua temeroso:
Que vendo as razões que estão alegando,
Não sofrendo razões perto animoso,
Iacta est alea dizendo, terça a lança
Como que dę vencer tem segurança.

Assi o

Assi o moço fero & carrancudo
Responde, sem ouuir outra reposta,
Ou seja de inorante, ou de sesudo
Como seja da pratica proposta:
E animosamente contra tudo
A vida a todo o perigo ja disposta,
Perder não arrecea, & em furia arde,
Cuidando que ja o tinhão por couarde.

Desalojar mandando o arrayal
Logo, & que caminhe a fraca gente,
Que se podia ter em pè bem mal,
Quanto mais caminhar fraca & doente:
Não faltando quem tenha a mao final
O caminharem tão seguramente,
Porque quem defendersse não procura
Algũa confiança o assegura.

Ousado assi o Rey, aos campos dece
De Alcacere, de seco feno cheos,
Quando a menhaã rosada lhe aparece,
Por cima la dos montes Nabateos:
Aqui algum se enfia outro emmudece,
Vendose ja no fim dos arreceos,
Aqui se fazem verdes & amarelos,
E a muitos se lhe arrigão nos cabelos.

Chama

Chama aqui o Aldana & dom Duarte,
E os mais Capitães fortes prudentes,
E ali os esquadrões coelles reparte
Polos lugares mais conuenientes:
Anda brauo & feroz por toda parte
Ordenando as mal instrutas gentes,
Que cos fardeis num ombro caminhauão,
E noutra o pique, ou arcabuz leuauão.

Aqui os Coroneis vendo presente
O perigo que ja se oferecia,
A qual mais animoso & diligente
Cada hum por seu cabo discurria:
E cada Capitão obediente
A ordem que lhe dauão obedecia,
Alferes ondeando em todas partes
Os roxos & amarelos estandartes.

Ja o illustre & jouem Capitão
Dos que auentureiros se nomeão,
O carrego entrega a seu irmão,
E primo que dum nome ambos se arreão:
Aluaros Pires sam, & a diuisam
Com que se os nomes delles desenleão,
He que chamandose ambos dhum so nome
O da Pesqueira hum tem por sobrenome.

Pois

Pois estes à mor força do perigo,
Põe as vidas cos seus auentureiros,
Leuando à mão ezquerda ali comsigo
Os Tudescos tambem dos dianteyros:
A tras por assombrar mais o enemigo
Vão hum pouco tambem por cõpanheiros
Os valerosos & inclitos Romanos
Dum lado, & doutro lado os Castelhanos.

Aqui indo assestada a artelharia,
Que o Mezquita & o Cunha gouernauão,
A tras logo a bagaje se estendia,
Onde se os do seruiço agasalhauão:
Dos quaes hum escoadrão se ali fazia,
Que com bastões os carros rodeauão,
E o que bastão nam tem, so se apercebe
Aa luta, & o imigo assi recebe.

Dom Miguel de Noronha a hũ lado vinha,
E Francisco de Tauora a outro lado,
Co terço que cada hum regia & tinha,
Desque partem do Reyno a seu mandado:
E la na retaguarda atras caminha
(Aquem foy tal lugar encomendado
Como deuia ser) o da Sylueira,
Que nas galês ficou o de Sequeira.

Aa mão

Aa mão dereita o Rey Xarife fica,
E Cid Albiquirim cos mais vassalos,
Que hú chapeo,& barrete o outro embica,
Porque possam dos outros diuisalos:
A Tagerina escoadra os redifica.
Que atras estão somente os que caualos
Esporeão, que os outros repartidos
Forão por outras partes diuididos.

Logo mais para trás o valeroso
Duque de Aueyro, forte & bom vassalo,
Auisado, cortes, sabio, animoso,
Está so com trezentos de caualo:
Todo o de peito ousado & belicoso,
Quis neste dia aqui acompanhalo,
E doutra parte os mais com dom Duarte,
Seguem del Rey o purpuro estandarte.

Doze caualos leua,quaes natura
Nunca pintou de tão fermosas peles,
Não se vendo jamais nunca em pintura
De Achemenio Raz, taes como aquelles:
Cor tem de azeitona ja madura,
O Caroucho,não sendo o melhor delles,
O Bárde corredor de azul manchado,
Crece de proposito pintado.

Outro

Outro que ricamente acubertado
De carmesi, o chão pisa com graça,
Do fruto tinha a cor quando dourado
O verde ouriço abre & espedaça:
O outro Medelim era chamado,
Outro o Bonito, & todos de alta raça,
Huns ruços, & alazões, & de outras cores,
Manhosos, bem talhados, corredores.

Num Persio vay o Rey, que do Oriente
Por nunca vista, & estranha maravilha,
Lhe manda o Vitorey delá em presente,
Cuja máy dizem ser dos ventos filha:
Corre tão leue, & ligeyramente,
Que em mole area não estampa a trilha,
Neruosos braços, calcos ensocados,
Sodras nas coxas peitos releuados.

Pescoço curto, & cernelha erguida,
Rosto seco, pequeno, olhos saltados,
Barba coadrada tem, boca comprida,
Ouuidos não pequenos, espantados:
Seladouro de palmo, anca fendida,
Que nella podem bem jugar os dados,
Meam tem a estatura, o cabo toma
Bojo, não grande, & estrigada a coma.

Arne

Arnes leua que de aço & ferro misto
Não teme bala de arcabuz que o tope,
Elmo nunca tão forte, & estranho visto,
Que Piramom fizesse, ou Esterope:
Espada com que estende a ley de Christo,
Lança que em sangue Agareno ensope,
E sobre tudo o cotação que leua,
Que mais que nenhúa arma lhe releua.

Doze pajes diante a terra pisam,
Com insinhas reaes de Rey potente,
Que de varias diuisas se diuisam
Saudosa memoria à patria ausente:
Valor exemplão com que o mundo auisam
Da onra, & primor da Lusa gente,
Hum lança leua, outro o estoque agudo,
Outro a celada, outro o forte escudo.

Reys darmas outros doze vão tambem,
E leuão a tiracolo atrauessadas
Maças de prata, indo mais alem
Soando trombas roucas acordadas:
De amarelo & azul pendentes tem
Tremolando vandeiras coarteadas,
Indo atroando os Barbaricos vales,
Em gualdrapas de purpura atabales.

Doçaynas, charamelas doutra banda,
Vão fazendo sonora melodia,
Quaes de Aliate Lidio, quando manda
Contra os Milecios braua a infanteria:
Costume antigo em belica demanda
Que se em Creta & Esparta permitia,
Os Litus dos Romanos ensinando
Que as trombas vão a guerra despertãdo.

Pois assi as batalhas ordenadas
Começa o Rey alegre a discorrelas,
As gentes não couardes, mas cansadas,
Segurando das timidas querelas:
Trazendo ali aquelas celebradas
Palauras de Marcello, quando nellas
Anima, & enuergonha os seus Romanos,
Dizendo, os corpos vejo Lusitanos.

Bem como quando o brauo Leonida
Com setecentos sos reprime & enfrea
Aquella soma tanto sem medida,
Que tanto ja no mundo se recea:
Que os seus pera o inferno ali conuida,
Coa terribel & funesta Cea,
Assi o Luso com sobejo auiso,
Os seus conuida então ao parayso.

Neste

Neste tempo o Maluco deseuydado
Vendo as escoadras feras) não andando,
Que de tudo aduertido & acautelado,
s Mauras gentes ja anda ordenando:
inda (dũa febre a tormentado
ási no derradeiro estremo estando)
rabalha em quanto viue que a victoria
he dé depois de morto onrada gloria.

ual Codro, & qual Decio valerosos
reposta nas Tripodas sabida,
ue por ficarem os seus victoriosos
ocão por clara fama, a doce vida:
si o Mouro contra os temerosos
odigios, & sentença ja comprida
ue lhe Abdelà primeiro pronostica,
desejada vida sacrifica.

ndando desfraldar logo as vandeiras
varias cores, que ao brando vento
molando as ordenão nas fileiras,
que do campo tem o regimento:
e como tem sospeitas verdadeiras,
e os mais fazião oculto fundamento,
se passarem ao Luso, atropelando
ura terra, os andão vigiando,

Co sitio se acomodão, repartindo
Conforme a elle a belicosa gente,
Polo campo a estendendo, & diuidindo,
Doutro modo do nosso diferente:
E qual a noua lũa vem saindo
De tres dias nõmais resplandecente,
Hum cerco fazem, qual ordena Iuba
Quando de Curio ouue a rouca tuba.

Dà o dereito corno o Turco ousado
A seu irmão, de esforço & entendimento
Cheo, & a Haldede assinalado
Grosso, robusto, aspero & cruento:
E a Mumen Greuei, duro, esforçado,
Feo, barbudo, fero & corpulento,
E Halbedelearim, & a Hali maldito,
E a outros que dizelo era infinito.

Os Alarbes, & gentes das montanhas
Gabailes, Mouros menos esforçados,
Gétes que à guerra vem crueis & estranhas,
Todos vão neste corno acomodados:
Que fizeram em nòs depois façanhas,
Delles ficando por de tras cercados,
Quando a furiosa gente inaduertida
Ecuaua ja os Mouros de vencida.

No cor-

No corno ezquerdo que era mais piqueno,
Que da parte do rio nos cercáua,
Pisando vem Suphieni o seco feno,
Que a sua ley de nouo interpretaua:
Hassan tambem no arido terreno
Os pès de casi couado estampaua,
Vem Aganuz tambem medonho à vista,
Que não parece auer quem o resista.

Com Mansor outros muitos se continhão
Que por ser breue escuso de dizelos,
Logo diante os de mosquetes vinhão,
E de arcabuzes, que era espanto velos:
Os Andaluzes co Chaya caminhão,
Que muito era tambem para temelos,
Vem Tabahá gouernando a infantaria,
E trinta peças mais de artelharia.

Muça mais para tras a guarda daua
Ao enfermo Maluco, gouernando
Trezentos de alabardas que leuaua,
Todos à morte ali se conjurando:
Sòm de gaitas que mal se concertaua,
Vindo diante hum pouco sibilando,
Qual com mãos pueris se vario ordena
Fm tenras canas de comprida auena.

Atãbaques,& trombas (costumadas
Ia na Arabia deserta) se tocando,
Cornetas roucas pouco concertadas,
Os Africanos campos atroando:
Gentes ja polas serras leuantadas,
Brutas, o fim da guerra vigiando,
Voando as aues ja que o feiticeyro
Fizerão (indemal) tão verdadeiro.

Pois assi as batalhas ordenadas,
Quando nacendo vem o sol dourado,
Marchando vão as gentes enojadas
Cada huma morrer determinado:
E as pontas dos dous cornos afastadas,
Quaes de nouilho a jugo não domado
Nos vem ja de bem longe ameaçando,
Deste modo cercarnos procurando.

Mas porque ó seco feno lhe estoruaua
Poderem dar batalha, & porque entendem
Que deste modo a guerra se acabaua,
Por toda a parte em roda logo o acendem:
Que como a crua chama se ateaua
Na arida materia, assi pretendem
Queimar os Portugueses, que isto vendo
O feno vão de cà tambem acendendo.

Cobrem

Cobrem se os arrayaes & dura terra
De espesso fumo, arde a seca palha,
Tem primeiro hum fogo co outro guerra,
Fenece em meo a crepita baralha:
Cada enemigo a arma dura aferra,
Mas por então dilatarãa batalha,
Vendo que o sol decendo ao frio Ocaso
Queria entrar no lento & escuro vaso.

Porem estando à vista os arrayaes
Alguns Mouros correndo se passauão
A quem constrange o medo a ser leaes,
Onde com tudo a muito se arriscauão:
Ou porque pode o interesse mais
Que a fé que ao Maluco quebrantauão,
Ou por amor, passendo ao aduersario
Vem quaes os pares no Olimpio pario.

E cõmo as aues que a monção chegando
De mudarem terreno, ja subidas
No alto Abila, o mar atrauessando
Nas leues asas põe as doces vidas:
Que de rapaces aues que voando
Apos ellas, sam sempre perseguidas,
Hũas leuando auante o firme intento,
A outras faltando a ventura, & vento.

Assi tompendo vem por tantos dannos
(Custando a vida a alguns) estes correndo,
Que passar se querião os Mauritanos,
Sem duuida por certo prometendo:
O que faz esperar os Lusitanos,
Mas vendo vir alguns arremetendo
Como que seus esforços esprimentão,
Com pelouros de ferro os afugentão.

Apartãose os Mouros, porque o dia
Chegado tinha ao curso limitado,
E apos do sol correndo se escondia
No outro Emispherio desejado:
Que como o feiticeyro lhes dezia
Ser infelix tal hora, & lhe he vedado
Darem batalha então, se recolherão,
E os Lusos vendoos ir se detiuerão.

Detem o campo o Rey pio animoso,
E junto ali o arrayal assenta,
Do rio Magazem falso enganoso,
Que ora se mingoa ora se acrecenta:
Aqui pois no repouso trabalhoso
Polas sombras escuras apacenta
O pensamento, & aqui & ali varia,
A leue & bagabunda fantasia.

Ymigina que se vencedor fica
Que Emperador será da Lybia ardente,
Cuyda na fama eterna, & presa rica,
De que ficará rica a Lusa gente:
Templos, teitos soberbos edifica,
E estados ja reparte juntamente,
Vese ali ir no alcance, & mil tropheos
Pendentes ja dos muros Vlisseos.

Rebolue em outro bordo o pensamento,
E vese roto, & ja desbaratado
Pondera o estrago crù, sanguinolento,
E quanto em tal perda era culpado:
Põe os olhos no graue sentimento
Que duraria eterno em seu estado,
Nas Matronas que ficão de giolhos,
E aqui se lhe arrasarão dagoa os olhos.



Neste tempo o Xarife não entregando
Seu confuso cuidado ao esquecimento,
Que de hũa parte & doutra se virando
Quietar o não deixa o pensamento:
Onde da dura cama leuantando
O corpo aflicto, ja sem sufrimento,
Por junto a Maghazem moue o passeo,
Considerando o circulo Lacteo.

Vendo as dezoyto estrelas (dos irmãos
Que Leda em dous ouos deu ao mundo)
E as treze de Friso (que das mãos
De Atamante se salua furibundo:)
As trinta & sete vè (do que cos sãos
Conselhos, fez a Achiles tão jocundo)
E as corenta & duas, nota entanto,
Que a Tindaro custarão tanto pranto.

Vè mais yrado o animal Nemeo,
E Acario recolher na vrna lenta
As lagrimas, que correm polo seo
De Erigone afligida, que lamenta:
Treme o Cangrejo ali do Escorpio feo,
E a Libra desygual hum braço assenta
Outro leuanta, & o animal barbudo
Chora de ver sem pele o inuicto escudo.

Ve Saturno preuerso, & fulguroso
Iupiter, Marte todo de aço armado,
Phebo não ve, que o manto tenebroso
Està por toda a Lybia derramado:
De Venus vè o rosto lagrimoso,
E Mercurio do carrego priuado
De embayxador de paz, & a filha bela
De Latona, turbada & amarela.

A Cinosura, & Calisto espreita
As Arcades ve brauas, & quebrado
O carro, Cassiopela não se enfeita,
O Oriom co Drago ensanguentado:
Andromeda co pay, & a Nao desfeita,
E a Lebre fugir do leuantado
Ladrõ de Ecuba, a Lyra a voz consume
Mudando a cor o Cisne, & costume.

Onde suspenso està na branca area,
Cercado ja de confusam, & espanto,
Morfeo pouco & pouco o turba & enlea,
Cae dos cerrados olhos lento pranto:
A Lũa as claras agoas alomea,
O rio corre mansamente entanto,
E so de quando em quando ali se ouuia
Hũa das aues que mais foge ao dia.

Em seu temor està ali enleuado,
Quando ve vir hum velho venerando,
Co peito sobola agoa leuantado,
A corrente cos braços apartando:
De muitas Nymphas era acompanhado,
Muitos a tras o vinhão ali guardando,
Pessoa de respeito parecia,
Que grande compayxão o enternecia.

Vestido

Vestido vinha a vso Imperial
(E os mais armados, que era espanto velos)
Na mão trazia hum Cetro de coral,
E hũa coroa de lyrios amarelos:
Nũa Vrna caualga de cristal,
E limos verdes erão seus cabelos,
E longa barba, os peitos de espadanas
Cobre, & saem dãs costas verdes canas.

Os outros todos vinhão atras armados
Deste, aquem a muita idade arruga,
Com espadas de ossos de pescados,
E rodelas de negra tartaruga:
Das ricas Pynoteres enconchados,
Que rico às vezes fazem o que as esbruga,
E nas cabeças buzios por almetes,
Que parecião proprios capacetes.

As Nymphas muytas dellas com volantes
Cobrião meo peito a tiracolo,
Rodeando as gargantas de diamantes,
Outras de finas perolas o colo:
E todas tam fermosas & galantes,
Que muito pouca culpa dera à Apolo,
Se assi como se fez pobre pastor
Se transformara entao em pescador.

Pois

Pois o coroado velho assi chegando
Ao Rey sem Reyno que outro omẽ parece,
De la do rio a voz aleuantando,
Oo Xarife (lhe diz) que te adormece:
Recorda ja, recorda miserando,
Que toda a esperança te anoitece,
E aguarda no perigo em que te vejo,
Lugar ao tempo, & tempo a teu desejo.

Deixame estar catiuo & oprimido,
Do Turquesco cruel, braço robusto,
E não te aparte o desygual partido,
(Sendo vencido aqui) do Cetro justo:
A razão faz que o erro & arrependido
Modera às vezes o rigor injusto.
Não penas tam sem tempo deste geito
Coa esperança certa onra & respeito.

Ha dò meu Rey, do pouo Mauritano,
E deste triste velho tão cansado,
Não seja por tua causa o Lusitano
Sangue, por minhas agoas derramado:
E por mostrar a dor do graue danno
Que teme, todo em lagrimas banhado,
Pouco & pouco, se em agoa desfazia,
Com toda a mais chorosa companhia.

Onde

Onde o dormente Mouro ali vacila,
Confuſo na turbada fantaſia,
Não canſando jamais de diuertila,
Que variamente errando deſuaria:
Nas magoas que a figura choro eſtila,
Nas glorias que ymagina chega o dia,
Que a nocturna neuoa deſatando
Faz o trabalho vmano irſe ordenando.

Pois vendo ſe da luz a embaxadora
Venera eſtrela, o Rey triſte & turbado
Graue moſtraua o coração, que chora
Ao pio Luſo, ja determinado:
O qual rindo lhe diz que ſonho fora
Tudo quanto lhe tinha ja contado,
E proſeguindo, aqui lugar me ordena
De entanto aparar a groſſa pena.

CAN-

CANTO DECIMOSETIMO.

Ajuntãose as batalhas, & desordenandose, se perdem os Portugueses.

(:?:)



Perdido vae quem cõm ca-
caminho errado
Quãnto vae mais auante
mais se embrenha,
Ia fica de perigos rodea-
do,
Ou se torne, ou caminhe, ou se detenha:
Vede quanto conuem ser bem cuydado
Qualquer caso & perigo antes que venha
Olhay sem fio de prudencia o danno
Com que ameaça o laberinto vmano.

Está o

Está o Luso Rey co imigo à vista,
Que ja por todas partes o rodea,
Conuem ou que ſerenda, ou que reſiſta:
Nenhum outro caminho o remedea:
Não vê a ora que coelle enuiſta,
Que quem tragado tem o que recea,
Se de ſi proprio a victoria alcança
Como pode temer a imiga lança?

Não monta ao Xarife o que propunha,
(Vencido de temor) que o moço pio
Eſtoque cinge, & groſſa lança empunha,
Tudo o mais ſendo então ja deſuario,
A belicoſa trombà teſtemunha
Ia ſeu volor, que faz o Turco frio,
Hum ſacerdote ja traz leuantado
Nas mãos, a Chriſto ali crucificado.

Põe os olhos a gente entriſteeida
No gram poder do Barbaro inſolente,
Onde com muda lingoa & cor perdida,
A morte repreſentà ver preſente:
Qual o que largas contas faz à vida
Tendo ja de coſtume ſer doente,
Que o medico lhe diz que vae morrendo,
Aſsi de nouo eſtão contas fazendo.

Correm pola memoria o duro corte
Que se aparelha à triste gente Lusa,
Lembralhe a doce vida, & amarga morte,
Fica suspensa, & com razão confusa:
Mas com peito veril, robusto, & forte,
Imprimirlhe não pode o medo escusa,
De não porê nas mãos da lealdade
Molheres, filhos, vidas, liberdade.

Onde todos por terra ja banhados
Em mar de contrição & penitencia,
Pedem a Christo perdam de seus peccados,
Que nunca assi nos negará clemencia:
Tomando as armas apos isto ousados,
E vestindo o valor de diligencia,
Passão o rio alem, & ardido feno,
Do fertil campo, & arido terreno.

Num ombro as armas, noutro o mãtimẽto
Leuão, turbase o rio, os carros gemem,
Soa o rumor das vozes torbulento,
Não so os campos, mas as serras tremem:
Abuitres dão atras asas ao vento,
Esperando a batalha, os peitos fremem,
Vendo que em baixa voz se comunica,
Que grande mortandade sinifica.

Pisão Chahamida (que era assi chamado
O campo, que em Mourisco diz Adarga)
Ia aparece o Orizonte rodeado
De imigos, ao Xarife vista amarga:
Que qual o curuo Iris, ou inneruado
Arco, a que Turquesco braço auarga,
Parece. que pretende o pouo immundo
Deste modo abraçar o largo mundo.

Agora Virgem pura alta senhora
Inspiray vos em mi hũa voz diuina,
Hum nouo alento, com que cante agora
O triste fim da gente peregrina:
Cercada està de morte, mas bem fora
De passar polo jugo & paz Candina,
Dà o Sol lumeja esti aordinario
Como quando temeo a Belisario.

Turba confuso a luz serena & clara
Como quando mostrando altos segredos
Cobre de dò a radiante cara,
Os Lidios inuestindo os brauos Medos:
A dor que mostra ali não se compara
Aa que causa no mundo tantos medos,
Quando a Romana prole a espada ingrata
Por Cesar & Pompeo disbarata.

E tendo

E tendo ja deixado o amado berço,
Cuberto assi de pranto doloroso,
Passando cas ja o diurno terço
O triste & escuro dia sanguinoso:
Dispara de emprouiso o ferreo Berço,
O Falcão, & Camelo temeroso,
O Leão, a Espera, a Culebrina,
Que parece que o mundo se arruyna.

Saem polas bocas dos canhões ardentes
Espessas nuues, que se estão torcendo
Como rabos de Dragos & Serpentes,
Varios nós fazendo & desfazendo:
Vão polo ar depois, em differentes
Formas, castelos, montes parecendo,
Os pelouros crueis causando entanto
A huns descanso eterno, aoutros pranto.

Deyxão por onde vão praça vazia,
Rodão robustos membros palpitando,
Ve o triste seu braço ou perna fria,
Ir os proprios amigos derribando:
A cabeça do quarto que pendia,
ESVS, parece estar pronunciando,
E o coração no bofe inda pegado,
No doce nome se abre aluoroçado.

Onde o Cunha & Mezquita, q̃ entenderão
Ser tempo de pôr fogo aos grossos tiros,
Animão os bombardeiros, q̃ estenderão
Os braços, cos murrões polos suspiros:
Aquia terra, o mar, & os ceos tremerão,
E voão polo ar fumantes giros,
Firmandose os celestes mouimentos,
Titubando hum espaço os Elementos.

Sae do metal vazio o rayo ardente,
Ora hum trouão, ora outro ali se ouindo,
Responden os do imigo juntamente,
De negro fumo os campos se cobrindo:
Ouuemse as magoas da ferida gente,
Que aos amigos socorro estão pedindo,
Voa a cabeça polo ar rinchando
Do caualo que fica perneando.

Vão diante as carretas do pelouro
Que nellas dà, porterra espedaçadas,
Vindo chegando o belicoso Mouro,
Apos de setas, dardos, bombardadas:
O Luso tambem qual yrado touro
Sacudindo as garrochas que fincadas
Em si ve, neste tempo está bramando,
De remeter ao imigo desejando.

Ma

Mas porque os Mouros vem a passo lento
Os nossos pouco & pouco rodeando,
Querem que passe o estrondo turbulento,
O ar em tanto se desafumando:
Onde rompendo a yra o sufrimento
Quã perto hũs estão doutros se mostrãdo,
Não podendo sofrer tamanha injuria
Remetem os Lusos com dannosa furia.

Tudescos remetião, & auentureiros,
A ordem antes proposta preuertendo,
Vão como bons & fortes caualeiros,
O dano a muitos delles entretendo:
Disparão nelles logo os mosqueteiros,
Vão co temor da morte enfraquecendo,
Da no Tauora ali hũa bala ardente,
E logo outra no primo juntamente.

Passa as entranhas outra ao valeroso
Tudesco, que os Tudescos gouernaua,
Confundese o escoadrão, & temeroso
Cada hum, passar auante receaua:
Leuanta nisto o Mouro belicoso
Hũa grita que as nuues penetraua,
Grita tambem a queda companhia,
Que se recolha a que onrada morria.

Retirase isto vendo, a mal sufrida
Gente, de presa hum pouco destroçada,
Perdendo a onra hum, & outro a vida,
A troco inda de fama desonrada:
Entra a gente que vem rota & vencida:
Polo meo da que inda está ordenada,
Vanse coella os escoadrões turbando,
E pouco & pouco assi desordenando.

Bẽ como quando por Othom os Romanos
Contra o Grego Basilio a lança apertão,
Que juntamente cos Venezianos
Os escoadrões inteiros desconcertão:
Assi se misturarão os Lusitanos,
São casos que na guerra a caso acertão,
He a culpa de muytos menos graue
Posto que ri Philipo de Lansgraue.

Mas pois Ladislao entra nesta conta
Com Estrigonia, donde o mal lhe veo,
E Segismundo, quando a yra pronta
Turquesca os presos corta polo meo:
Consolese Luys na ygual afronta,
Que se o Mogacio campo deixa cheo
De tropheos, não ri Veneza delle,
Que Homabei desculpa a nos & a elle.

Pois

Pois coa mesma desordem os mesmo danos
Caem sobre os Portugueses a porfia,
Cae o Marques dos inclitos Romanos,
Banhando em tibio sangue a terra fria:
E hum dos Coroneis dos Lusitanos,
Que Tauora por nome se dezia,
Tambem doutro pelouro o alento espira
Depois que ao ceo os turbos olhos vira.

Cae hum & outro forte Capitão,
Cae Alexandre em terra mal ferido,
E trabalhando pola vida em vão
Foy do trabalho & mort em fim vencido:
Aqui os mais dos valerosos sam
(Daquelles que ja tenho referido)
Mortos, & dos que o nome não declaro
Aqui por seu valor o fazem claro.

Acaba aqui a mais da Lusa gente,
Tudo sam magoas tristes, altos gritos,
Tudo pedir perdão ao omnipotente
Senhor, tudo pelouros enfinitos:
Acode hum a quem a bala ardente
As entranhas passou (que seus contritos
Peccados inda teme) ô vos Senhora
Sede vos peço minha valedora.

Outros com outras magoas semelhantes,
A quem mais breuemente a morte toca,
Vozes roucas nas linguas tremolantes
Murmurão, dentro na viscosa boca:
Estrago com que aos tristes circunstantes
O temor a mayor temor prouoca,
Restringindose tanto cos esquiuos
Pelouros, q andão os mortos como viuos.

O que vendo os imigos em alto grito
Victoria vem dizendo, mas de ousados
Muitos vão ver o Reyno de Cocito,
Da Lusa espada os mais escarmentados:
Do poder furibundo & infinito,
Ia neste tempo cas rodeados
Os escoadrões, num corpo reprimidos,
Que estão do estreito cerco restringidos.

Pola parte do rio vem pegando
Cos Mouros do Xarife os que seus forão,
Forçadamente os tristes desejando
De conseguir o fim que depois chorão:
O misturado sangue misturando,
Ia derramado em terra, eites que adorão
A Masamede, todos Mauritanos,
Dúa ley, dúa patria, assi inumanos.

Cortão

Cortão pernas, cabeças, ventres, braços,
Paſsão co agudo ferro entranhas, peitos,
Abreuião das vidas os eſpaços,
Chorando o fim para que forão eleitos:
Cortão corpos em dous & tres pedaços,
Que totalmente ficão ali deſfeytos,
O que vendo o Xarife & os Africanos,
Aos eſcoadiços ſe encoſtão Luſitanos.

Mas o Duque de Aueiro não ſofrendo
Tal medo, cos que ali tinha conſigo,
Com deſuſada furia remetendo,
Põe em fugida o temeroſo imigo:
A groſſa & aguda lança ali metendo
Por hum & outro peito, & armado imigo,
Aos que encontra as pernas reuirando,
A vida de Mafoma demandando.

E o Xarife apos elle de corrido
Com fera viſta os Mouros ja derriba,
Incurua do na lança, & recolhido
Na ſela, onde os pès com força eſtriba:
Que qual cae do caualo mal ferido,
E trabalha ſubir com preſſa arriba,
Qual a morte tragando, ſe rebolue
Nas proprias tripas, onde o corpo embolue.

Pois o Franca & o Pita valeroſos,
Cos Tangerinos, ja crueis enſopão
As lanças nos imigos, que orgulhoſos
Coelles ſem temor os peitos topão:
E por cima dos triſtes deſditoſos
Os ferrados caualos ja galopão,
Entranhas, & miolos palpitando
Polo vermelho campo derramando.

E el Rey da outra banda, & dom Duarte,
Que neſte meſmo tempo a lança empunha,
A Hamete, & a Mumen daquella parte
Cos que ſeguindo o vão vence & repunha:
Derriba ora hum & outro eſtandarte,
Furor que ja a Saide terror punha,
Ia vão victoria em alta voz gritando
Os que vencidos caem atropelando.

A redea ſolta o Mouro vay fugindo,
De ſeu ſangue vermelha a terra fica,
A hum do ventre as tripas vão ſaindo
Do peito a outro corre o ſangue em bica:
Ora hum, ora outro, aqui & ali caindo,
Que ſeu caualo em vão açouta & pica,
Qual viuo do eſtribo arraſto pende,
E qual os rabos dos caualos prende.

Qual

Qual morrendo, cos pès & braços treme,
Qual os terrenos olhos em aluo vira,
Qual do caualo em terra dando geme,
Qual dando a alma, o corpo inerto estira:
Qual a vida vendendo cara, freme,
Executando a rigurosa yra,
Qual se cruza, & entrega por vassalo,
E qual sobe no alheo ou seu caualo,

Noua que a fama leua murmurando
De boca em boca a li ligeyramente,
A tè dar no Maluco, que tragando
Estaua a morte feo & descontente:
Que vendo que se vinha retirando
A toda a pressa a Agarena gente,
Não podendo beber trago tão forte,
Bebeo então o damargosa morte.

Torna a fama voando num instante,
Susurrando esta noua pouco crida,
Não vão coa victoria por diante
Por auerẽa couſa por vencida:
O que vendo os que abitão no Atlante
Auendo por desordem conhecida
Não se mouerem os turbos elcoadrões,
Animão outra vez os corações.

E cer-

E cercando com grita a retaguarda,
Nas costas dão dos que co Duque abatem
Caualos, em que foge a gente parda,
Que cos ferrados pès a terra batem:
Na outra, que seguindo el Rey não goarda
As costas, porque mais a dis baratem,
Dão com soberua furia ousadamente,
Pondo em aperto a pouca & forte gente.

Mas logo virão os fortes Lusitanos
(Que ja dous mil não cuido que serião)
Cercados de infinitos Mauritanos,
Que bem corenta mil se contarião:
Aqui de casos tristes & inumanos,
E da funesta grita os ceos se abrião,
Cobrêo campo aqui mêbros & entranhas,
Vense não vistas & orridas façanhas.

Volta o Xarife o rosto, apressa ouuindo,
Com que o rumor das armas retinia,
Ve que de Hamete vão os seus fugindo,
Que dum golpe nõmais alguns fendia:
Estribase elle então feroz, brandindo
A lança, que sobraço ja metia,
Quando Hamete (que os olhos nelle tinha)
Do mesmo modo a redea solta vinha.

Encon-

Encontranse os dous Mouros valeroſos,
Quaes enojadas ondas, retumbando
O ſom do encontro polos cauernoſos
Vales, hum largo eſpaço o murmurando:
E ſendo no paſſar pouco ditoſos,
Dos corpos & caualos ſe topando
A terra cada hum por detras veo,
Quebrandolhes as cilhas polo meo.

Caem os fortes varões amortecidos
Crece ſobre elles infinita gente,
Rompem o eco Numidios alaridos,
Porque o furor aſsi mais ſe acrecente:
Eſtão em terra eſſes dous vencidos,
Com razão cada hum pigro & dormente,
Não canſam ali os ſeus de ſoccorrelos,
Onde acabão os mais por defendelos.

Acode ali Goterre, & Haſſan, robuſto,
Quando ja o Xarife ſe leuanta,
E com peſada mão o Mouro injuſto
A ſe & ley magnanima quebranta:
O ferro faz ficar na carne juſto,
Depois que malha corta & coura de Anta,
Cae outra vez o Rey do golpe inorme,
Que caſi o fende, & diferente dorme.

Chega

Chega nisto Albiquitim, banhado
Todo em sangue do Agareno imigo,
Rompendo aquella gente denodado
Por socorrer a seu senhor & amigo:
Veo por terra morto derribado,
E ve que Hamete (ja em pè) no embigo
A espada lhe punha, & esquivo brada,
Não ponhas em teu Rey Hamete a espada.

Apos isto a cruel Alfanja esgrime
Não temendo dos muytos a pujança
Como que mais que a vida a morte estime,
Em tomar de seu Rey justa vingança:
Onde o irmão Ajus que nalma imprime
A magoa de tão aspera lembrança,
Coelle juntamente ali remete,
E diante no mor perigo se mete.

Fere, mata, destrue, o moço ousado
Quantos diante topa, mas comprida
A conta de seus dias, foy forçado
Por lhe limite a morte à onrada vida:
Encontra com Heldede, que enojado
De verlhe a roupa ja toda tingida
De Mouro sangue, a elle se arremessa,
E a lança no peito lhe atravessa.

Caè com

Cae com terrena cor o moço forte,
Coa boca negra os olhos escondendo:
Ve o Duque de Aueiro a crua morte
(Que o campo aqui & ali vae discorrendo:)
Remete embebendo o agudo corte
Em tres que deixa por detras gemendo,
E contra os que se opõe o ferro aperta
Depois que bem na sela se concerta.

A huns derriba, a outros fere & mata,
Que a furia em nenhum Mouro modera,
Rompe escoadrões, fileiras desbarata,
Ia ninguem por diante ousado o espera:
Qual porco agreste que sae da espessa mata,
Que bate a orelha abrindo a boca fera,
Lebreis, Sabujos, ante si leuando,
Huns & outros ferindo & diuorando.

Assi o forte Duque vae rompendo
Polos crueis imigos denodado,
Muitos coelle então cáras vendendo
As vidas, por ficar seu nome onrado:
E Albiquirim a tras, jamais erguendo
Em vão a curua espada, assaz vingado
Deixão o moço Ajus & o Rey dos Mouros
Passando auante quaes furiosos touros.

Fica

Ficã o Xarife ali morto, & cercado
Do proprio pouo seu, que o desentranha
Qual Anteam em Ceruo transformado,
Que dos cães proua a voracc sanha:
Que hum na garganta ali encarniçado,
Outro no ventre já, nunca tamanha
Troca de tempo auaro & dura sorte
Se vio, nem tão cruel & bruta morte.

Dá o rumor no pronto & aberto ouuido,
Do valeroso Cunha, que seguindo
Vem seu Real senhor, ja mal ferido,
O sangue à morte o caminho abrindo:
O qual no corpo morto & ja vencido,
Vendo tal crueldade, presumindo
Ser aquelle o Xarife, a liberdade
Que lhe deu, pos nas máos da lealdade.

E assi na bruta turba encarniçada,
O caualo lançando arrebatado,
O braço dà a adarga, a mão à espada,
Terribel, rigurosso & denodado:
Corta, desmalha, abate a desceuydada
Gente de tal furor, & acelerado
Qual ateada chama em seco feno.
Passa matando o Barbaro Agareno.

Mas não esgrime longo espaço, quando
O medonho Aghanuz coelle se topa,
O corpulento lombo corcouando,
Sobre animal que indomito galopa:
E a lança quatro vezes sopelando
No tenro peito despedida ensopa,
Caindo turbo della atrauessado,
Iunto do amado Rey o seruo amado.

Ia qual com curua fouce o Galo rudo
Vae derribando o maduro trigo,
Hya esgrimindo o Duque o ferro agudo,
Por antre o pouo Barbaro enemigo:
Quando lhe passa hum pelouro o escudo,
Que abre porta nas costas polo embigo,
Onde do mortal golpe ali turbado
Os olhos ergue ao ceo pronto enfiado.

Dizendo: Oo senhor da Eterea corte
Ia coa boca hum pouco denegrida)
Iuray por vosso amor da eterna morte
A quem por vossa fe so perde a vida:
Depos isto lembrandolhe a consorte
Que traz no coração sempre metida,
A turba vista choro que cahya
Mostra que amor coa morte ali porfia.

Anima amor a voz rouca & tremante,
Que a doce & amada esposa ali nomea,
Não podendo passar mais por diante,
Que a mortal turbação a lingoa enlea:
Cae pallido em terra o triste amante,
Quando chegaua à palaura & mea,
Banha de sangue o já roxo terreno,
Tem cos olhos no ceo rosto sereno.

Não era, não tal guerra, como aquella
Em que o senhor dos Mermidões ousado
Toma por força a fadada escarcela
Ao fabuloso Cirne mal fadado:
Nesta não val esforço nem cautela
Que igual he o couarde do esforçado,
Não com lanças nos ferem os feros mouros
Mas com infinitissimo pelouros.

Com pelouros derribão os que seguindo
Vão o ja morto Duque por vingalo,
Hum & outro, aqui & ali caindo,
Estrago importuno de contalo:
O peiro coa lança logo abrindo
Suphieni, ao que ali cae do caualo
Não perdoando a vida a lança crua,
Nem òs da propria Secta & patria sua

Onde os de Tanjár ja desenganados
De saluação algũa, vendem cara
A vida, & como fortes & esforçados,
Na escura morte fazem a onra clara:
Aqui o Franca, & o Pita denodados
Vendo que lhe era ja a fortuna auara,
Debayxo dos direitos ombros metem
As lanças, & òs imigos arremetem.

Vão ora hum & outro derribando,
Outros pondo em fugida, mas a sorte
Que o triste fim lhe andaua ja ordenando,
Abreuia o tributo a fera morte:
Porque Aganuz a caso ali encontrando,
Do valeroso Pita o peito forte,
Lhe faz da vida ao fim breue interualo,
Caindo polas ancas do caualo.

Passalhe o agudo ferro o ventre armado
Que por mil partes ja aberto estaua,
Vae por diante o Mouro acelerado,
Que mortos pisa, & viuos derribaua:
Por outra parte Hassan fero enojado
O velho Franca derribado achaua,
Que como ve que a elle se reuira,
A lança de arremesso ali lhe atira.

Cae della atraueſſado o triſte Franca,
E inda aſsi feroz ſe leuantando
Remete a hum que aguda alfanja arranca,
A ſeus pès ſo dum golpe o derribando:
Mas outro a mão neruoſa a barba branca
Duas vezes ouſado ali voltando,
Por hũa cutilada que recebe
No velho peito a larga eſpada embebe.

Da outra parte el Rey a grita ouuindo
Do enemigo, que por detras vinha,
A vencedora gente deſtroindo,
Da qual a mayor parte morta tinha:
Na mão a lança ali terça brandindo,
E contra os enemigos encaminha,
Fortemente naſcela em pê ſe eſtriba,
E tudo o que acha morto ao chão derriba.

Ali o fero Bárde não deſmaya,
Que qual Ariom de Adaſtro celebrado
Encontra outro que tinha a pele baya,
Sobre o qual vem hũ Mouro forte, ouſado:
Eſte a el Rey encontra coa azagaya,
Que qual firme penhaſco ao rolo inchado
De furioſas ondas firme, & quedo,
Lhe parece que topa num rochedo.

Mas

Mas el Rey caso delle não fazendo
Cótra hum tropel que vinha a lança apresta,
E sobre ella encurvado vae rompendo
A hum o ventre, a outro o peito & testa:
Aqui qual Tigre Ircano remetendo
A quem manada rustica molesta
No cercado corral, que dos notilhos
As entranhas leuaua para os filhos.

Quebrando a lança, a larga espada tira,
A huns cortando pernas, a outros braços,
Qual pelouro, qual dardo ou lança atira,
Que nas armas se fazem mil pedaços:
Ia hum tropel contra elle se conspira,
Que remetendo vem dos omens baços,
Da hum pelouro ali no Barde ardente,
Que em terra cae co Rey supitamente.

Crece aqui gente dũa & doutra parte,
Mas fazem ao forte Rey largo interualo
Os que militão ali co duro Marte,
Atè que lhe trouxerão outro caualo:
Aqui cercão os Mouros o estandarte
Luso, que dom Luys leal vassalo
Defendendo, cahyo coelle abraçado,
O caualo dum tiro trespassado.

Onde poucos mancebos acodindo
Para quantos os Mouros então erão
Vão os peitos dos Barbaros abrindo
Que cerçalos no meo pretenderão:
Cabeças, pernas, braços diuidindo,
Dos que depois em vão se arrependerão,
A seu Rey rodeando & defendendo,
Que a vida mostrão estar aborrecendo.

Está cercado o Luso, & o vencimento
Vendo bem claro ja da Lusa gente,
Os olhos leua ao ceo & o pensamento,
Com coração turbado & descontente:
Dizendo: Oo diuino entendimento,
Que tudo medes la direitamente,
Como permites que victoria veja
Quem contra tua fe senhor peleja?

Em mi que so fuy causa deste danno,
Executa o castigo de meu erro,
E Não no triste pouo Lusitano,
Passado casi todo a chumbo & a ferro:
Quebranta o furor deste Africano,
E liura os teus senhor deste desterro,
Desterro, pois de ti desamparados
Vão de vencida ja desbaratados.

E apos isto brandamente vira,
Os olhos ao Tauora que estaua
Turbado, o qual mudo ali suspira,
Que a dor à triste voz lugar não daua:
Amor o cerra, & temor o admira,
De lagrimas os olhos arrasaua.
Vendo que como quem se despedia
Desta maneira o moço lhe dezia.

Oo meu leal & verdadeiro amigo,
Em quem eu tiue sempre confiança,
Bem vedes ja victorioso o imigo,
E de meu Cetro a cruel mudança:
Da saluação incerta o certo perigo
Nos tira de remedio a esperança,
Para que he dar à dor mais largo espaço,
Abra caminho à morte o duro braço.

Vamos buscar no rigoroso corte
Do enemigo a fama ja abatida,
Onde onra se acha ali se busque a morte;
Onde acaba a esperança acabe a vida:
Isto dizendo, o leal consorte,
Que a furia ve do Rey embrauecida,
Cos olhos no perigo lhe replica
Que a vida tudo adquire & purifica.

A vida tudo ali lhe diz que alcança
Que desculpa, conserua, & vinga tudo,
Que tem sempre no imigo pronta a lança,
E atada a lingoa ousada ao pouo rudo:
A morte sendo sempre da esperança
Terrena o fim, mas embraçando o escudo
O furioso Reya grande pressa
Antre os enemigos se arremessa.

E qual em curua rede o namorado
Delfim, vae pensatiuo & saudoso,
Do piscatorio laço descuydado
Ja do rumor das vozes temeroso:
Que junto à terra vendose cercado,
As barbetanas bate furioso,
Na fresca malha larga porta abrindo
Ao meudo escoadrão que o vae seguindo.

Assi o brauo moço arremetendo,
No bosque espesso de ferrados Freyxos,
Vae seguro caminho aos seus fazendo
Rompendo ventres & barbudos queixos:
Hum cae sem alma, outro cae gemendo,
Chouem sobrelle setas dardos seixos,
Ligeyro acode aqui, & ali se vira
Onde por elle algum dos seus suspira.

Não

Não de outro modo que Lioa yrada
A quem turba Numidica rodea,
Cos arriçados filhos da afumada
Gruta laindo, de braueza chea,
Que à vingança cruel determinada
Por antre a ruda plebe esquiua & fea
Mordendo, os dardos rompe & desbarata
O escoadrão, diuora, escala, & mata.

No pronto ouuido dando da furiosa
Mãy a voz ja cansada & afligida,
Dum filho & outro, que com rigurosa
E aspera braueza acaba a vida:
Onde saltando incerta & duuidosa
Aqui & ali cruel & embraueci da,
Quando hũ amor a chama, outro a suspẽde,
E assi mais chea de yra o vulgo offende.

Coa mesma braueza o Lusitano
Liura muitos ali da morte dura,
De tamanho furor tamanho dano
Enchendo de almas ja a barca escura:
Diante leua o pouo Mauritano,
E a hum do coto a mão se dependura,
E doutro a barbuda face pende,
Outros co ferro graue talha & fende.

Pois os que atras o vão acompanhando
Tirão do danno alheo eterna gloria,
Mas fica sepultado o esforço, quando
Porfia & cansa em vão contra a victoria:
Huns vão crecendo, outros vão mingoádo,
Partido desygual de triste estoria,
Caẽ hum & outro: que valor não monta
A breue fim se chega a breue conta.

Por outra banda o inclito Duarte
Tambem anda por terra derribando
Os que encontra, acodindo a toda parte
Onde socorro & ajuda estão bradando:
Que qual inuicto furioso Marte
A miseranda plebe atropelando,
Rompẽdo vae por antre quem lho empede
Por dar fauor & ajuda a quem lha pede.

Onde Albedelcarim por dar vingança
De tamanho destroço, as redeas larga
Em banda, & a elle se abalança,
A alfanja nũa mão, na outra a adarga:
Mas Duarte entrestando a grossa lança
Ao caualo tira a graue cãrga
Fazendoo ir por terra ali rodando
Por cima dos que estão fauor brãdando.

Andan

Andando neſte tempo encarniçado
Hali, o rudo vulgo eſpedaçando,
O ſeno que de ſangue eſtà empapado
De corpos ſem cabeça ſemeádo:
Qual famelico lobo no cerrado
Corral, vae os cordeiros degolando,
O que vendo dous Condes, brauamente
Rompendo vão pola Agarena gente.

O do Redondo ſam, & o de Linhares
Na guerra forte, & na paz bem quiſto,
Enueja faz o par aos doze pares,
Rompendo vão os q̃ não crem em Chriſto:
João as triſtes vozes populares,
E por Hali o certo perigo viſto,
A defeſa empoſsiuel ſe ordenaua,
Quando por ali Saide atraueſſaua.

Montando muito pouco a noua a juda,
Que o brauo de Linhares chega ouſádo,
E faz que apos ſi leue a eſpada aguda
Dũ golpe} touca de hũ & ombro armado;
E outro dum reues a boca muda
No celebro, que no chão eſtirado
Pola orelha arreueſſa, & alma eſpira,
Onde turbada a turba as coſtas vira.

Vão

Vão por diante atras da inica gente,
Que sem concerto a tombos vae fugindo,
Qual impetu de supita corrente,
Varios caminhos sem caminho abrindo:
Vão por detras ladrando juntamente
Outros muitos, as lanças esgrimindo,
Estando ja ferido o forte Aldana,
Rodeado de gente Mauritana.

Estaua o triste a pè feito em pedaços,
Vendendo cara a vida trabalhosa,
Rodeado daquelles omens baços,
Que lhe procurão morte rigurosa,
Onde Tabbahà a espada com dous braços
Esgrimindo cruel & temerosa,
No tempo que a cabeça o triste adarga
Lha mete elle a seu saluo pola ylharga.

Veisto o Gama, a quem ja desempara
A força de cansado, que correndo
A hũa & outra parte, nunca achara
Seu Rey, a seu officio respondendo:
Que como vio que o Mouro atraueslara
O peito ao Capitão, arremetendo,
Duas portas à morte de hum abrio,
Que entra por onde o sangue lhe fugio.

Mas Albedelcarim disto enojado,
A mão ezquerda à gola de aço estende
Do triste velho, na dereita alçado
Tendo o terçado, que elle ao Mouro prende:
E em quanto hum & outro está occupado,
Em duas partes lhe a cabeça fende
O membrudo Manfor que então chegaua,
Quando ao Mouro o Gama derribaua.

O que acertou de ver o velho Conde
Da Videgueira, que ouuindo a presa
Onde o rumor das armas mais responde,
A hum na grossa lança ali atraueſſa:
No peito a outro logo a espada esconde,
Onde qual dardo ou lança lhe aremessa,
Qual ardente pelouro, & em fim acertado
Foy do caualo morto derribado.

Contar casos estranhos, & espantosos
Esforços nunca ouuidos, cutiladas
Não vistas, por estenso a valerosos
Dar o louuor de cousas finaladas:
Seria imitar a fabulosos,
Pois quem conta façanhas desusadas
Em pago do aliuio que procura
Ao ouuinte, o credito aventura.

Dos

Dos que somente tenho referido,
E particularmente nomeado,
Faço menção nõmais por ser sabido
Ser cada hum dos mais tão esforçado:
Euito a ser proluxo & mais comprido,
Caquilo a que meu conto está obrigado,
E por isso não posso tratar delles,
Por não auer tambem papel parelles.

Mas tornando a seguir minha jornada,
Qual animoso aqui & ali galopa,
Qual embacia & bòta a terza espada,
Qual a lança no Elche ou Mouro ensopa:
Qual com valor & furia denodada
Co caualo o de seu imigo topa,
Entendendose claro que puderão
Vencer, se os de pè os socorrerão.

Mas a gente confusa & apertada,
Chea de espanto, dentro se metia
No escoadrão da ja desordenada
Turba, como cada hum melhor podia;
Qual de ouelhas (lanigera manada)
No largo campo juntas ao meo dia,
Hũas a outras sombra se fazendo,
Se vae no meo hũa & outra metendo.

Assi o rudo pouo amedrontado,
Huns com outros guardados & escõdidos,
Num corpo reprimido, & apertado,
Andauão mais medrosos que corridos:
Cada vez mais crecendo o acelerado
Furor dos enemigos & alaridos,
Onde por se liurarem desta afronta
Apalpão ja se o retirar lhes monta.

Mas ali Bastião depois que encima
Foy do Bonito (qual o feroz Xanto
De Palux) a sua gente tanto anima
Que faz aos seus vergonha, & ao Mouro es-
Em como a õra mais q̃ a vida estima (pãto
Rompendo os enemigos, tudo quanto
Diante se lhe põe por terra lança,
Banhãdo em sangue ora hũa ora outra lãça.

Vae furioso tudo atropelando,
Mas logo ao encõtro hum Mouro esquiuo
Lhe sae a dianteira lhe tomando,
Mostrando bem ser o Virrey altiuo:
O qual a Cimitarra leuantando
Com que não cuyda que ficasse viuo,
Hum golpe sobre o elmo lhe carrega
Que perturbado ao arção se pega.

Fica

Fica sentido o moço & enuergonhado
De verse assi ferir, a espada aperta,
E ao Mouro remete, que adargado
Por bayxo tem a alfanje mea cuberta:
Dalhe com tanta força o moço yrado,
Que se em cheo de gume então lhe acerta,
Sem duuida ficara ali partido,
Mas vay com tudo ao chão amortecido.

Passa auante feroz, & o rosto vira
A Manfor, que matando hum Luso estaua,
Ao qual de reues hum golpe atira
Que adarga, touca & carne lhe cortaua:
Logo o Chaya coelle se conspira,
E cada hum a alfanje leuantaua,
Polo partirem ambos polo meo,
Mas muy ao contrairo o fim lhes veo.

Que o Rey vendo o perigo que não teme,
As perbas ao caualo à pressa bate,
Por antre ambos passando, & dando geme
Em Manfor, que atordido a terra abate:
Encontrando ao Chaya que freme,
Vendo dum so tamanho disbarate,
Sendo com tudo delle mal tratado,
Mas passa por diante assaz vingado.

Indoo

Indoo seguindo o seu Tauora amado,
Que nũca em nenhum tempo o desampara,
Companheiro lhe foy no alegre fado,
Nãno deixa de ser na sorte auara:
Não lhe mudou o amor mudarse o estado,
Ygual na doce vida, & morte amara
Segue sempre o seu Rey: ô grande amor
A que chegar não pode algum louuor.

Amor que nunca outro o ygualou,
Fe, amor, que enuergonha a Labieno,
Ao qual Efestião nunca chegou,
O de Zopiro sendo mais pequeno:
De Teseo, & Perito não cantou
A fama tanto amor, nem o que ô terreno
Da patria deixa, so de amor veneido
Por Scipião, foy nunca tão crecido.

Vão apos elle os mais ousadamente,
Caualos, Mouros, tudo derribando,
Crece em socorro da Agarena gente
Poder immenso balas atirando:
No caualo del Rey dà hũa ardente,
Torcendo os olhos cae no chão escumãdo,
Salta ligeiramente fora delle,
Lanças, pelouros, chouem ali sobre elle.

Dalhe hum pelouro & outro, retinindo
Nas duras armas de aço, temperadas
Por tal arte, que a tudo reſiſtindo
Não temem ſetas, dardos, nem lançadas:
Por mil partes o andão ali ferindo
Os Mouros, que ſe forão ellas fadadas
Como as de Ector & Achilles, não duuido
Que fora mais de preſſa ali ferido.

Mas a artifice tempera moderna
Excede a toda a outra fabulada,
Ou Seja de Vulcano, ou dagoa Auerna,
Tão temida no mundo, & deſejada:
E o braço que com força & arte gouerna
Aquella aguda, & ſanguinoſa eſpada,
Inda lhe foy ali melhor reparo,
Que faz que a muitos cuſte o orgulho caro.

He meo ali do orrido limite
Da Mauritana desditoſa vida,
Onde conuem que a dor & temor grite
Na mortal ora & triſte deſpedida:
Ali o Rey, porque a furor incite
Os que tinhão a furia ja perdida,
A dous derriba, & faz largo terreno
Bem à cuſta do Barbaro Agareno.

Sobindo no Cabreira otro caualo,
Qual o famoso Silaro ligeiro,
Ve morto hum & outro leal vasalo,
Determina de serlhes companheiro:
Não ousa nenhum Mouro de esperalo,
Por mais que seja forte caualeiro,
Mas por detras o vão sempre ferindo,
Adargados diante lhe fogindo.

Como acontece quando rodeada
(A triste aue que aborrece o dia,)
De varios passarinhos, que enojada
Saeja do tronco, ou curua penedia:
Onde a turba volante amedrontada,
Qual carcareja, chilra, ou assouia,
Indo diante timidos voando,
E muitos por detras a depenando.

Por este modo vay o Rey potente,
Cercado de ameaços & alaridos,
Aos quaes acode infinita gente,
Com dardos, lanças, & farpões compridos;
Concorrem Portugueses juntamente,
Voão jaos pelouros escondidos,
Caem por mil partes muytos sem ventura,
De mole sangue enchendo a terra dura.

Ouueſe hum & outro breue eſtrondo,
Couſa bem certa dalgum longo pranto,
Cae de improuiſo o Conde do Rodondo
Quem não teria ali com magoa eſpanto?
Mas atras a eſperança os olhos pondo
No ceo eſte varão, ſolta entretanto
A voz extrema, que cortada fica
Nos beiços quando ali perdão replica.

A onde a belicoſa iniqua gente
Os eſcoadrões rodea, que eſperando
Eſtão ſem defenſam confuſamente
A dura morte que os vae tragando:
Aqui a frecha, o dardo, & a bala ardente
A hum & outro, os annos limitando,
Fazem eſpeſſa nuue, & negro teito
Depois rios correr de cada peito.

Qual prenhe trouoada no furioſo
Inuerno, quando o ceo turba & rodea,
Que do vmido ventre tenebroſo
Com granizada chuua o chão ſemea:
Aſsi ſobre o Luſo valeroſo
Tudo o conſume, & nada o remedea,
Parecendo fazerem ſe eruas Mouros,
E chouerem do ceo ſetas pelouros.

Desta maneira os tristes sem ventura
Acabão, onde hum moço a espada braua
Bruta de sangue enche a praya escura
Dos que decendem da engeitada escraua:
Dom Iorge Telo he, porque ja jura
Corrida fama dos que celebraua,
De não cantar nenhum valor passado
Pois este deue ser so celebrado.

Este o Guyão do Luso Rey trazia,
Sem temor remetendo brauo & ousado,
E a fama dos Erois escurecia,
Que tanto illustra o siglo ja passado:
Morto hum caualo, & outro lhe cahya,
Cũa mão no Guyão, neutra o terçado:
O nome Lusitano alto & preclaro
Faz ali a pesar do tempo auaro.

Ora vede se hum moço he assi estamredo
Tão valeroso, de tão poucos annos,
De quem o Mouro està mudo & pasmado,
Que serião os outros Lusitanos:
Entendase que o menos esforçado
Lhe coube em sorte mil dos Mauritanos,
Mas inda que a hum tres mil couberão
Nem por isso vencer tantos puderão.

Era a ſoma enfinita que rodea
(Por todas partes) os desbaratados,
O viuo ali debayxo ſe menea
E grita em vão, dos corpos treſpaſſados:
Algum ſe quer valer de ajuda alhea,
E ve depois os braços ir pegados
No cabo do caualo que paſſaua,
Que ſem no arrancar lhos arrancaua.

Outros aferrão co furor da morte
As pernas dos canſados caualeiros,
Vindo ambos a terra deſta ſorte,
A ſer por força nella companheiros:
A boca a outros piſando algum conſorte
Calando vão os accentos derradeiros
Da triſte voz, que aquem remedio brada
Lhe acaba ali a vida trabalhada.

Onde o inuicto Baſtião eſgrime
O ferro, que a dar mortes acoſtuma,
Correndo ali do ſanguinoſo crime
Rios de licor negro, & ardente eſcuma:
No coração do imigo eſpanto imprime,
Oo quem tiuera aqui Meonia pluma,
Para fazer (no como aqui peleja)
Eſpanto a Achilles, & Alexandre enueja.

Faça

Façanhas faz o moço, mas cercado
Dos mais brauos & fortes Agarenos,
Está qual brauo touro agarrochado,
Precatado dos Barbaros acenos,
Onde o Tauora vendo em tal estado
Se vae a elles, tendo ali por menos
Por em prisam perpetua á vida amada,
Que ver a de seu Rey tão arriscada.

E com vmilde aspeito a voz leuanta,
Dizendo, este he o Rey dos Lusitanos,
Que tanto vos aflige, & vos espanta,
Conhecendo seu ser por vossos danos:
Nunca se a ley magnanima quebranta
Antre Erois, por onde Mauritanos
Não chegueis a prouar o ferro agudo,
Pois não ganhãdo nada perdeis tudo.

Thesouros & estados vos seguro
Se todos imos oje a saluamento,
O que por minha ley & meu Rey juro,
Assaz bastante, & firme juramento:
Responde aquelle Barbaro conjuro
Que não tem por seguro fundamento
O que lhe diz, em quanto a braua espada
Não for do moço Rey ali entregada.

Torna

Torna o fiel vassalo ao inuicto Luso,
E o duro partido lhe pratica,
O qual se turba & rodea confuso
Do que sem seu querer se comunica:
E nouamente de furor infuso
A espada aperta, & o caualo pica,
Dizendo, doce morte he morte onrada,
Perder a vida si, mas não a espada.

Ferido vae no rosto o moço yrado,
Quando ja aos imigos arremete,
Vae inda de alguns seus acompanhado,
Por antre os dardos o caualo mete:
Vencer hum so a tantos he escusado,
Posto que o duro braço lho promete,
Leua na terza espada que menea
A sua propria vida, & a morte alhea.

De negros corpos negras almas manda
A negra casa de perpetuo pranto,
Hum de Mafoma o fauor demanda,
Outro do Alcoram blasphema entanto:
Cercão ja por hũa & outra banda,
Cos rostos tintos de amarelo espanto,
E qual pelouro lança, ou dardo atira,
Qual o comete, & arraste se retira.

Inuicto

Inuicto anda, mas que lhe aproueita,
Que a rigurosa morte endurecida
Chegado tem ao fim a conta estreita
Da mal lograda & trabalhosa vida:
Hum ombro desarmado hũ Mouro espreita
E a espingarda aponta ali comprida,
Sae a bala cruel, & ao moço acerta,
Deixando a sangue & a vida a porta aberta.

Não cae o Rey, mas pallido se apea
Do caualo, que escumando espira
Doutro pelouro, & com furor rodea
Os golpes que ja então sem força atira:
Onde de fe a esperança chea,
(Co coração no ceo) a alma suspira,
Dizendo, O bom senhor, senhor de tudo
Quem se pòde saluar sem vosso escudo?

Lembraiuos deste pouo destroçado,
E desta alma turbada, & arrependida,
Pois quem perde por vos a vida & estado,
Não perde não, mas ganha Imperio & vida:
Isto dizendo, o Tauora banhado
Em sangue, coa cabeça ali partida,
Morto cae a seus pès, onde fazia
A outros companheiros companhia.

Cae outro corpo logo sem cabeça,
E do outro coa cabeça o coarto intéiro,
Doutro a pender o figado começa,
Do ventre que rompeo o arcabuzeyro:
Morte não ha que ali se não padeça,
Onde o Rey no extremo derradeiro,
De Real sangue ja fazendo hum rio,
O aluo rosto banha em suor frio.

Vae o duro acidente ali cobrindo
De mortal sombra a pallida figura,
A vista esconde, os aluos descobrindo,
Todos toldados ja de neuoa escura:
E a denegrida boca hũ pouco abrindo,
Reclinando a cabeça na armadura,
Saluça pouco & pouco, onde a ditosa
Alma sae triumphante & glorioſa.

Morreo Bastião, ô morte que fizeste?
Porque cortado em flor alsi o leuaste
Das mãos das esperanças? que temeste
De poderes perder? ou que ganhaste?
Que gloria te ficou do que veneeste?
Que gosto da tristeza que deyxaste?
Oo auara, inuicta anotomia,
Errogante, cruel, nocturna Estria.

Pois

Pois ficando sem Rey a gente toda
Começa de ferver mais restrigida,
Os Mouros apertando sempre a roda,
Sem resistencia a vendo ja vencida:
Onde qual nas carretas se acomoda,
Qual sae dali aborrecendo a vida,
Sendo feyto em pedaços num momento,
Qual se afoga num mar sangninolento.

Não de outro modo que quál a manada
De manso gado no ilheo de area,
Pouco & pouco ali acomulada,
A que enchente Nilotica rodea:
Que dagoa restringida & circulada,
Crecendo sempre a acelerada chea,
Depois de ser o enxuto della entrado
Qual se afoga ali, qual sae a nado.

Assi tanto que os Mouros atreuidos
Os vão por hũa parte & outra entrando,
Rompendo o ceo com trombas & alaridos
Se vão tambem os tristes derramando:
Onde por variàs partes diuididos,
A varios perigos se entregando
Aos imigos largo lugar derão
Com que à poluora fogo nos puserão.

Toca

Toca o fogo o enxofre salitrado,
Que paga aquem o põe o atreuimento,
Sobe ao ceo o rayo acelerado,
Com terribel estrondo torbulento:
Carretas, bois, de là tudo queimado,
Caindo casi ja desfeito em vento,
Hum breue espaço em fim da nuue ardente
Chouendo sobre nòs ardida gente.

Caem assadas entranhas fumegando,
Ossos sem carne ja em caruões feitos,
Correm alguns sem boca ali bradando
Outros mostrão as costas polos peitos:
Em disformes figuras lamentando,
Fazendo orribilissimos aspeitos,
Vão apos os amigos que espantados
Benzendose lhe fogem amedrontados.

Por outra parte outros conhecendo
A crueza dos Barbaros maluados,
Buscar vida sem onra não querendo
Estão ja a morrer determinados:
Em tranqueiras ali se refazendo
De piques, bois, caualos jarretados,
Onde se vem não vistas estranhezas,
Desusado valor, brutas cruezas.

Saindo huns, que he magoa & eſpanto velos
A raſto, & coas mãos, & boca prendem
Polos gumes os Barbaros cutelos,
Com que depois em vão o imigo ofendem:
Outros remetem ſo cos cotouelos,
Que dos cotos as mãos cortadas pendem:
E algum metendo o corpo pola lança
Do enemigo, pouco & pouco o alcança.

Pernas ſe vem alí, que penduradas
Por fraca pele de cortada coxa,
De não arremeterem enuergonhadas
Deixão o corpo atrãs que manco afroxa,
Cabeças vão ſaltando regaladas:
Roncando ainda a garganta roxa,
Fazendo taes viſagens, que eſgremindo
Lhe vão dante os barbaros fugindo.

Andando Saide neſte tempo eſquiuo,
Aceſo em yra, vendo que duraua
Tanto, contra poder tão exceſsiuo
Gente que ſo co nome pelejaua:
Não deixa o ferro agudo corpo viuo
Morde & atro pela a beſta que leuaua
Como a de Diomedes inumano,
Ou de Artibio o caualo ſoberano.

E deſte

E deste modo o campo discurrendo,
Vio hum pequeno & fero ajuntamento,
Que estaua hũa carroça defendendo
Com desusado & nouo atreuimento:
Onde ser gente braua conhecendo
Que de morrer fazia fundamento,
Chega, & meneando a espada esquiua
A huns derriba, mata, a outros catiua.

Onde depois que a presa certa tinha
As cortinas abrio soberbamente
Do coche, onde o moço Duque vinha
Sobre seuero hum pouco desconte:
Que como a face sobre a mão sostinha
Não temendo mor mal que o mal presente,
Não faz caso do Mouro, que enojado
O faz leuar dalguns acompanhado.

Brahem que doutra bãda brauo & ousado,
Derriba o que contra elle o braço atreue,
Tambem ja de catiuos rodeado,
Bem mostra ao mundo o valor que teue:
Nenhum não anda pois desoccupado,
Que cada hum he tempo que ja leue
Presa a triste gente destroçada,
A tèda morte ali desemparada.

Mas

Mas porque aqui hum nouo ſentimento
A voz me interrompeo rouca & canſada,
De renouar tamanho perdimento
A lingoa me ficando à magoa atada:
Quietar quero o ſoluçoſo alento
Que inda vejo no colo pendurada
A corda, & depois que a voz mais clara
Sair, direy dos mais a ſorte auara.

CAN.





CANTO DECIMOOTAVO.

Acabanse de destruyr os Portugueses, fazem os mouros nouas crueldades nos catiuos: contanse algũas cousas particulares. E dom Diogo de Sousa, ouuindo & sabendo em Larache a triste noua, se torna para o Reyno, onde se faz grande pranto.



Enhũa aduersidade ou caso duro
Por mòres males que traga consigo,
Pode jamais trazer mal tão escuro,
Como he vir a poder do enemigo?
Quem viuirá de casos maos seguro?
Quem pode adiuinhar o occulto perigo,
Quando guardado està para taes dannos
Como os que se ordenarão aos Lusitanos?

Certo

Certo não sey qual he tão descuydado,
Que em seu trono seguro estar presume,
Pois o tempo não dà seguro estado,
Mas varialos sempre he seu costume:
Que foy de tanto Imperio ja passado?
Què do siglo dourado? em fim resume
Tudo em nada o tempo: & não me espanto
Fazer dos Lusitanos outro tanto.

Andauão (como atras vos tenho dito)
Os Mouros, huns & outros catiuando,
Saindo a muitos o cansado espritu,
Polas feridas que estão resfolegando:
De thesouro riquissimo infinito
Os corpulentos ombros carregando,
Auendo muito poucos omens viuos,
Que não estem ja então, ou vão catiuos.

Das altas serras donde estauão vendo
A batalha cruel, os inumanos
Alarbes, neste tempo ja decendo,
Vendo rotos os poucos Lusitanos:
Que de grossos baftões se apercebendo
Para fazerem nelles nouos dannos,
Coelles vem ferindo brutamente
A ja ferida, & desastrada gente.

Estes fazem não vistas crueldades
Nos que mortos no ja coalhado, & frio
Sangue, mostram as brutas feridades,
Qu'em suas carnes faz o agudo fio:
As antiguas crueis enemizades
Não lhe deixando ter nojo ou fastio
Do negro sangue, que huns estão bebendo,
Outros os corpos palidos mordendo.

Outros polos barbudos rostos feos
De paos tostados metem agudos bicos,
Outros leuão de roupa os ombros cheos,
Outros enterrão os enfeis inicos:
Todos então ali dos bens alheos
Deixando para sempre os filhos ricos,
Enchendo a fio vales & carreiras,
Imitando companhas formigueiras.

Não achou o que a fama de Cartago
Tanto a pesar de Roma assi soblima,
Tantos aneis no sanguinoso estrago,
Nem despojos de tanto preço & estima:
Nem aquella que deu a Cyro o pago
Da aurea sede, no remoto Clima,
Nem o que pos a toda Persia freo,
Tanto thesouro achou, tanto tropheo.

Mas deixando embebidos & occupados
Estes que nos despojos se enriquecem,
Vamos apos dos tristes destroçados,
Que em varias partes, vario mal padecem:
Ficam os que ficão dando rouco brados,
Antre os que delles não se compadecem,
Chorem seu mal, que mal se remedea
O que so pende da mercê alhea.

Depois que polo campo se estenderão
As tristes gentes que ficarão viuas,
Da batalha, que as vidas defenderão,
Para entregar a mortes tão esquiuas:
As que os Mouros puderão ali prenderão
E apunho, & corda leuánas catiuas,
As outras vão seguindo derramadas
O Mouro Albiquirim desordenadas.

Vão as pisadas delle algũs seguindo,
Que passa polo imigo ousadamente,
Porque os Alarbes forão presumindo
Que era o que Alcaide foy da mesma gente:
E por isso o intento prosseguindo
Cadaqual por caminho differente,
Huns por brenhas se metem, & aruoredos,
Outros por curuos & orridos rochedos.

Vão todos dar nas mãos (da mesma sorte)
De seus dannos, por larga & aberta estrada,
E quando fugir cuydão à fera morte,
Então a vem mais crua aparelhada,
Que qual ensanguentando o duro corte
Com duro braço de luzente espada,
E qual em seu caualo confiado
Determina passar o rio a nado.

Huns atras outros indo atrauessando
O sanguinoso Magazem, que cheo
De mortos já, no sangue se afogando
Coa vida acabauão no receo:
Qual de lagosta desfazado bando,
No repentino lago & acario seo,
Que o verde campo alaga, onde a corrente
Leua junto coa viua a morta gente.

Assi muitos ali ja mergulhando
Fazendo ponte aos outros que passauão,
Onde a agoa & a morte yguaes entrando
Da vida aos tristes corpos despojauão:
Torcem a vista os caualos, mastigando
O duro freo & as prantas afirmando:
Borbulhando no pegajoso fundo,
Doutro que falta em cima fumibundo.

Onde

Onde de bruços hum, & outro de ilhárga,
Dos Mouros inda aqui alanceados,
Tragão os triſtes morte mais amarga
Que nunca virão tempos ja paſſados:
Hum deita fora dagoa o braço & adarga,
Que inda no fundo teme os feros dardos,
A outro a alma ali ſair duuida
Aberta vendo tanta porta à vida.

Nunca em ſi tamanho eſtrago virão
Por Valerio os Sabinos no Anieno,
Nem as que os montes Caſpios poſſuyrão,
No Termodonte murmoro & ſereno:
Nunca Lymphas tão negras ſe tingirão,
Nem tanto ſangue turba o Araſſeo & Reno,
Rodo, Danubio, & o Tibre claro vem
Que mais negro vay quèlles Magazem.

Pois outros que caminhos deſuiados
Fizerão como ſua culpa ordena,
Tambem cuydão fugir de ſeus peccados
Podendo mal fugir a culpa à pena:
Dos quaes contar os caſos deſaſtrados
A que a permiſsão juſta os condena,
Seria não dar fim ao prometido
E ficar em ſoluços conuertido.

Mas porque todauia o rouco alento
Cantando o mal alheo, paçifique
Em certo modo o meu, hum perdimento,
E fim de amor he bem que se publique:
Porque quem delle fez seu fundamento,
Tambem não he razão que escuro fique
Ao mundo, sendo exemplo a magoados
Fins de amor, de contino desestrados,

Vem cos Tudescos hũa dama bela,
Com quem foy liberal a natureza,
As partes que reparte juntas nella
Pondo, como a que tanto estima & preza:
Pode quem tudo pode assi rendela,
Que patria, pais, & tudo em fim despreza,
Por seguir seu amado, & doce esposo,
Hum soldado Tudesco valeroso,

Este depois de ja desbaratado
O campo todo, põe a espoza amiga
Nas ancas de hum frisam acostumado
Para tão dura & aspera fadiga:
Indo rompendo valeroso & ousado,
Pola gente cruel, & enemiga,
Que atras o hya sempre perseguindo,
Com lançadas a hum & outro ferindo.

Vae chorando a cuytada ali abraçada
Co doce amigo, o rosto atras voltando,
De purpura vestida, escabelada,
Sempre do imigo o esposo ali escudando:
Qual nas ancas de Nesso a ingrata amada
Dianirâ, que a frecha arreceando
Tesa a orelha ja do braço forte,
Com que ò Centauro, Alcides deu a morte.

Assi vae a Tudesca, & juntamente
A fere amor, & a canalha fera,
Que mais sente de amor o mal que sente,
Que daquelle em que certa a morte espera:
Vede como he hum doutro differente,
E quão pouco lhe ali então doera
Perder a vida não viuendo della,
Que lhe doy por alhea de perdella.

Mil magoas vae dizendo a sem ventura,
Mil temores a cercão, & desconfião,
Sobre quem lhe dara a morte escura
Fortuna impiedosa, & Amor profião:
Antecipase aqui a sorte dura,
Vendo que amores ja a consumião,
E faz que hum Alarbe a lança atire
Antes que assi de amor a triste espire.

Passa o ferro cruel, cruel & agudo
As entranhas da inclita donzela,
Quem lhe dando bradou, ditoso escudo
Pois tua vida pode defendela:
Fica o esposo aqui palido & mudo,
Que não pareceo dar a lança nella,
Como à verdade deu mais crua nelle,
Passando o corpo a ella, & a alma a elle.

Onde o turbado amante bem quisera
Voltar para vingar a morte crua,
Se o brando rogo lho não defendera,
Com que a empresa lhe estorua a presa sua:
Dizendo: Esposo meu se se perdera
A minha vida so sem essa tua,
Comprandoa tão barata, aqui coella
Ganhaua o grande gosto de perdella.

Mas como cà sem vòs ficar eu posso?
Como apartar nos pòde o tempo imigo,
Se he verdade que estou no peito vosso
Como sempre nesta alma estais comigo?
Olhay a obrigação deste amor nosso,
A quanto vos obriga doce amigo,
Seja dambos de dous so hũa a sorte,
Sò hũa a vida, & hũa a mesma morte.

Torna

Torna o amante então a ir proſeguindo
Seu caminho, ja tenro da brandura
Com que o vae a triſte perſuadindo,
Que tornara de cera hũa pedra dura:
Vanſe ja dos imigos encubrindo
Por hum ſoueral, & orrida eſpeſſura,
Onde ao pè dũa aruore que acharão
Mais triſte & eſcondida, ſe apearão.

Ali ja do perdido ſangue, o belo
Roſto da linda dama, amortecida
Caindo, da mortal ſombra amarelo
Ficou, & a boca hum pouco denegrida:
Por cima lhe ficou ſolto o cabelo,
E os olhos pouco abertos, eſcondida
A viſta tendo, & colo reclinado
Cum braço em terra, & outro derribado.

Não de outro modo a viua cor perdendo,
Que quando ja da ruda mão cortada
A candida açucena, vay pendendo,
Em pouco eſpaço palida & mudada:
A matutina graça emmurchecendo,
Aquella ſuauidade transformada
Ia em triſtes memorias, do bem caro
Que tão de preſſa leua o tempo auaro.

Assi a triste pallida jazia
Na dura terra, junta de seu esposo,
Que maldizendo a sorte as mãos torcia,
Da certa morte inda duuidoso:
Onde de quando em quando interrompia
O impetu do aleuto soluçoso,
A voz desordenada & dissonante,
Ora graue & aguda, ora tremante.

Dizendo: Oo doce amor, doce esperança,
Esperança ja não, pois vos partistes,
Deixandome soo cà a triste lembrança,
Para mòr magoa, de memorias tristes:
Em que me confiey? Ah confiança
Como no fim em fim sempre mintiste,
Ah porque crua morte, & Alarbe bruto,
De meu sangue leuaste o ferro enxuto.

Como de ti meu bem partir poderey?
Ou como poderey viuer sem ti
Que não viuas comigo? onde estarey
Que tu não estejas lá, eu esteja aqui?
Ah quanto em ser teu amor ganhey,
E quanto o em te perder meu bem perdi,
Pois que me fica cà bela consorte
Senão so desastrada & escura morte?

Isto dizendo, o rosto descobrio
Da descorada & ja morta donzela,
Que parece que morta inda sentio
Chegarse o seu amado esposo a ella:
Ou seja que inda amor se não sahyo,
Ou inda a alma delle dentro nella
Estaua, ou que fosse por ventura
O que o desejo às vezes afigura.

Elle coa voz tremante, o rosto lento
Ajunta ao que frio & morto estaua,
Olhando se respira o tibio alento,
Ou se o coração lhe palpitaua:
Renoualhe outra vez o sentimento
Amor, que so por isso o enganaua.
Ja tornara viuer naquelle engano,
Mas torna em fim a lamentar seu dano.

Onde os Mouros que andauão derramados
Por antre a seluatica floresta,
Ouuindo os roucos & tristonhos brados
Com que responde Eco à voz funesta:
Por ella àquella parte ali guyados,
Que de espaço em espaço afflicta & mesta
Soaua, o lugar lhe determina
Que esconde o triste, & morta peregrina.

Os quaes vendo ali tal auentura,
(Coa condição preuersa embrauecida)
Metem a ceruiz do triste em prisam dura,
E em continua morte a morta vida:
O qual co coração da dor escura
Partido, resistindo a tal partida,
Pondo à defensa braua fracos braços,
Foy feyto logo ali em mil pedaços.

Este foy o suceſſo desastrado
Dos dous leaes amantes sem ventura,
Mal que deue de amor ser esperado
Quando num grande bem nos assegura:
Foy de hum catiuo tudo isto contado
Que escondido estaua na espessura,
Onde preso tambem no mesmo dia,
Teue a muitos coitados companhia.

Mas tornando aos que seus danos seguyão,
Alguns por varios modos se saluarão,
Outros que de cansados não podião
Correr, aos imigos se entregarão:
Alguns a caso ali aparecião,
Que cuidando ir auante atras tornarão,
Os quaes de seus despojos carregados,
Vão atras os imigos maniatados.

Em manadas andauão os Mauritanos
Dum cabo a outro, o bosque discorrendo,
Buscando os escondidos Lusitanos,
Que o mais espesso delle anião rompendo:
Mais que brutos Hircarnos inumanos
Nelles o zelo crù, satisfazendo
Com não vistas & ouuidas crueldades,
Ygual no danno, titulos, & ydades.

E assi sempre trazendo pronto o ouuido
A todo o suspiro, onde a lembrança
De tanto mal faz inda a hum afligido
Lançar mão de qualquer fraca esperança:
Por hum lugar sombrio & esquecido,
Que prometia liure segurança,
Ouuem grande rumor, de hum desgarrado
Caualeiro, que vinha descuydado.

Este como do campo se sayra
A seu perdido Rey sempre buscando,
Depois que não achou as redeas vira
Não ò reues da fe que o está obrigando:
O Conde este era Dodemira,
E a lança no arção atraueſſando,
Num caualo tão froxo caualgaua
Que a força de esporadas caminhaua.

Trazia

Trazia as armas rotas, & a espada
Neste tempo, metida na bainha,
A celada, & a loriga enlangoentada,
Dos Mouros que no bosque mortos tinha:
Onde ouuia chamar a voz cansada
Por socorro, o caualo não detinha,
Liurando alguns dos Barbaros maluados,
Que leuauão ante si presos & atados.

Pois deste modo assi atrauessando
O bosque agreste, orrido, & deserto,
De mais de cincoenta que escutando
Andauão, foy o Conde descuberto:
Remetem a elle todos ululando,
Onde da vida o fim alguns tem certo,
Espera o caualeiro, & como espera
Não sey que peito forte o não temera.

Ao cansado caualo as redeas vira
Que qual pesada barca parecia,
E logo apos isto a espada tira,
De sangue hum sobre outro toda cheа:
O que verdo hum Alarbe a lança atira
Que inda que nenhum perigo não receа,
Se com tudo se della não guardara
O peito sem defensa lhe passara.

Logo

Logo todos os outros enojados
De ter tão pouco medo, sopesando
As lanças, atremetem denodados,
Em muitos contra hum se confiando:
Mas os que chegão perto esfarmentados
E feridos de morte ali ficando,
Lhes faz com que moderem a ousadia
Temor tirando sempre da porfia.

Com tudo hum que antre elles mais ousado
Presume sempre em tudo sinalarse,
O caualo lhe encontra, que cansado
Folgou coa ocasião de descansarse:
Não pòde ser tão cedo leuantado,
(Que o caualo não quis aleuantarse)
Que os Mouros se não lancem ali sobrelle,
E todos peguem duramente nelle.

Sendo preso cruel & esquiuamente,
E logo desarmado num instante,
A pè o leua aquella bruta gente,
Fazendoo caminhar sempre diante:
Que porque era dos outros differente
A hum lugar dali pouco distante,
O caminho contentes vão seguindo,
Onde estão os despojos repartindo.

Ali depois de estarem descansados,
Consultão em despir o varão forte,
Que ja dos descortezes & maluados
Por aliuio esperaua a fera morte:
Olhae a onde ao triste estão guardados
Os meos de tão dura & iniqua sorte,
Olhay que o que tomou para valerse
Nas pressas, foy soò causa de perderse.

Tiráolhe a roupa, & logo lhe enxergarão
Hum colar rico, onde cobiçosos
Sobrelle huns com outros pelejarão,
Que amizade não dura entre enuejosos:
Entanto as mãos atras outros lhe atarão,
Com termos inumanos riguroſos,
Onde elles vendo ja sua desuentura
De giolhos se põe na terra dura.

Está em terrà o conde & com receos,
Cercandoo ali lembranças confiadas,
Leuanta ao ceo os olhos dagoa cheos,
Os olhos, porque as mãos ja tinha atadas;
Dão huns sobrelle a outros golpes feos,
Crece o rumor & feras cutiladas,
Hũs o defendem q̃ outros lhe não cheguem
Outros por muitas partes o perseguem.

O fere-

Oferecido ao ferro riguroso
Está, qual antre bruto carniceyro
Que aguça o cutelo sanguinoso,
O manso & pacifico cordeyro:
Onde da doce espoſa o amor penoso,
Amor sempre tão firme & verdadeiro,
Lhe dobra a dor que sente no receo
Que o atormenta do tormento alheo.

Dizendo: Oo doce amor ô doce espoſa,
De bem tão caro, amor que nunca tora,
Como estaras alhea & desejoſa
De saber o que faz teu espoſo agora:
Que temores te afligem a alma saudoſa,
Que chora sem saber o porque chora,
Com que enganos te amor diuerte asinha,
Do que te o coração triſte adeuinha,

Que riguroſa voz sera a primeira
Que polo pronto ouuido murmurando
Leue esta triſte noua verdadeira
Ao coração que a está certificando:
Como turbada ficarás & inteira,
Differente ſucesſo afigurando,
Mas como ja da graue dor vencida
Te sera esta morte escura vida.

Quem pudera cuydar que desta sorte
Viesse a perder o que não tinha,
Perco a vida aqui & acaba a morte,
Não em mí, mas em ti a vida minha:
E apos isto o nome da consorte
Que dentro da alma num suspiro vinha,
Lhe faz vme decer cada popila,
Por onde o coração magoas estila.

Crueis & esquiuos golpes retinindo
Sobre a cabeça ja do sem ventura,
Hum errado fendente a terra abrindo,
Outro acertando a palida figura:
Os figados pendentes lhe saindo
Por hũa parte & outra da cintura,
Banhando terra ali de sangue & de agoa,
Que as duras pedras cõmouera a magoa.

Estado onde ja de cor terrena
A voz erguendo ao ceo, fraca & cansada,
Diz: Oo senhor liuray da eterna pena
(Com perdoarlhe a culpa) esta alma errada:
De tam anho poder merce pequena
A podrá fazer bemauenturada
Pequena não a quem por esse meo
Fica de todo bem (vendovos) cheo.

Isto

Isto dizendo, hum que a presa rica
Mais sentia perder, bramando de yra
Ao nefando Mafoma o sacrifica,
Cum golpe que a cabeça ao corpo tira:
Saltando vae o rosto, & mudo fica,
Com boca negra os lentos olhos vira,
Saelhe de sangue da garganta hum rio
Enuolto fica nelle o corpo frio.

Outras cruezas mòres vos contara
Que estes fazião a muitos que tomauão,
Se o que vos prometi mo não esforuara,
Ou soluços contalas me deixarão:
Basta que todos vem da roda auara
Do tempo o rigor, & inda ficarão
Peor que os mortos os que ficão viuos,
Pois em poder do imigo vão catiuos.

De varias partes de despojos cheos
Os Mouros caminhauão, carregando
De todas as maneiras de tropheos
Os catiuos que vem aguilhoando:
Leuão seus bens os tristes como alheos,
As tendas onde estão sortes lançando
Sobre a repartição os Mauritanos,
De ouro, prata, catiuos, sedas, panos.

No campo os tres dias estiuerão,
Que aos victoriosos se permite,
Onde o Visorrey por Rey elegerão,
Como lhe ensina o Rey do auerno Dite:
Nos quaes a muitas cousas ordem derão,
E aquelles aquem pos morte limite,
A largos fundamentos, que na dura
Terra estauão, derão sepultura.

Sendo tantos os mortos Mauritanos,
Que não auia mãos que os enterrassem,
Deixando aos animaes os Lusitanos,
E às aues que nelles se fartassem:
Mas porque se confundão os inumanos,
E de seu Alcoram se não jactassem,
No campo alguns meses estiuerão,
Onde casi nenhuns se corromperão.

Plenaria remissão de seus peccados
Lhes tinha concedida o Padre sancto,
Morrem contritos, morrem confessados,
Suspende os infieis confuso espãto
Quer Deos mostrar nos corpos traspassa-
Em certo modo de milagre, quanto (dos
Estima as almas dos que na sua corte
Eterna vida tem por breue morte.

Ia tinha

Ia tinhà os deſpojos recolhidos
O Rey, quãdo o Rey morto a buſcar mãda,
Aonde dous catiuos eſcolhidos
Derão a ordem à funebre demanda:
Aceitão o partido, mas partidos
Os corações, por hũa & outra banda
Vay ja hum Portugues do Rey mandado
Dalguns Mouros com tudo acompanhado.

Por antre o negro ſangue ja coalhado,
Vão os palidos corpos retombando,
Onde hum fendido do cruel terçado
Polas coſtas ſe vay deſentranhando:
E outro de lançadas treſpaſſado
Donde ſe eſtão as tripas pendurando,
Vão reboluendo con turbados peitos
De ver os varios & mortaes efeitos.

Não com tanto ſoluço a bela Argia
Contra o mandado do cruel Creonte,
No arrayal os mortos reboluia,
Duuidando em qualquer palida fronte:
Quanto aquella triſte companhia,
Do cadauero mais erguido monte,
Tóbãdo hũ ſobre outro, & cõ gram magoa
Renouão as chagas ſangue, & os olhos agoa

Ali se vira o parente & amigo,
Ali o irmão, o pay, & o filho amado,
E algum vingança tal em seu enemigo,
Que lhe pesara verse tam vingado:
Vede quando de magoa traz consigo
O odio piedade, em que estado
Ficaria o que vae da morte incerto,
Achar o que ama morto por acerto.

Não sey como contar vos possa aquella
Interna dor que os tristes vão tragando,
Pois que vedes que so lembranças della
Vos está dagoa os olhos arrasando:
Auante não me atreuo de ir por ella
Que se me está o coração rasgando,
Em fim os mortos todos reboluendo
O Luso moço forão conhecendo.

Conhecem se aquelle o sem ventura
Rey, que de nòs será sempre chorado,
Que se o longo tempo algum mal cura,
Pequeno he, se o não faz dobrado:
De madeira lhe ordenão sepultura,
Onde metido o corpo trespassado
Banhados todos em funebre pranto,
Mas Ilustres estão dizendo entanto.

O que

O que vendo Duarte em voz cansada
Que num suspiro da alma lhe sahya,
Com pratica seuera & auisada
Aos que trazem o Rey assi dezia:
Em quam estreita & infima morada
Cabe o que no mundo não cabia!
Vede em que para o discurso vmano,
Que valor te enganou ah Lusitano!

Que foy da pompa & Cetro sublimado?
Que foy de teu comprido pensamento?
Porquem perdeste a vida & rico estado,
Que nos chegou a tanto perdimento?
Foy lealdade em nos conselho errado,
Pois se não deue ter a errado intento,
Tu deste asas a teu proprio danno,
De quanto pranto hes causa, ah Lusitano!

Isto dezia em lagrimas banhando
O graue rosto & turbado peito,
Com suspiros a dor delle arrancando
Que ja não cabe no lugar estreito:
De quando em quando os olhos inclinãdo,
Ao terreno, mas Real aspeito,
A Maura gente tanto enternecendo
Que em lagrimas se estauão desfazendo.

Por hũa & outra parte corcouados
As mãos neruoſas no ataude leue,
Pegando muitos, prontos & admirados
De como ſe deſcuyda o viuer breue:
O roſto em ver que ali ſomos tornados
Não ha nenhum que palido não leue
Leuando aſsi a ſer inda catiua
Iunta co corpo morto a magoa viua.

Vão qual triſte familia encapuzada,
Que atras da negra & funebre tumba
A ſoluçoſa voz triſte & canſanda
Dentro nos roucos peitos lhe retumba:
Coatro leuantando a carrega peſada,
Dum ſo, que lhe calèja a ceruiz cumba,
Vendoſe o que o corpo a alma deue
Pois a juſta o fará depois tam leue.

Eſtaua o nouo Rey no nouo eſtado
Quanto podia eſtar hum Rey contente,
Temor futuro do mal ja paſſado,
Lhe perturbando o prazer preſente,
Ouue gritar o pouo atormentado
Catiuo, piadoſa & triſtemente,
Nano commoue a magoa, mas a yra,
A vingança que teme & que ſuſpira.

E qual

E qual Cambises ja victorioso
Do infelix Psanietico, inumano
Flagela tanto o pouo lagrimoso,
Que lhe não chega o temor ao danno:
Assi o Rey, preuerso & tiguroso
Gloria lhe he o tormento Lusitano,
De mil cruezas sendo executores,
Os Barbaros maluados vencedores.

Nunca tormentos derão mais esquiuos
Os Maximinos, nem Maxencio yrado,
Que faz com que os mortos matem viuos,
De corrupçam, o viuo ao morto atado:
Nem do que dà os miseros catiuos,
A seus caualos por manjar vsado,
Nem os que os ventres dos animaes rompẽ,
Onde dentro os culpados se corrompem.

Ia Phalarides, de quem foy Perilo
Bem justamente assi galardoado,
Que dentro no metal se riide ouuilo,
O que ouuera nos taes de ser vsado:
E Astiajes que muda a mesa o estilo.
Fazendo que no ventre sepultado
Seja de Arpago o filho, nunca acharão
Tormentos quaes os Mouros inuentarão.

Huns por neruosas pernas dependurão
Qual Iauali, dum pao atrauessadas,
E assi o ventre por mil partes furão,
A tè que as tripas são arreuessadas:
A outros polas costas os procurão
Abrir (que estão abertas de lançadas)
A força de durissimos flagelos,
A outros tirão vnhas & cabelos.

Que lhe dem os thesouros que engolirão
Lhe dizem, & cruel & esquiuamente
Os corpos feridos em estrepes virão,
As prantas lhe metendo em fogo ardente:
Muyto grandes tormentos consintirão
Porque nefandos rogos não consentem,
Tudo são gritos, vozes dolorosas,
Tudo gemidos, magoas lagrimosas.

E porque aqui hum caso lastimoso
Me enterneceo o coração afflicto,
Porque fuy testimunha, ao doloroso
Trance, será bem que fique escrito:
Não sendo inda muito riguroso
Para os que vos podera ter ja dito,
Que não digo, porque de pura magoa
Se não conuertão os corações em agoa.

Núa

Nũa tenda de Alarbes inumanos
Eſtauam alguns catiuos, eſperando
Riguroſos tormentos, crueis dannos
Sobre o que eſtam os Mouros conſultando:
Correm os olhos polos Luſitanos
Num cuytado Tudeſco os afirmando,
Que eſcolhem para bruto ſacrificio
Com que cuydão remir ſeu malificio.

Entende o triſte a ſentẽça aduerſa,
Não quer ſayr da tenda, mas forçado
Poſto no campo aruore tranſuerſa,
He por todas as partes decotado:
Qual oliua do vento ao ceo reuerſa,
Da curua fouce & ruſtico machado,
Derramada dos rudos he em roda,
Que em pouco eſpaço a eſpedaçam toda.

Aſsi o ſem ventura ali pendendo
A hũa & outra parte deſmembrado,
De magoa eſtà a terra enternecendo,
Mas não o cruel zelo encarniçado:
Que a qual mais fero o corpo desfazendo,
Por derradeiro o coloja cortado
Cae o triſte fazendo companhia
Aos palpitantes membros que regia.

Ia neſte tempo os Mouros leuantando
O Arrayal polo final que tinhão,
Os catiuos fidalgos procurando
O Rey, que occultamente nelle vinhão:
Indoſe eſta noua publicando
Polos que cos deſpojos ja caminhão,
Sendo parte ſaberem o que procura
O Rey, para infinita deſuentura.

Porque cada hum vendo mal cumpridos
No fim da guerra & proſpera victoria,
Os premios antes della prometidos,
Promeſſa ſempre vaã, & obrigatoria:
De ſemrazão tamanha mal ſofridos
Sendo ſeu o trabalho, & alhea a gloria,
Cos catiuos fugião polas ſerras,
Darramandoos depois por varias terras.

Onde caſos eſtranhos mais que vmanos
Esforços nunca ouuidos temerarios
Feitos, que feitos ſam de Luſitanos,
Fazião nos peruerſos aduerſarios:
Que depois que ſe virão em tantos danos
Por lugares ſombrios ſolitarios
Não teme hum a muitos, termo vſado
Do Porgues, ainda que amarrado.

Hyão os triſtes que era magoa velos,
Polos peſcoços preſos, caminhando
A força de duriſsimos flagelos,
Que as feridas lhe vão enſanguentando:
Nas gargantas lhe punhão os cutelos
Os Mouros, com temor, & arreceando
Inda os forçoſos braços maniatados,
Erão de noite a coartos vigiados.

Mas pouco lhe aproueita & monta tudo,
Que coração onrado não conſente
Afronta, onde hum co dente agudo
Corta o laço em que vae aſperamente:
Outro de mayor força & mais membrudo
Rompe os ferros, & contra a Maura gente
Que deſcuydada eſtà dormindo a ſeſta,
So cum baſtão lhes faz dura requeſta.

Outros de noite huns a outros ſoltando,
Nos dorminhocos dão, para auiſalos
De como lhes conuem que os vão tratando
Quando mal ſe guardarem de guardalos:
As armas & veſtidos lhe tomando,
Sobindoſe nos proprios ſeus caualos,
Que conhecidos pola Luſa lingua,
São tomados depois à pura mingoa.

Os mais catiuos que em varias manadas
Caminhão co arrayal, triſtes & afflictos,
Cheos de crueliſsimas lançadas,
Padecem mil tormentos infinitos:
Forças tirão das forças ja acabadas,
Muitos dando apos ellas os eſpiritos,
E os que andar não podem por diante
Feytos ſam em pedaços num inſtante.

Vão quaes aquelles triſtes & ſaudoſos,
Iſraelitas, quando preſos forão,
Dos Babilonios, que nos deleitoſos
Eſtromentos que deixão, os bẽs memorão:
Onde Eufrates & Tygris caudeloſos,
Das lagrimas que ali ſobrelles chorão,
Turbão a clara lympha, & não me eſpanto,
Pois agora o Sabut faz outrotanto.

Mas deyxemolos ir, que não pretendo
Tratar aqui mais delles neſta eſtoria,
E tornemos a armada (ſe perdendo
A não foſtes com magoas da memoria)
Vae dom Diogo o brauo mar rompendo
Para Larache, aonde eterna gloria
Determina ganhar, mas o preuerſo
Succeſſo lho eſtoruou, em tudo aduerſo.

Por

Porque estando guardando o mandamento
Que por ser de seu Rey conuem guardalo,
A que se obrigou por juramento,
Porque não posſa em nada dispensalo:
Tendo por limitado regimento
Não cometer o forte, & ali esperalo,
A tè que com victoria ter coelle
Venha, para o louuor ser tambem delle.

Estando ancorado, & duuidoso
Da victoria que el Rey lhe prometia,
Ouuem todos o orrido, & espantoso
Estrondo, da infernal artilharia:
De duas legoas soa o temeroso
Som, que claro a mais de seis se ouuia,
Iulgam todos que o Rey batalhã daua,
E que em algum perigo grande estaua.

Põese todos então coas mãos erguidas,
Cos giolhos nas taboas pegajosas,
Ao piadoso Deos pedindo as vidas
Emparo a tantas Lusas desditosas:
Apos de rogos lagrimas caydas
Polas faces, não foram então poderosas
Para estoruar que a gente peregrina
Não proue de seu erro a diciplina.

Gra nde

Grande victoria ali se certifica
Antre o concurso de seu nome amigo,
Onde hum cobiça ja a presa rica,
Outro despreza o valor antigo:
Nisto turba se o sol,& sem luz fica,
Do prodigio inferem roto o imigo,
Lanção juyzos vãos & mintirosos,
Nos casos que traçauão venturosos.

Mas apos isto ouuem hum rouco estrondo,
Que parece que o mundo se arruynaua,
Vendo subir hum globo ao ceo redondo
De negro fumo, que o dia eclipsaua:
Varias cousas estão então propondo,
Do que podia ser, como alcançaua
Cada hum co juyzo fusco,& incerto,
Dizendo hum & outro desconcerto.

Este estrondo foy, q̃ os Mouros derão
Aa poluora dos tristes Lusitanos
Fogo,que os das naos mal entenderão,
Estando alheos de seus proprios dannos:
Se os olhos polas agoas estenderão
Como fizerão os inclitos Romanos
Duuidosos da sorte de Tarquino,
Temendo estando o furor Sabino.

Que

Que dos escudos rotos & quebrados,
E dos troços das sanguinosas lanças,
Polo Anieno oa Tibre encaminhados,
Conhecidos, lhe afirmão seguranças:
Não estiuerão ali tam descantados,
Festejando promessas de esperanças,
Atrebuindo as saluas que lhe dauão
Os Mouros, a que a terra ja largauão.

Com tudo dom Diogo como astuto
Vendo tam mao final, a hum atreuido
Luso mandou no que faria instruto,
Que em Barbaresco trajo vae vestido:
Pouco depois, co rosto pouco enxuto,
Nũa fragata hum velho que escolhido
Para tal noua foy, chegando a armada
Coa noua infelix desastrada.

Ião Derta se chamaua a alma aflicta,
Que se desfaz em lagrimas que estila,
Mandado foy do Capitão Mezquita,
Que por goarda ficou na forte Arzila:
O qual coa presença soò incita
A lastima, que mal pode encubrila,
Quem claramente vè o que diria
O velho que formar voz não podia.

Começa o triste & acaba soluçando,
Quando diz o começo, o fim resume,
Sabe (dizia) senhor, & aqui calando
Sem mais, dentro na boca a voz consume;
Tornaua, tudo he ja perdido, & quando
Que prosseguia o Capitão presume,
Meneando a cabeça a estoria cala,
Que não pode com lagrimas contala.

E indo pouco a pouco assi alcançauão,
As nouas que trouxerão os que escaparão,
Todos sem cor estatuas semelhauão,
Depois que para huns outros se olharão;
Huns com bocas abertas regalauão
Os olhos, outros beiços apertarão,
Onde começa o Capitão prudente
A descubrir a dor que na alma sente.

O desestrado caso, ô Rey (dezia)
Nacido para meo de tal danno,
Quantos annos de gloria num só dia,
Perdeo sem culpa o nome Lusitano:
Como jactar te deues Barbaria,
Que lugar te dará tão soberano
A fama iniqua, & como em fim cantado
Sera teu nome, & sempre celebrado.

Vencerse quem costuma a ser vencido
Costume he do tempo & da fortuna,
Mas quem te ja venceo ficar rendido
Em teu poder, he lastima importuna:
Não foy valor, mas tempo em fim cúprido
Que esperaua chegar ora oportuna,
Para dar fim aos tristes Portugueses,
Como tinha apalpado tantas vezes.

Que desculpa co mundo ter se deue
Que do socesso sò o louuor tira?
Quem terá mão na pena do que escreue
O que sòmente a voz vulgar respira:
Se o erro popular tanto se atreue
Que qualquer desuentura em culpa vira
Sem saber a razão do procedido,
Não vendo mais que so o acontecido.

O quem fora tão tambemauenturado,
Que ante seu Rey tiuera companhia
A Tanto caualeiro tão esforçado,
E não chegara a ver tão triste dia:
Como de aparecer serey ousado
Sem o Rey que a meu cargo trazia,
Ante as matronas tristes & saudosas,
Mães, parentes, irmaãs filhas, & esposas?

Proſeguindo com magoas ſemelhantes,
Com effeitos de dor eſquiua & crua,
Ajudado dos Nautas circunſtantes,
Cuja magoa não he menos que a ſua:
As ancoras leuando os mareantes,
Trabalho com que atteſta a todos ſua.
Dando as velas aos ventos que ſoprauão,
Para o porto de Arzila onde ancorauão.

Ali antre os fidalgos conſultado
Foy, que mandem recado ò Reyno afflicto,
Sendo hum correo logo deſpachado
Com tudo o que paſſou bem largo eſcrito:
Paſſa o menſageiro o mar ſalgado,
Inſtruto bem no que lhe tinhão dito,
A Betica atrauеſſa & Andaluzia,
A Liboa chegando hum triſte dia.

Chega o correo aos coatro regedores
Que no Reyno ficarão gouernando,
Cercados de perigos & temores
Que os corações lhe andam adeuinhando:
Preguntam, Sam os noſſos vencedores
Ou que nouas trazeis? mas ſuſpirando
O triſte, a dor interna não encobre,
Que tudo em ſoluços lhe deſcobre.

Abrem

Abrem as cartas logo lagrimosos
Varões, & vem mais certo tudo nellas,
Prouem nas cousas como industriosos,
Em quanto podem dar reſguardo a ellas:
Mas os peitos das Luſas receoſos,
Vendo que ſe encubrião as couſas dellas,
E que as almas que dentro nalma tinhão
Lhe fugirão, murmurão o que adeuinhão.

Não podendo encobriſe a noua tanto,
Que a fama que corruta em pranto andaua,
Não foſſe o meo do terribel pranto
Que ja aqui & ali ſe começaua:
Que hũs efeitos de magoa, outros de eſpáto
Nas praças rodeando o que contaua
A triſte noua fazem, outros bradando
As longas barbas vão arrepelando.

Dão nos prontos ouuidos das cuitadas
Luſas (que aqualquer nouã a tento eſtauão
Aquellas vozes roucas & canſadas,
Que bens perdidos triſtes recitauão:
Não lhe dando lugar (certeficadas
O que ſem poder crèr ja arreceauão)
A graue dor, a ter lugar o auiſo
Por não lhe ſer doudice, amor, & ſiſo.

Saem logo hũas de casa, ao brando vento
Solto o cabelo, onde pendurando
Se vae a rota touca, o rosto lento,
E vestiduras de prazer rasgando:
Outras então terribel sentimento
A cor perdida, em terra derribando
Os froxos braços, com ja difuntas,
Estão nas praças, & nos templos juntas.

Outras fazendo mais crueis efeitos
Da dor que as atormenta, que contalos
Não quero a liures, pois que por defeitos
Não sabendo de amor, deuem julgalos:
Ellas tem os esposos em seus peitos,
Mas perdendo a esperança de logralos
Mostrauão, que não sam bens de verdade
Os que trazem apos si qualquer saudade.

Chegando ja então a triste armada
Que sem senhor, sem gente, & sem alegria
Vinha, de negro toda embandeyrada,
Vede agora que pranto aqui seria:
A gente polos altos derramada
Por hũa & outra parte discorria,
Enchendo o ceo de gritos dolorosos,
Que firmauão os rios caudelosos.

Entanto

Entanto os que gouernão sabiamente
O Cardeal para seu Rey chamando,
A tal lugar pessoa conueniente,
Conseruação do Reyno procurando:
Aos Principes Christãos em contin
Por correos de tal caso auisando,
E em fim, que a tudo então se ali acudia
Como o negocio, ou tempo o requiria.

Mas quem chegou ao fim tão lastimoso
Que prometeo, aqui surto respira,
De passar este vale tenebroso
Cansada ja a descontente Lyra:
Com tudo se ao pranto doloroso
Que tanto ha que chora & que suspira,
Deres senhor fauor, eu vos seguro
Que por contar não fique o mais futuro.

LAVS DEO.


EX·BIBLIOT·REG·CORPOS·ACAD